This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 08157798 7

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO

PORTUGUÊS

Digitized by Google

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REDACTOR — J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. V

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1900

Digitized by Google

A. B. DE
A. F. BAR
ALBANO B
ALBINO PI
279, 2
ANTONIO I
ARRONCHE
ARSENIO A
A. DOS SA
A. VIEIRA
C. DA CA
E. HÜBNE
EPIPHANIO
F. ALVES
GABRIEL
HENRIQUE
J. LEITE
52, 74
193, 2
JOAQUIM
JOSÉ CAL
JOSÉ JOA
JOSÉ PES
JULIO MI
L. DE FI
MANOEL
MANOEL
P. BELCH
PEDRO A
254,
ROBERT

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
629375A
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1932 L

Digitized by Google

COLLABORADORES DO VOLUME V

A. B. DE F.: 24.
A. F. BARATA: 87.
ALBANO BELLINO: 295.
ALBINO PEREIRA LOBO: 14, 44, 79, 105, 114, 136, 143, 184, 249, 279, 290, 336.
ANTONIO DE VASCONCELLOS: 75.
ARRONCHES JUNQUEIRO: 7.
ARSENIO ALVARES DA SILVA: 168.
A. DOS SANTOS ROCHA: 205.
A. VIEIRA DA SILVA 305.
C. DA CAMARA MANOEL: 327.
E. HÜBNER: 49.
EPIPHANIO DIAS: 334.
F. ALVES PEREIRA: 34.
GABRIEL PEREIRA: 110.
HENRIQUE BOTELHO: 281.
J. LEITE DE VASCONCELLOS: 1, 12, 13, 17, 31, 32, 33, 40, 43, 46, 52, 74, 79, 87, 93, 104, 109, 120, 123, 138, 166, 167, 170, 192, 193, 206, 225, 253, 281, 282, 287, 295, 330, 337.
JOAQUIM DE CASTRO LOBO: 167.
JOSÉ CALLADO: 42.
JOSÉ JOAQUIM NUNES: 102.
JOSÉ PESSANHA: 65, 97, 129, 161.
JULIO MEILI: 54.
L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA: 2, 134, 151, 175.
MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS: 10, 47.
MANOEL JOSÉ DA COSTA E SILVA: 107.
P. BELCHIOR DA CRUZ: 122, 177, 202.
PEDRO A. DE AZEVEDO: 26, 49, 81, 90, 115, 146, 153, 187, 212, 254, 257, 297, 337, 343.
ROBERT MOWAT: 17.

Digitized by Google

Digitized by Google

VOL. V 1899-1900 N.º 1

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1900

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Aos Leitores: 1.
Limia e Brutobriga: 2.
Estudos sobre Troia de Setubal: 7.
Numismatica colonial: 10.
Moeda de chumbo da republica romana: 12.
Bibliographia: 13.
O Castro do Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança): 14.
P.e José Augusto Tavares: 17.
Monnaie de Baesuris, ville de Lusitanie: 17.
Sêllo do padre-mestre Gonçalo Origiis, dominicano em Santarem: 24.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 26.
Notícias várias: 31.

Este fasciculo vae illustrado com 11 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V 1899-1900 N.º 1

AOS LEITORES

Por effeito de variadas circumstancias *O Archeologo Português* tem saído com algum atraso, e não pôde mesmo publicar-se volume especial no anno de 1899. O vol. v corresponde pois a esse anno e ao de 1900. D'aqui em deante espero que, segundo o que me prometteram na Imprensa Nacional, a publicação se fará com regularidade, devendo apparecer normalmente por mês um fasciculo.

Mais uma vez me dirijo ás pessoas que se interessam pelo estudo da archeologia nacional a pedir-lhes o obsequio de enviarem para este periodico notícias, photographias e desenhos de objectos que possuam ou de que tenham conhecimento, ou quaesquer artigos que se relacionem com o assunto. No fim de alguns annos o *Archeologo* formará assim vasto repositorio, que servirá da maior utilidade aos especialistas dos varios ramos da archeologia.

Em verdade *O Archeologo* não morrerá á mingoa de artigos, porque nos museus, nas minhas pastas, nas minhas carteiras, e, ia a dizer, de baixo do solo, possuo materiaes para, embora no meu pouco, só por mim mesmo o encher; mas é evidente que com a collaboração dos outros investigadores (e tem ella sido até hoje tão dedicada) o periodico realizará melhor a sua missão.

Lisboa, Janeiro de 1900.

J. Leite de Vasconcellos.

Digitized by Google

Limia e Brutobriga

I

É tempo de acabar com as erroneas crenças, que por ahi andam arreigadas, sobre a identificação de cidades antigas que se julga haverem florescido nas margens do nosso decantado Lima; tambem os archeologos portugueses dos seculos XVII e XVIII, embuidos num excessivo amor patrio, teimaram em localizar na pequena facha do terreno que occupamos na Peninsula quantas povoações notaveis os escriptores latinos referiram á Hispania.

A Lusitania e a Tarraconense occidental, na parte respeitante a Portugal e á Galliza, tinham povoações importantes, conservando o maior número a sua denominação nacional, anterior á invasão romana.

Convem synthetizar as ultimas investigações toponymicas.

A Lusitania dividia-se em tres *conventus:*

I—Pacense.
II—Escallabitano, e
III—Emeritense.

No primeiro ficavam:

Ossónoba, Faro.
Balsa, Tavira.
Metallum Vipascense, Ajustrel.
Merobriga, Sant'Iago de Cacem.
Salacia, Alcacer do Sal?
Cetobriga, Setubal? Troia?
Pax Julia, Beja.
Ebora, Evora.

No segundo:

Olisipo, Lisboa.
Scallabis, *colonia* Praesidium Julium, Santarem.
Collipo, Leiria.
Conimbriga, Aeminium, Condeixa, Coimbra.
Civitas Aravorum, Castello Branco?
Civitas Igaeditanorum, Idanha.

E no terceiro:

Augusta Emerita, Mérida.
Metellinum, Medelim.
Norba, *colonia* cesarina, Cáceres.
Caurium, Cória.

Digitized by Google

Mirobriga, Cidade Rodrigo.
Salmantica, Salamanca.
Cesaróbriga, Talavera de la Reina.
Augustóbriga, Talavera a Velha.

A Tarraconse continha, entre outros, os tres *conventus:*

I—Bracaraugustano.
II—Lucense, e
III—Asturico.

No primeiro apenas as cidades de:

Brácara
Forum Limicorum, Guizo, e
Tudae, e Tuy.

No segundo:

Lucus Augusti, Lugo.
Iria Flavia, Padrão, e
Flavium Brigantium ou Brigantia, Betanços, perto da Corunha.

E no terceiro:

Astures Augustani, Astorga.
Zoelae, Castro d'Avellãs (?) e
Legio-Gemina, Leão.

Todas as demais povoações não mencionadas nas inscripções lapidares e numismaticas as reputamos de somenos importancia, ou, se a tiveram, foi isso em epocha posterior ao dominio dos latinos, como por exemplo Aóbriga, Aúrega, Aurea, hoje Orense, cidade sueva do seculo IV da era christã.

A toponymia tem a grande vantagem historica e ethnologica de nos indicar o roteiro que os varios povos seguiram na sua emigração através da Peninsula.

Precioso legado este sobre que devemos basear os nossos estudos, e que convem augmentar por subsequentes investigações.

II

O *Forum* ou Curia dos Limicos assentava na planura do monte do Viso, perto da serra de Baldriz, distando as suas ruinas, no sitio onde hoje chamam —*a cidade*—, uns 13 kilometros para o nascente de Guizo, e 7 a ESE. da «laguna» de Antela, que dá origem ao nosso rio Lima; esta lagoa tem 5:000 hectares de superficie, e dissecada constituiria fertil veiga, que sería uma riqueza para estes povos.

Digitized by Google

Alli jazia ainda no anno de 132 de C. a *civitas Limicorum,* cujos homens livres erigiram uma memoria de adhesão e affecto ao Imperador Adriano, e outra em 141 ou 142, ao bom Antonino Pio; ambos estes monumentos os vimos mettidos no frontispicio da capella de S. Pedro, unico edificio que resta de pé da famosa *Limica.*

Sabe-se, pois, com exactidão que as ruinas que se alastram em grande extensão ao sul do nascente do nosso rio pertencem á Limia.

Chamar a Ponte do Lima *Forum Limicorum* é de ignorancia pasmosa, que nem os *Estrangeiros no Lima,* I, 114 e 119, ousam sustentar, fugindo pela tangente de fazer distincção entre *civitas* e *forum Limicorum.*

O proprio bispo Idacio (390–470), no seu curioso *Chronicon,* nos assevera ser limico. Vid. a *España Sagrada,* de Henrique Florez, IV, 347.

E se ainda os monumentos existentes no mesmo local e o testemunho de um escriptor antigo, insuspeito e d'alli natural, vos não bastem, lêde um curioso artigo do nosso collega hespanhol D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe, na *Revista Archeologica,* publicada em Lisboa em 1888, II, 96–98, onde trata da inscripção da ponte de Chaves.

III

Entre as antigas moedas da Hispania ha uma que nos merece particular interesse; apresentou-a pela primeira vez Henrique Florez, na sua *Collecção de moedas peninsulares,* na tabella 67, e ultimamente vem transcripta no tomo I, 45, do magnifico *Tratado de numismatica* de D. Antonio Delgado, publicado em Madrid em 1871. É de cobre, com $0^{m},027$ de diametro ou módulo; na face tem uma cabeça de homem, voltada á direita, com a legenda:

T. MANLIVS. T. F. SERGIA

e no reverso um navio, e debaixo um peixe, e em volta a palavra

BRVTOBRICA

Decididamente que é este o nome da cidade que cunhou a medalha; e que foi povoação de navegantes e pescadores no-lo denunciam o barco e o peixe, symbolos favoritos dos moedeiros celtibericos do meio-dia e occidente da Hispania.

Dois illustres archeologos, Delgado, acima referido, e o Dr. Emilio Hübner, collocam aquella Brutobrica em Portugal, determinando-lhe

Digitized by Google

o sabio professor allemão a situação entre Thomar e Abrantes, na foz do rio Zezere, sobre o Tejo. Vid. *Arch. Port.*, III, 164.

Nesta mesma carta que o eximio philologo berlinês escreveu, em 11 de Março de 1897, ao nosso amigo Dr. J. Leite de Vasconcellos, director d'este jornal, confessa que o nome de Brutobrica deriva de Decio Junio Bruto Callaico.

Ora se o nosso Lima foi o termo da expedição de Bruto, cujos soldados, passando o Lethes, se estabeleceram aqui, esquecendo a sua antiga patria, e se o capitão romano, por sua vez, se appellidou *Callaico,* é no valle do Lima, é na Gallecia, á beira-mar ou nas suas proximidades, que devemos buscar a alludida cidade.

Certamente que Brutobriga deve a sua fundação a Junio, que a edificou nesta provincia, ou então impoz o seu nome á cidade indigena mais importante d'estes sitios, sem que esta perdesse a sua feição typica.

Os attributos das moedas brutobrigenses provam que a cidade era maritima.

Alguns antiquarios pretendem, sem fundamento solido, e apenas pelas distancias milliarias do *Itinerario,* dispor *Araducca* na embocadura do nosso Lima.

A Vianna del Bollo, sobre o rio Bibey, na Galliza, corresponde a cidade de *Volobriga.*

IV

Costuma-se hoje em dia chamar á extincta povoação do monte de Santa Luzia, em Vianna, —BRITONIA—, e num relatorio, documento official, acha-se a seguinte estranha menção: Ruinas prehistoricas da Britonia.

Para a archeologia é uma novidade que a Britonia seja uma povoação anterior aos tempos historicos!

Sempre cuidei, pelos documentos ecclesiasticos da idade média, que Britonia fosse uma cidade episcopal que o bispo de Tuy, o chronista Fr. Prudencio de Sandoval, e todos os escriptores hespanhoes, antigos e modernos, identificam, a 10 kilometros de Mondonhedo, com Santa Maria de Bretonha, proximo das fontes onde nasce o rio Minho.

A existencia de Britonia é-nos revelada simplezmente pelos escriptos dos cartorios; não conhecemos lapide nem moeda que se lhe refira.

Historiemos agora:

No anno de 870 veiu Saborico I, Bispo de Dume, junto a Braga,

Digitized by Google

fugindo aos musulmanos, e estabeleceu a sua residencia a duas leguas de S. Martinho de Mondonhedo, persistindo a Sé dumiense neste sítio até 1112, em que a rainha D. Urraca a passou para Villa Mayor, primitiva denominação de Mondonhedo, que distava 3:000 metros do sítio actual. Chamou-se a esta igreja *dumiense, valibriense* e *mindoniense;* sendo conseguintemente o bispado de Mondonhedo a continuação do de Dume, nos arredores da cidade bracarense.

Seriam Brutobriga e Britonia uma e a mesma cidade?

Cremos que não.

É certo que são duas cidades distinctas: Britonia nunca se escreveu Brutonia, ficando aquella no país dos Brittones, na alta Galliza, em Mondonhedo, sendo irrisorios os argumentos adduzidos pelos nossos chronistas e chorographos para avocarem para as margens do Lima aquella cidade episcopal gallega.

As ruinas até hoje exploradas no nosso districto de Vianna patenteiam simples estações indigenas, de somenos importancia, não podendo com ellas identificar-se a Brutobriga, a não querermos suppô-la, como é meu parecer, uma povoação que se subtraiu á influencia romana, e da qual apenas recebeu o nome, que passou á historia; porque neste caso apontaremos as extensas ruinas de Santa Luzia como a principal póvoa da costa maritima entre Lima e Minho, e nas condições de convirem e serem indicadas como restos da antiga cidade de Decio Junio.

Em parte alguma convem tanto situar Brutobriga como na margem direita do Lethes, esse celebrado rio, cujas aguas vadeadas fizeram esquecer aos soldados romanos a sua patria. Para que repetir aqui textos e citações?

Identificado o Lethes com o Lima, localizada está a Brutobriga em questão.

V

Ainda hoje uma errada tradição litteraria, certamente originada nas chronicas ecclesiasticas, pretende collocar:

— *Aramenha,* nas ruinas do monte do Sant'Inho ou Roques, no planalto entre Villa Franca e Villa de Punhe, no concelho de Vianna;

— *Carmona, Caramona* ou *Carbona,* nas ruinas do monte detrás do mosteiro benedictino de Santa Maria de Carvoeiro, sobre os limites de Balugães e de Poiares, no ponto onde se reunem os concelhos de Vianna, Barcellos e Ponte do Lima;

— *Norba,* no alto da Nó, Nahor, ou Nora, no monte da Facha, no concelho de Ponte do Lima, e que merece especial referencia;

Digitized by Google

—*Cauca* e *Córium* em Coura, no alto Minho; e

—*Aurea,* na capella de S. Miguel o Anjo, defronte da villa de Ponte do Lima, fazendo-a derivar, bem como Arga, de Aurega.

Nos cimos dos montes de Roques, Carvoeiro e da Nó ha restos de vastos circuitos amuralhados com casas, antigas estações, do typo da de Santa Luzia; taes ruinas apparecem em todas as elevações da ribeira do Lima, na costa do mar, do Neiva ao rio Minho, e até mesmo no centro das serras da Armada, Oural e da Amarella.

L. Figueiredo da Guerra.

Estudos sobre Troia de Setubal

8. Ceramica romana

Á valiosa serie de artigos que *O Archeologo Português* tem publicado sobre este assumpto, venho juntar a noticia de uns objectos que, por mero acaso, encontrei na Troia, e hoje fazem parte da minha collecção archeologica.

Fig. 1

O primeiro é o vaso representado na fig. 1, cuja fórma lembra a *almotolia* usada nos nossos campos.

Digitized by Google

É de barro muito grosseiro, de côr vermelha, tendo, na massa, grãos de areia, o que lhe dá apparencia dos barros do periodo neolithico; e accentua mais esta semelhança a irregular espessura das paredes, as quaes parecem ter sido moldadas á mão, e não na roda do oleiro, de que não apresenta o mais leve vestigio.

Tem este vaso 0^{m},095 de alto por 0^{m},083 de diametro maximo e na bôca 0^{m},025.

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Os vasos que as figs. 2 e 3 representam são de barro vulgar e de côr vermelha escura. O da fig. 2 tinha sobre a bôca a valva superior de uma vieira *pecten maximus;* mas como os vasos estavam cobertos e cheios de areia, o que prova, a meu ver, que as águas do mar revolveram e confundiram tudo naquelle ponto, póde — o que eu creio — ter sido accidental a adaptação da vieira á bôca do vaso.

Como não encontrei no sítio mais conchas, por isso tomei nota d'aquella particularidade.

Um pouco adeante, tambem envolvidos na areia, encontrei dois vasos de barro branco muito fino.

Como são perfeitamente iguaes, desenhei um só (fig. 4).

Digitized by Google

Junto a estes vasos estava um objecto de barro, tambem branco, mas muito mais grosseiro. É massiço e de fórma cylindrica (fig. 5.)

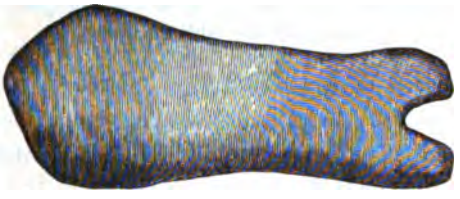


Fig. 5

Por ultimo encontrei a lucerna com ornatos no disco (fig. 6). É de barro branco, e apresenta em varios pontos vestigio de que fôra revestida de uma tenue camada de barro diluido, e ligeiramente vermelho.

Tem $0^m,103$ de comprimento, $0^m,076$ de largura e $0^m,025$ de altura.

O orificio exterior mede $0^m,009$, e o do centro $0^m,007$.

Fig. 6

Eis os objectos que encontrei. Se bem que pouco valiosos, porque nada esclarecem do passado, são, comtudo, interessantes, como interessante é tudo o que se relaciona com a mysteriosa *Troia*.

Setubal, Quinta da Lage.

Arronches Junqueiro.

Digitized by Google

Numismatica colonial

Estudo a proposito de moedas de prata indo-portuguesas com as datas oblitteradas

Temos visto, especialmente no reinado de D. João V, varios exemplares com os cunhos parcialmente esmagados, por effeito de pesos que os opprimiram nos logares em que foram perdidos. Semelhante estrago não deve attribuir-se a outra causa.

Alguns numismatas tem regeitado moedas nestas circumstancias, banindo-as como fazenda avariada que não tem arrumação em luxuosos mostradores, e assim vão perdendo raridades apreciaveis, que outros, mais praticos e menos exigentes, aproveitam, rindo-se da ingenuidade fidalga. Uma rupia, hoje nossa, correu de mão em mão, tida por inutil perante os desdenhosos, só porque o cerceio eliminara a parte inferior de cada um dos algarismos do anno de 1726. Nós tivemos occasião de pôr termo áquelle gyro infeliz, arrecadando a joia rara. Outra rupia igual, sem vestigios de data, oblitterada por esmagamento (veja-se o n.º 250 do catalogo de Shulman, leilão de 5 de outubro de 1896) foi adjudicada á Universidade de Leyde por 27,70 florins, ou 12$952 réis em moeda portuguesa ao cambio da epocha. O estrangeiro, apreciador entendido, foi cobrindo os lanços dos numismatas portugueses, entre os quaes nós fomos representados por alguem.

Nenhum numisma indiano se deve desprezar desde que seja reconhecivel. O tempo e o uso sempre macularam antiguidades de toda a especie. Não queremos porém dizer que se arrecadem moedas safadas, ou chapas, descidas á classe de anepigraphas.

Desde que um exemplar seja authentico, verificado o reinado a que pertence, evidenciada a especie e outros attributos, não deve condemnar-se ás urtigas, por não possuir a respectiva data, ou porque enfermou envelhecido nos vaivens da sua missão. Estampas de catalogos estrangeiros contém desenhos de moedas gastas, furadas, cerceadas, mas que não perdem cotação nos leilões, mesmo fóra da classe das raras. O colleccionador não poderia rodear-se de *flores de cunho* e de bellas conservações, dado que lhe fosse facil reunir os materiaes de todos os museus numismaticos para formar um só museu. Não é possivel arregimentar soldados de igual estatura, nem pautar as cidades com edificios de identica architectura e grandeza. A numismatica não é um luxo de metaes sem mácula. O estrago torna-se ás vezes, por assim dizer, util, quando concorre para provar authenticidade. A historia, a chronologia, a geographia, a ethnographia, e outras sciencias

Digitized by Google

que a numismatica elucida, não prescrevem ao numisma encantos de formosura por condição indispensavel á estima. Convem apurar as raças, mas não se deve excitar a paixão do apuro até o desdem, se as enfermidades da velhice reduziram á condição de mumia exhumada aquelle numisma que não merecer a quietação da morte em leito de valla commum. A archeologia arrecada religiosamente o acicate oxydado, a lança de silex partida; a numismatica, sua dilecta filha, não deve arremessar no monturo a alcofa do ferro-velho, só porque as fibras tem dilaceradas, ou não conserva atilhos.

Deve registar-se que as moedas indo-portuguesas não formam sequencias de bellas conservações no circulo dos colleccionadores; que a imperfeição das cunhagens sempre dava o primeiro passo no caminho do estrago, desde a percussão do martello a ferir conforme calhava em bordoada de cego; que as flores de cunho propriamente ditas se limitam aos raros ensaios monetarios do tempo de D. Maria II e a diversos valores fabricados em Bombay no reinado de D. Luiz I, os quaes varios curiosos arrecadaram na epocha da emissão.

Para achar a verdade numa data que offereça dúvida, oblitterada parcial ou totalmente, nós seguimos o methodo comparativo com o auxilio de conhecimentos adquiridos no estudo de collecções alheias. Os pseudo-retratos dos monarchas portugueses impressos nas moedas indianas, variados em todos os annos, se o estudioso os conhece, accusam as datas que tiveram, e assim na classificação de um medalheiro, chronologicamente seguida, não fica logar vago para hospede anonymo. Quanto á numismatica romana tambem se decifram legendas, corroidas pelos seculos, reconhecendo-se os bustos dos Imperadores, inconfundiveis. Existe um parentesco notavel entre os dois principios na busca de uma incognita. Aconselhamos e seguimos o methodo comparativo, o de melhor confiança na prática, certificando que outro não lográmos encontrar no vasto caminho de investigações numismaticas, que temos percorrido infatigavelmente.

Se o colleccionador novato pensar que na moeda, após a cunhagem, foi destruido o millesimo premeditadamente, visado um fim qualquer, pouco digno, filho de circumstancias que concorreram na escolha, na contagem ou não emissão, affirmamos que elle se illude. O numisma, sempre mal obsequiado pelo martello, entrava na circulação com a respectiva data, que o gravador gentio muito raramente dispensava, desde o tempo de D. João IV, embora o povo, na maior parte analphabeto, não procurasse conhecê-la, porque da moeda apenas apreciava o bom titulo do metal. Era motivo secundario o typo, cuja maior ou menor imperfeição deixava de prender as attenções geraes. Elle era

Digitized by Google

a garantia, a marca official, a authenticidade perante o publico, por tanto não convinha destrui-lo. Os crimes de lesa-numismatica eram: a falsificação, limitada a certas epochas quasi exclusivamente nas moedas de cobre, fundidas ou cunhadas fóra da colonia portuguesa, e o cerceio, frequentissimo em todos os reinados.

Ainda quanto ao fabrico é forçoso confessar que houve irregularidades nas officinas de Goa e Diu; algumas se tornaram célebres. Por muito favor não vemos hoje moedas batidas com dois anversos ou dois reversos identicos. Os cunhos de alguns annos trabalharam nos annos immediatos. Os pesos não corresponderam á lettra das estivas. Em certos annos, quando um reverso quebrava, escolhia-se no depósito qualquer outro, mais antigo, e o fabrico não cessava. Era uma questão de economia, e por ella na Casa da Moeda de Goa se emendaram datas, quanto ao algarismo da unidade, porém nunca se apagaram.

Ha quarenta annos andados o indio vivia na ignorancia de leis monetarias e de typos do numisma antigo. Hoje succede o mesmo phenomeno oriental relativamente a homens illustrados; ainda em 1898 nós tivemos occasião de o conhecer. O Dr. Sacarama Sinay Ludo, hindu, visitando o museu da Sociedade de Geographia de Lisboa, não conheceu as nossas moedas indo-portuguesas, expostas ali durante as festas commemorativas do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India.

Antigamente o colleccionador indiano usava de um meio singularmente original na exposição dos seus numismas. Collava-os em cartões e d'estes formava quadros envidraçados que suspendia nas paredes das salas. Neste luxo decorativo existia a verdade no estado em que tinha apparecido. O indio não cuidava de inutilizar legendas ou datas, porque nenhum interesse lhe poderia inspirar tal estrago. Hoje são raros na India os vestigios de tão simples meio de exposições particulares. Aquelles quadros numismaticos foram substituidos por oleographias depois que o numisma antigo embarcou para o occidente.

Manoel Joaquim de Campos.

Moeda de chumbo da republica romana

O Sr. Francisco Gnecchi, no n.º XXIII dos seus suggestivos e importantes *Appunti di numismatica romana,* Milano 1892, trata de várias moedas de chumbo romanas, que elle, por várias razões, considera como falsas, embora pertencentes ás epochas a que se referem.

Digitized by Google

Em 1895, por occasião de proceder a uma excavação archeologica no castro lusitano ou «Castello» de Dornes[1], encontrei a seguinte moeda de chumbo, que sem dúvida se relaciona com as muitas de que falla o Sr. Gnecchi. Eis uma estampa:

Anverso: Cabeça da deusa Roma, voltada para a direita, com capacete alado; na nuca M pontuado nas extremidades.

Reverso: Victoria numa biga, a galope, á direita. No campo, deante da cabeça da deusa, III. No exergo, em duas linhas, D · SILANV*s*— ROM*a*.

De Decimo Junio Silano, que foi monetario por 89 A. C.

Cfr. Babelon, *Monnaies de la republique romaine,* II, 108, n.º 16.

É possivel que muitas moedas d'este genero tenham apparecido em Portugal; mas não sei de mais nenhuma.

J. L. de V.

Bibliographia

Revista de Guimarães, XVI, n.º 1.—*Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães,* por F. Martins Sarmento (notícias archeologicas de S. Salvador do Souto, Santa Maria do Souto, Gondomar e Garfe; com um appendice á cêrca da crítica publicada por mim n-*O Arch. Port.,* IV, 233–240, assunto em que não insisto por Martins Sarmento ter fallecido); *Couto de Ronfe,* por Oliveira Guimarães; *Tradições populares,* por João de Vasconcellos (costumes funerarios: cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal,* nos respectivos §§).—N.º 2. *Capella e morgado de Guilhomil,* por José Machado; *Caldas de Vizella,*

[1] Ao meu amigo, o Sr. José Maria Pereira, de Dornes, devo o conhecimento da existencia d'este castro, e de outras estações archeologicas na região do Zêzere, por onde andei, e onde obtive varios objectos que vieram para o Museu Ethnologico. Receba mais uma vez o Sr. José Maria Pereira o meu sincero agradecimento pelo bem como me tratou, e pelo serviço que prestou á archeologia.— Nesta excursão acompanhou-me o Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu.

Digitized by Google

por Oliveira Guimarães; *Catalogo das moedas romanas, celtibericas e wisigodas,* por Albano Bellino.

*

O dolmen da Barrosa, notícia abreviada d'este monumento pelo general Mesquita Carvalho, Porto, Magalhães & Moniz, 1898, 130 pag., in-8.°, com uma estampa do monumento na capa, e uma planta e córtes no fim. Preço 500 réis.

Illude-se o leitor, se espera encontrar neste livro alguma notícia archeologica de certa importancia. O auctor é espirito cultivado, e escreve com facilidade e elegancia; mas, em relação ao monumento que serviu de pretexto para o seu trabalho, limitou-se a dar d'elle uma estampa, a tomar umas medidas, e a fazer uns esboços (o mais que ahi incluiu são meras divagações). Desconhece (pag. 98) que existem muitos monumentos d'este genero no Minho, e nem mesmo cita o que sobre o dolmen da Barrosa em especial se tem já escrito. Á cêrca da explicação (pag. 100) que dá da remoção das lages que constituem os dolmens feitos pelos homens prehistoricos confirma o que eu tambem disse nas *Religiões da Lusitania,* I, 274.

J. L. de V.

O Castro do Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança)

Na margem direita do Rio Vasseiro e termo de Gondesende, a poente e distante d'esta povoação da margem esquerda do mesmo rio 2 kilometros e de Bragança 14, proximamente, encontrei a inscripção A numa fraga a que chamam «molar», que está quasi toda soterrada pelo terreno da encosta, ficando apenas a descoberto a parte que a contém, que me parece completa e considero exacta, pois tirei várias provas d'ella, sendo todas conformes. A $0^m,1$ á esquerda dos caracteres, e correspondente á 2.ª linha vê-se um pequeno buraco de $0^m,04$ de diametro e $0^m,3$ de profundidade. Por baixo da fraga informaram-me ter-se visto noutro tempo uma grande cavidade que suppunham ter sido feita por individuos que tivessem vindo ali á procura de thesouros. Inferiormente e quasi contigua a ella está outra fraga de côr negra e de natureza mais rija, que parece pela sua collocação ter alguma relação com esta. A sua situação vae indicada no esbôço B que tirei á vista d'esta posição, e pelo qual se póde fazer uma ideia bastante approxi-

Digitized by Google

mada da sua fórma, configuração e natureza das suas encostas, que a não ser pelo poente, para onde se continúa formando o terreno pequenos ondulações, pelos outros lados são de tal modo ingremes que torna difficillimo o seu accesso, principalmente a do lado do sul, que é formada por um rochedo enorme cortado a pique. E por isso raras vezes são cultivadas por ser custoso o seu fabrico, razão porque o mato de carvalho e de esteva toma taes proporções, que mal se póde penetrar nelle e fazer a sua exploração.

No alto d'esta posição encontrei um formoso castro, cuja configuração se vê tambem do esbôço, formado por muralhas de pedra sôlta, apresentando na parte do poente uma elevação circular que ora me pareceu ser uma pequena torre desmoronada, ora se me afigurou, pela sua fórma, que fosse alguma mamôa ou modorra. Em volta das muralhas, cujas ordens de andares não pude bem precisar, por o meu reconhecimento ser feito muito á pressa, vêem-se ainda, em partes, vestigios de fosso.

Existindo até hoje numa obscuridade absoluta, sem ter ninguem que fallasse da sua inscripção, das suas muralhas, das suas fragas e dos outros vestigios que nelle se encontram á superficie do solo, taes como pedaços de granito trabalhado, que calcúlo haverem pertencido a mós manuarias, e fragmentos pequenissimos de louça grosseira, o nosso Castro não era conhecido pelas povoações circumvizinhas senão pelo nome de «Lombeiro de Maquieiros». Muito longe se estava de se suppor que elle era, a avaliar pelas suas inscripções (pois dizem-nos que alem d'esta ainda lá existe outra muito semelhante que não fomos capaz de encontrar) uma estação archaica da mais alta importancia e digna de ser estudada e venerada, como um marco que assignala a passagem de uma civilização e como um fragmento da immensa historia da humanidade, no periodo em que ella é mais interessante e curiosa, por nos dizer do homem e da sociedade quasi na sua infancia.

Assim, sobre esta inscripção, o nosso amigo J. Leite de Vasconcellos, a quem pedimos o obsequio de a decifrar, disse-nos: — «*hoc opus, hic labor est!* Aquillo não serão lettras das nossas, mas o que eu nas *Religiões da Lusitania* chamo insculpturas pre-historicas: lá, a pag. 350–390 do vol. I, estudo este assunto, dando desenho de muitas, — algumas analogas á sua, — e mostrando a relação de várias d'ellas com os castros».

O conhecimento da epocha a que o castro pertence é ainda, por outro motivo, de uma importancia capital por poder lançar immensa luz sobre o estudo da archeologia d'esta região, dando-lhe orientação e permittindo a classificação dos diversos castros que por aqui se encon-

Digitized by Google

tram, que até hoje mal se conjecturava o que fossem, considerando-os alguns, á falta de melhor fundamento, de «touraes dos mouros» ou de «atalayas»! Mas, se o confrontarmos agora com os castros da Sapeira, em Babe, com o de Samil, aonde a pouco mais de 100 metros a sul se vê uma fraga com a «*pègada da Senhora*», e proximo da vertente occidental outra chamada da «*Salvage*», com o de Fromil ou «*Toural dos mouros*», com o de Ouzilhão[1] ou a «*Muradelha*», e com varios outros, somos levados a crer que elles são todos do mesmo tempo.

Isto se induz, álem de outros indicios, da semelhança da sua posição, natureza e fórma da sua construcção, e grandeza e amplitude do seu recinto. De modo que, parece-me, sem commetter grande êrro, podemos assentar em classificar os castros d'estes sitios em «prehistoricos ou do typo do de Maquieiros», e em «luso-romanós ou romanos ou do typo do de Sacoias». Áquelles pertencem os já mencionados, e a estes, entre outros, o de S. Pedro Velho em Babe, Torre Velha (Castro de Avellãs), Lombeiro Branco (Meixedo), Devesa (Villa Nova) e o Sagrado de Donae.

*

O que é facto é que se sente o que quer que seja que nos impressiona sobre modo ao andar por cima da muralha do nosso castro; ao observar o horizonte que d'elle se descortina, que ainda é bastante vasto para o nascente; ao reparar nos seus enormes fraguedos, alguns dos quaes nos parecem estarem ali postos pela mão do homem, e no escarpado das suas encostas, que dão a esta posição o aspecto de precipicio; e particularmente ao ver essa inscripção ou antes esses caracteres ainda desconhecidos e indecifrados que contém o segredo, a historia dos que o habitaram, e de que lhes traduzem, talvez, um dos seus sentimentos mais elevados — o da sua crença ou da sua religião. Então como que vemos surgir por entre aquelles matos e rochedos, por entre aquelles arbustos, seres humanos, caracterizados por uma feição primitiva, que aproveitavam os abrigos naturaes para sua guarida e defesa, parecendo estarem a contemplar-nos com um olhar mysterioso, vago e incerto, e a articular uma lingoagem que não comprehendemos, nós, por ventura, os seus descendentes!

Bragança, Janeiro de 1899.

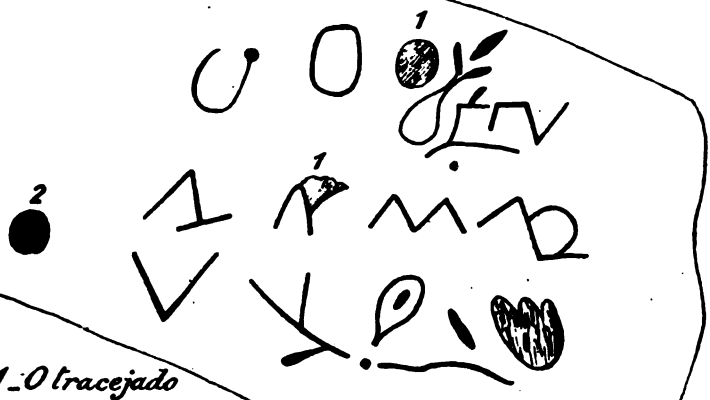
Albino Pereira Lopo.

---

[1] Em Ouzilhão, álem d'este castro, existe outro que ainda não tive occasião de o ir ver, mas que, a julgar pelas informações que tenho e pelas moedas nelle encontradas, é romano.

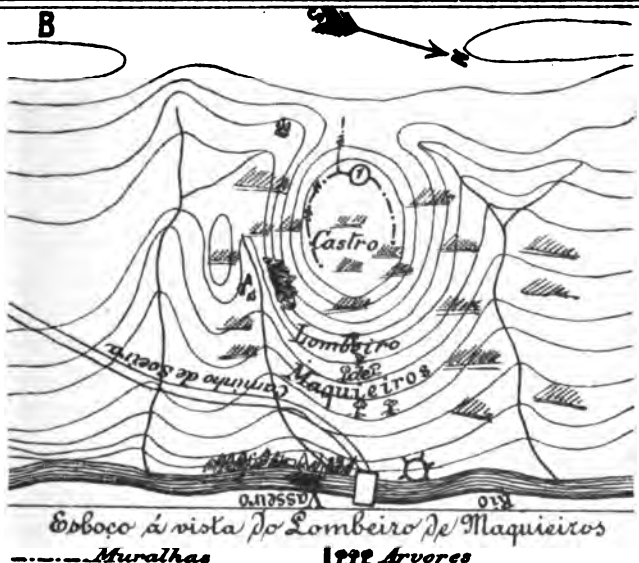
Digitized by Google

A Copia da inscripção do Castro de Maquieiros



1-1_O tracejado indica signaes cavados muito ligeiramente
-2_Buraco
_Distancia das lettras ao buraco, 1; corpo das lettras regula por 0,09
_O parallelogramma que limita a inscripção representa a forma da fraga fóra da terra.

B



Esboço á vista do Lombeiro de Maquieiros

_._._._ Muralhas
1_Torre ou Mamôa
2_Fraga com a inscripção
Fraguedos
Arvores
Matto
Moinho
E 1/10.000

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google

P.e José Augusto Tavares

A proposito da offerta de um objecto archeologico para o Museu Municipal de Bragança, lê-se numa folha d'aquella cidade o seguinte, que gostosamente aqui transcrevo:

«Padre José Augusto Tavares Teixeira, rev.do abbade de Maçôres, um dos espiritos illustrados e esclarecidos da actual geração trasmontana, que tem dedicado a sua actividade intellectual ao estudo das antiguidades d'esta provincia, tanto da linguistica como de tudo o que póde concorrer para o conhecimento do seu passado. Sacerdote exemplarissimo, ao mesmo tempo que exerce a evangelica missão da direcção espiritual dos seus parochianos, vae, como espirito sagaz, observador, colhendo entre elles e nos seus habitos, usos e costumes, todas as joias archaicas perdidas que hão de um dia servir para formar um thesouro de subido valor para a historia d'esta região.

Como homem culto foi um dos primeiros, que lá de uma escondida aldeia, levantou a voz e saudou com a sua penna fluente a fundação do Museu Municipal de Bragança, e para o qual tem offerecido, por diversas vezes, varios objectos».

(Da *Gazeta de Bragança*, de 22 de outubro de 1899).

Faço com tanto maior prazer a transcrição, quanto é certo, que ao desvelado amor que o meu amigo o Rev.do P.e Tavares vota á sciencia deve tambem o Museu Ethnologico Português a posse de importantes donativos archeologicos.

J. L. de V.

Monnaie de Baesuris, ville de Lusitanie

Bien que le nom de la ville lusitanienne Besuris fût connu par un passage du géographe anonyme de Ravenne[1], on s'était habitué à lui préférer la forme Esuris donnée par la plupart des manuscrits de l'*Itinéraire* d'Antonin[2].

---

[1] *Ravennatis anonymi Cosmographia et Guidonis Geographica*, ed. Pinder et Parthey, 1860, III, 43, p. 305.

[2] Fortia d'Urban, *Recueil des itinéraires anciens*, 1845, CXV, p. 128, CXVIII, p. 130. *Itinerarium Antonini Augusti*, ed. Parthey et Pinder, 1848, p. 204, 205.

Digitized by Google

Cette préférence semblait justifiée par le fait que, sur une monnaie défectueuse de moyen-bronze conservée au médailler de Madrid, Heiss [1] et Zobel [2] croyaient lire ESVRI et que, sur un autre exemplaire recueilli par feu Estacio da Veiga, cet antiquaire avait déchiffré ÆSVRI, leçon adoptée, d'après sa copie, par Delgado [3] et par Hübner [4]. Or dès 1883, sur une empreinte de ce même exemplaire communiquée à la Société des Antiquaires de France, les membres présents y ont aisément reconnu toutes les lettres du mot BÆSVRI. Ce résultat intéressant pour la numismatique et pour la topographie lusitaniennes fut signalé en son temps [5], mais ne parait pas être sorti du cercle des publications spéciales françaises; le directeur de l'*Archeologo português* a donc voulu qu'il fût porté d'une façon plus directe à la connaissance des savants de son pays, et c'est ce qui me vaut l'honneur d'être aujourd'hui son collaborateur.

Je commence par la description des deux seuls exemplaires de la monnaie de Baesuris connus jusqu'à présent.

BÆSVRI, en légende rectiligne au milieu du champ, hauteur des lettres, 4 millimètres; ligature de AE. Au dessus et au dessous, un épi couché, le sommet à droite. Cordon de grénetis.

℟.—M·N·N·ET | CON en deux lignes au milieu du champ; hauteur des lettres, 2½ millimètres; ligatures de ANT (deux fois) et

---

[1] Aloiss Heiss, *Description générale des monnaies antiques de l'Espagne*, 1870, p. 414, fl. LXIII.

[2] Zobel de Zangroniz, *Estúdio histórico de la moneda antigua española*, II, 1880, p. 18.

[3] Antonio Delgado, *Nuevo metodo de classificacion de las medallas autonomas de España*, II, 1871, p. 30, pl. XXIV.

[4] Aemilius Hübner, *Corp. inscr. lat.*, II, *Suppl.* 1892, p. 785. *Monumenta linguae ibericae*, 1893, p. 134.

[5] *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1883, p. 101, 102, *figure*, 174; 1884, p. 139, 140. *Bulletin épigraphique de la Gaule*, III, 1883, p. 152, 153; IV, 1884, p. 93. *Revue numismatique*, 1883, p. 114; 1884, p. 383, *figure*.

Digitized by Google

de NL. Au dessus, un poisson (thon?) nageant à droite. Grénetis. Bronze; diamètre, 24 millimètres. Conservation passable. De l'ancienne collection Estacio da Veiga; on ignore ce qu'il est devenu; il n'en est même point fait mention dans le catalogue qu'il avait dressé des monnaies hispaniques recueillies par lui; heureusement un fac-similé en a été publié dans le *Bulletin de la Société des Antiquaires de France,* 1883, p. 101 et dans la *Revue numismatique,* 1884, p. 383.

L'exemplaire du Cabinet de Madrid parait être une variété du précédent à cause de quelques différences de détail qui s'opposent à l'identité des coins; le module est de 27 millimètres, et le poisson y est figuré nageant à gauche. L'état de conservation est très médiocre: au droit, on n'aperçoit aucune trace de B ni de A, en sorte que la légende se réduit à ESVRI; au revers, la deuxième ligne ne laisse plus voir que deux lettres presque oblitérées, ON. Cette pièce se trouve gravée dans l'ouvrage de Heiss, pl. LXIII, et dans celui de Delgado, tome II, pl. XXIV.

La légende du droit lève définitivement toute incertitude sur la forme *Baesuris* et confirme sur ce point l'exactitude du renseignement fourni par le Ravennate dans son énumération de vingt cinq villes lusitaniennes [1]:

Item super fretum Septem sunt civitates, id est Bersippon (lisez, *Baesippon*), *Merifabion* (Itin. Anton. *Mercablo*), *Caditana* (lisez, *Gaditana*), *Portum, Asta, Serpa, Pace Iulia, Mirtilin, Besurin, Balsa,* etc.

---

[1] IV, 43 (éd. Parthey-Pinder, p. 305). Dans maint autre passage, le *fretum Septem* est appelé tout au long *Septemgadinatum;* cf. ibidem, I, 3, 17; III, 11, 12; IV, 41, 46; V, 4, 16, 33. Il s'agit du détroit de Gadès, *fretus qui dicitur Septem... quique Gaditanus vocatur* (Guido, *Geogr.,* 84, p. 516). L'explication de ces noms nous est donnée par Pline, *Nat. Hist.,* IV, 36: *Gadir, ita punica lingua sepem significante.* Il est visible que *sepem* ou son synonyme *septum* au sens de «enceinte, parc» a fini par prendre un faux air de ressemblance avec le nom de nombre *septem* quand l'étymologie du mot punique Gadir (gr. Γάδιρα, lat. Gades) a été oubliée; c'est ce qui a donné naissance au pléonasme *septemgaditanum.* Maintenant si l'on considère que la colonie tyrienne de Gadir s'élevait sur l'emplacement de l'antique Tartessus, résidence du roi Géryon auquel Hercule ravit ses troupeaux de bœufs, on en conclura que son nom signifiant «enclos, parc à bétail» rappelle précisément le souvenir de l'exploit du héros tyrien; et de même que *Septem,* pour *sepem* ou *septum* est la traduction latine du punique *Gadir,* de même il est vraisemblable que Gadir n'est lui-même que la traduction phénicienne du nom ibère Tartessos. Pour l'identité topographique de Tartessos et de Gadir, voir Strabon, III, V, 4 et Pline, IV, 22, 36, 120. Cf. Movers, *Die Phönizier,* II, p. 622, note 89; p. 624; p. 626.

Digitized by Google

L'*Itinéraire d'Antonin* nomme deux fois *Esuri;* premier passage, éd. Parthey-Pinder, p. 204:

425, 6 Item de Esuri Pace Iulia mpm CCLXVII (*sic*)
426, 1 Balsa mpm XXIIII
2 Ossonoba mpm XVI
3 Aranni mpm LX
4 Salacia mpm XXXV
5 Eboram mpm XLIIII
6 Serpa mpm XIII
427, 1 Fines mpm XX
2 Arucci mpm XXV
3 Pace Iulia mpm XXX.

La préposition *de* pour *ab* est une faute grammaticale introduite dans le texte primitif à une basse époque[1]; quant aux erreurs topographiques ce n'est point ici le lieu de les discuter[2].

Voici le second passage de l'*Itinéraire* (ibid., p. 205):

431, 4 Item ab Esuri per compendium
5 Pace Iulia mpm LXXVI
6 Myrtili mpm XL
7 Pace Iulia mpm XXXVI.

Or, si au lieu de lire *ab Esuri* avec tous les commentateurs qui m'ont précédé on lit *a Besuri,* en avançant simplement la lettre *b,* on retrouve dans le texte même de l'*Itinéraire,* les éléments nécessaires à la restitution de la forme *Besuri* en conformité avec la leçon donnée par le Ravennate et avec la légende de notre monnaie. Cette correction si naturelle que j'ai indiquée il y a une quinzaine d'années

---

[1] Pour d'autres exemples de ce genre, voir Max Bonnet, *Le latin de Grégoire de Tours,* 1890, p. 607 et sqq.

[2] M. Cortez y Lopez, *Diccionário geográfico histórico de la España antiga,* 1835, I, p. 265. L'auteur pense avec raison que les copistes ont confondu en un seul deux itinéraires différents qu'il propose de rétablir de la manière suivante:

Iter ab Esuri Pace Iulia: Balsa XXIV (Tavira) — Ossonoba XXVI (Faro) — Arani XL (Monchique) — Rarapia XXX (Ourique) — Pace Iulia XXXIX (Beja).

Iter ab Esuri Ebora: Serpa LX (Serpa) — Fines XVI (Moura) — Arucci XXIV (Mourao: Arucci nova) — Ebora XXIX (Ebora).

Digitized by Google

enlève le dernier argument à ceux qui tiendraient encore parti pour la forme fautive *Esuri*.

Philologiquement, Baes-uri est comparable, pour le premier membre, à Baes-ippo et à Baes-ucci, l'un, formé comme Coll-ippo, Ir-ippo, Olis-ippo, Or-ippo, Ost-ippo, Vent-ippo, l'autre, comme Ar-ucci, It-ucci; pour le second membre, à Oc-uri. Je trouve cette remarque dans la correspondance de M. Leite de Vasconcellos et je ne saurais mieux la mettre en valeur qu'ici, sur le propre terrain de son auteur. Des rapprochements de ce genre conduiront peut-être à l'étymologie de *Baesuri* quand on saura si c'est un mot composé de deux termes, ou un mot dérivé à l'aide d'un suffixe *ur*.

Je rapporte ici, simplement pour cause de similitude curieuse, le nom d'un peuple lusitanien, les Paesuri mentionnés par Pline, *Nat. Hist.*, IV, XXXV, 21: *a Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Paesuri, flumen Vacca.* Le même ethnique était gravé sur une inscription d'Alcantara[1] parmi les municipes lusitaniens qui contribuèrent à la construction du fameux pont jeté sur le Tage sous Trajan, en l'an 105.

Je passe maintenant à l'étude de la légende du revers.

Le premier monogramme ℕ doit certainement être développé en *Ant(onius)*, nom gentilice, comme sur le quinaire d'argent de Marc-Antoine frappé à Lyon[2]: M · ℕ · IMP, lituus, praefericulum, corbeau. ℞. Victoire à droite, couronnant un trophée. Quant au deuxième monogramme, ℕ, qui ne diffère du précédent que par la surélévation du T, je conclus de cette similitude qu'il représente un cognomen dérivé du gentilice; or il s'en trouve un qui est historiquement connu dans la gens Antonia, c'est le diminutif Ἄντυλλος attribué par Dion Cassius et par Plutarque au fils que le célèbre triumvir avait eu de Fulvie, sa première femme; seulement je ferai observer que c'était une appellation familière n'ayant rien d'officiel, puisqu'elle ne figure pas sur la monnaie[3] frappée en l'honneur de ce jeune homme par ordre de son père avec la légende M · ANTONIVS · M · F · F; ainsi en est-il du surnom Καισαρίων donné par les mêmes auteurs à Ptolémée XVI Philométor César, fils de Jules César et de la fameuse Cléopatre VII. Dans le recueil des inscriptions de l'Espagne on n'en rencontre pas moins de trois dans lesquelles le cognomen Antullus est joint au gen-

[1] *Corp. Insc. Lat.*, II, 760.

[2] Cohen, *Description des monnaies impériales romaines*, I, 1860 (2e éd.), p. 46, *figure*.

[3] Ibid., p. 58, *figure*.

Digitized by Google

tilice Antonius, tandis que cette association n'est guère connue que par un seul exemple en dehors de l'Espagne. A Cadiz, c'est-à-dire dans le voisinage même de Baesuris, on a découvert les épitaphes[1] d'un *L. Antonius C. f. Antullus* et d'un *L. Antonius Q. f. Gal(eria tribu), Antullus,* IIII *vir aed(ilicia) pot(estate);* à Barcelone, une inscription[2] mentionne un Aquitain du Comminges pyrénéen, *M. Antonius Antullus, cives Convena.* Ce groupe d'inscriptions a pour effet de faire supposer que les Antonii Antulli d'Espagne avaient pour ancêtre quelque client du triumvir qui avait reçu de lui le droit de cité romaine et qui, par reconnaissance, avait ajouté à son gentilice le surnom populaire de son jeune fils. Le magistrat qui a signé la monnaie de Baesuris, M(arcus) Ant(onius) Ant(ullus), devait donc être prochement apparenté à ses homonymes de Gadès et exercer, comme l'un d'eux, les fonctions de quatuorvir dans son municipe.

A la suite des noms de ce personnage viennent les mots ET CON. que je crois devoir développer en *et conl(egae)*, au pluriel, plutôt qu'en *et conl(ega)*, au singulier. En effet, s'il n'avait eu qu'un seul collègue, celui-ci aurait eu les mêmes droits à être inscrit nominativement au lieu d'être désigné sous une forme impersonnelle d'autant que la place était plus que suffisante. D'ailleurs l'adage juridique[3] *tres faciunt collegium* nous apprend qu'il fallait au moins trois magistrats pour constituer un collège; donc, pluralité de collègues. On comprend alors que le graveur ne disposant pas d'assez de place pour les noms des quatre quatuorvirs se soit résigné à n'inscrire nominativement que leur doyen et à désigner les trois autres en bloc par le mot *conl(egae)*. La formule n'en est pas moins insolite et correspond vraisemblablement à une situation exceptionelle; contrairement à l'usage, le titre des magistrats n'est pas indiqué ainsi qu'on le voit marqué sur les monnaies municipales ou coloniales, suivant le cas, II VIR (Bilbilis, Ercavica, Osca, Saguntum, Tarraco, etc.), III VIR (Carteia), IIII VIR (Clunia), AED (Carteia, Clunia, Obulco, Saguntum). Pour expliquer cette apparente anomalie, j'ai songé[4] à une carence de magistratures, devenues vacantes toutes à la fois pendant une période électorale prolongée; on en a un exemple épigraphique remarquable dans le décret édicté par les décurions de la colonie de Pise pour un deuil public, á l'occasion de la mort de L. Caesar, petit-fils d'Auguste, *cum in colonia nostra propter*

[1] *Corp. Insc. Lat.*, II, 1727, 1728.
[2] Ibid., *Suppl.* b. 149.
[3] *Digesta*, 50, 16, 85.
[4] *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1883, p. 174.

Digitized by Google

contentiones candidatorum magistratus non essent (Wilmanns, *Exempla inscriptionum,* 883). A défaut de magistrats titulaires, ce sont les décurions qui pourvoient directement aux services de l'édilité et de la frappe des monnaies; mais leur grand nombre empêche qu'ils soient tous mentionnés sur la monnaie: la règle, suivant laquelle la liste complète des quatre quatuorvirs est inscrite sur les moyens-bronzes de Clunia, devient matériellement inapplicable à la totalité des décurions; dans ce cas, le premier d'entre eux, le *princeps municipii,* signe seul nominativement pour son compte, et collectivement pour ses collègues.

Feu Estacio Veiga lisait sur sa pièce [1], *Æsuri—M. Ant(onii) Antei conl(egarum)*, assemblage incompréhensible de mots inexactement déchiffrés ou mal complétés. M. Hübner a essayé d'améliorer cette lecture et de la rendre intelligible en la mettant sur la forme [2] *Æsuri—M. An(nius Ant(hus) et conl(ega)*; il n'y aurait aucun intérêt à la discuter, car ce serait répéter les arguments que j'ai développés à l'appui de ma lecture *Baesuri—M. Ant(onius) Ant(ullus) et conl(egae)*.

Il ne me reste qu'à dire quelques mots sur les types figurés: le poisson et les épis couchés.

Le poisson est l'emblème naturel d'une ville maritime; quant aux épis, ils symbolisent certainement la fertilité du territoire qui en dépend; nous ne sommes nullement surpris de les rencontrer ici, car la Bétique et la Lusitanie étaient d'une fertilité proverbiale qui explique la justesse du surnom de l'un de leurs principaux centres de production agricole, *Ebura quae Cerialis* (Pline, *Nat. Hist.,* III, 3, 5). Mais sur la monnaie de Baesuris on constate une particularité qui enlève au symbole des épis quelque chose de sa banalité habituelle: ces épis sont *couchés;* dans ce détail qui n'est pas indifférent je reconnais l'intention de figurer la moisson coupée par opposition à la moisson sur pied signifiée par des épis verticaux. Or, dans le sud de la Péninsule la moisson se fait en juin, vers le solstice d'été; ce serait donc pendant les fêtes rurales célébrées á cette occasion que la monnaie de Baesuris aurait été frappée.

Même observation pour celles de Bailo, Baisippo, Itugi, Iulia Traducta, Obulco, et Curri Regina, en Bétique et de Myrtilis en Lusitanie, caractérisées par un épi couché; pour celles d'Acinippo, Callet, Carmo, Ceret, Ilipla, Laelia, Lastigi, Onuba, Oster et Searo en Bé-

---

[1] *Corp. Inse. Lat.,* II, *Suppl.,* p. 785.

[2] *Monumenta linguae ibericae,* p. 136.

Digitized by Google

tique et de Salacia et en Bétique, marquées de deux épis couchés, comme celle de Baesuris.

Paris, 21 juin 1899.

Robert Mowat.

P. S. Pendant l'impression du présent article, la *Revue numismatique* a paru, contenant une note[1] que je lui avais communiquée pour rendre compte de la trouvaille monétaire d'Alcacer do Sal, *olim* Salacia, signalée par M. Leite de Vasconcellos. J'ai été amené à mettre en rapport les monnaies de Salacia avec celles de Baesuris et à reproduire quelques-unes des considérations que je viens d'exposer ici.

R. M.

Sêllo do padre-mestre Gonçalo Origiis, dominicano em Santarem

Este sêllo tem a fórma quadrilobada produzida pela intersecção de um quadrado com quatro circulos. É circumdado por uma legenda oncial gravada entre fios de perolas. Occupa a melhor parte do campo do sêllo o baptismo de Christo ladeado por seraphins; sob um arco trilobado, aos pés d'este grupo, um frade em meio corpo ergue as mãos ao céu.

A maior dimensão do sêllo, isto é, o diametro da circumferencia circumscripta ao seu contôrno, mede $0^{m},038$. Produz grande relevo ás figuras, pois a profundidade da gravura tem cêrca de $0^{m},002$.

A legenda nasce no alto, e corre da direita para a esquerda seguindo os accidentes do contôrno; os seus extremos são separados por uma +. Lê-se claramente o seguinte:

S·I·M̄DIGORRIGIEPORCIONARII·S̄CI:
NICHOLAY·S̄CAREN+,

Que quer dizer:

Sigillum magistri domini G. Orrigie porcionarii sancti Nicholay (=Nicholaij) *Sanctaren.*

---

[1] *Revue numismatique*, III, 1899, pp. 240-246: «Numismatique lusitanienne; Salacia, Baesuris».

Digitized by Google

D'esta legenda o M é a unica lettra que não é oncial. Na primeira syllaba de *Orrigie* e de *porcionarii* o R está ligado ao O; em *Sanctaren* tambem o R está ligado ao A que o precede; nesta palavra o gravador esqueceu abrir o córte central do E, que, por ser oncial, parece um C.

O baptismo de Christo é o assumpto da gravura.

Na direita S. João, olhando á esquerda, está envolto numa pelle que lhe cobre quasi toda a perna direita; com a mão direita faz a menção de tocar Christo, e, com o braço esquerdo erguido, despeja-lhe sobre a cabeça a ágoa contida em um enorme vaso. A perna esquerda, em acção de subir um degrau, parece querer apoiar o pé no ponto culminante do arco trilobado que cobre o frade e faz a base da composição do baptismo. Christo, de frente, com a cabeça circumdada pela aureola, está immergido até os joelhos nas ágoas do Jordão; tem as mãos postas e está nu da cintura para cima.

A figura de Christo apresenta todos os caracteres de muitas figuras da pintura gothica: cara redonda e gorda, claviculas e costellas muito apparentes, seios salientes, contorno das costellas, e mãos dispostas em arco ogival.

Os seraphins, de perfil, saindo de entre nuvens, com as suas asas elevadas, e mantendo os thuribulos oscillantes, emmolduram as figuras proeminentes de Christo e S. João Baptista.

O frade, em baixo, olha á esquerda; veste habito e está de mãos postas com os dedos muito desunidos. É o padre-mestre Fr. Gonçalo Origiis, beneficiado de S. Nicolau e dono do sêllo.

Foi achada a matriz em 1892 no pateo de um predio que deita para o largo de S. Nicolau, por occasião de umas escavações, e á mistura com muitas ossadas.

Os caracteres da legenda pela sua natureza e grupamento, o cavado da gravura, e a maneira do desenho das figuras, fazem prever uma

Digitized by Google

matriz do periodo que vae de cêrca do meado do sec. XIII ao terceiro quartel do sec. XIV.

Sobre Fr. Gonçalo Origiis extraimos do P.e Ignacio da Piedade e Vasconcellos o que vae ler-se e se encontra na sua *Historia de Santarem edificada.*

«Foi grande religioso em virtude e lettras, e era idoso em 1287. Em 1290 deu ordem regular ás irmães dominicanas de Santarem, as quaes governou com o titulo de prior, tudo por ordem do Geral, Fr. Munio, a quem Domingas João impetrou aquella graça por occasião do Capitulo geral reunido em Bordeus em 1287».

Foi pois Fr. Gonçalo Origiis quem lançou os habitos ás antigas emparedadas de junto de Nossa Senhora da Abobeda (cêrca de S. Francisco), ao tempo já com a denominação de Donas e no seu mosteiro do Sitio da Magdalena.

D'este mosteiro do sec. XIII pouco existe: as principaes edificações ficavam ao poente do actual convento.

Lê-se na *Historia da Ordem de S. Domingos* que as donas tem outro prior em 1298; deve d'aqui inferir-se que a morte de Fr. Gonçalo foi cêrca d'este anno.

Pelo sêllo do padre mestre Gonçalo Origiis vemos que elle foi beneficiado de S. Nicolau, devendo ter sido um dos seis collados e não dos cinco de S. Pedro, porque estes foram instituidos em 1371.

Pelo local do achado ficamos sabendo que aquelle — grande religioso em virtude e lettras — não foi sepultado no seu convento de S. Domingos, mas no adro da igreja onde tinha o beneficio.

Santarem.

A. B. de F.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

253. Infias[1] (Beira)

Letreiro antigo

«..... he constante que esta villa he a mais antigua que ha por estas vezinhanças pois a sua freguezia se estendia antiguamente athe a Carrapichana que hoje he do Bispado de Coimbra, e por esta re-

---

[1] *Infidias, Port. Mon. Hist., Dipl.*, p. 11.

Digitized by Google

zam, os moradores da hi estam obrigados a vir en Romaria a esta Igreja em todos os annos no primeiro Domingo de Maio, e a trazerem duas vellas de cera branca de offerta e consta por tradiçam antigua que eram obrigados a trazer dois cirios tambem. Ha em hua caza que esta no fundo da villa pera a parte do sul hua pedra que tem hum letreyro que por antigo se nam sabe ler»[1]. (Tomo XVIII, fl. 176).

254. São-João-de-Rei (Entre-Douro-e-Minho)

Pretendido Monte-de-Castro

«Tambem não vejo, pelo que toca a este numero, couza algũa de que informe, porque esta freguezia não tem muros nem castello; tem sim muitos montes estereis que somente dão hum mato muito rasteiro a que chamão carrascas e saganhos. E supposto a dita Corografia[2] falle em hũ monte do Crasto, que foi fortificação dos Romanos; eu lhe não vejo signaes de tal fortificação, ou vestigios alguns; nem ouço fallar nisso aos seus moradores, e mais vezinhos desta minha freguezia: e o informarião falsamente para assim o escrever». (Tomo XVIII, fl. 221).

255. São-Jordão (Alemtejo)

Cova

«..... no mayor dos quaes Outeiros a que chamam Serra da Espinheyra esta huma cova, aonde dizem estivera o Sr. João Jordão fazendo vida de Anacoreta; nam tem Igreja nem Ermida, se não só montes de pedras, telhas, que lhe levam os seos Devotos, e algumas cruzes: dista da Igreja Parochial hum quarto de Legoa». (Tomo XVIII, fl. 239).

256. São-Jorge (Beira)

Caldas antigas

«Não tem privilegios, nem antiguidades algũas, mais do que a tradição de que no Ryo Huyma que por ella passa no districto ou sitio do matto da Negrinha, Passais desta Igreja, houverão hũas caldas que se desfizerão por se romper hũa pedreira no mesmo sitio, no qual ainda ha

---

[1] [Eu o li quando lá estive ha annos.—J. L. de V.].

[2] Do P.e Antonio Carvalho da Costa.

Digitized by Google

signais de agoa tepida que curte linhos verdes em rama em tres ou quatro dias, sendo necessarios oito dias em outros sitios, e no tempo de verão se conhece hum laço por sima da agoa a modo de enxofre». (Tomo XVIII, fl. 243).

257. Juncal (Extremadura)

Assento primitivo

«Ha nesta Freguezia oyto Ermidas: a Primeyra de S. Miguel do Peral, distante da Parochia quasi de meyo quarto de legoa, hoje muyto pequena, mas com uestigios de alicerces de que antigamente foy tres vezes mayor do que hoje he; e perto della em hum alto (dizem) tivera este Povo o seu primeyro domicilio, que dezertou por falta de agoa. Pertence esta Ermida aos Freguezes; e nella costumão hir muytas pessoas, pela tradição e experiencia que ha de que o S. Miguel (Imagem antiga e pouco ornada) que nella se venera, tira as cezões, sem mais donativo, que a pequena e humilde offerta de hũ bolo cozido nas brazas ou lar, e repartido pelos pastorinhos, que de ordinario frequentão aquelle vizinho lavradio». (Tomo XVIII, fl. 283).

258. Junqueira (Entre-Douro-e-Minho)

Cidade de Brachal no monte da Cividade

«He do termo de Barcellos da Serenissima Caza de Bragança, hinda que actualmente contendem os Religiozos do Mosteiro da mesma freguezia que são da Congregação reformada de Santo Augostinho por que esta freguezia seja Couto, e o seu Mosteiro, senhor donatario delle, fundados em hũa doacam do Senhor Rey D. Affonso Henriques, a qual se acha no Cartorio do mesmo Mosteyro, cuja cauza corre com a Camara da mesma villa de Barcellos». (Tomo XVIII, fl. 303).

«No monte da Cividade asima referido houve antiguamente hũa Cidade chamada Brachal ou Brachalense, ou por outro nome de Azeroso, e pella parte do Norte lhe ficava por sua defensa hum castello que se chamava de Argifonso, e hoje com pouca corrupção se chama o Castello de Gifonso, e desta Cidade e Castello so aparecem hoje alguns vestigios[1]. (Tomo XVIII, fl. 305).

---

[1] *Brachalense* é evidentemente *Bracharense* ou territorio de Bracara. No *Port. Mon. Hist.* ha cinco citações do *Castro Argifons.*

Digitized by Google

259. Jurumenha (Alemtejo)

Vestigios

«Esta villa tem a sua derivação e etimulogia (segundo a openião e voz dos antigos) de hum Homem chamado Jullio Menia, ou de hũa Molher chamada Juramenha; que hoie (corructo vocabolo) he Juromenha». (Tomo XVIII, fl. 311).

«Em contorno da Villa forão achados muntos alisserces, columnas, e bazes, no que mostra ter sido antiguamente lugar nobre e grande, o que já hoie não he». (Tomo XVIII, fl. 315).

260. Juvim[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Castello de Aguiar e Cidade de «Ripa Fideli»

«Desta freguezia procede a Caza dos Morgados de Attaens, e nella tem hũa quinta chamada de Attaens, que he o seu solar, e deixada a opinião de alguns curiozos que dizem que Attaens[2] tomou o nome de Attaces, Rey dos Alanos, quando veyo contra Hermenerico, Rey dos Suevos thé o rio Douro..... etc.» (Tomo XVIII, fl. 333).

«No alto do monte, que hoje chamã de Aguiar, por sima da aldeya de Cabanas, se acha hum terreno que parte pertence a esta freguezia, e parte a freguezia de São Cosme e por esta parte tem o loguar chamado de Aguiar tambem na descida do mesmo monte, e no alto dito houve em outro tempo hum Castello chamado de Aguiar, o que consta não só por fama mas tambem por cauza de alguns campos de varios lauradores reterem ainda hoje a denominação de Campos do Castello, e terem se tirado daquelle citio munta pedra lavrada.

Pello que julguo que naquelle citio era o em que existia o Castello chamado antiguamente de Aguiar, e os moradores destas partes e dito Castello tiverão grandes guerras e choques com os moradores da Cidade antigua denominada *Ripa Fidelis*[3] sobre o Rio Douro, e mais proxima ao Rio Souza do que pareceo ao P. M. Fr. Manoel Leal no seu Crisol purificativo ainda que teve sufficiente fundamento pera assim o entender, como tambem do dito Castello pellos fundamentos asima expostos, fica sem duvida ser aquelle o proprio citio do dito Castello,

---

[1] *Iuvini*, genitino de *Iuvinus*. *Port. Mon. Hist., Dipl.*, p. 3.

[2] Vem de *Atanis*, genitivo de *Atan*. Francês *Attainville*.

[3] Talvez seja *Pena Fidelis*, hoje localizada na Arrifana-do-Sousa.

Digitized by Google

e a Cidade *Ripa Fidelis* na freguezia do Sousa, medeando o dito Rio Souza entre a Cidade e Castello dito. E sobre a dita Cidade não me extendo por me não pertencer. Só o dizer que por extinção desta e da Povoação do Castello se erigio a Villa de Arrifana de Souza; cuja fundação e colonia nova se attribue ao valor de D. Fayão Soares..... etc.» (Tomo XVIII, fl. 338).

261. Izeda (Tras-os-Montes)

Cidade de Medea

«Tem tres Ermidas, hua de Santa Eulalia dista do lugar meya Legoa situada em hũas vinhas há tradição que foy antigamente hũa Cidade chamada Medea de que ainda parecem vestigios; .....» (Tomo XVIII, fl. 334).

262. Santo-Isidoro (Extremadura)

Inscripção romana

«..... por tradições e algũs vestigios foy esta terra de nome em tempos antigos por serem então navegaueis os dous rios della; o do sul hũ quarto de legoa, e o do norte hũa legoa donde vem o chamarse o lemite desta Igreja em escriptos antigos — Santo Izidoro em Ilhas, termo de Mafra — assim conserva o Rio do Sul o nome de *Ribeyra de Ilhas;* e o lugar de Paço de Ilhas — por estar neste lugar hũ Palacio arruinado dos Ex.^{mos} Condes da Ericeyra. E o rio do norte conserva o nome de *Fanga da Fé*[1]; por ter ahi havido alfandega em distancia do mar hũ quarto de legoa. Nesta terra deixarão os Romanos sua memoria que se acha escripta com letras Romanas em hũa pedra de oyto palmos de comprido e quatro de largo que esta no Altar do Espirito Santo na forma seguinte[2]: (Tomo XVIII, fl. 355).

263. Lagares (Beira)

Etymologia popular

«Esta terra está entre dois rios hum chamado o Cobral porque antigamente junto d'elle andava huma cobra mui grandissima que matava os homens.....»[3] (Tomo XIX, fl. 50).

---

[1] Effectivamente, numa inquirição sem data, que parece ser muito antiga, vem Fandegadafe. *Memorias para a historia das Inquisições, etc.* (J. Pedro Ribeiro, p. 13 dos Documentos.

[2] Publicada no Supplemento do *Corp. Inscr. Lat.*

[3] O mesmo conta o Cura de Lageosa a fl. 62.

Digitized by Google

264. Lagos (Algarve)

Ruinas

«A terra que se descreve he a Cidade de Lagos, a qual ou fosse edificada por El Rey Brigo que governou as Espanhas..... etc. e tambem he certo que foy edificada junto ao citio do Paul, distante da povoaçam que hoje existe pouco mais ou menos de huma milha. Teve por nome Lacobriga ou Lago de Brigo, talvez, por estar junto a huns campos pantanozos que hoje se chamam Paul, ou porque junto á mesma povoaçam pella parte do nascente estava huma fonte chamada hoje Arca do Paul de que esta Cidade se provê e da qual se dezia antigamente que se a arte nam compremisse as suas agoas bastariam ellas para innundar a mesma Cidade, ainda que fique distante.

No lugar desta povoação não se ve hoje mais que huns pardieyros alguns pequenos alicerses de cazas e muitos tijolos indicio de que forão edeficados os seos Palacios. Tambem parese não ser esta povoaçam de muita grandeza, porque o citio ainda que acomodado para mayor entemçam com tudo he de sua natureza aspera pela vezinhança dos montes, e serros e doentio pella proximidade do Paul, e ainda hoje os moradores que habitão junto delle padesem o effeito da sua vezinhança deste citio, não se sabe o tempo da sua duração e menos a cauza que ouve para que totalmente se extinguise de sorte que apenas se sabe que existio». (Tomo XIX, fl. 117).

Pedro A. de Azevedo.

Notícias várias

1. Ponte de Olivença (Elvas)

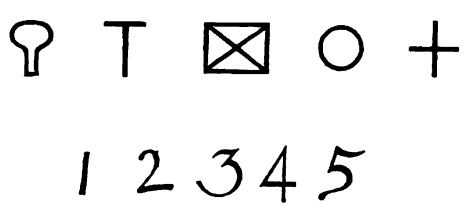
A proposito de uma pergunta feita n-*O Archeologo Português,* o meu amigo Antonio Thomás Pires, de Elvas, que não perde um unico ensejo de prestar serviços á sciencia portuguesa[1], enviou-me a seguinte communicação:

---

[1] Antonio Thomás Pires é auctor de muitos trabalhos sobre ethnographia portuguesa, aos quaes me referi nos meus *Ensaios Ethnographicos,* I, 329 sqq. Ultimamente publicou os interessantes *Materiaes para a historia urbana portuguesa* do sec. XVI–XVIII (vid. *Boletim da Sociedade de Geographia,* 1897, pag. 703 sqq.); agora tem no prelo os *Cantos populares do Alemtejo,* obra monumental, e acaba de colligir, para ser publicado na *Revista Lusitana,* onde o será em breve, um *Vocabulario Alemtejano.*

Digitized by Google

No vol. I, pag. 64, d-*O Archeologo Português* disse o meu amigo constar-lhe, que na freguesia da Ajuda d'este concelho havia, debaixo da ponte[1], algumas pedras com lettras, e pedia que lhe fossem dadas informações mais precisas a semelhante respeito. Tive ensejo de proceder directamente á investigação, e conheci que, de facto, nas pedras de cantaria de um dos pilares dos arcos derrubados da ponte, ha lettras e numeros, mas representam as siglas ou marcas dos canteiros (cf. O *Arch. Port.,* IV, 108). Eis a configuração de algumas d'essas siglas:



1 2 3 4 5

2. Sepulturas romanas em Marco de Canaveses

Um amigo meu, muito dedicado aos estudos archeologicos, teve a bondade de me communicar o seguinte em carta (1898):

«Ha tempos appareceram no Freixo, em uma sorriba, varios objectos de louça e vidro. Fui lá logo; mas perdi o meu tempo. Um objecto de barro cozido, que descreveram de modo que faz suppor que se trata de um galheteiro, ou cousa parecida, tinham-no dado para o Porto; outros objectos, a que chamavam tijellas e que continham ossos, quebraram-nos, na fórma do costume, e enterraram tudo na sorriba; um copo de vidro, que estava ao pé de uma das taes tijellas, partiu-se casualmente, e d'este conservo uns pequeninos cacos que restavam. Todos estes objectos estavam dentro de sepulturas de fórma circular, de pequeno diametro, abertas no solo, a pequena profundidade. Ha annos, a uns 30 ou 40 metros arredados d'ali, vi eu uma outra sepultura do mesmo genero, que estava revestida interiormente de grandes pedaços de *tegulas,* e continha uma linda e variada mobilia funeraria, que remetti para o Museu de Guimarães».

J. L. de V.

---

[1] É a ponte chamada de Olivença (construcção de D. Manoel), ponte em parte destruida pelos castelhanos, em 1709, por occasião da guerra da Liga.

Digitized by Google

VOL. V 1899-1900 N.º 2

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1900

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Archeologia do Alto-Minho: 33.
Novas inscripções ibericas do Sul de Portugal: 40.
Inscripção sepulcral romana: 42.
Inscripção romana de Ossonoba: 43.
Aula de archeologia no Seminario Diocesano de Bragança: 44.
Numismatica colonial: 47.
Cornelius Bocchus: 49.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 49.
Bibliographia: 52.
Contos para contar: 52.

Este fasciculo vae illustrado com 6 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V 1899-1900 N.º 2

Archeologia do Alto-Minho

Dadiva ao Museu Ethnologico Português

O meu amigo o Sr. Dr. Felix Alves Pereira, a quem o *Archeologo Português* deve importantes artigos sobre archeologia do Alto-Minho, e que tinha organizado em sua casa, nos Arcos-de-Val-de-Vez, uma collecção archeologica regional, dignou-se offerecê-la toda ao Museu Ethnologico Português. Não ha palavras com que elogiar sufficientemente o acto de generosidade e de abnegação praticado pelo Sr. Dr. Alves Pereira. Ao passo que existem colleccionadores tão aferrados a meia duzia de cousas que lhes chegaram ás mãos, que não só as não dão aos estabelecimentos publicos, que, por serem publicos, são de toda a gente que os queira frequentar e estudar, mas chegam mesmo por vezes ao ponto de nem sequer as mostrarem a quem deseje vê-las,— o Sr. Dr. Alves Pereira cedeu em proveito do Museu Ethnologico Português, com a maior franqueza e a melhor vontade, os numerosos objectos que possuia, e que lhe haviam custado não pouco dinheiro, cuidado e trabalho.

O Museu Ethnologico Português, onde é meu intento ir pouco a pouco reunindo exemplares archeologicos de differentes localidades do país, estava ainda muito pobre em relação á provincia do Minho; agora, com esta bella dádiva, fica a archeologia do Alto-Minho já bem representada lá.

Para que os leitores possam fazer ideia do merito da collecção, aqui publíco o inventario circumstanciado, que a acompanhava, e que foi obsequiosamente elaborado pelo proprio Sr. Dr. Alves Pereira.

J. L. DE V.

Digitized by Google

I.—Objectos que já entraram no Museu

1 *a*—Fragmento de um machado de bronze; appareceu na quinta da Commenda, freguesia de Tavora. Vid. *Arch. Port.*, IV, 88.

1 *b*—Fragmento do mesmo machado.

1 *c*—Fragmento do mesmo machado.

2—Carranca de bronze. Vid. *Arch. Port.*, II, 319.

3—Alfinete de bronze, proveniente do Castello de S. Miguel-o-Anjo (Azere). Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 15. (Mede 0^{m},085 de comprimento).

4—Argolinha de bronze; mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 22.

5—Argola de bronze; mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 237. (Mede 0^{m},036 no diametro exterior). Cfr. Mortillet, *Musée préhistorique*, LXXXV–976, em que se vêem identicas, pertencentes a arreios de cavallos.

6 *a*—Pedaço informe de bronze; mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 234.

6 *b*—Pedaço informe de bronze; id., id.

7—Fragmento de vaso de vidro; mesma procedencia. Conservação perfeita, sem patina nem côr alterada. Vid. *Arch. Port.*, I, 166.

8 *a*—Fragmento do bordo de um vaso metallico (será cobre?); mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 234.

8 *b*—Fragmento provavel do mesmo vaso.

9—Varios pedaços de ferro, dos quaes um parece ser um fragmento de *clavus*. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.os 14, 16 e 24.

10—Fragmento de vaso de barro; mesma procedencia. Tem ornamentação composta de dois traços ao redor do vaso; vestigios de terceiro; entre dois d'elles ha uns pequenos riscos enfileirados obliquamente e parallelos. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 34.

11—Fragmento de vaso de barro; mesma procedencia. Tem uma fileira de pequenos riscos obliquos e parallelamente outra de cruzes inscriptas em circulos, ornamentação feita a sinete. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 20, e Mortillet, *Musée préhistorique*, pl. XCVIII–1232. Aqui são *swastikas*.

12—Dois fragmentos collados de vaso de barro; mesma procedencia. Ornados de uma fileira de pequenos traços obliquos; de outra com as mesmas marcas do n.º 11 e de terceira com um zig-zag. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 17.

13—Fragmento de vaso de barro da mesma procedencia. Mostra duas faxas limitadas por traços; em uma ha uma *espinha de peixe* e

Digitized by Google

na outra um zig-zag duplo e cruzado, que forma losangos. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 11.

14—Fragmento de têsto de barro, tendo resto de uma *espinha de peixe* em circulo. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 25.

15—Fragmento de vaso de barro; mesma procedencia. Tem restos de uma simples ornamentação composta de uma serie de petadelas em redor do vaso.

16—Fragmento de vaso de barro; mesma procedencia. O barro é de inferior qualidade e ennegrecido; tem vestigios de um traço em ondulações e dois orificios estreitos.

17—Pedaço de barro circular, como esboço de *fusaiola*. Mesma procedencia.

18—*Fusaiola*. Mesma procedencia. Vid. *Arch.*, I, 167, fig. 2, n.º 24.

19—*Fusaiola* apenas começada a perfurar. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 13.

20—Fragmento de pequeno vaso de barro fino; tanto interior como exteriormente foi aperfeiçoado e alisado. Mesma procedencia.

21—Fragmento de prato de barro chamado *Saguntino*. Tem vestigios de ligeira ornamentação. Mesma procedencia.

22—Fragmento de vaso de barro claro, evidentemente importado e feito com esmero. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 26.

23—Fragmento de vaso de barro com filetes salientes. Mesma procedencia.

24—Fragmento de pequenissimo vaso de barro claro, pintado só exteriormente de negro; parece have-los analogos de Sabroso. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 12.

25 *a*—Fragmento de vaso fino de barro claro, pintado interna e externamente de preto. Mesma procedencia.

25 *b*—Fragmento pertencente ao mesmo vaso.

26—Fragmento de vaso de natureza identica ao n.º 22. Mesma procedencia.

27—Fragmento de vaso da mesma natureza e procedencia.

28—Fragmento pequeno de vaso bojudo de barro claro, pintado só exteriormente de preto. Mesma procedencia.

29—Fragmento de têsto de barro. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 29.

30—Fragmento de pequeno pucaro de barro, pintado exteriormente e na bôca tambem interiormente de vermelho; tem asa. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 18.

Digitized by Google

31—Fragmento de pequeno pucaro de barro. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 30.

32—Fragmento de pequeno vaso bojudo, com vestigios de exposição ao fogo e duas estrias que parecem abertas em sêcco. Mesma procedencia.

34—Fragmento de pequena taça de barro muito grosseiro. Mesma procedencia.

34 *a*—Asa de vaso que não é de fabricação local ou regional pela natureza do barro. Está coberta de uma aguada côr de tijolo. Mesma procedencia.

34 *b*—Asa igual, provavelmente do mesmo vaso.

35—Fragmento de vaso pequeno com resto de asa. Mesma procedencia.

36—Asa de grande vaso de barro, com aguada côr de tijolo. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 4.

37—Bordo de grande vaso de barro micaceo. Tem na parte interna ornamentação feita a dedo representando um traço cruzado com outro e um pequeno circulo. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 8.

38—Fragmento de tijolo ou tegula, tendo impressões das patas de um cão. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 38.

39—Metade de pucaro de barro com asa que se ramifica em tres nervuras sobre o bojo. O gargalo é alisado á espatula. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 27. Tem em redor duas estrias que parecem abertas em sêcco. Esta fórma existe ainda ao presente.

40—Fragmento de um pucaro do mesmo modelo. É todo alisado á espatula. Mesma procedencia.

41—Fragmento de bordo de grande vaso de barro; boa cozedura. Mesma procedencia.

42—Fragmento de bordo de grande vaso de barro; cozedura imperfeita; vestigios de asa de ferro. Mesma procedencia.

43—Fragmento de vaso que parece ser o do n.º 42: é parte do fundo e do bojo; teve tambem pés de ferro.

44—Fragmento de fundo de vaso igual aos precedentes; vestigios de pé de ferro cravado directamente no fundo. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 7.

45—Fragmento de bordo de vaso identico; vestigios de peças de ferro cravadas. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 6.

46—Fragmento de bordo de vaso grande de barro; tem na parte interior duas marcas, profundas, feitas com puncção, representando uma

Digitized by Google

cruz em relevo inscripta num circulo; iguaes ás que ornam os fragmentos n.os 11 e 12. Mesma procedencia. Vid. *Arch.*, I, 157, fig. 2, n.º 31.

47—Fragmento de grande vaso de barro, tendo marca analoga na parte interna do bordo. Mesma procedencia.

48—Fragmento de grande vaso de barro com tres grossos filetes salientes e parallelos. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 10.

49—Fragmento de vaso ornamentado com serie de pontos pequenos e um sulco em zig-zag, marcado por pontos nos angulos. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 28.

50—Fragmento do pé de uma amphora, tendo um signal feito em sêcco. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 19.

51—Fragmento de bordo de grande vaso com asa interior. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 33.

52—Fragmento analogo. Tem ainda na parte convexa e exterior depositos de fuligem. Mesma procedencia.

53—Têsto de barro mal cozido e feito sem roda, ao que parece. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 1.

54—Fragmento de vaso baixo e largo; muita mica. Mesma procedencia.

55—Fragmento de vaso bojudo, tendo orificio de suspensão no bordo; tem exteriormente deposito de fuligem. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 35.

56—Fragmento identico.

57—Fragmento de vaso bojudo e bôca estreita, de barro. Mesma procedencia.

58—Fragmento de uma *tegula*, com a impressão das patas de um porcó ou cabra. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 234.

59—Fragmento de vaso de barro muito ornamentado com pequenos traços em zig-zags contiguos; parece fabricação regional. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 237.

60—Pequena esphera de barro, perfurada, tendo um hemispherio ornado de pequenos traços no plano do diametro perfurado, feitos em sêcco. Mesma procedencia. Talvez conta de colar; ha no Museu analogas em azeviche, quartzo, etc.

61—Instrumento de pedra de uso desconhecido. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 173, fig. 3, n.º 2.

62—Instrumento de pedra analogo ao precedente e documentando-se os dois reciprocamente. Vid. *Arch. Port.*, I, 173, fig. 3, n.º 3.

63—Instrumento contundente de pedra. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 173, fig. 3, n.º 1.

Digitized by Google

64—Instrumento contundente de pedra. Mesma procedencia.

65—Instrumento de pedra. Mesma procedencia.

66—Instrumento de pedra. Mesma procedencia.

67—Instrumento de pedra. Mesma procedencia.

68—Instrumento de pedra de uso analogo. Mesma procedencia.

69—Instrumento de pedra.

70—Instrumento de pedra que parece ter servido de pedra de amolar. Mesma procedencia.

71—Pedra de funda. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.,* I, 173, fig. 3, n.º 6.

72—Pedaço de escumalho de forja. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.,* I, 164, nota 2.

73—Fragmento de machado (?) de pedra em piçarra amphibolica. Procede do *Castro de Alvora,* freguesia do concelho.

74—Fragmento de tegula com tres ensaios de perfuração caracteristica. Procede do Castello (castro) de *Rio Frio,* freguesia do concelho. Foi colhido do chão.

75—*Pondus* de barro. Procede do Castro de S. Thiago de *Cendufe,* freguesia do concelho.

76—Fragmento de um objecto de barro, provavelmente vaso grande, tendo numa aresta a impressão das pontas dos dedos; abrange sete depressões. Provém de *Antr'os-Crastros,* freguesia de S. Vaya de Rio de Moinhos, mesmo concelho.

77—Instrumento de granito, com a fórma de esphera achatada e tendo signaes de uso de um lado. Parece servir para triturar grão. Provém do *Côto da Corôa,* freguesia de Ermello.

78—Objectos identicos ao anterior, mas de menores dimensões. Foram encontrados ambos numa antella ou cista, segundo à narração dos achadores analphabetos.

79—Machado de pedra polida, em fibrolithe (?). Diz-se proveniente do concelho, ignorando-se condições do achado.

80—Pedaço de pedra que parece ser fragmento de mó ou de triturador. Provém do Castello de S. Miguel-o-Anjo, freguesia de Azere. Tem signaes de uso em duas superficies oppostas.

81—Pedaço de granito que parece ter sido fragmento de um triturador ou amolador. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.,* IV, 235, fig. 1, n.º 8.

82—Pedaço de granito com uso identico. Mesma procedencia.

83—Pedaço de granito molle, de fim pouco reconhecivel; parece uma mó pequena. Mesma procedencia. Vid. *Arch.,* IV, 235, fig. 1, n.º 7.

Digitized by Google

84—Pedaço de granito; parece fragmento de amolador ou antes triturador de grão. Mesma procedencia.

85—Pedaço de granito analogo ao anterior.

86—Machado de bronze. Quebradas as aselhas e a cabeça. Provém do sitio do Auditor, concelho de *Ponte da Barca.*

II.—Objectos que, por difficuldade de conducção, ainda não entraram no Museu

a)—Uma pedra circular lavrada com o desenho de roseta ou estrella hexagonal e apresentando ainda vestigios de pintura atijolada. Este desenho, que parece ter origem oriental, ainda se vê perpetuado hoje na mesma região minhota, entalhado em almofadas das portas etc., e é vulgar em pintura nas carroças de Lisboa. Proveniente de Azere. Vid. *Arch. Port.,* I, 166, fig. 1.

b)—Um pequeno cippo de granito com inscripção em tres faces. A inscripção é de certo legivel a um epigraphista perito. Parece-me lerem-se entre outras estas palavras ...CARO... CONS... e algumas siglas de abreviaturas usadas na epigraphia romana. Adduzo isto unicamente para a identificar, visto achar-se ainda (Janeiro de 1900) em meu poder. Provém das paredes da capella de S. Cypriano, situada nas vertentes de Crasto de Roboreda (freguesia de Santa Vaya).

c)—Duas grandes *tegulae,* medindo uma $0^m,31 \times 0^m,39 \times 0^m,5$ e outra $0^m,32 \times 0^m,35 \times 0^m,46$; esta tem na parte mais estreita tres riscos convergentes e aquella dois traços sinuosos e parallelos no sentido do comprimento da *tegula.* Ambas as ornamentações são feitas a dedo. Provém de um local, onde parece ter havido um antigo cemiterio christão, Samjoanne, freguesia de Parada.

d)—Dois pedaços de mós dormentes de granito. Provém de Azere, do castello de S. Miguel-o-Anjo.

e)—Um fragmento de fuste de columna(?) de secção elliptica. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.,* IV, 235, fig. 1, n.º 2.

f)—Um grande seixo partido que parece ter servido de triturador. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.,* IV, 235, fig. 1, n.º 1.

g)—Uma pedra pequena, mostrando ao meio uma covinha. Vid. *Arch. Port.,* IV, 235, fig. 1, n.º 3. Mesma proveniencia.

h)—Um juntoiro de granito, medindo de comprimento $0^m,45$. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.,* IV, 235, fig. 1, n.º 5.

i)—Pedaço de granito que parece ter servido de triturador. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.,* IV, 235, fig. 1, n.º 4.

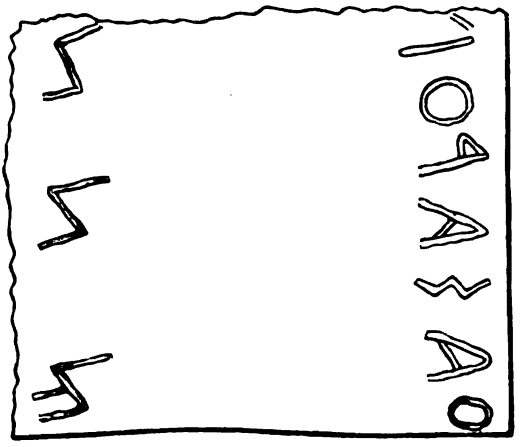
j)—Pedaço de granito analogo ao antecedente, embora de menores dimensões. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.,* IV, 235, fig. 1, n.º 6.

Digitized by Google

Novas inscripções ibericas do Sul de Portugal

2. Inscripção de Salir

Em 1897 appareceu na fazenda das Lagoas, freguesia de Salir, concelho de Loulé, reino do Algarve, uma sepultura rectangular feita de pedras postas de cutello, a qual tinha á cabeceira, a pino, uma lapide que foi quebrada, mas de que resta parte em poder do Sr. Prior de Salir, na qual se lê a seguinte inscripção, que copiei do proprio original:



A lapide é de schisto, e mede de altura 8,5 pollegadas, e de largura 9 pollegadas. Está quebrada em dois lados, como se vê na figura junta.

O facto de esta lapide estar a pino confirma o que eu disse n-*O Arch. Port.*, III, 186, á cêrca da posição primitiva e uso da lapide iberica de Bensafrim, descrita *ibidem*.

A inscripção de Salir lê-se como a de Bensafrim, isto é:

indo da direita para a esquerda, e de baixo para cima, seguindo depois para baixo, conforme o que já se notou n-*O Archeologo*, ibid., e o que indicam as settas no eschema precedente.

Digitized by Google

Na occasião em que eu copiava a inscripção, informou-me um individuo, que estava presente, e que assistiu ao apparecimento da sepultura, que no fim da 1.ª linha havia uma haste, que dava á lettra que lá se vê o aspecto de N; a informação foi-me ministrada sem eu a pedir, por isso não duvido d'ella.

Temos pois:

1. ᛋOᚹAᛊAO
2. ᛋᛋᛋ

o que transcrito nos nossos caracteres corresponde ao seguinte:

1. *n o r a s a o*
2. *i n n*

ou, da esquerda para a direita, segundo a nossa maneira de escrever:

oasaron.....nni

Comparando esta inscripção com a de Bensafrim, achamos que se esta termina em *nii,* a de Salir termina em *nni* (creio que é *nni,* e não *nii;* pelo menos na minha cópia tenho ᛋᛋᛋ e não ᛋᛋᛋ), e achamos em commum ás duas os elementos *saro* e *oa.*

Do que fica dito conclue-se que as duas inscripções pertencem sem dúvida á mesma civilização, e aos tempos protohistoricos.

Ao Rev.do Prior de Salir agradeço o haver-me facultado o exame da sua lapide, e tomo a liberdade de lhe manifestar o meu desejo de que, se um dia resolver desfazer-se da lapide, se lembre do Museu Ethnologico Português, por ser estabelecimento do Estado, pertencente pois a nós todos, e já lá haver monumentos congeneres, a que convem, no interesse da sciencia, associar outros que forem apparecendo.

*

Eis aqui mais algumas notícias archeologicas que colhi em Salir.

Perto d'esta aldeia ha uma montanha, chamada pleonasticamente Rocha-da-Pena, que, pelo que me disseram, é um castro. Por esses sitios tem apparecido varios machados de pedra polida.

Do sítio de Palmeiros, da mesma freguesia, provieram varios objectos antigos de metal (figuras de animaes), tegulas e imbrices. D'ahi proveiu ainda uma moeda arabe.

Digitized by Google

Tambem em poder do Sr. Prior existe uma lapide (cippo) de uns 2 palmos de altura, e de 1 de largura, com uma inscripção romana bastante çafada, em que só pude ler o seguinte:

1. VC...ı...VM
2. ˎVPMIGVS
3. .....VI'NV
4. .....OLIRI..

Linha 1.ª Lembra VOTVM; mas ha espaço de mais para T.

Linha 2.ª A 1.ª lettra será S; a 3.ª será R; a 4.ª será M. Certa é apenas a terminação ICVS, ou IGVS.

Linha 3.ª Talvez *Paulinus* como me suggere o Sr. Hübner.

Linha 4.ª Depois do O parece haver U, mas será LI.

Não me atrevo a fazer conjectura nenhuma sobre esta inscripção. Se a pedra estivesse em Lisboa, onde eu a podia estudar com descanso, talvez apurasse outra leitura melhor.

Creio que o cippo foi achado nos arredores de Salir.

J. L. de V.

Inscripção sepulcral romana

.....
....ALERIM.....
SIMIQVIR
....OLLıPONEM...
ANN XX
FLAVIA MAXSı
MATER FILIO
P C

Inedita. Comquanto mutilada, não offerece difficuldades na leitura. Encontrei-a em Setembro de 1898 no logar das Debarbas, freguesia de Maceira, aldeia vizinha de Leiria. Outras inscripções romanas tem sido por mim descobertas nas proximidades d'aquelle logar, e se vêem publicadas pelo Sr. E. Hübner, da Academia de Berlim, no *Corp. Inscr. Lat.,* no *Addit. ad Corp. Inscr. Lat.,* ou na *Ephemeris epigraphica,* para onde as enviei. Tenho adquirido todos estes cippos por compra, e mandei-os conduzir para minha casa, no Juncal, a fim de os offertar um dia a qualquer instituto que os aprecie.

Digitized by Google

Este cippo, que é tambem de marmore rosado e igual aos outros que encontrei, apresenta maiores dimensões.

Mede $0^m,55$ de largo e $0^m,47$ de espessura; e pela disposição da inscripção vê-se que deveria ter a altura superior a $1^m,50$.

Os caracteres são do tempo de Augusto; o corpo da lettra tem $0^m,06$.

É singular que em quasi todas as inscripções encontradas nas vizinhanças de Maceira se notam plebeismos, que não deixam de ser interessantes ao estudo orthoepico da lingoa.

Salvo melhor interpretação, póde traduzir-se:

Aos manes de Valerio Maximo, da tribu Quirina, natural de Collipo, que morreu de vinte annos, sua mãe Flavia Maxima erigiu este monumento.

Juncal, Maio de 1899.

José Callado.

Inscripção romana de Ossonoba

Por diligencia de Monsenhor Conego Pereira Botto foi ha tempos para o Museu do Infante D. Henrique, de Faro, a seguinte inscripção, que copio de um calco que da mesma me foi offerecido pelo Sr. Luciano Cordeiro, — inscripção encontrada nas muralhas d'aquella cidade:

IMP CAES
L♁DOMITIO
AVRELIANO
PIO♁FEL♁AVG
P♁M♁T♁P♁P♁P
II♁COS♁PRᴼC
R♁P♁OSSONOB
EX DECRETO
ORDIN
D♁N♁M♁EIVS
D♁ D

Isto é: *Imp(eratori) Caes(ari) L(ucio) Domitio Aureliano, Pio, Fel(ici), Aug(usto), P(ontifici) M(aximo), T(ribunicia) P(otestate), P(atri) P(atriae), II co(n)s(uli), Proc(onsuli), R(es) P(ublica) Ossonob(ensis), ex decreto Ordinis, d(evota) N(umini) M(ajestatique) ejus, d(edit), d(edicavit).*

Digitized by Google

Traducção da inscripção:

Ao Imperador Cesar Lucio Domicio Aureliano, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice Maximo, investido da auctoridade tribunicia, pae da patria, por duas vezes consul, proconsul, — a communidade (ou, como quem dissesse, o *concelho*) *de Ossonoba, addicta ao poder e majestade d'elle, offereceu-lhe e dedicou-lhe, por decreto dos decuriões,* [*este monumento*].

O monumento era certamente uma estátua, de que a lapide com a inscripção constituia a base.

Ao mesmo imperador, que governou entre 270 e 275 da era christã, se referem outras inscripções de analogo teor, achadas na Peninsula, e publicadas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2201, 4506 e 4732. Semelhante a esta aqui publicada é a que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1, tambem de Faro, mas referida a Publio Licinio Valeriano.

A fórmula final, que aqui se acha escrita com as simples iniciaes, acha-se completa noutras inscripções: vid., por ex., o *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3555: DEDIT DEDICAVIT. Da expressão *ex decreto Ordinis* sc. *Ossonobensis*, vid. outros exemplos no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1162 (indice). Á cêrca do titulo *proconsul*, dado ao imperador, cfr. Cagnat, *Traité d'épigraphie romaine*, 2.ª ed.

*

Não é esta a unica inscripção romana extrahida dos muros de Faro; ha outras, de várias especies. Ainda hoje, quem passeia por junto da muralha, do lado da praia, vê nella, aqui e alem, varios marmores antigos, que devem ter, como o de que aqui se trata, pertencido á velha Ossonoba. De modo que dos muros de Faro póde dizer-se o que Cornelio Nepos, na Vida de Themistocles, cap. VI, diz dos da cidade de Athenas: *quo factum est, ut ..... ex sacellis sepulcrisque constarent.*

J. L. de V.

Aula de archeologia no Seminario Diocesano de Bragança

«Já noutra occasião dissemos neste jornal que era principalmente ao clero, tendo á sua frente o seu illustre e venerando Prelado, que se devia o accentuado movimento pelos estudos archeologicos, nesta diocese, a ponto de em pouco tempo se ter enriquecido, com verdadeiras preciosidades o Museu Municipal, que, sem dúvida, já hoje

Digitized by Google

attrae a attenção de todos pelos objectos curiosos e interessantes que contém.

Não se limitou, porém, Sua Ex.ª Rev.ma a fazer recommendações e a manifestar os seus bons desejos e interesse por este assunto, como o fez com a publicação da sua notavel *Circular Archeologica*[1], que teve os justos e merecidos applausos tanto da imprensa jornalistica, como scientifica; a sua illustração e amor pelo desenvolvimento d'esta sciencia levou-o a tornar obrigatorio o seu ensino no Seminario, creando a cadeira de Archeologia e Iconographia annexa á de Historia Ecclesiastica. É este melhoramento de tal modo importante e de tanto alcance, que não passará despercebido aos que desejam ver crescer o nivel intellectual de um povo, e especialmente aos que se dedicam e trabalham pelo progresso da sciencia archeologica. É incontestavelmente um facto culminante da historia d'esta diocese, que muito ennobrece e engrandece o episcopado português.

Só o demasiado ignorante é que julgará que a archeologia é estudo esteril, de mera curiosidade e sem principios; quando é certo que é verdadeira sciencia, que elucida, esclarece e completa a historia; que nos diz o viver das gerações passadas; que finalmente nos fornece elementos importantissimos de progresso, e nos educa o gosto artistico.

Não é sciencia facil, como á primeira vista parece; é difficil e muito complexa, pois requer conhecimentos de *paleontologia, geologia, ethnographia, linguistica,* etc., emfim de quasi todos os ramos do saber humano.

Já vêem, portanto, os brigantinos o importantissimo serviço que o seu venerando Prelado acaba de lhes fazer, promovendo a educação do seu clero de maneira que o habilite para poder concorrer pelos seus conhecimentos archeologicos para o progresso de sciencias neste bispado.

O reverendo parocho, de futuro, nesta diocese, não representará só o pastor que guia as almas e as educa nos mysterios da religião, será tambem obreiro da sciencia, que guardará e tornará conhecidos os elementos interessantes e curiosos da arte e da civilização, que até agora a ignorancia tinha abandonado e desprezado.

Pela nossa parte, d'este lugar, como um dos seus mais humildes cooperadores para o desenvolvimento da archeologia neste districto, damos a Sua Ex.ª Rev.ma milhares de felicitações por haver realizado um *desideratum,* que em breve ha de produzir resultados que muito

---

[1] Reproduzida n-*O Arch. Port.*, IV, 58-62.

Digitized by Google

hão de concorrer para o engrandecimento e esclarecimento da historia, particularmente da d'esta região, que, como diz o Sr. Dr. Emilio Hübner, sabio professor berlinês, necessita ainda de que algum douto a percorra, e como que arranque das trevas os monumentos d'ella: — *tota vero regio haec adhuc desiderat peregrinatorem aliquem doctum, qui ejus monumenta quasi e tenebris eruat*».

(D-*O Nordeste*, de 19 de Outubro de 1898).

Albino Pereira Lopo.

*

É com vivo jubilo que *O Archeologo Português* transcreve o artigo precedente. O illustre prelado de Bragança honra-se a si, e honra o clero a que pertence, e o país. Oxalá que todos os outros senhores bispos, em cujas dioceses não haja ainda cadeiras de archeologia, sigam este e os outros exemplos já apontados n-*O Arch. Port.*, I, 17 (seminario de Portalegre), 92 (seminario de Faro), 310 (seminario de Santarem), e III, 61 (seminario de Evora).

Infelizmente faltam em lingoa portuguesa bons manuaes de archeologia que sirvam de texto nas aulas e ministrem aos alumnos noções exactas da sciencia; poderão pois ter alguma utilidade as indicações bibliographicas que dei n-*O Arch. Port.*, I, 151; lembro ainda as seguintes obras:

— *Cours d'épigraphie latine*, par R. Cagnat, Paris, Thorin, 1898, 3.ª ed., 13 fr.;

— *Storia dell' arte etrusca e romana*, do Prof. Gentile, preço 2 liras; *Atlas*, 2 liras (Bibliotheca Hoepli, Milão);

— *Monete romane*, de F. Gnecchi, 1,50 lira (mesma Bibliotheca), com estampas;

— *Numismatica*, do Dr. Ambrosoli, 2.ª ed., 1,50 lira (mesma Bibliotheca), com estampas;

— *Epigrafia latina*, do Prof. S. Ricci, 6,50 liras (mesma Bibliotheca), com estampas;

— *Antichità private dei romani*, do Prof. W. Kopp, 1,50 lira (mesma Bibliotheca);

— *Lexique des antiquités romaines*, dos Prof. Cagnat & Goyau, com estampas;

— *Lecciones de arqueologia sagrada*, de D. Antonio López Ferreiro, Santiago (Galliza), 1894.

Os indices d-*O Archeologo Português* poderão tambem auxiliar o estudo dos alumnos.

Digitized by Google

Embora algumas das obras mencionadas sejam em italiano, não terão os alumnos grande embaraço em lê-las, porque todos sabem um pouco de latim, que lhes facilita muito o conhecimento d'aquella lingoa.

J. L. de V.

Numismatica colonial

É fóra de dúvida que a moeda mais abundante na India Portuguesa foi a de cobre, desde o reinado de D. José I, necessaria entre uma população geralmente pobre e dispersa em muito grande número de aldeias. As exigencias do pequeno commercio, quasi o exclusivo no territorio português, determinaram a abundancia de valores differentes e até excessivamente minimos naquelle metal, valores que muito se damnificaram, em termos de não haver hoje exemplares *á flôr do cunho,* ou perfeitamente conservados, para os medalheiros, salvo rarissimas excepções.

Em 1831 o povo indiano queixou-se das falsificações, que já eram bem antigas, e a Junta de Fazenda em 15 de Julho do mesmo anno mandou recunhar as tangas e meias tangas. Cumpriu-se esta disposição em Goa, onde as moedas verdadeiras, existentes na cidade e em seus arredores, facilmente foram conduzidas á officina monetaria.

São estas as tangas e meias tangas, simplesmente recunhadas, os n.os 3 e 5 da estampa IX de Aragão. Existem exemplares d'estas que tem a sobrecarga do carimbo P R—809; tinham saido recunhadas da Casa da Moeda e nas provincias receberam tal carimbo, que foi uma duplicação desnecessaria no modo de as tornar legaes, por inadvertencia, por êrro e porque com respeito ao meio circulante indo-português raras vezes as providencias decretadas foram bem comprehendidas pelos seus executores.

Tangas e meias tangas ha, que mostram os cunhos do tempo de D. Maria I e D. João VI, que não foram a Goa receber o recunhamento, e, por isto, apenas mostram o carimbo provinciano P R—809. Mas que carimbo foi este? Que significou?

Vamos patentear a nossa opinião, sem receio de que os senhores numismatas nos expulsem da Irmandade, provisoria ou definitivamente. Não era possivel reunir em Goa todo o cobre da colonia. A Junta de Fazenda não tinha igual quantidade disponivel para pôr em circulação, emquanto apartava o cobre falso do verdadeiro e realizava o recunhamento que havia decretado. No cofre da Junta vivia a pobreza, como fidalga arruinada em pardieiro antigo.

Digitized by Google

Naquella epocha a falta de caminhos, bem praticaveis de aldeia para aldeia, obstava ao facil transporte de tão grande quantidade de arrobas de metal até á Casa da Moeda de Goa. Os povos tinham outros misteres em que empregar o seu tempo, esquivos da enfadonha diligencia de num prazo dado visitarem Goa e esperarem ali a legalização do seu magro peculio, na falta de um interesse immediato, que compensasse semelhante violencia, como, por exemplo, augmento de valor. Isto comprehende-se. Para obstar ao inconveniente ordenou-se em Portaria Registada sob o n.º 809, que em differentes povoações, por conveniencia dos povos, se carimbassem todas as moedas, não idas a Goa ao recunhamento, por meio de um carimbo, indicativo de tal regalia— P R—809.

Se alguem disser que tudo isto é uma historia, architectada á custa de considerações plausiveis, nós diremos que não se póde admittir que P R—809 signifique Principe Regente e data de 1809 para o effeito de uma providencia decretada em 1831. Este carimbo não é um só e não foi achado por acaso em qualquer dependencia da Casa da Moeda; de sobejo nos convencemos d'isto, por elle não ser igual no feitio das letras P e R nos exemplares que possuimos e em varios que examinámos, como se mostra nas gravuras. Estas differenças devem corresponder aos locaes onde os puncções foram feitos e applicados. Não ha exemplar algum em que se leia 1809; o algarismo 1 falta sempre. Nalguns exemplares o algarismo 9 está invertido; noutros vê-se um ornato em fórma de S, gravado em sentido horizontal por baixo de P R, a substituir 809. O carimbo ora está contido dentro de um circulo simples, ora dentado; por vezes o circulo não é dentado. Tudo isto não abona o pensamento da regalia para differentes localidades?

Nem todo o cobre, porém, recebeu a consagração do carimbo. Mais tarde, por edital de 4 de Julho de 1832, como ainda existisse nas provincias cobre velho não legalizado, o Governador teve de impor graves penas a todos aquelles possuidores da moeda em taes condições, que a não entregassem na Thesouraria em troca de outra legalizada. Então, provavelmente, o povo das mais longinquas aldeias, para não ser vexado, optou pelo cadinho e novas baterias de cozinha foram fabricadas. D'aqui a raridade das tangas de D. Maria I e D. João VI, primitivas, não recunhadas ou carimbadas, de cuja falta os medalheiros de agora tanto se lamentam. Se no futuro se encontrarem os livros que foram destinados ao registo das portarias provinciaes d'esta epocha, e se o registo n.º 809 se referir ao assunto, ficará absolutamente provada a nossa opinião.

Manoel Joaquim de Campos.

Digitized by Google

EXEMPLARES DA COLLECÇÃO DE M. JULIUS MEILI, EM ZÜRICH

EXEMPLARES DA COLLECÇÃO DE MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS, EM LISBOA

Digitized by Google

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX, AND TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google

Cornelius Bocchus

Tendo já sido publicadas n-*O Archeologo* várias referencias a Cornelio Boccho (vid. vol. I, 69 e 256), julgo conveniente aqui inserir mais esta, posto que um pouco antiquada, — que copiei na Bibliotheca Real de Berlim em 1899.

J. L. de V.

*

«Als Verfasser der von Solinus benutzten Weltchronik hat Mommsen (in seiner Ansgabe *praef.* S. XVII) den Cornelius Bocchus nachgewiesen, denselben Schriftsteller, welchen Plinius in den Indices und an mehreren Stellen seines Werkes anführt, aber immer nur für die iberische Halbinsel bettrefende Dinge. In dem lusitanischen Municipium Salacia, dem heutigen Alcacer do Sal, hat sich die folgende Inschrift gefunden: *L. Cornelio C. f(ilio) Boccho, flam(ini) prov(inciae), tr(ibuno) mil(itum), colonia Scallabitana* (d. i. das heutige Santarem) *ob merita in coloniam.* Bisher war nur ein ganz unverständlicher Text derselben (bei Mur. 1117, 4) bekannt; den richtigen habe ich nach der Abschrift eines neueren Reisenden bekannt gemacht (*Monatsber. der Berl. Akad.* von 1861 S. 747, jetzt *C. I. L.,* II, 35). An der Identität dieses Bocchus mit dem Schriftsteller wird nicht zu zweifeln sein, denn die Zeit der Inschrift (sie gehört ihrer ganzen Fassung nach und weil beim Tribunentitel die Angabe der Legion fehlt in die augustisch Zeit) und der Fundort (vielleicht war Bocchus von Geburt ein Lusitaner; der Name ist in jenen Gegenden häufig) stimmen durchaus».

(Da revista berlinesa *Hermes,* I (1866), p. 397).

E. Hübner.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

265. Lamares (Tras-os-Montes)

Ruinas dos Mouros

«..... nam há nesta freguezia couza digna de memoria mais que humas ruinas de huma moralha do tempo dos mouros das quais nam ha ao tempo prezente mais que os alicerses sem couza que se possa nomear». (Tomo XIX, fl. 170).

Digitized by Google

270. Lamoso (Entre-Douro-e-Minho)

Mouros

«Esta (*sic*) freguezia cituado em hum vale pegado no Pe de hũa serra que chamão Capello Vermelho adonde antiguamente estiveram os Mouros e está continuo para a parte do nacente tem em partes penedos e della se avista a villa de Guimarais e a villa de Aveiro». (Tomo XIX, fl. 391).

271. Lanheses (Entre-Douro-e-Minho)

Minas de estanho

«Ha na dita freguesia hua Fabrica de telha, que se coze em oito fornos pello tempo do bram, donde se provê toda a comarca e fora della os que a querem pella qualidade do barro com que se fabrica ser milhor que doutros territorios..... etc. Ha na mesma freguesia por sima do lugar das Roupeiras hum cabesso de Monte com muitas minas ou possos mui fundos; donde ha tradiçam antiga que foram minas de estanho». (Tomo XIX, fl. 434).

Pedro A. de Azevedo.

Bibliographia

Revue Archéologique, 3.ª serie, t. XXXIII, Nov.–Dez. de 1898.

A proposito do artigo em que o Sr. De Laigne estuda *Les nécropoles pheniciennes en Andalousie* (1887–1895), notarei que o tumulo figurado na estampa XIII–XIV já havia servido de assunto a um artigo do Sr. Berlanga publicado num jornal português,—*Revista Archeologica,* vol. II, pag. 33 sqq.,—onde vem uma estampa do mesmo tumulo.

Contos para contar

Ha muito tempo que ando a reunir elementos para o estudo dos «contos para contar» ou *jetons* portugueses, pois é assunto ainda quasi virgem.

Além de umas indicações de Severim de Faria (sec. XVII), que confundiu contos com moedas[1], algumas observações do Sr. Teixeira de

---

[1] *Noticias de Portugal,* discurso IV, §§ XXIX e XXX.

Digitized by Google

Aragão nas *Moedas de Portugal*[1], um artigo do mesmo auctor na sua *Histoire du travail*[2], e umas notas dos auctores do *Diccionario de Numismatica*[3], nada mais me occorre á cêrca da materia. As unicas estampas por ora publicadas são tambem, que eu saiba, as que vem na *Historia Genealogica da casa real*[4] e no citado *Diccionario de Numismatica*[5]

Os contos, como muitas das suas legendas o dizem,—Contos para contar—, serviam para fazer operações arithmeticas, e tiveram principalmente uso na idade-média, até á epocha da vulgarização dos algarismos arabes na Europa (sec. xv). Todavia os que se conhecem entre nós não vão alem do sec. xiv. No sec. xvii já o seu uso estava em decadencia, por isso que, como vimos, Severim de Faria não conhece como taes os que cita nos *Discursos*. A vida dos nossos contos circumscreve-se pois aos seculos xiv, xv e xvi, ou principios do xvii.

Os contos portugueses relacionam-se, como é natural, com os dos outros países. Sobre o uso geral d'estes objectos vid. *Histoire du jeton au moyen âge,* por J. Rouyer & E. Hucher, Paris 1858. É assim que, por exemplo, encontramos em contos estrangeiros dos seculos xiv-xv legendas analogas á citada portuguesa: *je sui(s) de Jetton pour jete(r)*[6]; *jettoir pour ler cõptes en Brabant*[7]; o mesmo se nota a respeito de outras legendas (divisas, etc). Muitos dos brasões que se vêem nos nossos contos podem sê-lo de familias a que elles pertencessem, porque, se os reis e as repartições officiaes tinham *jetons* para seu uso, como mostram as armas e as legendas, isso succedia igualmente com os simples particulares[8]; para averiguar aquelle ponto é porém necessario proceder ao estudo de cada conto em especial.

Com quanto os contos tenham fórma monetaria, elles não pertencem, rigorosamente fallando, á Numismatica; hoje os numismatas propendem para constituir com elles uma disciplina propria.

Os antigos *contos* degeneraram modernamente em *tentos de jogo*. Com elles se prendem até certo ponto as *senhas,* e outras peças ana-

---

[1] I, 245, nota.
[2] Pag. 119.
[3] Porto 1872-1884, pp. 15, 42, 44, 170-171.
[4] Vol. iv, est. E, n.º 33.
[5] *Locis citatis.*
[6] *Gazette numismatique française,* i, 325.
[7] *Revue belge de numismatique,* 1898, p. 48 sqq.
[8] Havia ao mesmo tempo *jetons* para uso do público; os escriptores franceses chamam-lhes *jetons banaux.*

Digitized by Google

correspondentes aos *méreaux* franceses [1]; todavia *méreaux* e *jetons* fazem muita differença entre si.

Tendo eu communicado ao Sr. Julio Meili, de Zürich, possuidor de uma valiosa collecção de «contos» portugueses, as intenções em que eu estava de proceder ao estudo d'este ramo da nossa archeologia, dignou-se elle prometter-me a sua ajuda, e logo pouco depois de me escrever a primeira carta me enviou uma lista muito circumstanciada dos exemplares que compõem a sua collecção. Como eu não posso desde já realizar o meu annunciado trabalho, porque me faltam ainda alguns elementos, e porque não posso dispor por ora do necessario tempo para os colhêr, resolvo publicar desde já, com auctorização do Sr. Meili, a lista que elle me enviou, constituindo com ella o n.º 1 de uma serie de estudos preparatorios sobre os «contos para contar», como já a respeito de diversas materias esta revista tem publicado outros.

O *Archeologo Português,* ao mesmo tempo que, inserindo nas suas columnas este artigo, dá aos leitores um trabalho de merito, honra-se tambem com a collaboração do Sr. J. Meili, a quem a Numismatica portuguesa deve já tão notaveis escritos [2].

J. L. de V.

I

«Contos para contar» da collecção de Julio Meili, de Zürich [3]

Seculo XIV e XV

Diametros de 0m,021 a 0m,024, correspondendo mais ou menos ao meio Tornês de D. Fernando

D. Fernando

N.º 1.—Cobre.—Conservação mediocre.
Quinas dentro de um circulo.
℟. Cruz semelhante á da Ordem de Malta.
Legendas de ambos os lados, porém illegiveis.

---

[1] Exemplos d'esta ultima especie:

1. *Anverso:* I. W. PHLPES & C.º MADEIRA. Ao centro: *50 rs. 1802.* *Reverso:* PAGARA AO PORTADOR. Ao centro: CINC.TA REIS.
2. *Anverso:* PHELPS. PAGE & C.º—MADEIRA. No campo: *100 rs. 1803.* *Reverso:* PAGARAO. AO. PORTADOR. No campo: CEM REIS.

[2] O artigo que se segue foi redigido pelo proprio A. em português.

[3] Não vão reproduzidos todos os numeros, porque os mal conservados não dão boas cópias.

Digitized by Google

N.º 2.—Cobre.—Mediocre.

Quinas dentro de um circulo, cantonadas de 4 arruellas.

℟. Cruz cantonada de 4 arruellas; cada braço da cruz acostado na sua extremidade por uma arruella de cada lado.

Legendas de ambos os lados, porém illegiveis.

N.º 3.—Cobre.—Bastante bello.—Veja-se a estampa.

✠ GASPAR : MELCHIOR : —Quinas dentro de um circulo de perolas, cantonadas de 4 estrellas.

℟. ✠ GASPAR : MELCHIOR : B : (nomes dos reis magos)—Cruz cantonada por 4 florões; nas extremidades de cada hastea uma arruella.

N.º 4.—Cobre.—Mediocre.

Igual ao numero anterior, com a differença de os braços da cruz não serem acostados de arruellas.

D. João I

N.º 5.—Cobre.—Mediocre.—Veja-se a estampa.

✣ IHNS ✣ DEI ✣ GRA ✣ REX ✣—Quinas sobre um circulo de perolas, cantonadas por 4 estrellas.

℟. ✠ IHNS * DEI * GRA * REX * P—Cruz cantonada por 4 estrellas.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1521).

N.º 6.—Latão.—Bello exemplar.—Veja-se a estampa.

+ AO * GALARDON * COMO * AODO—Quinas sobre um circulo de perolas, cantonadas por 4 estrellas.

℟. ✠ EN : LATON : A BON : SERVICO :—Cruz cantonada por 4 estrellas.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1522 e Amaral, *Num. Port.*, pag. 170).

N.º 7.—Cobre.—Mediocre.

* AO : BONO * GALARDON * COMO *—O mais igual ao numero anterior.

N.º 8.—Cobre.—Mediocre.

DOMINVS * MECV · · · N : BG—Quinas sobre um circulo, cantonadas por 4 estrellas; o escudete do meio entre 4 pontos.

℟. Legenda illegivel. Cruz cantonada por estrellas e pontos, tendo em cada extremidade 2 arruellas.

Digitized by Google

N.º 9.—Cobre.—Muito bom.—Veja-se a estampa.

✠POR+TV+GAL+ET+AL+GARBI—Quinas dentro de um circulo, cantonadas por 4 estrellas.

℟. ✠ POR+TV+GAL+ET+AL+GAR+BI—Cruz cantonada de 4 estrellas.

Fins do Seculo XV

Diametro de 0m,026, correspondendo mais ou menos com o Real grosso de D. Affonso V

D. Affonso V e D. João II

N.º 10.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

✠CANTATE : DOMINO : CANTICN : NOVL : (a ultima palavra é incerta)—Dentro de um duplo circulo ogival 4 escudetes com as quinas em volta de um escudo maior; fóra dos circulos ogivaes achão-se 8 pontos.

℟. ✠EM : LATOM : ABOM : SERVICO : EMALC—Dentro de um duplo circulo ogival 3 castellos com muralhas, um escudete com as quinas em cima e outro em baixo dos castellos; 8 pontos fóra dos circulos ogivaes.

N.º 11.—Cobre.—Regular.—Veja-se a estampa.

✠CONSERVACIO : REX : PVBLICE : IN—Sobre a cruz de Aviz as quinas em cruz dentro de um circulo; fóra do circulo 4 castellos.

℟. Uma roda de moinho espadanando agua.

(Igual ao exemplar da *Historia Genealogica*, livro v, pag. 456, estampa E, n.º 33, onde vem mencionado como moeda, variante do de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1524, e variante do de Amaral, *Num. port.*, pag. 170).

N.º 12.—Cobre.—Regular.—Veja-se a estampa.

✣ GAS ✣ PAR ✣ MEL ✣ CHIO—Cruz de Aviz cortando a legenda; no centro cruz de S. Jorge, phantasiada, dentro de um duplo circulo ogival; 6 pontos fóra do circulo.

℟. Uma roda de moinho espadanando agua.

(Comparar com o exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1525).

N.º 13.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa, onde o reverso vem, por descuido, mal collocado.

: CONTVS : CONTVS : CONTVS :—Dentro de um duplo circulo ogival um escudo com uma cruz, circumdado de 4 S.

℟. ✣ CONT ✣ CONT ✣ CON ✣ CONT—Cruz da ordem de Aviz cortando a legenda. Dentro de um circulo as quinas, cantonadas de pontos, arruellas e semicirculos.

Digitized by Google

Seculo XVI

Diametros de 0m,026 a 0m,031, correspondendo mais ou menos em modulo, espessura e typo ao tostão de D. Manoel.
Parece que os exemplares com a figura do pelicano devem tambem entrar nesta categoria

D. Manoel

N.º 14.—Latão.—Bom.—Veja-se a estampa.
: DINEI : ✣ ROS : ✣ D ✣ E CONT ✣ VS : P : E : —Sobre a cruz de Aviz, cortando a legenda, o escudo d'armas de Portugal, com 14 castellos, dentro de um circulo e acostado por um ponto de cada lado.
℟. ✠ CONTVS : CONTVS : CONTVS : CONTVS : —Um pelicano dentro de um ninho com 3 filhinhos.

(Semelhante, como tambem os tres numeros seguintes, ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1526 e ao de Amaral, *Num. port.*, pag. 171).

N.º 15.—Latão.—Regular.
Igual ao anterior, mas a última palavra no reverso é CONTV (em vez de CONTVS).

N.º 16.—Cobre.—Regular.
✣ DINEI ✣ ROS : D ✣ E CON ✣ TVS : D —Semelhante ao n.º 14, tendo porém aos lados do escudo duas flores de liz.
℟. ✠ CONTVS : CONTVS : CONTVS : CONTVS : —Igual ao n.º 14.

N.º 17.—Cobre.—Anverso bom, reverso mal conservado.
✣ DINEI : ✣ : ROS : D : ✣ : E CONT : ✣ : VS : P : D : —No mais é igual ao n.º 14.
℟. Igual ao n.º 14.

N.º 18.—Latão.—Regular.—Veja-se a estampa.
: TIMO E COMINIS LATVS PERMALETIOS EO—Escudo português com 9 castellos, coroado. Aos dois lados do escudo tem arabescos.

℟. IN DEO MANET ET ET QVD ALEA IN CARITATE : —Pelicano com filhinhos dentro de um ninho.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1527).

N. B. Nos cinco exemplares precedentes a coroa que encima o escudo tem o caracteristico de ser muito pequena.

Digitized by Google

N.º 19.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

✠ DPLV ✠ DOA ✠ NOM ✠ NMG—No centro, dentro de um circulo, G M P A V (Manoel e Portugal?)

℟. ✠ OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE :—No centro, dentro de um circulo, a esphera.

(Comparar com o exemplar de Amaral, *Num. port.*, pag. 42 e 43).

N.º 20.—Latão.—Bom.—Veja-se a estampa.

✠ CONT ✠ VSPE ✠ RACO ✠ NTAR—Escudo português, com oito castellos, coroado, com 2 arruellas aos lados, sendo os escudetes substituidos por arruellas.

℟. CON ✠ TARC : ✠ CONT : ✠ VS PER :—Esphera circumdada de 10 estrellas dentro de um circulo.

N.º 21.—Cobre.—Mediocre.

Semelhante ao numero anterior, porém no reverso não tem estrellas, circumdando a esphera.

N.º 22.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

✠ CONTOS ✦ PER ✦ CONTAR ✦ CON : D :—Escudo coroado sendo os escudetes substituidos por arruellas, aos lados 2 arruellas; tudo dentro de um *duplo* circulo.

℟. + CONTOS + VSPER + ACONTA—A esphera circumdada de 8 estrellas dentro de um circulo.

N.º 23.—Bronze.—Mediocre.

✠ CONTOS ✦ PER ✦ CONTAR ✦ CON : D :—Como o numero anterior. Escudo coroado, aos lados 2 arruellas.

℟. ✦ CONTOS ✦ PARA ✦ VEERDADE—A esphera sem estrellas.

N.º 24.—Bronze.—Muito bonito.—Veja-se a estampa.

✠ CONTO ✠ DOPTO ✠ OTEAR ✠ E COTAR—A cruz de Aviz cortando a legenda. Dentro de um circulo as armas portuguesas, com 10 castellos.

℟. ✠ DEVIISA + D : R : P : PARA + METES—A esphera.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1531).

N.º 25.—Bronze.—Bonito.—Veja-se a estampa.

✠ CONTVS ✠ DE : R : ET ✠ A : DNVS ✠ GVINEE :—A cruz de Aviz cortando a legenda. Dentro de um circulo as armas portuguesas, coroadas, com 12 castellos.

✠ DEVISA ✠ D : R : P : DS ✠ .. ETRA ✠ CADAVN—Esphera sobre fundo de arabescos dentro de um circulo.

Digitized by Google

N.º 26.—Cobre.—Bom, parece fundido.

✠ CONTV ✠ DOPTO ✠ OTEAR ✠ ECOTAR—A cruz de Aviz cortando a legenda. Dentro de um circulo as armas portuguesas, coroadas, com 10 castellos.

℟. ✠ DEVISA : DE : R ✠ DE : PVRTVGAL—A esphera dentro de um circulo.

(Igual ao exemplar n.º 1531 de Aragão, *Hist. du travail*, e semelhante ao de Amaral, *Num. port.*, pag. 15 e 16).

N.º 27.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

Semelhante ao numero precedente, mas de bronze.

D. João III

N.º 28.—Bronze.—Bom exemplar.—Veja-se a estampa.

✠ CONT ✠ VSPER ✠ ACON ✠ TAR : C—A cruz de Aviz corta a legenda. Escudo português, coroado, com 14 castellos.

℟. ✠ : CONT ✠ VSPER ✠ ACON ✠ TVSP :—A cruz de Aviz corta a legenda. Dentro de um circulo a esphera, circumdada de 6 estrellas.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1543).

N.º 29.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

✠ D : N : IOANES : III : PORTUGA ⁘ —Armas portuguesas, com 11 castellos, coroadas; aos lados do escudo P — ⁘

℟. ✠ OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE : —A esphera ornamentada dentro de um circulo.

(Semelhante ao exemplar de Amaral, *Num. port.*, pag. 43).

N.º 30.—Cobre.—Regular.—Veja-se a estampa.

: D · N · IOANNES · I · I · I · POO : —Dentro de um circulo ogival uma torre entre 4 escudetes.

℟. : ONISS : SPES : EIVS : IN : CE : —A esphera, ornamentada, dentro de um circulo.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1536).

N.º 31.—Bronze.—Anverso mal conservado.

D · N · IOANNES · I · I · I · PO · —O mais como o numero precedente.

℟. ✠ OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE : —A esphera dentro de um circulo.

Digitized by Google

N.º 32.—Cobre.—Mediocre.

✠ D : N : IOANES : I · I · I · P : O :—Armas portuguesas *sem* coroa, aos lados do escudo ∘:∘—:∘

℞. ✠ OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE :—A esphera dentro de um circulo.

N.º 33.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

✠ IOANES · 3 . . . . . AD : G : C : NC : ET · I—Dentro de dous circulos as armas portuguesas coroadas, tendo aos lados P—O.

℞. CONTOS : DR P E PARA : HO—A esphera dentro de dois circulos de perolas.

N.º 34.—Bronze.—Bom.

IOANES · 3 · R · ET · A · I : D : CC : NCET—Dentro de dous circulos as armas portuguesas, coroadas, tendo aos lados P—O.

℞. CONTOS : DR–ET · ARA : HO—A esphera dentro de dous circulos de perolas.

N.º 35.—Bronze.—Regular.

✠ IOHANES · 3 · R : P : ET : A : DVINEE *—Armas portuguesas coroadas, acostadas de P—O.

℞. DEVISA DR PARA METES : P—Esphera circumdada de ornamentos.

N.º 36.—Cobre.—Regular.—Fundido.

✠ IOHANES 3 : R : ET : A : D : GVINEE—O mais como do numero antecedente.

℞. DEVISA DR : P : PARA : METES—O mais como do numero antecedente.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1537).

N.º 37.—Bronze.—Regular.—Veja-se a estampa.

CONTOS : PARA · RCO—Escudo de phantasia, cuja coroa corta a legenda, contendo o escudo 5 estrellas e 5 arruellas, com dois pontos aos lados.

℞. ✠ AOC ✦ NO ✦ V ⊙ NIT ✦ OVN—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 38.—Cobre.—Regular.

✦ CONTOS : ✦ PARA : ✦ CONTA—Escudo de phantasia, *sem* coroa, ornamentado, com 5 estrellas no centro.

℞. ✠ AOC ✦ NO ✦ V ⊙ NIT ✦ OVN—Esphera dentro de um circulo de perolas.

Digitized by Google

N.º 39.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

* CONTOS : PERA : CONTAR—Escudo de phantasia, coroado, contendo no centro 5 estrellas, aos lados 1 arruella.

℟. ✠ CONTOS : PERA : VERDA—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 40.—Latão.—Bom.—Veja-se a estampa.

✦ IEPSSI + APSI + ILS + ILSI—Escudo de phantasia, *sem* coroa, tendo no centro 5 florões e 4 arruellas, e mais 4 arruellas em torno.

℟. ✠ AOC ✦ NO ✦ V ⊙ NIT ✦ OVN—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 41.—Cobre.—Mediocre.—Veja-se a estampa.

+ CONTOS ·+· PERA ·+· VERDADE : D :—Escudo de phantasia, *sem* coroa, com estrellas e arruellas em torno.

℟. ✦ CONTOS ✦ PARA ✦ VEERDADE ✦—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 42.—Bronze.—Bom.

✠ CONTOS PERA CONTAR—Escudo português coroado, tendo aos lados uma arruella.

℟. ✠ CONTOS + PERA + CONTAAR—Esphera.

N.º 43.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

✠ CONTOS · PERA · CONTAR—Escudo português coroado, tendo á esquerda I e á direita um florão.

℟. ✠ CONTOS ✠ PERA ✠ CONTAR.—Esphera.

N.º 44.—Cobre.—Bom.

✣ TNOↃ ✣ TNOↃ ✣ TNOↃ ✣ TNOↃ (CONT ás avessas esta palavra e retrograda.)—Cruz de Aviz cortando a legenda. Escudo com pequena coroa, contendo no centro 5 estrellas, e na orla 14 castellos; aos lados 1 arruella.

℟. * IOↃSVT * IIOↃSV * NOↃS * VTNOↃ—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 45.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

Como o numero anterior

℟. ✣ CONTV ✣ CONTV ✣ CONTV ✣ CONTV—A cruz de Aviz cortando a legenda. No campo a esphera.

Digitized by Google

N.º 46.—Latão.—Bom.

+ CONTOS : PERA : CONTAR ⁘ —Escudo coroado com 5 flores de liz no centro.

✠ CONTOS ✠ PERA : CONTAAR : —Esphera.

N.º 47.—Cobre.—Mediocre.

⁘ V : M : V : ✣ V : M : V : ✣ : V : M : V : ✣ V : M : V—A cruz de Aviz corta a legenda. Escudo de phantasia com pequena coroa, tendo no centro 4 escudetes, cantonados de 5 estrellas; de cada lado um ponto.

℟. ✣ CONTV ✣ CONTV ✣ CONTV ✣ CONTV—A cruz de Aviz cortando a legenda. No campo a esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 48.—Bronze.—Mediocre.

Como o numero antecedente.

℟. * CONT * CONT * CONT * CONT—No campo a esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 49.—Cobre.—Ruim.

✦ CONTOS ✦ PERA ✦ CONTAR—Escudo português coroado, acostado de um florão de cada lado.

℟. COINTOS ✦ PERA ✦ CONTAR—No campo a esphera.

D. Sebastião

N.º 50.—Cobre.—Regular.—Veja-se a estampa.

✣ CONT ✣ ENOI ✣ EONT ✣ EONT—A cruz de Aviz cortando a legenda. Escudo de phantasia com pequena coroa, tendo no centro 5 estrellas e na orla 15 castellos, acostado de um S de cada lado.

℟. ✣ CONTV ✣ CONTV ✣ CONTV ✣ CONTV—A cruz de Aviz cortando a legenda. A esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 51.—Bronze.—Bom.

✣ EONT ✣ CONT ✣ EONT ✣ EONT—O mais como do numero precedente.

℟. Como o do numero precedente.

(Comp. o exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.º 1530).

N. B. Nos dois numeros precedentes a coroa e todo o typo assemelham-se muito aos dos n.os 14 a 17.

Digitized by Google

N.º 52. — Cobre. — Mediocre. — Fundido. — Veja-se a estampa.
Na orla exterior: ✠ CVNTVS ✠ CVNTVS ✠ CVNTVS ✠ CVNTVS
A cruz de Aviz cortando a legenda.
Na orla interior: + CVNTVS · PERA CONTAR · E ·
No centro: 5 escudetes com 1 só arruella, cantonados de 4 S e de 4 arruellas.
℟. ✠ CONTVS ✠ CONTVS ✠ CONTVS ✠ CONTVS — A esphera dentro de um circulo de perolas.

(Semelhante ao exemplar de Amaral, *Num. port.*, pag. 44).

N.º 53. — Cobre. — Bastante bello.
Na orla exterior: ✠ CVNTV ✠ CVNT ✠ CVNT ✠ CVNT — A cruz de Aviz cortando a legenda.
Na orla interior: CVNTVS : PERA CUNT
No centro como no numero precedente, porém os escudetes com as quinas.
℟. * CVNTOS * CONTOS * CONTOS — A esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 54. — Cobre. — Bastante bello.
Na orla exterior: ✠ CVNT ✠ CVNT ✠ CVNT ✠ CVNT — A cruz de Aviz cortando a legenda.
Na orla interior: CVNTVS : PERA CONT
No centro como no numero precedente.
℟. * CONTOS * CONTOS * CONTOS — A esphera dentro de um circulo de perolas.

N.º 55. — Latão. — Bom.
CVNTVS CVNTVS CVN — No centro as quinas cantonadas de 4 S.
℟. A esphera sem legenda (ou talvez com a legenda cortada?)

(Este exemplar tem sómente 0m,020 de diametro e peza 3,40 grammas).

N.º 56. — Cobre. — Bom. — Veja-se a estampa.
* CONTV * DE COTA * AR : FAZ * CONTA — No centro 5 escudetes com as quinas, sendo o do meio coroado, circumdados de 4 castellos e 12 arruellas; tudo dentro de um circulo de perolas.
℟. DEVISA : DE : R ✠ DE PVRTVGL — Esphera dentro de um circulo de perolas.

(Este reverso é semelhante ao de Amaral, *Num. port.*, pag. 15).

Digitized by Google

N.º 57.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.
Como o do numero precedente.
℞. CONTV: ✣ DECOT ✣ ARETEAR ✣ TE · A · A · R—No campo a esphera dentro de um duplo circulo de perolas. A cruz de Aviz corta a legenda.

Philippes

N.º 58.—Latão.—Mediocre.
* CONTOS ✦ PERA ✦ CONTAR—Escudo português coroado, acostado de ·⁝· — ·⁝·
℞. (florão) CONTOS (florão) PERA (florão) CONTAR—No campo a esphera.

(Este exemplar assemelha-se no typo ao tostão de Philippe II, n.º 8 de Aragão)

Supplemento de mais algumas variantes

N.º 59.—Bronze.—Mediocre.
+ CONTOS + AVSPERA + CONT—Semelhante ao n.º 22, porém tendo no centro escudetes em vez de arruellas.
℞. + CONTOS + VSPER + A CONTAR—O mais como o n.º 22.

N.º 60.—Bronze.—Ruim.—Fundido.
COHTAR ✦ CONTOS : ✦ PERA—Semelhante ao n.º 38, mas com o escudo *coroado* e a ornamentação d'elle um pouco differente.
℞. Como o do n.º 38.

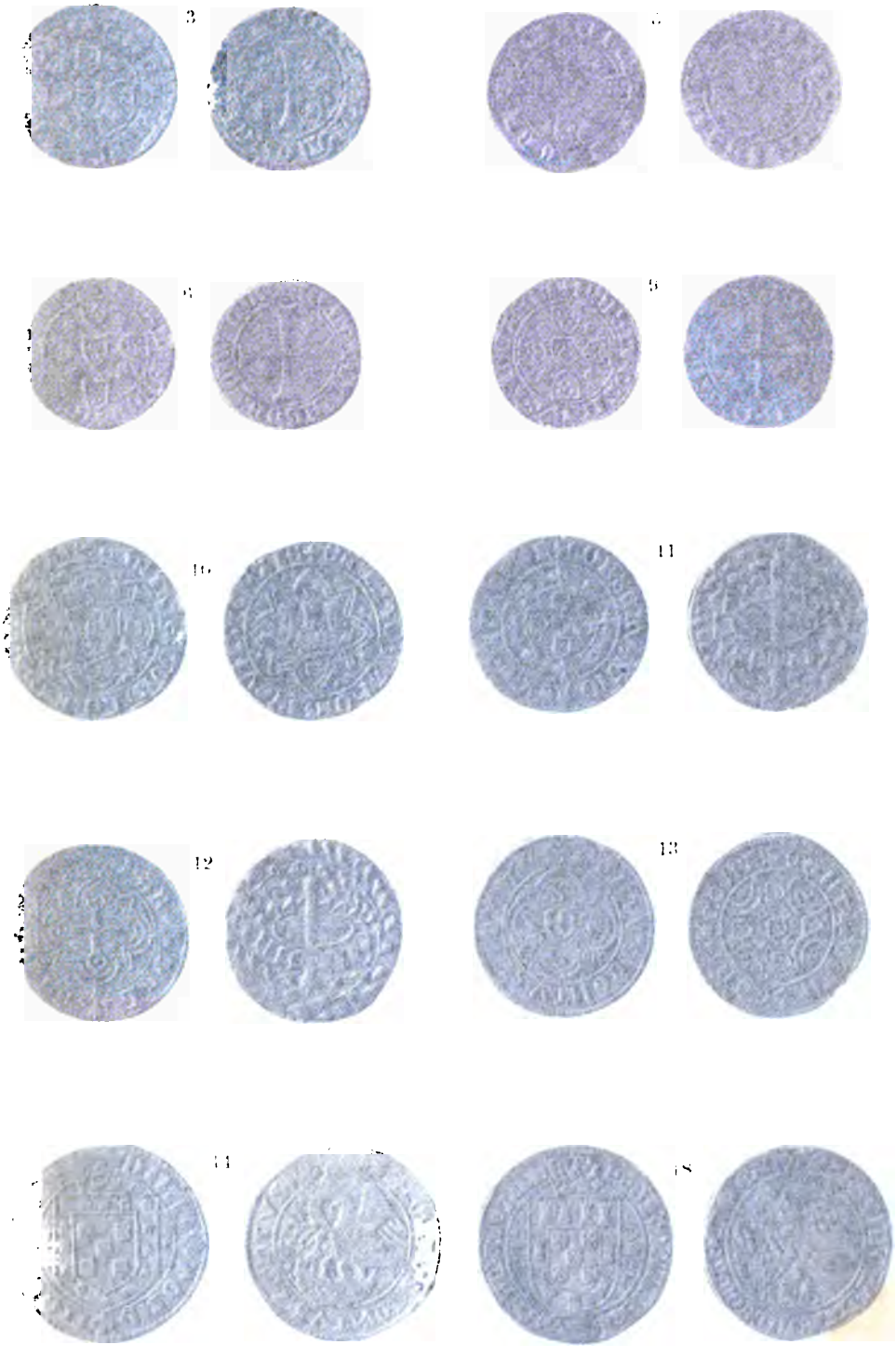
N.º 61.—Cobre.—Ruim.
. . . . . CONTV (o mais illegivel)—Cruz de Aviz cortando a legenda. Escudo de phantasia coroado, com 7 escudetes, sendo o do meio acostado de arruellas. Aos lados do escudo Ṣ — Ṣ
℞. Como o do n.º 50.

(É exemplar interessante, infelizmente está mal conservado).

N.º 62.—Cobre.—Ruim.
Variante dos n.ºs 53 e 54 que tem na orla interior: CONTOS: C: CONTVS:—O mais é semelhante aos n.ºs 53 e 54.

N.º 63.—Cobre.—Reverso ruim.
* CONTV * DE COT * AR: FAZ * CONTA—O mais como o n.º 56.
℞. * COTVS * COTVS * COTVS * COTVS—Esphera dentro de um circulo.

Digitized by Google



Digitized by Google

Philippes

3

5

6

9

10

11

12

13

14

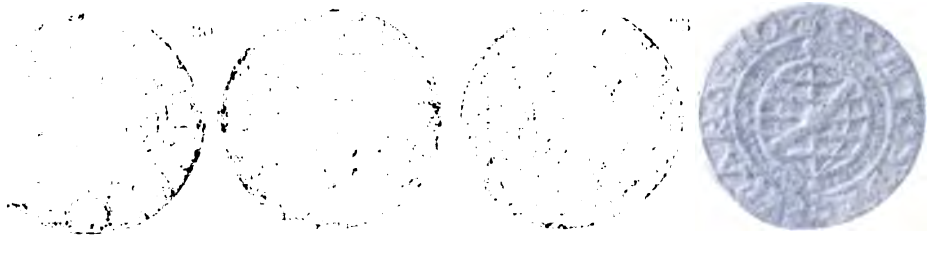
18

Digitized by Google

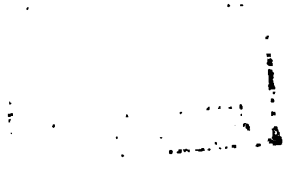
THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google



Digitized by Google



Digitized by Google

19

20

22

24

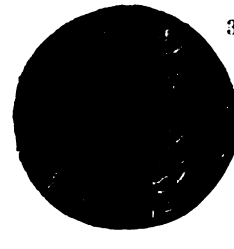
25

27

28

29

30



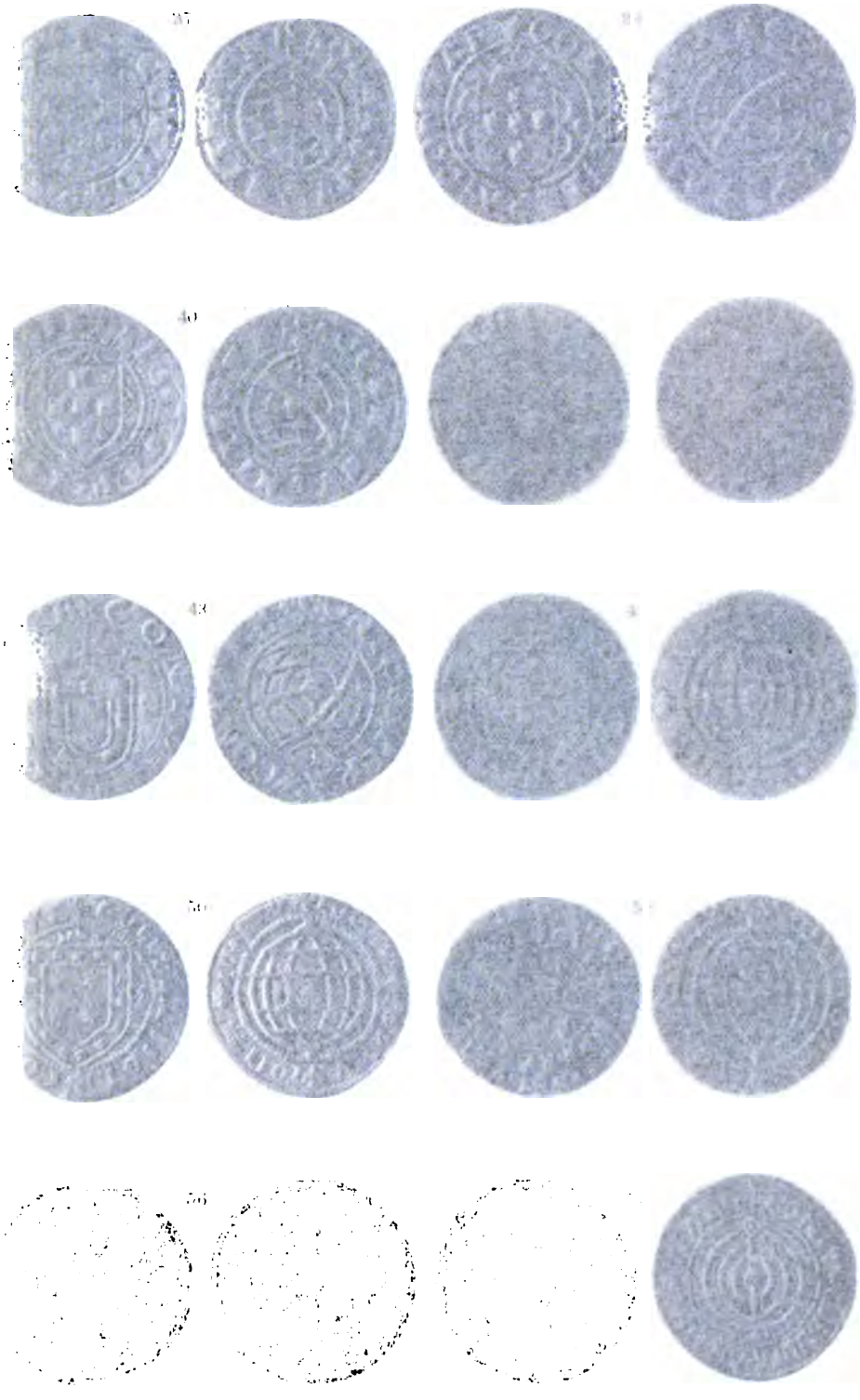
33

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google



Digitized by Google

Digitized by Google

37

39

40

41

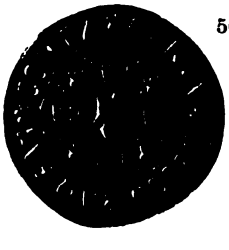
43

45

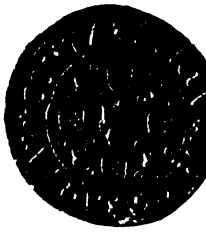
50

52

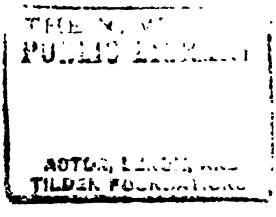
56



57



Digitized by Google



Digitized by Google

VOL. V 1899-1900 N.º 8

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1900

Digitized by Google

SUMMÁRIO

O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA: 65.
PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA: 74.
D. ELVIRA LOPEZ: 75.
MUSEU MUNICIPAL DE BRAGANÇA: 79.
ALCOBAÇA ARCHEOLOGICA: 79.
NOTÍCIAS ARCHEOLOGICAS DO SECULO XVIII: 81.
BIBLIOGRAPHIA: 87.
ANDRÉ DE RESENDE: 87.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 90.
CONGRESSO DE NUMISMATICA: 93.

Este fasciculo vae illustrado com 7 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V 1899-1900 N.º 8

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

Imprimindo este singelo trabalho, realizo um pensamento de nove ou dez annos e uma promessa de seis.

O pensamento nasceu, logo que o acaso me deparou, na Bibliotheca Nacional, os documentos a que dou agora publicidade, e que são hoje o unico vestigio que existe do precioso calix de ouro do mosteiro de Alcobaça: a promessa, consignei-a em carta que dirigi ao Sr. Dr. Sousa Viterbo, a proposito de um seu interessante estudo intitulado *As joias de D. Ignez de Castro e o calice de Alcobaça,* carta que esse incansavel e consciencioso investigador do nosso passado artistico fez inserir em o n.º 46 d-*A Semana de Lisboa* (Novembro de 1893), folha onde, pouco antes, havia apparecido aquelle estudo (n.ºs 42 e 43).

A suspensão da serie *Historia da Arte em Portugal,* que saía no Porto sob a direcção do sr. Joaquim de Vasconcellos, e á qual eu destinara o presente trabalho; o extravio do primitivo manuscripto, e a difficuldade de achar tempo, no meio das minhas variadas occupações, para de novo copiar os documentos que encontrára—explicam a demora havida em entregar ao público esta insignificante contribuição para a historia das artes decorativas em Portugal.

Dezembro de 1899.

I

Em muitos dos numerosos conventos do nosso país, especialmente nos que eram de fundação regia, accumulavam-se preciosidades artisticas do mais alto valor:—peças de ourivezaria e obras de talha, quadros e illuminuras, tecidos e bordados, tapessarias e mobiliario...

O poderoso mosteiro cisterciense de Alcobaça, fundado por D. Affonso Henriques e largamente protegido por quasi todos os nossos monarchas, encerrava a mais surprehendente riqueza de arte. Á extensão

Digitized by Google

dos seus dominios territoriaes; ás prerogativas do dom abbade; á belleza architectonica de muitas das partes do edificio—correspondia um valiosissimo recheio de obras de ourivezaria, alfayas, quadros, livros com illuminuras.

Uma das peças mais notaveis do thesouro do convento, era um primoroso calix de ouro, com figuras em relevo, esmaltes e pedras preciosas.

Tres versões corriam á cêrca da sua origem.

Segundo uma, o precioso vaso teria sido feito das joias da formosa e desventurada Ignez de Castro, doadas ao convento por D. Pedro I.

Acha-se memoria d'ella em um *chronicon* exarado na primeira página do codice n.º 104[1] da *livraria velha,* ou manuscripta, de Alcobaça (*Homilias* de Origenes):

«*Calicem aureum cum patena, qui est in tesauro, donavit rex Petrus, ex armilis et pendentibus domne Ignez de Castro, inclitæ reginæ Portugaliæ et Algarbii, pro cujus anima donata fuit villa de Paredes*».

São, porém, evidentemente apocryphos, tanto este como os outros registos do alludido chronicon, escripto no seculo XVI, mas affectando o caracter da lettra do codice, que data do seculo XIII. Duas pennas se fizeram cargo de, no proprio logar, desmascarar o falsario. Adverte uma:—«*Falso narrata et ignave scripta*»; e outra:—«*Littera decimi sexti sæculi, ficte scripta, et falso narrans*». O auctor do indice impresso dos codices alcobacenses, quando descreve o que tem o n.º 104, tambem diz, em referencia ás memorias da primeira página:—«..... *secunda manu addita videntur*»[2].

Affirmavam outros que o famoso calix proviera de joias legadas ao mosteiro por D. Affonso II[3].

---

[1] Tem actualmente na Bibliotheca Nacional o n.º 360.

[2] Pag. 62.

[3] D. Sancho I legára ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a sua copa de ouro (*copam meam auri*), para que d'ella se fizesse uma cruz e um calix, o que se cumpriu, constituindo a cruz um exemplar interessantissimo, que tem figurado em diversas exposições e se conserva no gabinete de numismatica e antiguidades do paço da Ajuda. D. Affonso legou, é certo, algumas joias ao mosteiro de Alcobaça, mas sem clausula:—«*Et mando monasterio Alcupacie omnes meas sortelias maiores et minores, et anulos quos habuero in die mortis mee*».

Que differença haveria entre *annulus* e *sortelia?* Ducange, no seu *Glossarium,* dá a ambos os vocabulos a significação de *annel. Sortelia* (de *sors*), latim barbaro, a que corresponde em português *sortelha,* em hespanhol *sortija,* era, primitivamente, um annel de caracter religioso e talismanico: vid. *Revista Lusitana,* II (1890-92), 261 (artigo do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos); Viterbo, *Elucidario,* II, 331; e Teixeira de Aragão, *Anneis.*

Digitized by Google

A fl. 5 de um *Livro das rendas, fazenda, propriedades e fóros* do convento de Alcobaça[1] organizado em 1530, encontra-se, num inventario da prata e ouro da sacristia, mandado fazer pelo cardeal-infante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel e abbade-commendatario de Alcobaça, a verba seguinte:

«Um calez d'ouro, lavrado de figuras enlevadas, e todo esmaltado de côres, com sua pedraria de rubis, esmeraldas e saphyras; e a patena tambem d'ouro, esmaltada; muito rico; que pesou todo junto nove marcos d'ouro.»

E, á margem, esta nota, de lettra moderna, anterior, porém, a 1713, anno em que d'ella e de outras passagens referentes ao calix, se extrahiu certidão no cartorio de Alcobaça, como adeante se verá:

«El-rei D. Affonso II deixou a este mosteiro todas as suas joias e anneis, como consta do seu testamento, que está no 1.º livro dos «*dourados*», fl. 15. D'estas joias se devia de fazer o calix d'ouro, e não das joias de D. Ignez de Castro, como alguns velhos diziam; pois não consta pelas escripturas d'el-rei D. Pedro que as taes joias se dessem a este mosteiro. = *Fr. Paulo Brandão*».

Asseveravam outros, emfim, que o precioso calix fôra dadiva do cardeal-infante D. Affonso, ou de el-rei D. Manoel, quando, na menoridade de seu filho, governou o mosteiro.

Tambem d'esta opinião se encontra registo nos codices alcobacenses. Na última página do codice n.º 212[2] (obras de Rufino e de Santo Isidoro), ha um registo, — especie de chronicon, — de lettra do sec. XVI, á cêrca de varios successos relacionados com a historia do convento, entre elles a morte do cardeal D. Affonso. Na memoria referente a este último facto, memoria tres vezes impressa (uma, por Fr. Angelo Manrique, no tomo II dos seus *Annales cistercienses,* serie dos abbades de Alcobaça, pag. 11; outra, por Jorge Cardoso, a fl. 666 do tomo II do *Agiologio lusitano;* e outra, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, a pag. 45 das *Provas e Addições* da sua *historia chronologica e critica da Real Abbadia de Alcobaça*) — lê-se o trecho seguinte:

«..... *chorus suo tempore initium sumpsit, et finem ad usque est perductus; nec non et domus sacraria, hæc est sacristia, suis diebus fuit constructa; et calix aureus mirifice elaboratus; studia quoque litterarum ipse introduxit; et infirmitorium facere jussit*».

---

[1] Tem na Torre do Tombo o n.º 212.

[2] N.º 375 na Bibliotheca Nacional.

Digitized by Google

No inventario que citei e que tem a data de 3 de Dezembro de 1536, ha igualmente[1] uma verba, annotada, que se liga com esta última conjectura. Eis a verba:

«Duas galhetas de prata, douradas, grandes, que servem com o calez d'ouro; as quaes deu o cardeal iffante, nosso senhor; e pesaram seis marcos e meio e uma onça».

Á direita, na columna destinada á indicação abreviada do pêso, a seguinte observação, por lettra do seculo XVII:

«Estão já desfeitas e consumidas».

Agora, as notas marginaes, de lettras diversas: Diz a primeira, da penna, evidentemente, de quem lavrou a que já copiei e Fr. Paulo Brandão subscreveu:

«D'aqui se collige que o cardeal D. Affonso não deu o calix d'ouro, pois se não faz menção d'isso, e, aliás, se declara expressamente que dera galhetas para servirem com elle; e, mais abaixo, no fim d'este inventario, se explica que deu uma arquinha de prata, para estar n'ella o Santissimo Sacramento»[2].

Outro monge contestou:

«Pela memoria antiga que está no fim das obras de Rufino[3], se vê que o cardeal-iffante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel, deu o calix de ouro».

E outro ainda:

«Vide livro dos obitos, fls. 81 e 82[4]».

---

[1] A fl. 5 v.º

[2] «Uma arquinha de prata, toda branca, com um vidro deante, a qual mandou o cardeal, nosso senhor, pera estar o Santo Sacramento; e não se pesou por estar com este impedimento». (Fl. 7).

[3] Allusão ao chronicon de que já transcrevi a parte em que se falla do calix.

[4] Nem na Torre do Tombo, nem na Bibliotheca Nacional, nem na livraria da Academia Real das Sciencias, se encontra este obituario. Numas *Reflexões historicas* de Fr. Manoel de Figueiredo, á cêrca das lettras que se vêem em diversos pontos do calix, —trabalho a que adeante me referirei,—cita-se, porém esse livro, informando-se que fôra organizado em 1690 por Fr. Benedicto de S. Bernardo, e que este monge attribuia igualmente o calix ao cardeal D. Affonso.

Fr. Benedicto, ou Bento, de S. Bernardo, foi cartorario, e, depois, bibliothecario, de Alcobaça, e elaborou um summario do cartorio (1672) e um catalogo da livraria (1684).—Vid. Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, I, 499.

Digitized by Google

Esta terceira hypothese é, chronologicamente, a verdadeira. Em inventario mais antigo, feito a 28 de Abril de 1519, por outro de 6 de Junho de 1510[1], mencionam-se dois calices de ouro, nenhum dos quaes,—póde quasi affirmar-se,—é aquelle de que nos occupâmos, porque nem de um nem de outro se diz que tivessem esmaltes e figuras em relevo, e não é crivel que estas evidentissimas circumstancias fossem omittidas, porque eram ellas, principalmente, que assignalavam e enriqueciam o calix.

O inventario de 1536 não as desprezou, como vimos. No de 1519, a verba respectiva aos calices de ouro é assim redigida:

«Item—Dous calezes d'ouro: um, grande, com sa patena de pedraria com o dito caleze e lavrados de finagrana, com aljofre, menos nove pedras no pé; e na maçã fallecem dezanove pedras. E o aljofre nom se conta, porque é muito miudo. E na patena fallecem seis pedras, e é dessoldado. E o pequeno é todo cheio. Os quaes calezes nós vimos, e são ricos e muito reaes».

Mas o argumento decisivo é o caracter da patena, que todos ainda conhecemos. Tanto os lavores a buril como os esmaltes, indicavam de modo claro e positivo que essa joia de ourivezaria datava do seculo XVI, do periodo da Renascença. Para mais, o esmalte da face superior, que representava a ceia de Christo, era, segundo me informa o Sr. José Queiroz, cópia de Alberto Dürer (1471-1528).

Que, porém, o calix fosse dadiva do cardeal-infante, é que me parece contestavel. Não que deva ligar-se grande importancia ao facto de não ser mencionado como tal no inventario de 1536, ao passo que das galhetas e do cofre de prata se regista haverem sido offerta sua. Todos que conhecem documentos d'essa indole e d'esses afastados tempos, sabem que, em geral, não primam pelo methodo nem pela coherencia. Mas a circumstancia de não figurarem no inventario de 1536 os dois calices descriptos no de 1519 leva-me a suppôr que a congregação os houvesse vendido (talvez como sucata), para adquirir o outro, tanto mais que de um d'elles,—do maior,—se dizia em 1519 estar *dessoldado*.

A ser assim (o que de nenhum modo póde, é claro, asseverar-se), o precioso calix teria sido acquisição da propria communidade cister-

[1] Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 24, doc. 65. Publicou-o na integra o Sr. Dr. Sousa Viterbo, em complemento do seu estudo sobre a exposição de arte ornamental, inserto no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa, 3.ª serie, pag. 565.

Digitized by Google

ciense, embora durante o governo, e, acaso, por iniciativa, do cardeal-infante, o que bastaria para justificar a passagem do chronicon citado, a qual, rigorosamente, não implica a affirmativa de que houvesse sido dadiva de D. Affonso o calix de ouro:

«... *domus sacraria, hæc est sacristia, suis diebus fuit constructa, et calix aureus mirifice elaboratus...*»

Fosse, porém, como fosse, é evidente, — repito, — que essa notavel peça de ourivezaria datava do seculo XVI.

Nenhum documento, nenhuma passagem de chronica, nos revela o nome do artifice. O sr. Joaquim de Vasconcellos, fundando-se no exame da patena, suppõe o celebre calix obra allemã[1].

É avultado o número de ourives estrangeiros que em diversas epochas trabalharam em Portugal. Sabe-se que nos primeiros tempos da monarchia, exerciam entre nós a sua arte bastantes ourives arabes. Mestre Jozepe, «*ourives da rainha*», citado numa carta de D. Fernando; o ourives Salter, a quem foram, em 1421, aforadas umas casas em Santarem, não eram, de certo, portugueses. Em 1457, approvava D. Affonso V a *ordenança* feita entre os ourives de Lisboa e os estrangeiros, assim da prata como do ouro, que nesta cidade viessem «*assentar suas tendas e usar seus officios*»[2].

No tempo de D. Manoel, trabalhou aqui um habilissimo ourives flamengo ou allemão, Johan van den Staygolstsyt, designado entre nós, como Olivier de Gand e outros artistas estrangeiros, pelo nome proprio antecedido da palavra *mestre*.

Por um dos capitulos do testamento da rainha D. Leonor, publicados na *Chronica serafica* de Fr. Jeronymo de Belem[3], sabe-se que é obra de *mestre João*, o notabilissimo relicario de ouro do convento da Madre de Deus, fundação da illustre princeza[4]; e de um alvará

---

[1] Exposição districtal de Aveiro (1882) — *Album*, 52, nota 3.

[2] Vid. o meu artigo sobre os calices bysantinos do Museu Nacional, em o n.º 4 da *Arte portugueza* (Lisboa, 1895).

[3] Parte III, pag. 85.

[4] Eis o capitulo: — «Item, deixo ao dito Moesteiro da Madre de Deos o Relicario que fez Mestre João, em que está o santo Lenho da Vera-Cruz, que ora anda na cruz d'ouro, pequena; e assi está nelle o Espinho da Corôa de N. Senhor Jesu Christo com certos fios da sua vestidura, o qual Relicario he todo d'ouro. guarnecido com certas pedras finas, que estão dentro».

Este relicario é uma das mais notaveis obras de ourivezaria que existem no país. Figurou na exposição retrospectiva de arte ornamental. Vid. *Catalogo illustrado*, pag. 20 e est. 86.

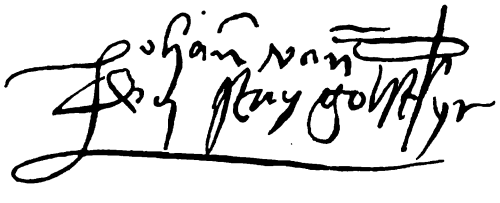
Digitized by Google

de D. Manoel, archivado na Torre do Tombo [1], e citado por João Pedro Ribeiro [2] e pelo Dr. A. Filippe Simões [3], vê-se que a *mestre João* fôra encommendada pelo venturoso monarcha, por 151$430 réis, uma custodia para o mosteiro da Conceição, de Beja,—peça que, infelizmente, se não encontrava já no convento, quando se realizou a Exposição de arte ornamental [4]. Noutro documento da epocha nos apparece ainda o nome de *mestre João* [5]:—a 23 de Novembro de 1510, escreviam os officiaes da Casa da India a el-rei D. Manoel, que, pelo moço de estribeira João Affonso, lhe enviavam, segundo as suas ordens, o collar que Pero Affonso havia trazido (do Oriente, sem dúvida); e que essa joia fôra avaliada por *mestre João* e Diogo Rodrigues em 500 cruzados,—*favoravelmente, como Sua Alteza mandava que se fizesse ás semelhantes cousas* [6]. Seria acaso João van den Staygolstsyt o auctor do calix de Alcobaça? É possivel; mas nenhum elemento seguro nos permitte insistir nesta vaga conjectura. O calix poderia ter sido executado fóra do país; poderia havel-o fabricado em Portugal artista allemão ou flamengo que não fosse o auctor do relicario da Madre de Deus; poderia, ainda, ter sido obra de artista português sob uma forte e decisiva influencia estrangeira,—hypothese esta que, todavia, se me afigura a menos provavel.

É certo, no emtanto, que havia então bastantes ourives portugueses, de alguns dos quaes nos conservaram os nomes os documentos da

---

[1] *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 10, doc. 55. Porque se tem qualificado de duvidosa a leitura do appellido de mestre João, reproduzo aqui a sua assignatura tal como subscreve o recibo exarado nesse diploma:



[2] *Dissertações chronologicas e criticas*, v, 332.

[3] *A Exposição retrospectiva de arte ornamental*, 96.

[4] O mosteiro da Conceição possuia tambem outra notavel custodia, como se vê da seguinte passagem da citada *Chronica serafica* (II, 482):—«O seu mayor desempenho (da infante D. Beatriz, fundadora do convento) se mostra em huma rica Custodia, que deu para a exposição do Santissimo, esmaltada com quarenta e sette pedras preciosas, e dezanove perolas orientaes...»

[5] É muito de suppôr que os tres documentos se refiram ao mesmo artista.

[6] *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 9, doc. 102.

Digitized by Google

epocha: — Gil Vicente, o auctor da famosa e singular custodia de Belem; Diogo Rodrigues, que figura na carta, que citei, dos officiaes da Casa da India, e num mandado de 18 de Setembro de 1515, em que D. Manoel ordenava ao seu thesoureiro, Ruy Leite, que entregasse a Fructôs de Goes os dois bacios dourados e o gomil que esse artista lhe havia então feito, para serviço da sua guarda-roupa; e bem assim um tecido de ouro, *anilado,* obra do ourives Alvaro Paes [1], Vicente Fernandes, a quem o afortunado monarcha mandava pagar, em 6 de Abril de 1512, a quantia de 7$203 réis, de obras que fizera [2]; Belchior Rodrigues, ao qual, por alvará de 1.º de Agosto de 1515 [3], el-rei ordenava se entregassem 120$000 réis, em que tinham sido avaliadas umas suas casas, demolidas para despejo do adro da igreja de Gião (S. Julião), em Lisboa.

*

Extinctas as ordens religiosas, foi o calix remettido, com outras preciosidades, para a Casa da Moeda, cujo provedor dirigia ao ministro da fazenda, em 30 de Setembro de 1835, o seguinte officio:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. — Entre os objectos de valor do extincto convento de Alcobaça, que foram entregues nesta casa, encontra-se o precioso e antiquissimo calix de ouro, feito na Hollanda, no anno de 1187 [4]; succede, porém, faltarem-lhe algumas peças do pé ou columna que sustenta a cupola (como se vê da nota junta); não sendo o peso que se achou no acto da sua entrega nesta casa, egual ao que vem mencionado na relação feita na sub-prefeitura de Lamego, a qual, posteriormente á referida entrega, foi remettida a esta repartição. Julgo do meu

---

[1] *Corpo chronologico,* parte 1.ª, maço 18, doc. 97. O conhecimento, ou recibo, exarado no documento offerece interessantes esclarecimentos á cêrca dos objectos a que o mandado se refere. As bacias eram de agua ás mãos, *lavradas de romano,* douradas interiormente e com espheras esmaltadas *nos meios* (isto é, provavelmente, nos fundos). Pesavam ambas 16 marcos, 5 onças e 6 1/2 oitavas de prata. O gomil era pequeno, dourado todo, *lavrado de magos* e *de cinzel baixo.* Pesava 8 marcos, 7 onças e 5 1/2 oitavas. Quanto ao tecido dourado, formava uma guarnição de cinta, com sua fivella, charneira e biqueira, e dez *tachões,* tudo *anilado.* Tinha de peso 35 cruzados e 63 grãos de ouro.

Note-se a expressão — *lavrados de romano.* É vulgar, bem como outras equivalentes (*lavrado ao romano; obra romana*), em documentos d'este periodo. Queria-se, talvez, designar assim o trabalho no gôsto da Renascença italiana, — a obra d'esses ourives e esculptores que, na sua curiosa *Miscellanea,* Garcia de Resende proclamava *mais sutis e melhores* que os das epochas passadas.

[2] *Corpo chronologico,* parte 1.ª, maço 11, doc. 56.

[3] *Corpo chronologico,* parte 1.ª, maço 18, doc. 53. Cfr. o doc. 96.

[4] É a opinião de Bluteau, adeante referida.

Digitized by Google

dever levar o que fica exposto, ao conhecimento de V. Ex.ª, para que V. Ex.ª dê as providencias que julgar convenientes.

Deus guarde a V. Ex.ª Casa da Moeda, 30 de Setembro de 1835.—Ill.mo e Ex.mo sr. José da Silva Carvalho, ministro, conselheiro e secretario de estado dos negocios da fazenda.=O provedor, *Antonio Cabral de Sá Nogueira*».

«Relação a que se refere o officio: —«Um calix de ouro com esmalte, figuras em relevo e pedras engastadas, pesando 10 marcos, 3 onças e 2 oitavas».

«*N. B.* Este calix se entregou desmantelado, contendo doze peças, incluindo a patena, e pesou n'esta casa 9 marcos, 7 onças e 4 oitavas[1]».

José da Silva Carvalho providenciou como lhe cumpria, mandando entregar o calix á Bibliotheca Publica, para ser conservado no seu gabinete de numismatica e antiguidades[2].

Um anno, se tanto, apenas, se conservou alli, porque em 1836 foi de lá roubado, uma noite, juntamente com um sacco onde se encontravam reunidas as moedas de ouro,—algumas de primeira raridade[3].

Cêrca de dois seculos antes, havia o precioso calix desapparecido do mosteiro de Alcobaça. No primeiro volume da interessante collecção de sentenças organizada por Antonio Joaquim Moreira, e hoje pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa[4], cita-se, a fl. 94, uma carta do duque de Bragança ao geral de Alcobaça, datada de Villa Viçosa, a 20 de Setembro de 1640, sobre a fuga de Fr. João de Mendonça, que levara roubado o calix de ouro[5].

Não encontrei essa carta entre os documentos que d'aquelle mosteiro foram transferidos para o Archivo Nacional. Ignoro, pois, como as cousas se passaram. É, todavia, certo que, d'essa vez, o calix foi restituido, o que não succedeu em 1836. Se foi enriquecer algum museu ou collecção do estrangeiro, ou se o ladrão, no intuito de melhor se pôr a coberto da responsabilidade, o fez pedaços, vendendo-o como sucata, não o posso conjecturar.

Ficou a patena, que, mercê da disposição do estojo que continha as duas peças, não foi vista pelo roubador. Essa mesma, porém, encorporada mais tarde no Museu Nacional de Bellas-Artes, desappareceu

---

[1] *Apud*, Teixeira de Aragão, *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, I, 98, nota 4.

[2] Portaria de 20 de Outubro de 1835.

[3] Allude a este facto o Dr. José Feliciano de Castilho, no seu elucidativo *Relatorio ácêrca da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos annexos*, I, 69.

[4] Secção de Mss., B-16-1 (n.º 851 no inventario respectivo).

[5] Devo esta indicação ao Sr. J. J. da Ascensão Valdez, illustrado funccionario da Inspecção geral das Bibliothecas e Archivos, e estudioso archeologo.

Digitized by Google

igualmente, pois, tendo sido enviada, em 1892, á Exposição colombina de Madrid, não foi encontrada, no regresso, entre os objectos portugueses, e ainda se lhe desconhece o paradeiro. Tinha lavores abertos a buril, e dois esmaltes, um em cada face. O diametro, como se póde verificar pela caixa, modernamente feita, em que se guardava na Bibliotheca Nacional, e que ainda lá se conserva, era de 0m,16. Figurou em 1882 na Exposição retrospectiva de arte ornamental [1].

Com razão dizia o Sr. Dr. Sousa Viterbo:

—Triste sina persegue o calix de Alcobaça!

Se até o estojo que o encerrava, e que, ha bem pouco, existia ainda na Bibliotheca, se não encontrou agora, quando, a instancias minhas, alli foi procurado! Console-nos d'essa perda a informação que me dá o Sr. Luiz Carlos Rebello Trindade, um dos conservadores d'aquelle estabelecimento, de que nenhuma particularidade de fórma havia no estojo, que mais ou menos efficazmente nos auxiliasse na reconstituição imaginativa da preciosissima joia. Da perda do calix e da patena, é que nada póde consolar-nos.

O desenho a que se faz referencia numa das cartas adeante transcriptas, perdeu-se tambem. Tosco, embora, como sem dúvida era, teria altissimo valor.

Implacavel sina persegue, effectivamente, o calix de Alcobaça!

Vejamos que circumstancias deram motivo aos documentos agora publicados, e que são tudo quanto hoje possuimos do riquissimo (ia escrever desditoso) calix.

(Continúa). José Pessanha.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

15. Real Gabinete numismatico de Bruxellas

«Les savants et les artistes ont appris avec la plus vive satisfaction que les chambres belges avaient voté un crédit de 300.000 francs pour l'acquisition des incomparables suites de monnaies grecques et de monnaies romaines réunies, á grands sacrifices d'argent et de peines, pendant plus de quarante ans, par notre zelé confrère, M. le comte Albéric du Chastel de la Howarderie. Ce vote, qui fait le plus grand honneur à l'esprit éclairé et patriotique de nos legislateurs et qui est dû á la haute initiative de M. Schollaert, ministre de l'Intéreur et de

[1] Vid. *Catalogo illustrado*, 25.

Digitized by Google

l'Instruction publique, vient heureusement combler une lacune aussi importante que regrettable du Cabinet royal des Médailles de Bruxelles où les splendides monuments monétaires des époques grecque et romaine étaient représentés jusqu'ici, d'une manière peu en rapport avec les traditions artistiques d'un pays tel que le nôtre».

(*Revue belge de Numismatique*, 1899, pag. 384).

*
* *

Já a proposito da noticia que de um facto analogo succedido com o Monetario da Bibliotheca nacional de Paris dei no *Arch. Port.*, IV, 95, eu disse que o Gabinete numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa não estava á altura do que devia e podia estar. Agora o repito. E oxalá que o que se passa lá fóra sirva de incentivo a que em Portugal se proceda de modo semelhante!

16. Ruinas de Italica (Sevilha)

«La Commisission des monuments historiques s'est décidée à faire déblayer l'amphithéâtre d'Italica (aujourd'hui Santiponce, aux portes de Seville), et à faire employer à ses travaux les détenus de la prison.

Pour cela, elle a fait appel à la bienveillance et au concours du gouverneur de la province, et de l'Académie de l'Histoire; de plus, elle a demandé qu'on fît payer un franc d'entrée à tout visiteur, et songé à donner une représention exceptionnelle au théâtre San Fernando, pour constituer une caisse de fouilles. L'éxécution de ces fouilles, reconnue depuis longtemps nécessaires pour mettre fin an pillage désordonné d'un terrain spécialement riche en antiquités romaines, était depuis quelque temps réclamée à l'envi par les sociétés savantes de Seville et par la presse».

(*Revue des études anciennes*, t. I, 1899, pag. 169).

J. L. de V.

D. Elvira Lopez

Um epitaphio em versos leoninos

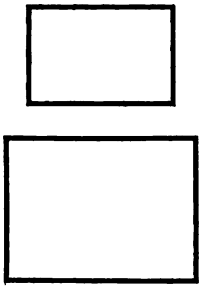
Ha no Museu de Antiguidades, confiado á guarda da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra, uma importante collecção de calcos de inscripções lapidares. Entre elles encontra-se o do epitaphio de D. Theresa Raymonda, abbadessa que foi do mosteiro cisterciense de Cellas de Coimbra, fallecida em maio do anno de 1315 (era 1353).

Digitized by Google

No verso d'este calco lê-se uma nota, de lettra do fallecido epigraphista Manuel da Cruz Pereira Coutinho, Prior da Sé Velha, que diz:

«Esta lapide está embebida na parede da casa capitular do mosteiro de Cellas, ao lado esquerdo de quem entra em direcção ao altar. Acha-se collocada sobre outra (como na figura a baixo). Est'outra consta de 14 linhas tão mutiladas, mas dos mesmos caracteres da de cima, que se negam á formação de qualquer sentido. São quadradas, mas a inlegivel é um pouco maior que a outra».

E indica em seguida a posição relativa das duas pedras, assim:



Hoje estão depositadas no referido Museu de Antiguidades ambas as lapides, a que se refere a nota.

A de D. Theresa acha-se bem conservada; foi publicada com algumas incorrecções no *Agiologio Lusitano,* III, 129, e com fidelidade no *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra,* Supplemento 1.º, p. 30.

Passemos a descrever a segunda, aquella que Pereira Coutinho não conseguiu ler, declarando que as suas *14 linhas* se acham *tão mutiladas, que se negam á formação de qualquer sentido.*

É uma pedra rectangular, de natureza calcarea, medindo $0^{m},57$ de altura $\times$ $0^{m},53$ de largura, em pessimo estado de conservação. A parede, onde esteve por muitos seculos embutida, era humida, a ponto de escorrer agua sobre a lapide. Foi-se esta carcomendo pela acção corrosiva do salitre, até se apagarem quasi completamente muitos caracteres; as encrustações calcareas vieram deturpar ainda mais a superficie da pedra, acabando de difficultar a leitura da inscripção.

Poucas lettras restam nitidas, mas nessas poucas póde admirar-se a elegancia dos caracteres gothicos, artisticamente desenhados por habil calligrapho, e gravados com extrema perfeição. A fórma das lettras revela-nos que a inscripção é do seculo XIV, ou talvez do XIII.

Ha mais de dez annos que está depositada no Museu; entretanto conservava-se ainda com o rótulo de illegivel.

Digitized by Google

Saiu agora pela primeira vez a lume a sua leitura, feita com grande difficuldade, á custa de muito trabalho e paciencia, mas com segurança, e sem receio de êrro.

Ei-la:

LAVDE : NIMIS : DIGNA : SPECIOSA : PVDICA : BENIGNA :

PROVIDA : DISCRETA : FACVNDA : MODESTA : QUIETA :

MORIBVS : ORNATA : DE : CLARO : SANGVINE : NATA :

FAMA : DOTATA : VIRTVTIBVS : ASSOCIATA :

HARVM : PRELATA : CELLARUM : PRETITVLATA :

LVX : PRELATARVM : CLARVM : SPECL'M : MONACHARVM :

VVLTVS : HONESTATIS : FLOS : PVRVS : VIRGINITATIS :

XPI[1] : SERVORUM : MONIALIS : AMICA : MINORVM :

EST : ELVIRA : LVPI : QVAM : CERNIS : SVBDITA : RVPI :

CONSTAT : IBI : CLAVDI : SIC : OMNIA : CONSONA : LAVDI :

LAVDES : ASCRIBI : QVECVNQUE : VALENT : MONIALI :

VENDICAT : ISTA : SIBI : MERITO : TITVLOQUE : REALI :

POST : M : C : PARITER : TER : PONAS : X : BIS : ET : I : TER[2] :

ILLIVS : ERA : NOTA : TALI : FIAT : TIBI : NOTA :

Ha referencia a esta D. Elvira Lopez, abbadessa do mosteiro de Cellas, num livro manuscripto, que pertenceu ao cartorio do referido mosteiro, e hoje existe no Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra. Já me reportei a este livro em artigo publicado no *Arch. Port.*, IV, 226. Lê-se nelle o seguinte:

«Naõ sou da opiniaõ que algũs q̃ prinçipiou o modo deviuer destas religiosas que primeiro pouoaraõ este sitio em beatas, porque no anno

[1] Abreviatura da palavra *Christi*.

[2] Maneira ingenhosa de exprimir nêste verso a era da morte de D. Elvira López M · CCC · XXIII.

Digitized by Google

de mil, e duzentos, e vinte, e oito per escrituras acho que auia já Abbadessas, Doña Eluira Loaa, que comprou lobazes, lamas, vrzella com todas as suas pertenças, mays cepins grande, e pequeno, e Arinhos: foy muitos annos Prelada, de sorte q̃ ate o anno de mil, duzentos, e sesenta, e oito acho escrituras, q̃ por sua authoridade foraõ feitas. Seguiose a esta senhora outra Abbadessa cujo nome per huã so letra se firma *Dñæ F. Abbatissæ* na era de mil duzentos e setenta, e dous, até mil, duzentos, e oitẽta, e tantos: Depois continuando o tempo foy eleita em Prelada Dõna Eluira Lopez, que supposto que na Prelazia entrasse pouco depois da Prelada passada acho que na continuaçaõ das escrituras no anno de mil, trezentos, e dous, ate mil e trezentos, e dezasete continuou sua Prelazia: Neste mesmo anno entrou a gouernar o cargo Abbacial Dona Alda laurenci...»[1].

Segundo este apuramento, feito em face das escripturas de Cellas por Fr. Bernardo da Assumpção, que no seculo XVII organizou o cartorio d'aquelle mosteiro, foi D. Elvira Loba a primeira abbadessa do convento, de que resta memoria. Era ella quem ainda presidia á communidade, quando falleceu a fundadora, a virtuosa Santa Sancha, filha de el-rei D. Sancho I; o seu abbadessado prolonga-se desde 1190 até 1230 da era christã, e aquella santa falleceu em Cellas a 13 de março de 1229.

D. Elvira Lopez, de quem se occupa a inscripção, foi a terceira prelada, extendendo-se o seu abbadessado até o anno de 1279 (era 1317). Neste anno entrou D. Alda Lourencez na posse da cadeira abbacial, vaga certamente pela resignação da anterior abbadessa, e não pela sua morte, pois, segundo reza o epitaphio que acabamos de ler, D. Elvira Lopez veiu a fallecer sómente quatro annos mais tarde, em 1285 (era 1323).

Coimbra, 1899.

Antonio de Vasconcellos.

«He trabalho grande, eu o confesso, em tanta confusão de antiguidade, em tanto silencio de escriptores, descobrir aquelles, a que a rudeza, ou a ingratidão d'aquelles tempos, não soube erigir estatuas, e dedicar inscripçoens».

(Conde de S. Lourenço, *Oração* recitada na Academia Real de Historia Portuguesa, Lisboa 1757, p. 9).

---

[1] *Cellas — Index da fazenda* (n.º 44), fl. IV.

Digitized by Google

Museu Municipal de Bragança

Esclarecimento

No vol. IV, pag. 155 d-*O Archeologo Português*, vem transcripta do jornal local *O Norte Transmontano* a inscripção de uma lapide funeraria que o meu amigo e protector do Museu, abbade de Baçal, P.e Francisco Manuel Alves, lhe offereceu e que tinha sido encontrada no Castro de Sacoias.

Razão tem o meu amigo Leite de Vasconcellos para duvidar da exactidão da cópia da referida inscripção, que a imprensa local publicou sem lhe ligar toda a importancia e attenção devidas.

A inscripção que se lê na lapide, que é de granito grosseiro, cylindrica, de $0^m,29$ de diametro e $1^m,40$ de altura, é a seguinte:

BOVIVS
TALOCIF
ANN
XXXV
STTL

O I da 1.ª linha, (entre os VV), é pouco distincto; no restante não ha dúvida.

O corpo das lettras regula por $0^m,075$, e a distancia de umas ás outras por $0^m,02$.

Bragança, 1898.

Albino Pereira Lopo.

Alcobaça archeologica

2. Antiguidades romanas

Em complemento da noticia dada n-*O Arch. Port.*, I, 104 sqq., pelo Sr. Vieira Natividade, publicam-se aqui as seguintes figuras de outros objectos existentes na valiosa collecção archeologica d'aquelle Sr., e que foram encontrados no concelho de Alcobaça.

Nas figs. 1 e 2 representam-se objectos, creio que de ferro, que não posso descrever, por os não ter tido ainda presentes.

Digitized by Google

Na fig. 3 representa-se uma chave de ferro, que parece pertencer á classe das *claves Laconicae*.

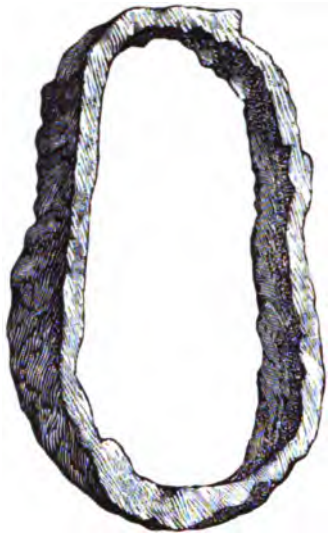


Fig. 1 (1/2)

Fig. 2 (1/2)

Na fig. 4 representa-se em tamanho natural uma loba, de bronze, encontrada no ponto onde o concelho de Alcobaça confina com o das Caldas-da-Rainha. Como o lado opposto ao que se figura está mal

Fig. 3

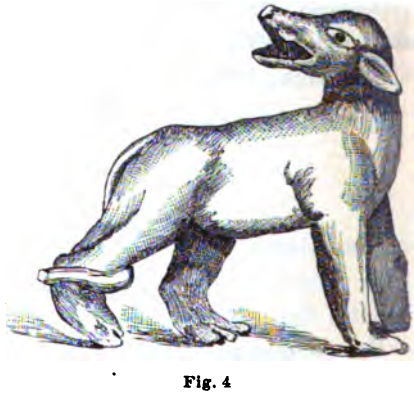


Fig. 4

cuidado, suppõe o Sr. Natividade que este objecto devia ligar-se com outro semelhante, que porém falta, restando apenas naquelle lado cravada uma haste de ferro, de secção rectangular.

Digitized by Google

Na fig. 5 representa-se em tamanho natural, em duas posições, uma Victoria de bronze, com coroa na dextra, na attitude de coroar alguem ou alguma cousa. Trabalho bastante rude; talvez indigena: mas nem por isso pouco curioso.

Fig. 5

O Sr. Natividade tinha-me promettido enviar-me a descripção circumstanciada de todos estes objectos; mas, como certamente as suas occupações lhe não tem permittido fazê-lo, e como se torna necessario aproveitar n-*O Archeologo* as gravuras já feitas, resolvi-me eu a redigir essas curtas notas, o que de antemão communiquei em carta particular ao mesmo Sr.

J. L. de V.

Notícias archeologicas do seculo XVIII

(Vid. *Arch. Port.*, IV, 100, 277, 308)

a) *Inscripções antigas (noticia).*

«*Lisboa 25 de Fevereiro.*—Em Braga, e em Coimbra se descobrirão varias inscripçoens antigas, que dão muyta luz à historia do Reyno. Os Academicos della tiverão conferencia em 4. do corrente, em que derão conta dos seus estudos Joseph Contador de Argote, Joseph do Couto Pestana, o Padre Fr. Joseph da Purificação, Joseph Soares

Digitized by Google

da Silva, que leo o principio da sua composição, e Lourenço Botelho de Souto mayor».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 25 de Fevereiro de 1723).

b) *Inscripções e cippos romanos (noticia).*

«*Lisboa 18 de Março.*—O alcayde mór de Braga Pedro da Cunha de Souto mayor, Academico Provincial da Academia Real da Historia, achou naquella Cidade varias inscripçoens, e cippos Romanos, cujas interpretaçoens mandou à mesma Academia».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 18 de Março de 1723).

c) *Subterraneos de Cintra observados por um naturalista ao serviço de Portugal.*

«*Lisboa 24 de Fevereiro.*—Mons. Merveilleux Esguizaro[1] de Nação vay correr todo o Reyno de Portugal, para fazer a descripção das plantas, e de tudo o mais, que pertence à historia natural Portugueza, com hum largo ordenado, e ajudas de custo, que Sua Mag. como Protector que he das sciencias lhe assinou».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 24 de Fevereiro de 1724).

«*Lisboa 22 de Junho.*—Mons. Mervilleux examinou todas as raridades naturaes da serra de Cintra, e a admiravel fonte, que está no alto do monte do Castello com muitos subterraneos antigos, onde achou huma Agata Oriental, persuadindo-se a que poderá haver minas de semelhantes pedras. Trouxe as plantas mais raras, que vay offerecendo a Sua Mag. com as suas descripções; e observou ser de mulher hum osso[2] de extraordinaria grandeza, que se guarda na quinta, que foy do grande D. João de Castro, e he ao presente de Pedro de Saldanha de Albuquerque seu descendente».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Junho de 1724).

---

[1] De *Schwyzer* ou *Schweizer*. Hoje usamos o termo *suiço* de preferencia á fórma italiana.

[2] Cfr. *O Arch. Port.*, III, 227.

Digitized by Google

d) *Inscripção latina no Porto.*

«*Lisboa 4 de Outubro.*—Escrevese da Cidade do Porto, que no dia da Natividade de N. Senhora, que se celebrou com huma magnificencia extraordinaria no Hospital publico daquella Povoação, chamado de *D. Lopo de Almeida,* se expoz á vista do povo huma nobre casa de Botica, que em beneficio dos pobres fundou de novo, e proveo de todo o genero de medicinas, e de muitas muy raras, com Regimento para o Boticario, e seus Officiaes, o M. Reverendo Jeronymo de Tavora, Noronha, Leme, e Sernache, Deão da Igreja Cathedral da mesma Cidade, sendo neste anno quinta vez Provedor da Casa da Misericordia della, e havendose inscripto sobre a porta o distico seguinte:

Hic pariter dives, pariter medicamina pauper
Sumptibus, & morbis, quae medeantur, habent».

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* 4 de Outubro de 1725).

e) *Sepultura do Conde de Vianna em Santarem.*

«*Lisboa 14 de Junho.*—Por cartas de Santarem se tem a noticia, de que abrindose no Mosteiro dos Religiosos de Santo Agostinho, da mesma Villa, huma sepultura, situada no meyo da Capella mór, em que forão sepultados o Conde de Ourem D. João Affonso Telles de Menezes, e a Condessa sua mulher D. Guiomar de Villalobos; bisneta delRey D. Sancho IV. de Castella, fundadores, e dotadores do dito Mosteiro, se achou inteiro o corpo da mesma Senhora, e o lençol que estava envolto, incorrupto, havendo mais de 340. annos, que he falecida».

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* 14 de Junho de 1725).

«*Lisboa 21 de Junho.*—Na semana passada se referio com menos certeza, haver-se achado inteiro o corpo da Senhora Condessa de Ourem D. Guiomar de Villa-Lobos, e agora se soube, que a sepultura, que se abrio, não foy a do Conde D. João Affonso, mas hum magnifico mausoleo de seu neto D. Pedro de Menezes, Segundo Conde de Vianna, e primeiro Capitão governador de Ceuta, onde faleceo no anno de 1437. e como foy casado duas vezes, e ambas as mulheres se sepultarão com elle, se não pode saber de qual será o corpo, que se achou inteiro. Presenceou casualmente a sua abertura o Marquez de Cascaes seu oitavo neto».

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* 21 de Junho de 1725).

Digitized by Google

f) *Medalhas romanas.*

«*Lisboa 18 de Julho.*—A Academia Real continúa na mesma fórma as suas sessoens. Na de 28. de Junho..... Receberão-se duas medalhas antigas do tempo dos Romanos, que remetteo o Academico Pedro da Cunha de Souto mayor;.....»

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 18 de Julho de 1726).

g) *Achado de um caixão de pedra em Friões.*

«*Chaves 4 de Junho.*—Na freguesia de S. Pedro de *Frioens*, termo desta Villa, annexa ao Priorado della, andando-se abrindo alicerces para accrescentar a Capella mayor, e havendo-se já aprofundado altura de seis palmos, no dia 26. de Mayo deste anno.....[1], e cavando-se mais a pouca distancia, se descobrio hum caixão de pedra tosca de oito palmos de comprimento, com cabeceira na fórma dos monumentos antigos. .....[1] A Igreja he antiga, e se conserva ha mais de trezentos na mesma forma; e assim em quanto se não averiguar o contrario, se tem por prodigio».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Junho de 1730).

h) *Manuscritos em letra arabe.*

«*Lisboa 8 de Fevereiro.*—Na primeira Conferencia da Academia Real deste anno se deo parte aos Academicos, de haver avizado João de Saldanha da Gama, Vice-Rey do Estado da India, que em huma pequena Ilha situada no mar Persico, pouco distante da Ilha de Ormuz, (que póde ser a que se conhece com o nome de *Lareca*) havia huma antiga Mesquita, e corria por tradicção entre todos os Mouros, que nella se conservavão certos depositos, que nenhuma pessoa podia tirar, porque logo em o emprendendo morria repentinamente; porém que alguns Portuguezes desprezando este agouro, entrárão na Mesquita, e trouxerão della dous cayxoens cheyos de livros antiquissimos; huns escritos na lingua Arabica, outros na Persiana, os quaes forão entregues ao mesmo Vice-Rey, que fazendo-os examinar, se achara que alguns tratavão de Medicina, outros de historia, sufficientemente enquadernados; e que muitos especialmente os de Medicina tinhão mil annos de antiguidade, e tambem escritos que parecião impressos: que se fi-

[1] O que se substitue por pontos não tem relação com o assunto de que se trata.

Digitized by Google

cava fazendo extractos do que cada hum continha para os remetter a este Reino».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 8 de Fevereiro de 1731).

i) *Inscripção romana em Dume.*

«*Lisboa 3 de Julho.*—Escreve-se de Braga, que trabalhando-se em reedificar a antiquissima Igreja de S. Martinho de Dume, cavando-se no adro, se encontrárão com vestigios de hum edificio Romano, que se entende seria algum Templo dedicado a Jupiter, porque entre a muita pedraria de colunas, e pilares, que se dezanterrárão em que ha inscripçoens com caracteres Romanos, se leo em huma coluna a seguinte inscrição [1]:

IOVI EPULSORI AR'MIA LUSSINNA
EX VOTO POSUIT

Descobrio-se juntamente hum grande tumulo de branco, e finissimo marmore com onze palmos de comprimento, e tres de largura, dentro do qual se achárão os ossos de hum corpo humano, que algumas pessoas querem fossem de algum dos Reys Suevos que dominárão em Portugal, e tiverão naquelle sitio o seu Palacio, e a sua Real Capella; e podião bem ser os delRey Theadomiro, que faleceo no anno de Christo 570. e alli fundou Mosteiro a S. Martinho de Dume, de quem foy contemporaneo; e como na invazão dos Godos se arruinárão os edificios Romanos, e na dos Arabes os dos Godos, será esta a cauza de se achárem confundidas as ruinas de huma e outra nação. Das mais antiguidades que se descobrirão se irá dando noticia».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 3 de Julho de 1732).

j) *Castello romano e inscripção perto de Ferreira do Zezere.*

«*Lisboa 18 de Junho.*—No termo da Villa de Ferreira, Comarca de Thomar, se descobrirão em hum aspero outeiro, q̃ por todas as partes parece despenharse sobre o Rio Zezere, indicios de ter havido alli hum Castello no tempo dos Romanos, que os Godos, ou os Mouros demolirão; e se reconhecem ainda muytas bases, e chapiteis de colunas, e pedras notaveis de cantaria lavrada, de mais de 10. palmos de cumprimento, além de outras de que se fabricou huma ermida dedicada a S. Pedro, a que a tradição conserva o nome de Castro; e entre outras

[1] *Corp. Insc. Lat.*, II, 2144.

Digitized by Google

se acha huma pedra consagrada aos Deoses dos mortos, que em letras Latinas mayusculas diz o seguinte[1]:

D. M.
ANTONIAE MAXUMAE,
ANTONIAE MODESTAE,
LAURENTIUS GENER,
MARITUS, EX TESTAMENTO.

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* 18 de Junho de 1733).

k) *As antas.*

«*Lisboa 3 de Setembro.*—Na conferencia que a Academia Real da Historia Portugueza fez no dia 30. de Julho, sendo seu Director o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, leu o Academico Nuno da Silva Telles a vida, que tinha escrito de hum dos Bispos do Porto, de cuja Diocesi escreve as memorias; e o Academico Martinho de Mendonça de Pina, Bibliotecario de Sua Magestade leu hum eruditissimo discurso, sobre a antiguidade, e uzo das *Antas* (ou Altares) formados de grandes pedras toscas, em figuras de mezas quadrangulares, que se achão em algumas partes deste Reyno, e servião de fazer os sacrificios, e queimar as victimas nos primeiros seculos do Mundo, pedindo a todos os curiosos, queirão participarlhe as noticias que tiverem de semelhantes monumentos com a descripção dos sitios em que se achão, e as medidas, e mais circunstancias que observarem[2]».

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* 3 de Setembro de 1733).

l) *Achado de moedas romanas proximo de Braga.*

«*Lisboa 22 de Maio.*—Na freguezia de Santa Christina, huma legoa distante da Cidade de Braga, e duas da Villa de Guimaraens, querendo hum Camponez, chamado Antonio Rodrigues, plantar um bacello perto de huma casa, que fez, deu com huma lagem, e levantada esta, com duas panellas cheas de medalhas Romanas dos Emperadores Diocleciano, Maximiano, Maximino, Constantino, Constancio, e dos Tyrannos Licencio, e Maxencio, todas muy bem conservadas, as quaes livrou de serem fundidas por hum ourives, a quem se tinham vendido, Thadeo Luiz Antonio Lopes de Carvalho, Senhor de Abadim, e Negrellos,

[1] *Corp. Inscr. Lat.*, II, 335.

[2] Trabalho citado pelo sr. Leite de Vasconcellos nas *Religiões da Lusitania*, I, 5.

Digitized by Google

Academico da Academia Real, que as participou á mesma Academia ao Excellentissimo Conde da Ericeira, e a outras pessoas curiosas da Corte, fazendo-lhes presente de algumas».

(*Gazeta de Lisboa Occidental,* 22 de Maio de 1738).

Pedro A. de Azevedo.

Bibliographia

Lapide romana da estrada da Geira sem decifração plausivel até-gora, por Pereira-Caldas, Braga s. d. (1899).

Folheto de 20 paginas em que seu auctor pretende corrigir as primeiras linhas da inscripção n.º 4799 do *Corp. Inscr. Lat.,* vol. II; isto é, interpretar:

HA : ASTVLA : ICAVL · G : C : RAV
TO etc.

como:

.....[BRACA]
RA · ASTVR[*icam*] C · CALPETANO
RANTIO etc.

O enigma não fica porém ainda resolvido.

J. L. de V.

André de Resende

O seu morgado[1]

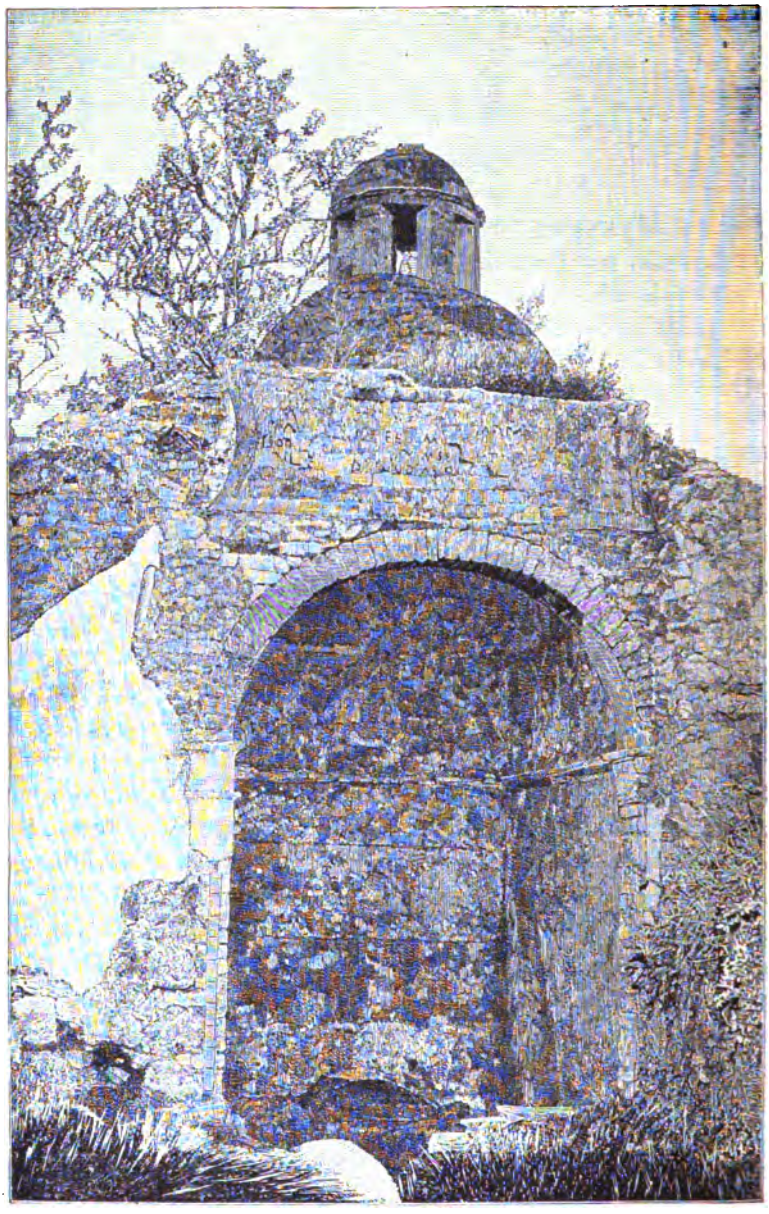
Sabia-se que André de Resende comprára e vinculára uma pequena propriedade rural, cujo segundo administrador foi seu filho natural, Barnabé de Resende. O que, porém, se ignorava era o local onde tal propriedade, e qual ella é. Determina-se hoje com o maior rigor historico.

Na vasta propriedade *Manisola,* que tal nome tem desde o sec. XIII, pertença e habitação do Sr. Visconde da Esperança, propriedade de muitas composta, ha um tracto de terreno de exiguas dimensões, denominado *Quinta do Arcediago,* em que existe uma casa de morada, e perto d'ella, em um valle de alguma amenidade, uma fonte de architectura quinhentista. Num quadrado, de aproximados tres metros por banda, uma das quaes é entrada em arco, e de altura regularmente proporcionada (vid. fig. junta), existe a fonte, brotante em tenue veia de cavidade praticada na rocha. Das quatro paredes nasce um zimborio

[1] [Sobre o assunto cf. *O Arch. Port.,* IV, 122-124. — J. L. de V.]

Digitized by Google

redondo, terminado por allanterneta. Sobre o arco de entrada existe uma inscripção latina, aberta em cal, esboroada pela acção do tempo,



como na parede do fundo, sobre a fonte, outra existe, tambem, em igual estado ao da exterior sobre a entrada.

Digitized by Google

De ha annos diligenciava eu ler estas inscripções, o que não conseguia pelo ruinoso da cal, em que gravadas.

A primeira restitui, não ha muito tempo; porque, sendo legiveis as primeiras palavras della, permittiram o verificar eu que a mesma é que ainda existe, aberta em pedra, e que André de Resende conservava no jardim de suas casas, na cidade, e diz assim:

FLECTE GENV EN SIGNVM PER QVOD VIS VICTA TIRANI
ANTIQVI ATQVE EREBI CONCIDIT IMPERIVM
HOC TV SIVE PIVS FRONTEM SIVE PECTORA SIGNES
NEC LEMORVM INSIDIES EXPECTARAQVE VANA TIME

A inscripção interna, não obstante as tentativas, jamais a pudera ler. Se pela mente me passára a ideia de ter sido André de Resende quem ali mandára gravar a exterior, facil fôra descobrir a leitura da inscripção interior, lendo de proposito, o que agora li por acaso, o artigo da *Bibliotheca Lusitana* respeitante a André de Resende, no qual não só vem as duas inscripções, mas se dá a notícia de ter sido aquella fonte, casa de morada e propriedade a mesma que o antiquario instituíra em morgado.

Diz, pois, a inscripção latina do interior da fonte:

EXERE NAI CAPVT TENEBROSA É RVPE LAETUMQVE
VISE TIBI SACRVM POMIFERVMQVE NEMUS
PER QVOD VBI LAETO DISCURRIS LIBERA FLVXV
ARBORIS VENIAT COPIA LAETA TVIS.

Está, portanto, determinada esta antiguidade resendiana, que seu actual possuidor aprecia, como homem muito illustrado, que é, tencionando não só reparar a fonte, mas mandar gravar em duas lapides marmoreas as inscripções gastadas e perdidas, para a leitura, pela acção de mais de trezentos annos.

Como na cêrca do Moşteiro, que foi de Jeronymos, dito do Espinheiro, existe a capella mortuaria de Garcia de Resende: na Quinta da Manisola, a menor distancia de Evora, subsiste a fonte de André de Resende, em sítio deleitoso por suas vistas.

Conserve-se, pois, este monumento nacional, que, se não prima por custosos lavores, perpetúa o nome do grande antiquario português, e recorda o local poetico em que elle se daria á poesia latina, em que foi distinctissimo, como o mais notavel filho de Evora.

Evora, Julho de 1898.

A. F. Barata.

Digitized by Google

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

272. Lapas (Extremadura)

Subterraneos

«Deu a esta terra o nome de Lappas hum bem confuzo Labarinto dellas artifiçiadas no coração de hũ duro monte: são muntas, em parte horrendas; e em outras partes mais agradaveis, em parte não tem ordem, e em outras partes se formão em ruas largas, e compridas, com praças, sótos, retretes, e outras meudezas; cercãoçe em roda de muntas, e altas claras boyas que girão o monte; o qual pello meyo tãobem tem algũas para sima por onde se comunica a lux a esta cavidade e o não faz a toda; por serem as ditas lapas tão difuzas que se algum ignorante de çitio emprehender correllas sem algũa guia nellas andará perdido por algum breve tempo: Manifestão de sua propria formalidade serem obra de homano braço e não engenho da natureza, Pareçendo milhor conjectura ser esta fabrica obrada em tempo que os homens não terião o uzo da Alveneria, por quanto esta lhes seria mais facil que não minarem a dureza de similhante monte. Pareçeme que podem recolher para dentro de sy thé quatro mil homens. Algua parte deste minado subterraneo abrange a igreja, em cuja conformidade se diz, que aqui andão os vivos por baxo dos mortos; tanto asim que pedindome hum Missionario Varatojo quizeçe eu guiá-lo nella para ver. Parou naquella parte da igreja rezando o Responso dos defuntos, e ao lançar a benção do *Requiem etc.* o fez para sima e não para baxo»[1]. (Tomo XIX, fl. 422).

---

[1] Parece-me que estas galerias subterraneas tiveram a sua origem na exploração do salitre empregado no fabrico da polvora. Num folheto do sr. Sousa Viterbo, intitulado *O Fabrico da polvora em Portugal*, vem, a fl. 29, uma carta regia de D. João III, com a data de 1553, pela qual este rei dava a Antonio Gonçalves, morador na villa de Torres Novas, o cargo de tirar o *salitre pera fazer a polvora* dizendo o agraciado *que seu pay Goncallo Diaz teue o careguo das lapas... que estão no termo da dita villa* (de Torres Novas). Segundo informações que tenho as galerias acima mencionadas de anno para anno se tornam menos praticaveis á passagem em virtude dos successivos desmoronamentos. Corre como certo os subterraneos chegarem até o castello de Torres Novas e terem sido escavados pela guarnição moura d'esta villa para effectuar sortidas. Não me parece todavia exacta a tradição. Cfr. *O Arch. Port.*, I, 112 e II, 187, nota.

Digitized by Google

273. Lavra (Entre-Douro-e-Minho)

Cidade de Lavra

«Não tem porto do Mar nem he terra murada nem Praça nem tem Castello, nem Torre antiga, nem padeceu ruina no terremoto, nem tem mais couza digna de memoria que o ser esta freguezia mais antiga em razam de dizer Manoel de Faria e Souza, que junto á Cidade do Porto duas legoas fica a Cidade de Lavra[1], e como hoje senão acha esta Cidade não duvido antes me parece que seria nesta freguezia em razam de algum dia me dizerem havia nesta terra o Convento de Santo Têrso, e se acharem ainda vestigios, ou signaes de ser verdade razam porque ainda se acham nesta rezidencia hũas colunas que demonstram serem do mesmo Convento, e se acharem tambem nas arêas pegado ás aguas do Mar huas Eiras de ladrilho de burgos que bem demostram serem claustros de outro Convento ou Palacio antigo, e tambem se acha junto á Igreja em caza de Antonio dos Santos hua pedra com hum Epitafio antigo, cujas letras se nam entendem, por onde venho a colher seria certo o que diz o Author Faria e seria a Cidade neste destricto, e tambem por se acharem ao fazer desta Igreja, que ainda he moderna alguas sepulturas de pedra grandes, e agigantadas ao modo antigo, e outras de tejolo; e ao fazer da mesma Igreja se acharam nas sepulturas corpos inteiros em pó, que asoprandolhe se desfaziam, o que eu vi com os olhos, que me admirey de ver a grandeza dos ditos corpos por serem agigantados». (Tomo XIX, fl. 487).

274. Lemenhe[2] (Entre-Douro-e-Minho)

Castello das Ermidas

«Tem este monte de comprido mejo coarto de Legoa e sobre elle se forma hum picoto ou outeiro chamado o Monte das Ermidas ou Castellos das Ermidas porque dizem os antigos que antigamente fora Castello e com effeito ao rredor delle se acham vestigios de muros delle feitos de pedras de canto cortadas ao pico que a mayor parte dellas se tem desfeito pelos Labradores para fazerem paredes em outras partes». (Tomo XX, fl. 567).

---

[1] Nos *Port. Mon. Hist.*, «Dipl.», apparece notícia de um *territorio labrense* que identifico com o concelho de Bouças a que hoje pertence Lavra.

[2] *Lemeni.* Ficava proximo do *monte Castro Beati. Port. Mon. Hist.*, p. 246.

Digitized by Google

275. Santa Leocadia (Beira)

Sepulturas com epitaphios

«..... Igreia chamada da Senhora de Sabroso, que se avista de Barcos cabeça da Reitoria desta villa de Barcos munto antigua que há memoria de algum dia se virem enterrar nella e no adro della gente de coatro e seis legoas distantes da dita igreja e mais ainda hoie há na dita igreja e adro della sepulturas com epitafios por sima mostrando que ali se tem enterrado pessoas ilustres». (Tomo XX, fl. 583).

276. Leça[1] (Entre-Douro-e-Minho)

Inscripções

«..... e o primejro sepulchro seo ha tradiçam que foj defronte da porta travessa da dita Igreja, e que o venerando Balio Frej Luis Alvaes de Tavora o mandara tresladar para a dita capella ahonde se acha colucado e tem a mesma parede ahonde jas huma Lamina de metal que tem huns versos gravados os quoais sam latinos e do teor seguinte:[2]» (Tomo XX, fl. 609).

«Da parte do Evangelho na parede da dita Capella do Ferro está metido em hum arco outro grande mauzoleo de pedra de Ansam, em o qual se vê hum epitafio com as seguintes Letras:

AQUI JAZ O MAGNIFICO E REVERENDO SENHOR DOM FREJ JOAO COELHO PRIOR QUE FOJ DO CRATO, CANCILHER MOR DE RODEZ, E BALIO DE NEGROPONTO, DO CONSELHO DE ELREY, E COMMENDADOR DE LESSA, DA GUARDA, E DE ELVAS, AO QUAL NOSSO SENHOR POR SUA SANTA PAY XAM, E ROGOS DE NOSSA SENHORA SUA MADRE LHE QUEJRA PERDOAR SEUS PECCADOS. AMEN. FALECEO DA VIDA PREZENTE EM A ERA DE MIL QUINHENTOS E QUINZE»

(Tomo XX, fl. 611).

«Abaixo do meyo da dita Igreja e na nave do meyo della está hum mauzoleo, ou Tumulo de pedra desta terra, e por bajxo o sus-

---

[1] Outr'ora escrito *Leza*. Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal*, II, 334.

[2] Esta inscripção já foi publicada n-*O Arch. Port.*, II, 149 pelo Sr. Sousa Viterbo com variantes, sendo a traducção de Velho Barbosa e a do Parocho de Leça tambem diversas. No mesmo artigo vem transcripta outra inscripção em verso relativa a Pedro Durães. Todas as inscripções em versos leoninos necessitam de uma profunda revisão.

Digitized by Google

tentam tres Lions tambem de pedra, e dentro delle está o corpo do Beato Dom Frej Garcia Martins, Cavalejro Melitense..... etc.; tem a capa do sobredito tumolu hum pedasso de pedra de Ansam embutido com hum distico que dis o seguinte em letra gotica:

E. 1343 IN IESU CHRISTI DISCESSIT IN
REYNO FRATRI DOMNI GARCIAE MARTINI, GLORIA
NOSTRA, COMMENDATORI DOS CINCO REYNOS DE
HESPANHA IN COELICO.

(Tomo xx, fl. 613 e 614).

Pedro A. de Azevedo.

Congresso de Numismatica

A proposito do Congresso internacional de Numismatica que vae celebrar-se em Paris nos dias 14, 15 e 16 de Junho de 1900, recebi a seguinte carta-circular, que publico por o seu conteudo poder interessar a alguns leitores:

«Monsieur et cher Confrère.—Le Congrès international de Numismatique est placé, comme tous les Congrès internationaux de 1900, sous la haute direction de M. le Ministre du Commerce et de l'Industrie.

La Commission d'organisation, définitivement constituée, a élaboré le règlement (en conformité avec le Règlement général des Congrès) et le programme que vous trouverez ci-après. Ce programme doit être considéré comme une base d'études. Mais la Commission fera un accueil favorable aux travaux concernant d'autres sujets que ceux inscrits au programme, pourvu que ces travaux remplissent les conditions stipulées dans le Règlement.

La Commission d'organisation acceptera de préférence les mémoires rédigés en français. Toutefois, elle admettra aussi les notices écrites dans une des langues suivantes: anglais, allemand, italien, espagnol, latin. Les notices écrites dans une de ces cinq langues devront être accompagnées d'un résumé en français.

Un banquet, dont le prix de souscription sera fixé ultérieurement, réunira les membres du Congrès, à l'issue de leurs travaux.

Nous espérons que vous voudrez bien nous apporter le résultat de vos différentes recherches et renouveler ainsi les relations scientifiques et amicales dont la Numismatique peut tirer un grand profit».

Digitized by Google

A carta está assignada pelos membros da commissão d'organização, os Srs. Conde de Castellane, De Foville, Babelon, De Marchéville, Blancard, Mowat, Lalanne, Mazerolle, Denise, Blanchet e Sudre.

Com a carta vinha o *Règlement du Congrès international de Numismatique,* que igualmente transcrevo:

«Art. 1er. Conformément à l'arrêté ministériel en date du 11 juin 1898, il est institué à Paris, au cours de l'Exposition universelle de 1900, un Congrès international de Numismatique.

Art. 2. Ce Congrès s'ouvrira le 14 juin 1900, dans le Palais des Congrès; sa durée sera de trois jours.

Art. 3. Seront membres du Congrès les personnes qui auront adressé leur adhésion au Secrétaire de la Commission d'organisation, avant l'ouverture de la session, ou qui se feront inscrire pendant la durée de celle ci et qui auront acquitté la cotisation, dont le montant, fixé à vingt francs (or français), devra être envoyé au Trésorier de la Commission.

Art. 4. Les membres du Congrès recevront une carte qui leur sera délivrée par les soins de la Commission d'organisation.

Ces cartes, qui ne donnent aucun droit à l'entrée gratuite à l'Exposition, sont strictement personnelles. Toute carte prêtée sera immédiatement retirée.

Art. 5. La Commission d'organisation procédera, avant la première séance, à la formation du Bureau du Congrès qui comprendra des membres étrangers.

Art. 6. Le Bureau du Congrès fixe l'ordre du jour de chaque séance.

Art. 7. Le Congrès comprend des séances et des visites à des établissements scientifiques.

Art. 8. Les membres du Congrès ont seuls le droit d'assister aux séances et aux visites préparées par la Commission d'organisation, de présenter des travaux et de prendre part aux discussions.

Les délégués des administrations publiques françaises et étrangères jouiront des avantages réservés aux membres du Congrès.

Art. 9. Les mémoires qui serviront de point de départ à la discussion devront être communiqués à la Commission avant le 15 avril 1900.

Art. 10. La durée des communications ne pourra excéder vingt minutes.

Art. 11. Les membres du Congrès qui auront pris la parole dans une séance devront remettre au Secrétaire, dans les vingt-quatre heures, un court résumé de leurs communications, pour la redaction des procès-verbaux. Dans le cas où ce résumé n'aurait pas été remis, le texte rédigé par le Secrétaire en tiendra lieu, ou le titre seul sera mentionné.

Art. 12. La Commission d'organisation pourra demander des réductions aux auteurs des résumés : elle pourra effectuer ces réductions ou décider que le titre seul sera inséré, si l'auteur n'a pas remis le résumé modifié en temps utile.

Art. 13. Les procès-verbaux sommaires seront imprimés et distribués aux membres du Congrès, le plus tôt possible après la session.

Art. 14. Indépendamment de ces procès-verbaux, chaque membre du Congrès recevra un volume publié par les soins de la Commission d'organisation. Ce volume comprendra les mémoires et communications dont la Commission aura décidé la publication.

Digitized by Google

Art. 15. Le Bureau du Congrès statue en dernier ressort sur tout incident non prévu au Règlement.»

Toutes les communications relatives au Congrès doivent être adressées à M. Adrien Blanchet, Secrétaire de la Commission d'organisation, boulevard Péreire, 164, Paris.

Segue-se o *Programme:*

I.—NUMISMATIQUE ANTIQUE.

«1. Ordre géographique à suivre dans la description générale des monnaies du monde antique. Imperfection de l'ordre adopté par Mionnet. Peut-on y remédier sans bouleverser toute l'économie du système?

2. État actuel de la Numismatique celtibérienne.

3. Discuter les théories diverses sur l'introduction des statères de Philippe en Gaule.

4. Étudier les noms inscrits sur les monnaies gauloises.

5. Peut-on accepter intégralement la classification actuelle des monnaies de l'Étrurie?

6. Classement chronologique et géographique des monnaies frappées par les Carthaginois.

7. Rechercher les premiers portraits qui figurent sur les monnaies antiques de la Grèce.

8. Étudier les monnaies lyciennes au point de vue de l'origine et du sens des types monétaires.

9. Rechercher comment le type monétaire sassanide a pénétré dans le monnayage indien et quels sont les princes qui l'ont adopté.

10. Rechercher l'époque probable des monnaies en bronze, bilingues (en caractères chinois et kharoshthi) qui ont été récemment trouvées en Kachgarie.

11. Rechercher l'influence des types monétaires grecs sur ceux de la République romaine.

12. Discuter les explications proposées au sujet des monnaies de restitution.

13. Étudier les difficultés de l'histoire numismatique du règne de Gallien.

14. Étude sur les moules monétaires en terre cuite; liste complète des trouvailles de cette nature et relevé des monnaies moulées ou surmoulées dans l'antiquité.

15. Étude des monnaies barbares: 1° imitées des types grecs et romains; 2° présentant des types originaux. Leur importance pour l'histoire de la civilisation, au point de vue technique et esthétique.

II.—NUMISMATIQUE DU MOYEN ÂGE ET MODERNE.

16. Peut-on proposer actuellement une nouvelle explication relative à l'organisation des ateliers monétaires mérovingiens?

17. Rechercher si l'examen du titre du métal des monnaies carolingiennes peut fournir des renseignements utiles au classement des espèces sorties d'un même atelier.

18. Comment le *jus monetae* a-t-il été exercé par les premiers Capétiens?

19. Signaler les monnaies citées dans des documents du moyen âge et non retrouvées.

Digitized by Google

20. Signaler les documents monétaires conservés dans les établissements publics ou privés.

21. Déterminer les raisons économiques qui ont fait pénétrer l'or arabe en Europe, à l'époque des Croisades.

22. Emprunts de types monétaires faits par la France aux pays voisins et réciproquement à diverses époques. Montrer l'intérêt de la question au point de vue des relations politiques et économiques.

23. Rapport du marc de Cologne avec les différents marcs de France et d'Angleterre.

III. — NUMISMATIQUE CONTEMPORAINE ET QUESTIONS MONÉTAIRES.

24. Examen critique et comparatif des types figurés sur les monnaies actuellement fabriquées par les divers États. En déduire des règles générales pour la composition de sujets historiques et allégoriques, à la fois esthétiques et intelligibles.

25. De l'utilité des différents apposés sur les monnaies. Y a-t-il lieu de les conserver à notre époque?

26. Recherches sur les contremarques monétaires depuis l'origine jusqu'à nos jours. Recueil des documents qui font mention de ces signes.

27. Existe-t-il en Allemagne des documents concernant l'invention par le mécanicien d'Augsbourg dit «Chevalier du Saint-Sépulcre», des procédés mécaniques de fabrication monétaire, introduits en France sous Henri II et employés à Paris à la Monnaie des Étuves ou du Moulin?

28. Étudier les moyens les plus efficaces pour combattre la contrafaçon des monnaies anciennes. Indiquer les mesures de répression que les divers gouvernements pourraient prendre contre les faussaires.

IV. — MÉDAILLES ET JETONS.

29. De l'imitation par les graveurs étrangers, particulièrement en Belgique, des sujets allégoriques représentés sur les médailles françaises du XVIIIe siècle.

30. Rechercher les jetons français des XVIe et XVIIe siècles, frappés dans d'autres ateliers monétaires que Paris.

31. Classement des jetons de la maison d'Anjou; rechercher ceux qui ont été frappés en Anjou et en Provence et ceux qui sont de fabrique italienne.

V. — QUESTIONS DIVERSES.

32. Bibliographie numismatique. Dresser pour chaque pays une liste des catalogues imprimés des collections publiques de monnaies et médailles. Signaler les collections publiques dont il n'existe aucun catalogue.

33. Quels sont les ouvrages généraux dont la publication rendrait plus facile l'étude de la Numismatique.

Est-il possible d'établir des rapports permanents entre les sociétés numismatiques des divers pays?»

J. L. de V.

Digitized by Google

VOL. V 1899-1900 N.º 8

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1900

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Da Lusitania á Betica: 225.
Estevaes do Mogadouro: 249.
Inscripção romana de Pedrulha: 253.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 254.

Este fasciculo vae illustrado com 15 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V 1899-1900 N.° 8

Da Lusitania á Betica[1]

Pax-Iulia — Serpa — Myrtilis — Baesuris

Aproveitando as ferias paschoaes de 1895, fiz uma pequena excursão archeologica pelo Sul do nosso país. Foi em minha companhia o Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu.

De Lisboa seguimos para Beja; d'aqui fomos a Serpa; de Serpa voltámos a Beja, d'onde partimos no dia immediato para Mertola; de Mertola dirigimo-nos a Castro-Marim, e de lá, por Faro, outra vez para Lisboa.

Para intelligencia dos leitores direi que á moderna Beja corresponde a romana *Pax-Iulia;* a Mertola corresponde *Myrtilis;* a Castro-Marim, segundo se crê, corresponde *Baesuris;* a Faro, como parece, ou ao seu campo, corresponde *Ossonoba;* a povoação romana correspondente a Serpa chamava-se mesmo assim, se é que, a julgar do lettreiro de uma moeda da epocha romana, não teve tambem o nome de *Sirpa.*

1. Tres dias em Pax-Iulia

O que me levava a Beja era principalmente visitar o importante Museu Archeologico Municipal. Em verdade, eu já o tinha visitado por duas vezes; mas, como elle augmenta constantemente, e como as minhas primeiras visitas foram muito de corrida, necessitava fazer nova visita.

N-*O Arch. Port.,* I, 19 e 111, disse algumas palavras d'este Museu. A pag. 112 referi-me á questão da situação de *Pax-Iulia,* que não ha dúvida que o foi no local em que hoje está Beja. D'este

[1] Este artigo está quasi todo escrito desde 1895. Por falta de tempo não o acabei primeiro.

Digitized by Google

ponto tratou tambem André de Resende, na sua carta a João Vaseo intitulada *Pro colonia Pacensi*[1].

O Museu de Beja comprehende objectos pertencentes, mais ou menos, a todas as epochas da nossa historia.

Dos tempos modernos tem uma importante collecção ethnographica: não faltam lá os polvorinhos ornamentados, as colhéres de chifre e de madeira feitas pelos pastores, as rocas artisticas, os *cajados,* aprestos de lavoura, etc. Um dos polvorinhos tem estes ornatos: as armas reaes, dois corações com uma chave ao centro, a meia-lua, e várias rosetas. Todos estes *motivos* se observam frequentemente na esculptura popular do nosso país. Os pastores do Alemtejo são eximios nestas e noutras obras de arte. As horas longas que elles passam na solidão dos montados, guardando os rebanhos, provocam-nos a empregar a sua actividade em rendilhar polvorinhos, cajados, e sobretudo colhéres, o que justifica plenamente o adagio: *quem não tem que fazer, faz colhéres.* Alguns dos objectos ethnographicos do Museu de Beja formam ao mesmo tempo decoração ou enfeite das salas, como as redes dos carros (fabricadas de esparto, junça e pita), a *manta alemtejana,* o cobertor. O Alemtejo possue industrias caracteristicas; os organizadores do Museu andaram, pois, com supremo tino tornando-as lá bem patentes.

De epochas anteriores á actualidade, mas pertencentes á historia portuguesa propriamente dita, tambem offerece o Museu muitos espécimes: medidas, azulejos, leques, louças, joias, vestuarios, moveis, ferragens, molduras, armas, pedras sepulcraes, esculpturas de pedra, inscripções. O touro do brasão d'armas da cidade apparece em toda a parte: em sinetes, em azulejos, em pedras, e até num tinteiro de prata, offerecido a Beja por el-rei D. Manoel. Algumas das faianças estão datadas. Num prato português do sec. XVII lê-se: *Ines dos Sarafis* (Seraphins), e num pote de barro: *ẽ nome de Dẽs amẽ,* entre ornatos. No fundo de um vaso de louça antigo está a seguinte inscripção collocada entre estrellinhas:

*
* S O *
* A T I *
* A M O *
*

Em todos os países e em todas as epochas se tem usado inscripções semelhantes: num vaso romano de Populonia (Italia), por exem-

[1] Vid. L. Andr. Resendii *Opera,* Conimbricae 1790, I, 7 sqq.

Digitized by Google

plo, lê-se: *Anima felix vivas*[1]; em vasos achados numa necropole antiga dos arredores de Reims (França) lê-se: *vivatis* e *ave*[2]. Do altar do dormitorio do extincto convento da Conceição veiu para o Museu uma curiosa *tabula* de 1697 com uma «Oratio contra fulgura et tempestates».

Da epocha do dominio dos Arabes possue o Museu pouca cousa: recordo-me apenas de ter visto umas lucernas de barro. Da epocha do dominio dos barbaros creio que não tem nada.

Uma epocha brilhantemente representada é a romana. O Museu não é só rico em epigraphia, mas em ceramica e esculptura; tambem possue varios mosaicos. Já n-*O Archeologo* se tem publicado algumas das inscripções romanas que lá se acham, e ir-se-hão publicando outras successivamente. No número das inscripções romanas figura a de *Serapis Pantheus,* muito conhecida. Uma das vereações camararias transactas teve, aqui ha annos, a feliz ideia de mandar fixar na parede do patamar do primeiro lanço das escadas dos Paços do Concelho, em frente de quem sobe, a célebre inscripção romana que a *Colonia Pax Iulia,* no sec. II da Era Christã, dedicou ao imperador Lucio Vero, que nessa inscripção figura com o nome de *Lucio Aelio Aurelio Commodo.* Aos lados estão dois enormissimos capiteis romanos, que sem dúvida pertenceram a um monumento majestoso. No *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, e *Supplemento,* vem publicadas tambem muitas das inscripções pacenses. Algumas das pedras sepulcraes tem ornatos, outras são em fórma de pipa; d'esta última especie ha umas oito: quasi uma adega! Na classe dos objectos de barro tem o Museu pesos, vasilhas (amphoras, taças, etc.), lucernas, alem de grande número de tijolos e tegulas. Algumas das lucernas contém figuras nos discos. Dos pesos publicarei espécimes noutro número d-*O Archeologo.* Uma das amphoras foi publicada no vol. I, a pag. 261. De vidro ha no Museu varios unguentarios ou lacrimatorios. Entre os objectos meudos especializarei um pêso de fuso ou *verticillus,* com ornatos, um amuleto phallico ou *fascinus* (de metal), e um annel ou *anulus.* Á entrada do Museu está armado um tumulo romano, que se encontrou, segundo penso, na cidade: objecto que, por ser funebre, e occupar assim a entrada, não se deve ter como de mau agouro, pois é na morte que muitas vezes se estuda a vida, e só pelo passado se póde muitas vezes apreciar o presente.

---

[1] Apud R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine,* 2.ª ed., pag. 310.

[2] In *Revue Archéologique,* 3.ª ser., XXVIII, 260.

Digitized by Google

Os tempos pre-romanos não estão muito bem representados, quanto ao número dos objectos; mas alguns d'estes objectos são realmente importantes. Á epocha proto-historica pertence uma pedra com inscripção iberica, que fazia parte da collecção organizada no seculo XVIII por Cenaculo, venerando bispo de Beja, e ao depois arcebispo de Evora. Á mesma epocha, ou aos fins da pre-historica, creio pertencerem tambem tres lousas sepulcraes com esculpturas, e quatro vasos de barro,— objectos que constituirão assunto de um artigo especial. Da epocha pre-historica vi no Museu apenas alguns instrumentos neolithicos e outros de cobre ou bronze.

Ao Museu pertence ainda uma pequena collecção de moedas, que vae augmentando dia a dia. Entre ellas encontrei metade de um bronze em mau estado, que era sem dúvida moeda de Myrtilis.

A quasi totalidade dos objectos procede do concelho de Beja, o que dá ao Museu tom local muito pronunciado. A disposição é por ora mais artistica e de convenção do que propriamente scientifica, o que não admira, nem merece censura, attentas as condições da casa e o facto de o Museu se estar ainda organizando.

O sentimento local e patriotico que tem presidido á organização do Museu manifesta-se ainda na denominação das salas e galerias, pois estas receberam os nomes de cidadãos benemeritos ainda vivos, ou de mortos illustres: sala de «Gomes Palma» e de «A. A. Doria»; galeria de «Gama Xaro» e de «Felix Caetano». O último foi um antiquario bejense que viveu no sec. XVIII, e escreveu uns trabalhos, que ficaram ineditos, sobre a historia e antiguidades de Beja; a Bibliotheca Nacional de Lisboa possue alguns d'elles. Gama Xaro foi outro antiquario, que principalmente se tornou conhecido em Setubal, por occasião da exploração das ruinas de Troia[1]. O Sr. Gomes Palma e o Sr. Doria tem feito parte do senado de Beja.

A ideia da fundação de um Museu Municipal nesta cidade foi apresentada pelo Sr. Gomes Palma á Camara da sua presidencia em 5 de Março de 1890; a inauguração solemne realizou-se em 29 de Dezembro de 1892. É uma ventura para a patria e para a sciencia quando se encontram assim varões prestantes que, compenetrados da grandeza de um pensamento, sabem pô-lo tão firmemente em execução!

Depois de ter descripto summariamente o Museu, e de ter dito duas palavras da sua fundação official, devo agora fallar de quem,

---

[1] Cfr. *O Arch. Port.*, I, 55.

Digitized by Google

na sua modestia e na sua simplicidade, é um dos mais activos e fecundos propugnadores do engrandecimento e boa ordem d'esta magnifica instituição municipal: refiro-me ao Sr. José Umbelino Palma, secretario da Camara de Beja e redactor d-*O Bejense*. Baixo, fallador, de gesticudação animada e olhar perscrutador, o Sr. José Umbelino attrae logo a attenção d'aquelles que se lhe dirigem. Pela minha parte confesso que me encantou com a sua conversa cheia de informações, e a cada passo cortada ou de ditos chistosos, ou de expansões de enthusiasmo pelos progressos do Museu. Com relação a este, não perde a occasião de obter qualquer objecto valioso que apparece casualmente, ou que lhe consta que existe em qualquer parte; elle o classifica, o numera, o cataloga, o põe no devido logar; depois, n-*O Bejense,* dá notícia da acquisição,—o que tambem não deixa de fazer quando se trata de um objecto offerecido espontaneamente pelo seu possuidor. No concelho de Beja o amor pela archeologia e ethnographia locaes está de tal modo radicado, que quem possue, e póde dispensar, um objecto que lhe parece que convem ao Museu, não hesita em o ir levar lá; os proprios aldeões procedem assim! D'aqui se vê a vantagem dos museus: são escholas, e ao mesmo tempo incentivo. Alem dos catalogos manuscritos, que estão nas salas do Museu á disposição dos visitantes, o Sr. Umbelino Palma organizou já quatro, que foram publicados a expensas da Ex.ma Camara; são elles:

a) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»,* 1.° fasciculo, *ceramica,*—Beja 1894, 113 pag.;

b) *Catalogo da sala de «Adolpho A. Doria»,* 1.° fasciculo, *pesos e medidas,*—Beja 1894, 91 pag.;

c) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»,* 2.° fasciculo (Grupo B), *mosaicos e cimentos,*—Beja 1894, 62 pag.;

d) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»,* 4.° fasciculo, *azulejos,*—Beja 1895, 158 pag.

A estes *Catalogos* seguir-se-hão outros.—Ao segundo me referi n-*O Arch. Port.,* I, 19. Os *Catalogos* precedentemente mencionados não se limitam á ennumeração dos objectos, mas contém tambem numerosos documentos e notícias, que os tornam muito uteis para o conhecimento da historia e archeologia bejenses[1].

[1] O presente artigo está começado, como disse, desde 1895. Neste intervallo falleceram já alguns dos individuos a que nelle me refiro. O Sr. Umbelino Palma foi um d'elles. Tão prestante cidadão succumbiu em Beja a uma pneumonia dupla em 15 de Dezembro de 1897.

Digitized by Google

E aqui termino o que por agora tencionava escrever á cêrca do Museu.

Se o Alemtejo é uma das provincias portuguesas mais caracteristicas, pois na paisagem, nas producções, na raça, nos trajos, na organização domestica, nas comidas, se distingue bastante das outras do reino; se Beja, como cidade e capital de districto, representa perfeitamente os aspectos typicos da vida alemtejana, e como povoação antiquissima e que tem acompanhado as vicissitudes da nossa historia, povoação insulada no meio de um deserto, só ha pouco ligada com o resto do país pela linha ferrea, conserva ainda feição archaica, e traz constantemente á memoria o passado, nas ruinas do seu castello medieval, no geral acanhamento dos seus edificios, — com excepção de certos templos notaveis, dos conventos e de pouco mais —, na estreiteza das suas ruas, algumas ainda com nomes historicos, como *Rua dos Infantes,* ou nomes relacionados com as lendas locaes, como *Rua do Touro:* o Museu Archeologico, que apresenta como num quadro a resenha de grande parte d'esses caracteres e d'esse passado, ennobrece quem o fundou e quem o sustenta, e torna-se interessante fonte de estudo para o investigador, e attractivo para o forasteiro que for a Pax-Iulia.

*

Não é este museu o unico que Beja offerece ao amador da archeologia. O Sr. Dr. Francisco Ignacio Mira possue uma valiosa collecção de moedas antigas que elle, com a sua amabilidade, me permittiu examinar. Ahi encontrei algumas que particularmente me interessaram, como uma de Salacia, do typo indicado n-*O Arch. Port.,* I, 81, fig. 2.ª, e várias de Myrtilis. Como das últimas espero fazer artigo especial, e do conjuncto do monetario me prometteu o illustre possuidor enviar para esta Revista uma nota descriptiva, não digo aqui mais nada da collecção, e limito-me a agradecer ao meu amigo o Sr. Dr. Mira a benevolencia com que me recebeu.

Apresentado por este Sr., tive tambem o prazer de estar em casa do Sr. Dr. Meneses, professor de sciencias naturaes no Lyceu, e ahi vi um bonito annel romano de ouro, e um vaso de barro da mesma epocha, objectos apparecidos no Alemtejo. Já em tempo eu havia recebido um decalque do annel, que a seu tempo publicarei n-*O Arch. Port.* O Sr. Dr. Menezes não está propriamente possuido da paixão archeologica, mas é homem illustrado e de gôsto, e por isso, alem dos objectos mencionados, reuniu tambem na sua casa muitos moveis e pratas de merito artistico-archeologico.

Digitized by Google

2. Notícia de Serpa

De Beja, ou Pax-Iulia, a Serpa não é longe, posto que tenha de se sair da Lusitania, pois Serpa fica no territorio que os Romanicos comprehendiam sob a denominação de Baetica.

Ao chegar-se, em comboio, ao extremo da Lusitania vae-se, uns minutos, pela margem direita do Anas, que alli corre por vastos descampados, nus de cultura e de arvoredo.

Em terreno ainda lusitanico, passa-se por Quintos, estação da linha ferrea; dos arredores de Quintos ha notícia da existencia de restos romanos, como se disse n-*O Arch. Port.*, I, 340 e nota.

Depois encontra-se uma ponte, atravessa-se o rio, e está-se na Betica. A poucos instantes entra o comboio na estação de Serpa.

Perto da estação ha uma herdade chamada *A Salsa,* que foi *villa* ou povoação romana; não pude lá ir, mas as informações que obtive bastam para definir a epocha romana, pois me dizem que apparece lá mosaico do genero *opus vermiculatum;* tambem appareceu uma columna e varios objectos artisticos de pedra.

A villa de Serpa fica longe da estação do caminho de ferro: a uma legoa, pouco mais ou menos, de jornada. A villa é grande, estendendo-se muito por fóra da antiga muralha. No alto da villa fica o castello, de que resta parte da torre de menagem, aonde subi.

O Sr. Manoel Dias Nunes, moço muito estimado em Serpa, tinha tido a bondade de nos esperar na estação; depois acompanhou-nos sempre, e recebeu-nos em sua casa. Comquanto não se dedique a estudos archeologicos, interessa-se pelo da litteratura popular e assuntos congeneres, alem de cultivar com muito enthusiasmo a poesia[1]; por esse motivo, e tambem pelas suas excellentes qualidades pessoaes, a sua companhia foi-me extremamente agradavel, o que faz que eu conserve dos dias passados em Serpa indeleveis recordações, realçadas ainda pelo proveito que colhi para os meus estudos.

*

Eu já havia passado em Serpa uma noite, em 1889, e nessa occasião travado relações de amizade com o illustre medico, o Sr. D. José

---

[1] Já depois da minha estada em Serpa o Sr. Dias Nunes publicou os *Rosmaninhos* (volume de seus versos), e encetou, de collaboração com o Sr. Dr. Ladislau Piçarra, a *Tradição,* valioso archivo de estudos ethnographicos.

Digitized by Google

de la Feria y Ramos, que, embora seja hespanhol de nação, reside em Serpa ha muitos annos, onde exerce clinica, e possue as sympathias de todos. O Sr. D. José de la Feria é tambem amador numismatico, e possue uma bonita collecção de moedas antigas, sobretudo importante pelo facto de ellas terem sido achadas quasi todas pelos arredores de Serpa: por tanto, quando se trate de moedas romanas, ficam-se sabendo datas da dominação romana, e quando se trate de moedas coloniaes da Iberia, ficam-se sabendo quaes os povos antigos que estavam em relação mais ou menos directa com aquelle recanto da bacia do Anas. Todos os colleccionadores de moedas antigas, e ainda os de moedas suevo-lusitanas, visigoticas e arabes, e mesmo portuguesas, devem pois sempre pôr ao lado dos seus exemplares uma indicação do local onde appareceram, para assim estes pelo seu lado derramarem, em relação á geographia e á chronologia, alguma luz no nosso passado[1]. Quando um colleccionador não tire da sua collecção outro resultado que não seja o do simples gôzo de a possuir, e de dizer que tem esta e aquella raridade, a collecção não passa de mero objecto de luxo, que póde ser substituido por outro qualquer: por esse motivo entendo que todos os colleccionadores devem não só conhecer a historia das suas collecções, isto é, dos elementos e condições em que foram organizadas, mas tambem fazer que ellas sirvam para algum estudo especial.

Na collecção do Sr. D. José de la Feria ha moedas da Republica Romana, do Imperio, e da Iberia antiga. Da Republica tem apparecido por Serpa algumas dezenas; do Imperio algumas centenas (seis ou sete). Entre as moedas autonomas da Iberia possuidas pelo Sr. Dr. Féria tomei nota das seguintes: um denario de Osca, correspondente ao n.º 23 do *Nuevo metodo* de Delgado (vol. III, est. CLIX), e moedas de cobre de differentes pontos: uma com caracteres phenicios, de Gades; duas com caracteres ibericos, de Ttaqš[2], e de Sega ou Segia[3]; muitas com caracteres latinos, já de localidades da Citerior, como Bilbilis, Ercavica, Ilerda, Turiaso, já da Ulterior, como Carmo, Carteia, Emerita, Ilipa, Ituci, Laelia, Myrtilis, Romula, Salacia, Traducta Iulia. Dominam, como é natural, as da Ulterior, por isso que nesta provincia se conhecem mais moedas hispano-latinas do que na Citerior. A pe-

---

[1] N-*O Arch. Port.*, I, 81-82, vimos, a respeito das moedas de Salacia, um exemplo da importancia que tem o saber-se a proveniencia das moedas para se determinar a região a que ellas propriamente pertencem.

[2] Corresponde a uma das do n.º 76 dos *Monumenta linguae Ibericae*, de Hübner, p. 73.

[3] Corresponde a uma das do n.º 49 da citada obra de Hübner, p. 54.

Digitized by Google

quena lista precedente mostra que as moedas da Peninsula corriam mais ou menos por pontos muito afastados da sua procedencia, por quanto em Serpa se acham moedas vindas de tão longe: facto interessante, porque revela relações sociaes entre os variadissimos povos ibericos.

Na collecção monetaria do Sr. Feria chamaram particularmente a minha attenção as moedas de Myrtilis e de Salacia, por pertencerem ao ponto do nosso país.

De Salacia (cfr. *O Arch. Port.*, I, 81–84) tem o Sr. Feria quatro moedas:

1) uma, achada no Algarve, que apresenta no anverso a cabeça de Hercules, imberbe, voltada á direita, com a pelle do leão e a maça atrás, e a legenda ODACISºAº, e no ℞, entre dois peixes voltados para a direita, [illegible]; circuito granulado nas duas faces; muito bem trabalhada, e muito bem conservada;

2) tres, achadas em Serpa:

a) uma, como a de cima, tambem bilingue, mas um tanto gasta;

b) outra, que tem no anverso a cabeça de Hercules, com pelle e maça, mas sem legenda; e no ℞ [illegible] entre dois peixes; circuito granulado dos dois lados; regularmente conservada.

c) outra, que é a mais barbara que tenho visto nesta classe de moedas; menos espessa que as restantes; cabeça de Hercules á esquerda, legenda semelhante á mencionada em *b*).

As moedas de Myrtilis são em numero de tres: dois maximos-bronzes e um semis.

Alem de moedas, o Sr. Dr. Feria y Ramos possue alguns outros objectos archeologicos, como: instrumentos de pedra polida achados nos arredores de Serpa; uma estatueta de bronze de Cupido, achada em Lepe (Huelva) na Hespanha, de que dou aqui uma gravura[1]; e o fragmento de um cano de chumbo romano, achado ao pé da herdade das Barrosas, de que fallo adeante. Em 1889 offereceu-me o Sr. Dr. Feria um pequeno cippo com uma inscripção de Mercurio, que publiquei na *Estemma Litteraria,* Portalegre 1892 (d'onde se fez edição separada com o titulo de *Inscripção inedita de Mercurio em Moura,* 4 pag.); d'esta vez offereceu-me para o Museu Ethnologico outra inscripção romana, como se diz n-*O Arch. Port.*, I, 221.

Vê-se que o Sr. D. José de la Feria y Ramos, alem de ser colleccionador intelligente, que tem a sua collecção ordenada de modo

[1] Segundo um desenho do Sr. Gabriel Pereira.

Digitized by Google

que serve de elemento para a historia local, e a mostra com toda a franqueza a quem a quer estudar, ainda em cima leva a sua genero-

sidade a repartir do seu peculio com os mais. Receba elle por tudo os meus parabens e os meus agradecimentos[1].

---

[1] Infelizmente o Dr. D. José de la Feria y Ramos pertence tambem ao número dos que, como disse a pag. 197, nota, falleceram antes da conclusão d'este artigo. Aqui junto algumas notícias bibliographicas que, por intermedio do meu amigo Manoel Dias Nunes, obtive da familia.—Feria y Ramos nasceu em Ayamonte em 1833; estudou preparatorios em Sevilha; formou-se em philosophia na mesma cidade em 1850, e em medicina em Cadiz em 1858. Ainda estudante, em 1857, foi agraciado por D. Isabel II de Hespanha com a Cruz da Ordem Civil de Beneficencia pelos serviços clinicos prestados naquella cidade por occasião da peste que grassou em Cadiz em 1856. Veiu para Serpa em 1863 e ahi viveu sempre. Em Serpa exerceu o logar de medico municipal e de sub-delegado de saude, e ahi fundou a Associação operaria de soccorro mutuo «Correia da Serra». Alem

Digitized by Google

*

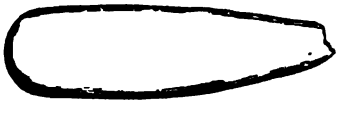
Sempre que vou a alguma terra procuro por todos os meios ao meu alcance colhêr elementos para o conhecimento da historia antiga.

Com relação a Serpa, já a cima me referi a uns instrumentos de pedra polida da collecção do Sr. Dr. Féria. Podemos assim ascender aos tempos neolithicos. Os machados de pedra são bastante conhecidos na localidade, onde, como noutras, se chamam «pedras de raio». O Sr. Dr. Féria possue quatro instrumentos neolithicos:

1) metade de um machado, de typo vulgar, de 0m,09 de comprido.

2) um machado inteiro de diorite, de 0m,25 de comprido, de typo tambem vulgar, revestido de muita pátina;

3) outro, achatado, de 0m,20 de comprido, deste typo:



4) um rebôlo de diorite, ou antes um espheroide achatado, de 0m,07 no maior eixo, cujo uso não sei bem qual fosse (mão de gral? martello?).

De castros nada pude averiguar.

---

de medico e numismata-amador, Feria y Ramos foi tambem viticultor distincto, tendo merecido menção especial os seus vinhos na Exposição de Philadelphia em 1876. Começou a colleccionar moedas em 1870. Num jornal hespanhol vem a seguinte notícia que dá plena ideia do seu monetario:

Véndese un monetario que contiene las siguientes monedas

Monedas portuguesas

PRIMER GRUPO.—34 tipos de monedas de billón correspondientes á los Reyes de la primera Dinastía portuguesa, que, con los respectivos duplicados, forman 72 monedas plata, cobre y oro.

Digitized by Google

Quanto a dolmens, mostrou-me o Sr. Dias Nunes á beira da estrada de Aldeia-Nova, a uns 400 metros de Serpa, duas pedras inclinadas que poderiam ter sido dois esteios de um dolmen; é preciso porém proceder a escavações para se saber com certeza se se trata de um dolmen ou não. Cada uma das pedras tem de altura mais de um metro,

---

SEGUNDO GRUPO.—117 tipos de monedas de billón plata y cobre, correspondientes á los Reyes de la segunda Dinastía portuguesa, que, con los respectivos duplicados, forman 273 monedas.

TERCER GRUPO.—16 tipos de monedas de plata correspondientes á los reyes de la tercera Dinastía portuguesa.

QUARTO GRUPO.—116 tipos de monedas de oro, plata, cobre y bronce, correspondientes á los reyes de la cuarta Dinastía portuguesa, que, con los respectivos duplicados, formam 319 monedas.

QUINTO GRUPO.—267 monedas de Portugal, no clasificadas muchas de ellas, siendo 172 en cobre y 95 en plata.

Monedas romanas

SEXTO GRUPO.—Monedas autónomas, 107 tipos de monedas romanas autónomas de cobre, que, con los respectivos duplicados, forman 119 monedas.

SEPTIMO GRUPO.—Monedas de familias romanas. 76 tipos de monedas de plata y cobre, que, con los respectivos duplicados, forman 85 monedas.

OCTAVO GRUPO.—Monedas imperiales, 82 tipos de monedas imperiales de plata, cobre y algunas de oro, que, con los respectivos duplicados, forman 417 monedas.

NOVENO GRUPO.—213 monedas romanas; muchas de ellas no clasificadas, siendo muchas de plata y otras de cobre.

Monedas españolas

DÉCIMO GRUPO.—445 monedas españolas no clasificadas muchas de ellas, de plata, cobre y algunas de oro.

UNDÉCIMO GRUPO.—Dos monedas de oro, dos de plata y seis de cobre, todas ellas de la dominación árabe de España.

DUODÉCIMO GRUPO.—Una moneda de oro visigodo del tiempo de Recaredo.

En todos los grupos existen ejemplares rarísimos y entre los españoles una moneda de oro acuñada en conmemoración de la Institución de La Banda, y entre otras raras, una moneda conmemorativa de la Toma de Algeciras por los castellanos á los árabes.

Para más informes y condiciones de venta dirigirse en Serpa (Portugal) D. Joaquin de la Féria Ramos y en Ayamonte Provincia de Huelva á D. José Gutierrez Feu.

Feria y Ramos falleceu em Serpa em 20 de Janeiro de 1896.—O cano romano de chumbo a que a cima, no texto, me referi, foi graciosamente offerecido ao Museu Ethnologico pelo Sr. Dr. José Feria Theotonio, filho mais velho do fallecido.

Digitized by Google

fóra do chão, e mantém entre si um pequeno intervallo. Em volta o terreno fórma tal ou qual elevação. O sítio chama-se *Pedra Longa,* nome que convinha perfeitamente a um dolmen, quando ainda conservasse a sua tampa ou chapeu.

*

Um dia, de tarde, o Sr. Manoel Dias Nunes teve a bondade de me levar á herdade das Barrosas, onde constava que appareciam antiguidades romanas. Fomos nós dois e o Sr. Maximiano Apollinario, que me acompanhou sempre com o maior desvelo em toda a minha excursão, ajudando-me constantemente nos meus trabalhos, e fazendo-me desenhos de objectos que vimos. Transportou-nos um *carro alemtejano,* aos solavancos, ora por campos, ora por desertos, num percurso de duas horas.

Ao pé do *monte* (i. é, da *casa da herdade*) das Barrosas vimos logo de longe um cippo, que examinado de perto mostrou ser funerario; continha uma inscripção romana dedicada por uma mãe a um filho ou filha de 33 annos; aqui se publica uma figura do monumento:

Altura da pedra 0^{m},78; largura do corpo 0^{m},44; altura das lettras 0^{m},04.

Algum tempo depois o Sr. Dias Nunes levou a sua bondade a obter-me para o Museu esta lapide: é uma d'aquellas a que me refiro n-*O Arch. Port.,* I, 220.

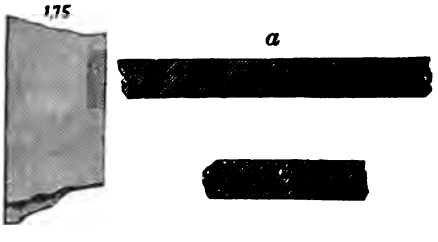
O monumento tinha vindo de um sítio proximo, chamado *A cidade da Rosa,* ao pé do *monte* de Braciaes, de onde tambem viera a lapide

Digitized by Google

com inscripção offerecida ao Museu Ethnologico pelo Sr. Dr. Féria, á qual me referi a cima.

Nesse sítio haviam apparecido, me disseram, muitas moedas de cobre, e uma de prata, «como um tostão». A visita á *cidade da Rosa* era pois tambem necessaria e obrigada.

A *cidade da Rosa,* assim chamada, diz o povo, por ser no sítio das *Barrosas* (i. é: *Ba-rrosa-s!*), é um vasto campo de semeadura, onde aqui e alem se vêem muitos montões de pedras maiores e menores: vi cinco montões, mas disseram-me que são ao todo uns onze[1]. Junto dos montões e pelo campo encontrei infinitos fragmentos de tegulas romanas, de tijolos grossos e de vasilhas grandes, placas de marmore trabalhado, e pedaços de escoria de fundição. Em certo ponto, no oiteiro que fica mais ao nascente, havia ainda paredes de alvenaria de uma casa soterrada, chamada, se bem me lembro, *a casa da Pinéla;* ao pé d'esta casa estava uma grossa pedra cylindrica, de mais de 1 metro de altura, que de certo tinha tido emprêgo em algum engenho agricola; a casa continha entulhos e telhas queimadas, indício de telhado que abateu por incendio. O conjuncto do que resta das paredes que crescem um pouco a cima do solo é o que está indicado na planta junta.



A alvenaria é de pedra tosca e argamassada. A certa altura, na parede *a,* apresenta-se uma dupla fiada de tijolos. Sem dúvida o campo da *cidade da Rosa* tinha sido uma estação romana,—povo ou quinta: prova-o a existencia das tegulas, e o apparecimento das inscripções e de moedas romanas, de que pude obter cinco pequenos-bronzes dos seculos III e IV (Claudio II e Constancio II); a outra moeda de prata, de que fallei a cima, parecida com um tostão, era de certo um denario. Da *cidade da Rosa* proviera tambem o cano de chumbo de que fallei ha pouco, o qual, como disse, julgo romano. Informando-me de nomes de locaes da vizinhança, que pudessem conter alguma significação historica, apenas soube da existencia de um sítio denominado *Alcaría.*

[1] O povo chama-lhes *moitões.*

Digitized by Google

*

Aqui está o que averiguei das antiguidades romanas e pre-romanas de Serpa. Com relação á inscripção publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 971 (e que, por ter por si sómente a autoridade de André de Resende, quem sabe se será authentica?) nada pude saber; o mesmo digo do asse attribuido a Serpa, sobre o qual se vejam os *Monumenta linguae Ibericae*, do Sr. Dr. E. Hübner, p. 132.

8. Recordação de Myrtilis

De Mertola ha tanto que dizer, que nesta rápida descripção ficarei muito áquem do que se poderia esperar.

Tendo voltado de Serpa a Pax Iulia, saimos d'esta cidade para Myrtilis, em trem, por uma manhã de nevoeiro fechado.

Depois de algum tempo de viagem, parámos ao pé do «monte» da Grade[1], margem direita da ribeira do Charco. Como ahi perguntasse por antiguidades ás pessoas que encontrei, soube que numa charneca proxima havia «casas dos Moiros». Fui lá, e effectivamente encontrei várias ruinas de pequenas casas, cujas paredes eram feitas de schisto com cimento; junto das casas abundavam pelo chão tijolos grossos, telhas curvas (*imbrices*), fragmento de telhas de rebôrdo (*tegulae*), e bordos de vasilhas. Houve de certo alli uma estação archaica.

O meu intuito, visitando Myrtilis, era, alem de satisfazer o desejo de conhecer, no seu conjuncto, restos de tão famosa cidade da Lusitania, ver a collecção archeologica do meu amigo o Sr. João Manoel da Costa, e explorar algumas sepulturas do antigo cemiterio wisigothico, já em parte descrito por Estacio da Veiga nas *Memorias das antiguidades de Mertola*, Lisboa 1880.

*

O Sr. João Manoel da Costa é secretario da camara municipal de Mertola, e, no louvavel intuito de salvar alguns restos, cujo estudo possa servir para o conhecimento da nossa historia passada, tem-se consagrado a colligir antiguidades locaes.

---

[1] Na lingoagem alemtejana «monte» significa a casa da herdade.

Digitized by Google

Na sua collecção acham-se: seis instrumentos neolithicos, um d'elles com um sulco transversal, como já tenho visto mais; tres figurinhas de bronze, uma das quaes foi estampada n-*O Arch. Port.*, I, 297; fragmentos de vasos metallicos, de vidro e saguntinos, achados numa sepultura romana de Mertola; um *unguentarium* inteiro, de vidro, achado noutra sepultura romana; duas lucernas romanas de barro; quatro fragmentos de louça arabe, sendo um esmaltado; quatro lucernas arabes de barro, mais ou menos quebradas; um vaso branco, que talvez seja tambem arabe; diversas moedas, sendo quatro cunhadas em Myrtilis, e ahi achadas, cinco autonomas de outras cidades da Iberia (Calagurris-Iulia, Emerita, etc.), algumas da Republica romana e do Imperio, de prata e cobre, dois trientes wisigothicos[1], sete moedas arabes de prata, e várias moedas portuguesas do continente e das colonias. Entre as moedas da Republica ha um denario de Q. Marcius Pilipus (Babelon, *Monnaies romaines*, II, 186), monetario do sec. II A. C., achado nas margens do Guadiana em Mertola.

Entre as moedas do Imperio ha na collecção do Sr. Costa o seguinte grande-bronze do Imperador Juliano II, o Apostata (sec. IV):

Anverso: DN FL CL IVLIANVS..... AVG.—Busto diademado do imperador, á direita.

℟: SECVRITAS REIPVB.—Boi de pé, á direita, tendo por cima duas estrellas, e adeante uma aguia, que está sobre uma coroa, e sustenta outra no bico.

No exergo: P CONST[2].

Esta moeda, por ter no reverso um boi, foi aproveitada como emblema religioso, o que se conhece por ter recebido um furo para andar pendurada,—furo feito de maneira que, depois de pendurada a moeda, o boi ficava direito, o que não acontecia ao busto do imperador figurado no anverso, o que prova, como digo, que o caracter amuletico da moeda lhe provém do boi. A moeda achou-se em Mertola, e já com o furo, que de mais a mais se vê ser antigo, por ter pátina nos seus bordos: por tanto serviu de emblema religioso, não modernamente, mas em tempos antigos.—Conheço muitas moedas nas mesmas condições, e já

---

[1] Um de Wamba, cunhado em Toledo, e achado na freguesia de S. Pedro de Salles (Mertola); outra de Sisebuto (SISEBVTVS RES, não REX), cunhada em Mérida, e achada na freguesia de Sant'Anna de Cambas (Mertola).

[2] Esta moeda é semelhante á que vem em Cohen, *Médailles impériales*, VI, 368, n.º 74, menos no exergo.—Alguns numismatas interpretam P CONST por P(ERCVSSA) *moneta* CONST(ANTINOPOLI), isto é: moeda cunhada em Constantinopola.

Digitized by Google

chamei para este facto a attenção dos especialistas em 1889 no meu *Elencho das lições de Numismatica*, I.

Devo ao Sr. João Manoel da Costa muitos obsequios pela generosidade com que franqueou ao meu exame toda a sua collecção, me deu espontaneamente parte d'ella, me facilitou a visita aos sitios de Mertola que eu queria ver, e ainda me pôs em relação com diversos cavalheiros da villa, que igualmente me auxiliaram nos meus estudos, uns andando comigo, outros offerecendo-me objectos para o Museu Ethnologico, como adeante direi. O Sr. João Manoel da Costa offereceu-me posteriormente para o Museu uma *glans* ou bala de chumbo romana, de funda, á qual me referi n-*O Arch. Port.*, II, 158.

É só assim, pelo concurso de pessoas devotadas ao bem da patria, que o Museu Ethnologico se irá a pouco e pouco enriquecendo, e que as nossas cousas poderão ser devidamente estudadas.

*

Na collecção do Sr. João Manoel da Costa estão, como se viu, representadas várias epochas da historia de Mertola, desde as mais antigas.

Especializando alguma d'estas epochas em relação a outros monumentos, farei agora aqui umas breves considerações.

Por toda a villa, como tambem succede em Alcacer do Sal, e em muitas terras, que datam pelo menos da epocha romana, se encontram a cada passo nos muros, nas ruas, nos edificios, ora columnas lisas ou com lavores, ora várias pedras de caracter archaico, que revelam a antiga grandeza, e a successiva decadencia.

Por exemplo, na face externa da muralha do castello, do lado de NO., entre muitas pedras de granito apparelhadas, e frisos de calcareo, fustes e capiteis, o que tudo se destaca do schisto e grés de que é constituida a maior parte da muralha, que bem se vê foi feita á custa dos materiaes de construcções anteriores, apparece uma lapide sepulcral do typo das sepulturas romanas em fórma de pipa; infelizmente a inscripção fica para o lado de dentro, não se póde examinar, e a pedra está tão alta e segura, que só depois tentarei arrancá-la.

Das muralhas tem sido extrahidas por vezes lapides semelhantes. O Sr. Manoel Bravo Gomes, proprietario em Mertola, e deputado da nação, teve a distincta amabilidade de me offerecer para o Museu duas que possuia, e ao mesmo tempo o capitel de uma columna antiga, — offertas que foram lembradas n-*O Arch. Port.*, I, 314. O mesmo Sr., com uma dedicação que muito o honra, e á qual, como director

Digitized by Google

do Museu, me confesso summamente grato, prometteu obter-me ainda outros objectos. Na inscripção de uma das lapides sepulcraes figura um *Donatus* e na outra uma *Herennia*.

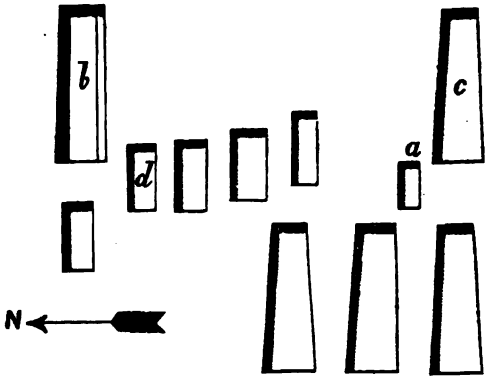
Logo que as minhas occupações m'o permittam, estudarei e publicarei na integra estas duas inscripções[1], e juntamente outra de uma pedra esculpturada com que o Sr. Manoel Francisco Gomes galhardamente me obsequiou[2], havendo-me permittido que eu a arrancasse de um degrau de uma sua casa, onde estava encravada. Receba tambem o Sr. Manoel Francisco Gomes os meus sinceros agradecimentos pela sua generosidade.

*

Mertola occupa logar notavel na historia portuguesa dos primordios da Idade Média, por causa da serie de inscripções christiano-latinas dos seculos V–VIII, que ahi tem apparecido[3].

Fiz proceder a umá excavação no antigo cemiterio christão do Rocio do Carmo, junto da igreja do mesmo nome; o Sr. Maximiano Apollinario tomou a este respeito os seguintes apontamentos:

«Descobriram-se algumas sepulturas, cuja disposição no seu conjuncto é a que está indicada na planta junta:



Neste grupo de sepulturas notam-se duas fórmas distinctas; umas são, em planta, trapezoidaes, outras rectangulares. Todas se acham orientadas no mesmo sentido e offerecem a maior dimensão na direcção E.–W., tendo as trapezoidaes o menor lado voltado para o nascente.

---

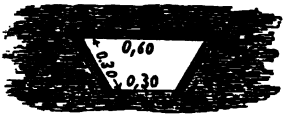
[1] Vid. *O Arch. Port.*, III, 289 sqq.

[2] Cfr. *O Arch. Port.*, I, 314.

[3] Cfr. *O Arch. Port.*, I, 8, 180, 181 e 311; e III, 289 sqq.

Digitized by Google

Apresentam-se dois typos de construcção d'estas sepulturas: assim, umas tem as paredes longitudinaes aprumadas e compostas de fiadas horizontaes de pedra, sem argamassa, fechando os topos duas lages postas de cutello e recoberto o vão por grandes lages de schisto; noutras as paredes lateraes são formadas de pequenas lages postas obliquamente e recobertas como as antecedentes, apresentando a secção indicada:



Em nenhuma d'ellas o fundo d'este recinto, escavado no solo, apresentava revestimento algum.

Todos os recintos sepulcraes, que foram descobertos, se achavam intactos e continham as ossadas em perfeita ordem. O corpo era collocado de costas, os braços e as pernas estendidas, a cabeça sempre posta para o lado do poente.

Os recintos de menores dimensões, que a planta indica, tinham ossadas de creanças. O menor d'elles, em *a*, era formado por fragmentos de tegulas, de imbrices, recoberto por um tijolo.

Alem d'estas sepulturas foram descobertas outras tres, junto da igreja do Carmo a cêrca de 1^{m},5 de profundidade.

Os recintos sepulcraes de fórma trapezoidal, cobertos por lages de schisto, eram limitados em parte pelo córte do terreno natural em que se achavam escavadas, e em parte por paredes formadas de fiadas de schisto.

Num nivel superior ao d'estas tres sepulturas foram encontradas outras entre as quaes uma apresentava um notavel acabamento de construcção. Tanto na cobertura, exteriormente, como na face interna das paredes lateraes que a constituiam, apresentava um espesso revestimento de argamassa.

As ossadas que continham apresentavam-se profundamente alteradas.

Nenhuma das sepulturas descobertas fornecem objecto algum do mobiliario votivo da epocha. Foram recolhidas no Museu as ossadas das sepulturas *b*, *c* e *d*».

O meu amigo Dr. Luis Fortunato da Fonseca, do Alandroal, que em tempo exerceu clinica nesta villa, offereceu-me para o Museu uma interessante serie de cinco lapides christiano-latinas, como se disse a-*O Arch. Port.*, I, 314: duas d'ellas estão datadas dos fins do sec. VI, e marcaram as sepulturas de *Amanda, famula Christi,* e de *Tyberius*

Digitized by Google

Hector, famulus Dei. Os medicos, que exercem clinica rural, podem prestar muitos serviços á archeologia, pelo facto de entrarem em muitas casas, e tratarem de perto com muita gente; effectivamente a nossa archeologia deve lhes já bastante, e ha mesmo muitos que tem collecções archeologicas, sobretudo numismaticas. O Dr. Fortunato da Fonseca, privando-se dos objectos que particularmente havia colligido, e doando-os, para uso de todos nós, a um estabelecimento do Estado, fez obra em extremo meritoria, que muito é para agradecer e elogiar.

*

Da epocha arabe, alem do que fica mencionado como existente na collecção do Sr. João Manoel da Costa, não se me deparou mais nada em Mértola, senão o fragmento de inscripção arabe publicado pelo Sr. David Lopes n-*O Arch. Port.*, II, 206, fragmento que, em virtude da bondade do Sr. Antonio da Silva Fernandes, que o possuia, e gentilmente m'o cedeu, se acha hoje no Museu Ethnologico Português: mais uma vez manifesto ao Sr. Silva Fernandes o meu reconhecimento.

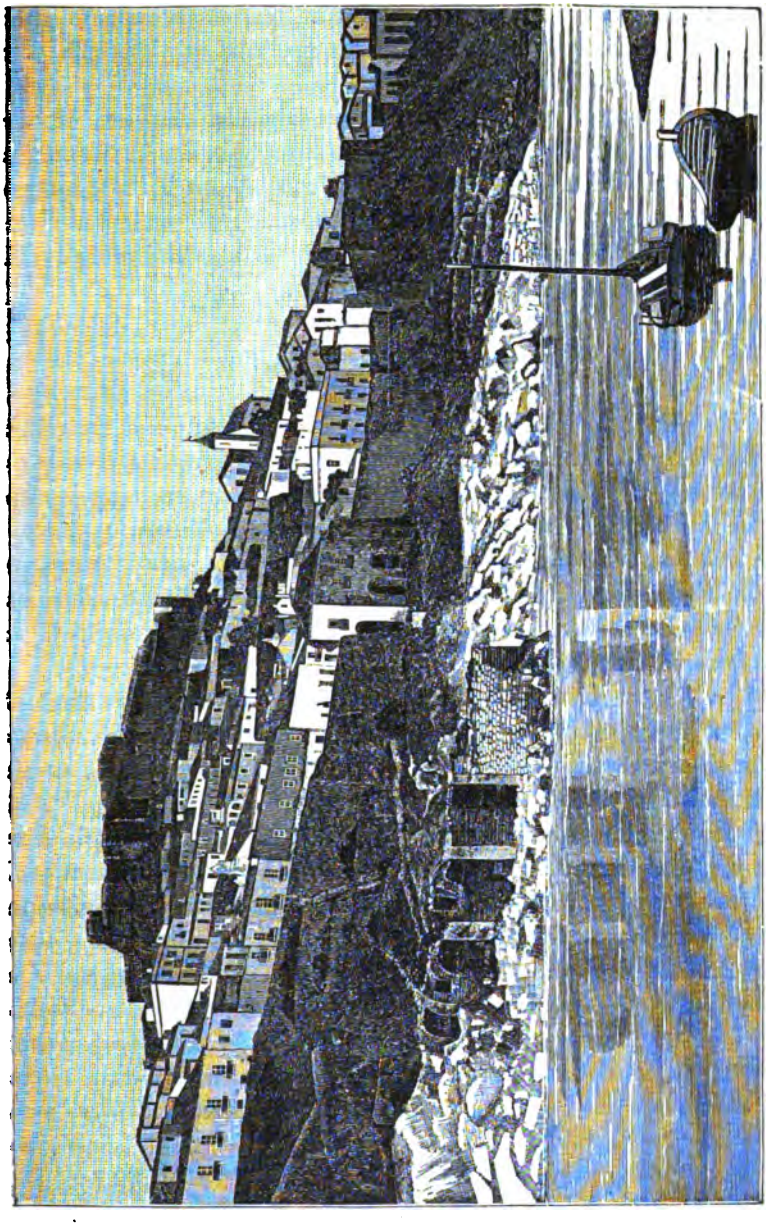
No mesmo agradecimento envolvo o Sr. Manoel Antonio da Cruz pela offerta de um capitel antigo, a que me refiri n-*O Arch. Port.*, I, 314.

*

Mertola está hoje muito decahida do esplendor d'outr'ora, e só pela sua posição topographica, entre a Betica e a Lusitania, na margem do Anas, e a pouca distancia da foz, se explica esse esplendor, porquanto é terra arida, coberta de lousas tristes, e nua de arvoredo.

Todavia passaram alli todas ou quasi todas as civilizações do nosso país. Reportando-me apenas ao que vi na minha visita, notarei que os tempos pre-historicos estão representados por alguns instrumentos neolithicos; os tempos proto-historicos pelas moedas cunhadas com o nome de *Myrtilis*, e talvez tambem pela cabrinha figurada n-*O Arch. Port.*, I, 297; o tempo dos Romanos está representado por várias inscripções e esculpturas, por moedas, por objectos de barro e de vidro, e por uma ponte de que se observam ainda os restos junto do rio; o tempo dos Wisigodos está representado por moedas e por um cemiterio christão da primitiva Idade-Média; o dos Arabes está representado por uma inscripção e por varios objectos de barro. Da civilização propriamente portuguesa não faltam tambem em Mertola documentos; mas do estudo d'elles não me occupei.

Digitized by Google



MERTOLA

Digitized by Google

Alem das investigações a que Estacio da Veiga procedeu, e das poucas que eu fiz agora, é necessario ainda proseguir com muito afan no estudo da antiga Mertola, para esta se poder conhecer mais meudamente: ha ainda muita cousa enterrada, que é conveniente trazer á luz. Pela minha parte logo que possa tenciono continuar as excavações.

Como illustração e complemento d'este capitulo, dou uma gravura que representa Mertola, segundo uma photographia do Sr. Maximiano Apollinario: em baixo vê-se o Guadiana, com alguns barcos; na margem, junto da agua, os restos da ponte romana; mais a cima um lanço das antigas muralhas portuguesas; e dentro do ambito d'estas a villa, coroada, lá no alto, pelas ruinas do castello.

4. Pelo Anas até «Baesuris»

Saimos da hospedaria uma manhã cedo. Mettemo-nos num bote, que nos levou ao vapor. Ás 7 horas iamos pelo Anas a baixo, que corre entre outeiros selvagens, onde é só de longe em longe que se vê verdejar uma arvore, ou avultar uma casa.

A Betica e a Lusitania, divididas pelo rio, defrontam-se na mesma esterilidade: de um lado e do outro, durante muito tempo, charnecas quasi continuadas, como no tempo em que os navios phenicios pela primeira vez sulcaram o rio!

Pelas 9 horas passavamos entre S. Lúcar (Andaluzia) e Alcoutim (Algarve), duas povoações pittorescas, que se saudam entre si, cada uma com seu castello em ruinas, prova da antiga amizade e mutua confiança...

Pouco depois estavamos deante de Castro-Marim, termo da nossa viagem, d'onde o meu amigo o Sr. Francisco Silvestre de Sousa Rocha vinha esperar-nos num barco, e para onde em breve seguiriamos pelo esteiro formado pelo Guadiana.

O movimento do caes, a alegria do local, as aguas historico-archeologicas do rio, e principalmente a minha imaginação, que andava repleta de cousas antigas, tudo me punha deante dos olhos naquella occasião a epocha em que das *naves onerariae* desembarcavam os *mercatores* romanos, que vinham buscar os nossos figos e o nosso atum, tão gabado por Estrabão, e em troca deixavam pelas cidades do Algarve os lindos vasos samios historiados,—*terra sigillata*—, que ainda lá appârecem a cada passo aos bocados, pelos campos, e cujos restos eu sempre procuro com tanta cobiça, quando ando nas minhas pesquisas archeologicas!

Digitized by Google

*

O Sr. Francisco Silveste de Sousa Rocha, nas horas vagas deixadas pelo exercicio do seu cargo de escrivão de fazenda, e pelo amanho das suas terras, tem-se dedicado a colligir antiguidades, sobretudo moedas portuguesas, no que presta optimo serviço á sciencia, porque salva assim do esquecimento, ou de se perderem, muitas cousas curiosas.

A sua collecção, quando a visitei, continha o seguinte:

dois machados de pedra polida, achados no sítio do Magoito, freguesia de Odeleite;

outro instrumento de pedra, do sítio do Mau Dinheiro, freguesia de Castro-Marim, com a particularidade de ter um furo na extremidade superior, como se vê na fig. *A* em tamanho natural (o furo é antigo);

uma ponta de setta de pedra, da Nora, freguesia de Cacella;

um machado chato de bronze ou cobre, representado em tamanho inferior ao natural na fig. *B;*

algumas moedas romanas imperiaes;

uma amphora romana, que foi encontrada no sítio dos Olhos de S. Bartholomeu[1], a uns 6 kilometros de Castro-Marim, e de que se dá o desenho na fig. *C,* e que tem de altura $0^m,95$ e de diametro maximo $0^m,28$:

uma curiosa lucerna metallica, que deve ser da epocha wisigothica ou arabe[2]; tem de altura $0^m,08$ e de comprimento, desde a coroa da asa até o bico, $0^m,18$; (vae figurada sob a letra *D,* segundo um desenho do Sr. Maximiano Apollinario; a figura dispensa a descripção); achou-se no sítio da Horta, freguesia de Cacella, entre o Arrife e Torre, ao pé de umas sepulturas que ahi appareceram, e estavam tapadas umas com lages, outras com telhas[3];

varios objectos de diversas epochas, como um dedal e espadas;

uma collecção de moedas arabes de prata, já descritas pelo Sr. David Lopes *n-O Arch. Port.,* I, 97 sqq.;

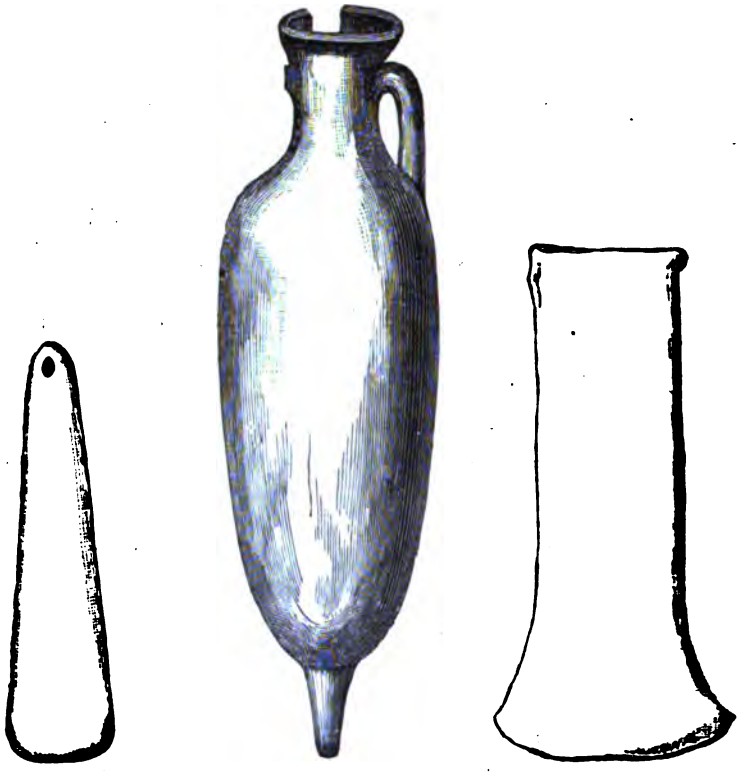
---

[1] Sobre esta estação romana vid. *O Arch. Port.,* IV, 329 sqq.

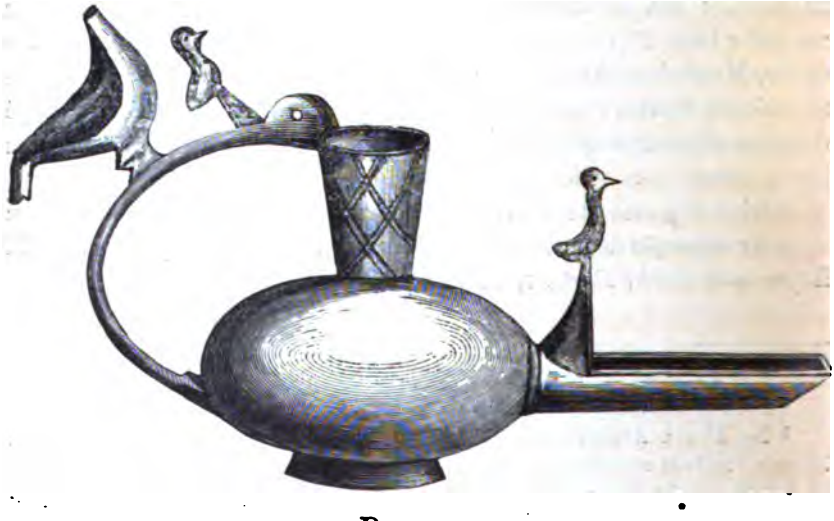
[2] No Museu Archeologico de Madrid existe, classificada como arabe, uma lucerna, tambem metallica, que lembra esta.

[3] Informação do Sr. Sousa Rocha, que accrescenta que ao pé d'estas sepulturas havia uns alicerces antigos.

Digitized by Google



A C B



D

Digitized by Google

uma collecção de moedas portuguesas, tanto continentaes como coloniaes,—onde noto um real de D. João I, de bolhão, que, por differir, ainda que levemente, dos que vem estampados e descritos na obra do Sr. Dr. Teixeira de Aragão, o figuro na estampa junta:

alguns dinheiros de conto, a que os franceses chamam *jetons* e os nossos antigos chamavam *contos para contar*.

Apesar de possuir varios objectos archeologicos, o Sr. Sousa Rocha collige principalmente moedas portuguesas, de que já tem boa serie; assim num ramo limitado chega mais facilmente a obter grande collecção, do que dispersando-se por muitos ramos[1].

*

A excursão archeologica estendeu-se ainda por Balsa (campo de Tavira) e Ossonoba (campo de Faro); mas, como me falta tempo para tratar d'essas duas importantissimas estações lusitano-romanas, e do mais que observei e estudei em Castro-Marim, e como não desejo continuar a retardar a publicação d'este artigo, termino-o aqui. Não faltará occasião de n-*O Archeologo* me referir ao que por agora omitto.

J. L. de V.

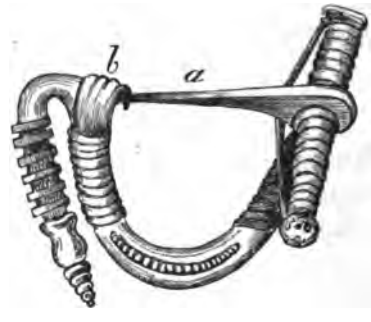
Estevaes do Mogadouro

Assenta esta pobre e humilde aldeia, terra da minha naturalidade, composta só de umas 60 casas, que formam uma unica rua, num taboleiro da vertente sul da serra da Novalheira, a 20 kilometros a sudoeste de Mogadouro. Esta serra é um prolongamento para oeste das cimas ou alturas de Lagoaça, e é limitada, por este lado, pela ribeira das Arcas, e pelo sul e norte, respectivamente, pelas ribeiras dos Estevaes

[1] O Sr. Sousa Rocha não chegou a ler este artigo, porque falleceu em 23 de Maio de 1897, na idade de 44 annos incompletos, pois tinha nascido em 17 de Outubro de 1853 (em Portimão).—Cfr. o que a seu respeito escrevi n-*O Arch. Port.*, IV, 329 sqq.

Digitized by Google

e Meirinhos; começando, todavia, a ser só conhecida por este nome a partir do *Collo* ou *Portella da Rainha,* aonde se cruzam varios caminhos vicinaes e partem as linhas de agua da *Calhinha* e *Relva*. É esta serra de bella e aprazivel paisagem pela variedade de panoramas e quadros naturaes que offerece, e pela abundancia e diversidade de vegetação que a reveste, sobresahindo as enormes matas de pinheiros, arvore indigena, que cresce espontaneamente e toma proporções gigantescas, o que faz que seja verdadeira fonte de riqueza para estes povos pelas madeiras e lenhas que lhes fornece. Alem de que tambem não é menos digna de notar-se pelos jazigos de varios minerios e aguas midicinaes que contém, como pelos vestigios que apresenta, que merecem ser estudados pelos amantes de conhecer e observar as pègadas deixadas pelas gerações que nos precederam e viveram por estes sitios. E como taes mencionaremos a nomeada da *Portella da Rainha,* que dizem provir de ter passado neste ponto uma Rainha, que sequiosa,



O estilete *a* desencaixa-se de *b*, funccionando como a haste de prender um broche

bebera agua numa fontella que fica em baixo a norte, e que de haver encontrado tam *bella,* boa, lhe ficou o nome de *aguas bellas:* a sombria e escusa ravina, a algumas centenas de metros áquem, que mesmo de dia enche de temor e receio a quem a percorre, a que chamam *Valle de Ladrões,* onde se vê o *lameiro do mouro* junto da parede nascente do qual, ha poucos annos, uns coelhos fazendo as suas *lorgas* puseram a descoberto os alicerces de uma casa e fragmentos de lousa, tijolo e telha do feitio da actual. A *Fraga do Seixo,* outra ravina logo a nascente d'esta, onde se achou uma interessante fibula de cobre ou bronze coberta de uma espessa e brilhante camada de oxido que semelha tinta, que no desenho dado a cima figuro em tamanho natural, e que é muito parecida a outras duas que estão no Museu e foram descobertas nas povoações mortas de Picote e Coelhoso. Neste local, da encosta norte da serra, deparam-se-nos ao longo e de uma e outra parte da linha de agua oito buracos, *palas,* abrigos ou grutas em

Digitized by Google

rocha dura, algumas ainda completamente livres e desempedidas com uma capacidade de conter 30 a 40 cabeças de gado lanigero ou caprino, outros porém já muito entulhados e mal distinctos mas percebendo-se ainda, em quasi todas, restos de muro de pedra solta que servia para vedar ou proteger a entrada. Alguns metros por cima, na encosta e num altinho, havia uns pequenos circos ou circuitos lageados, *eirinhas,* de 3 a 4 metros de diametro e cercados de um murozinho de pedra solta. Neste sítio viveram os mouros, diz a tradição, e os mais velhos accrescentam que era onde se refugiavam e se escondiam os que fugiam ao serviço militar, especialmente no tempo da guerra dos franceses. Finalmente outros *circos* ou *eirinhas,* informam, se vêem ainda agora proximos dos conhecidos buracos ou *palas,* resguardo dos pastores, nos pontos da Gricha, das Arcas — a chamada gruta da Maria Thomé —, na *canada* dos Parreiras, no caminho de Meirinhos e outras partes. Evidentemente signaes são estes de um primevo povo que procurava os abrigos naturaes para sua morada, ou sepultura, vivendo no meio das espessuras dos bosques, e escondidos nas matas. E como seria mysterioso e cheio de superstição todo esse viver, aqui em que hoje mesmo, ao percorrer-se, silenciosamente, toda essa enorme floresta de pinhaes, o seu sussurro nos arripia e nos faz lembrar o gemer do deus das tempestades! E que mais necessario era para criar um mundo de phantasias de que observar, em noites de luar, essas enormes faxas escuras, semelhando sombras de gigantes, movendo-se á passagem da mais leve aragem! E depois, com o rolar dos seculos, o homem deixou de ser troglodita, habitou a collina e cultivou o valle, e a gruta lá ficou para covil de bandidos cujo scenario nos é impressionavelmente descripto numa das primeiras paginas da *Historia de Gil Blas de Santilhana.*

Ás tradições da Novalheira adjungem-se as do Sarzedo, feracissima veiga, que fica a 2,5 kilometros a sudeste da povoação em caminho de Freixo-de-Espada-á-Cinta. Neste ha uma Quinta pertencente á minha familia onde se vê uma modesta capella da invocação de Nossa Senhora da Alegria, cuja imagem, assim como a de S. Lourenço, são de bella esculptura. É crença antiga ser muito milagrosa esta Senhora, que narram fôra vista, de pé, no meio da corrente do rio Douro num dia de grande cheia e d'onde foi retirada para esta ermida que mandou fazer o padre de Masouco, Lourenço Sanches, em 1782, como se vê do auto ou instrumento que tenho presente do seu patrimonio, e com auctorização do Arcebispo de Braga, D. Gaspar. O seu material é de presumir que viesse de outro templo, que dizem que houvera no alto da *Igreginha,* comprehendido entre o ribeiro Cereijaes, que divide quasi

Digitized by Google

ao meio a Quinta, e a já referida linha de agua da Relva. Segundo contam, concorriam alli a ouvir missa todos os povos de ao redor, e os seus alicerces ainda não ha muito que desappareceram. É muito de crer que elle existisse e fosse mandado fazer no tempo em que na Quinta houve uma importantissima exploração e fundição de minerio (que recentemente reconheci ser de estanho e descobri a continuação da mina), a avaliar pela enorme quantidade de escoria e escumalho que se encontra em toda a propriedade, chegando a formar, em grande área, uma camada de terra de mais de meio metro de espessura, e na qual durante as remoções tem saido muitos ferros e outros indicios de fornos e forjas.

E na verdade este local pelo pitoresco da sua paisagem, fertilidade do seu solo e amenidade do seu clima, merecia e convidava a que nelle habitasse um Deus, que recebesse os votos e as offertas d'aquelles, a quem era dado gozar tantos beneficios. E quer no cabeço ou na planura, o Altar tinha sempre um tapete de verdura semeado de côres diversas formadas pelas variadissimas flores que esmaltam as margens d'aquelles ribeiros e arroios, que sussurrando, imprimem, em quem os comtempla, uma sensação doce e calma.

Outras recordações ainda muito interessantes devemos tambem citar existentes no termo d'este pequeno povoado, e vem a ser que, a quem d'elle olha para poente e a 1:000 metros proximamente, e quasi no mesmo meridiano, correspondem: ao lado esquerdo os poucos signaes do *Castellinho* na margem esquerda da ribeira, tendo em frente, na margem direita, os alicerces de uma pequena casa quadrada dos *mouros* aonde está, dizem, pintado um gato numa fraga a indicar um thesouro; á sua frente o *alto de S. João,* cabeço perfeitamente conico em que havia uma pequena capella da invocação d'este Santo, que possuia muitos bens, que ha alguns annos foram aforados a um particular; e ao lado direito quasi no começo do ribeiro e a baixo da fonte da Figueira as ruinas das *antigas casas de Baixo* em que se podem notar, mesmo agora, pedaços de muros de habitações, fragmentos de tijolo, lousa e telha do typo da actual. Este local é o que tem dado mais trabalho aos sonhadores de thesouros, pois chegam até a vir de povoações distantes a cavar e a remover o terreno em procura d'elles. E lá está a fonte, composta ha pouco, com o que se lhe tirou todo o caracter de simplicidade e lendario, que é ponto de partida e de orientação para assignalar o sitio onde está o *grande haver.* Do lado nascente, na encosta, proximo de umas fragas, vêem-se duas galerias de uma importantissima mina de chumbo e prata que ha mais de 60 annos começou a ser explorada.

Digitized by Google

E são estas as notícias que podemos dar do «*aro*» *de S. João Baptista,* que abandonando a sua primitiva morada, lá no alto do cabeço de onde o avistava completamente em todos os sentidos, veio para a igreja, na planura, a conviver com aquelles, que, gratos aos beneficios recebidos, o escolheram para seu *orago* ou *patrono*.

Bragança, 1899.

Albino Pereira Lopo.

Inscripção romana da Pedrulha

Na estação lusitano-romana da Pedrulha, freguesia das Alhadas, concelho da Figueira da Foz, appareceu ha tempos uma inscripção romana, que hoje se conserva no Museu municipal d'aquella cidade[1]. O Sr. Dr. Santos Rocha dá-me as seguintes informações a respeito d'ella: «Está gravada na face bruta de um pedaço de lage calcarea, de fórma quadrangular, medindo no comprimento 0^{m},54, na largura 0^{m},28 e na espessura 0^{m},17. Todos os outros lados do parallelipipedo são grosseiramente trabalhados a martello, e tinham vestigios de haverem estado mettidos em argamassa».

Segundo um decalque que o mesmo illustre archeologo, e meu amigo, me enviou, a inscripção é como se segue:

C A L A I T O
CAIELI·HI·SITO

isto é: *Calaito Caieli hi*(c) *sito.*

A palavra *Calaito* está evidentemente em dativo; o seu nominativo *Calaitus* é sem dúvida variante de *Calaetus,* que vem no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 2968, e de *Chalaetus,* que vem *ibidem,* 3298. Á mesma familia pertence tambem *Calaetius: ibidem.*

A palavra *Caieli* esta em genetivo, para indicar a filiação de *Calaitus.* Como não conheço outra fórma egual, torna-se-me difficil dizer se temos aqui uma fórma puramente barbara, *Caielus* ou *Caielius,* ou se temos uma simples variante orthographica do conhecido *nomen* gentilicio *Caelius.* Esta orthographia nada teria estranho: é assim que, por exemplo, na Bibliotheca Nacional de Paris vi uma placa de bronze votiva em que se lê DEAEO por DEÓ, exemplo que é um pouco semelhante. O facto de um *nomen gentilicium* valer de nome proprio barbaro tambem não é

[1] Cfr. O *Arch. Po t.,* v, 122.

Digitized by Google

unico: no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 942, temos, por exemplo, um *Caesius* filho de *Tangino*.

Alguem poderia tambem lembrar-se que *Caieli* estivesse por *Gaieli* e correspondesse, como genetivo, ao nome *Gaiellus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, V, 7679, embora aqui haja dois *ll*. Quando não se sabe a verdadeira solução de um problema, podem sempre architectar-se explicações sobre explicações.

Na hypothese que AI entre no segundo nome com o mesmo valor com que entra no primeiro, e que por isso CAIELI esteja em vez de CAEELI = *Caeli* (*Caelii*),—vem a inscripção a significar: «*A Caleto, filho de Celio, aqui sepultado* (se consagra este monumento)».

J. L. de V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

302. São Mathias (Alemtejo)

Castello do Giraldo

«Ha no districto desta Freguezia ou para melhor dizer nos confins da mesma hum castello antiguo, e no sitio chamado Monte Muro, junto da herdade chamada a Provença, o qual castello se denomina o castello de Giraldo, e está posto em o cume de hum elevado monte, porem, no tempo prezente apenas se diviza nelle, o que antigamente foi.» (Tomo XXIII, fl. 581).

303. Mato (Beira)

Gruta

Freguesia de S. Miguel.—«Ha outra ermida a que chamão o Crosoficio d'agonia da fradega, que inda agora principia por apareser no anno de 1750. He hũa jmagem de Christo escolpida em hũ pedrastal de pedras de meyo relego o qual pedrastal tem de comprido 7 para outo palmos, esta metida em hũ Rochedo de pedras e alto que esta pendente ao Rio Trousse que he arrebatado mas de pouca agoa, e sso no inverno quando a agoa he muita he que vem algũa couza caudelozo, no inverno, algũ peyxe tras que he barbo e trutas, porem, em verão seco apenas leva hũa cal de agoa, passa pello pe do pouo de Louroza que dista desta regidenssia coarto de legoa, e o tal Crossoficio que esta escolpido no tal pedrastal e no tal Rochedo deu fe delle hua molher de hũ barbeiro de Mossamedes desta freguesia andando a lenha, por o Redol tudo he Mato, e ella andando a fiar e junto do citio o pe do dito Crossoficio lhe cahio o fuzo da mão, e indo a levantalo por

Digitized by Google

hum boraquinho muito piqueno deo fé do tal Crossoficio que estava clauzurado de pedras muito grandes que parecia era impossivel o serem postas por mão. O dia foy a 11 de Agosto de 1750 pellas tres oras da tarde. Chamou os filhos para verem a jmagem pello tal boraquinho e sse puzerão como pasmados a louvar a dita Imagem, e logo chamavão muita gente que andava por aquelles Campos o pé do Rio a travalhar e juntamente vierão chamar o parocho que dista da Regidencia o tal outeyrinho cousa de 3 ou 4 tiros de mosquete e sse esta vendo o tal outeyrinho da mesma Regidencia, o abbade e cura foy logo e mais o Cura, e já quando foram acharão muita gente a louvar e ademirar e não se via senão por 2 boraquinhos, e lá esteve athé muito dipois do sol posto, e no outro quando foy abbade e Cura já estava o outeyro Cheyo de gente, e como comcorria muita gente de varias freguezias do pe e não podião ver todos os que vinhão, neste cazo o Abbade mandou vir pedreyros para arredar alguas pedras e pos mais patente o pedrastal onde esta o Crossoficio e de sorte concorria gente que no primeiro anno sempre nos domingos e dias santos era muita a gente, com suas ofertas de estrigas de linho e algum dinheyro mas de cobres, fezse-lhe hum nicho coberto e com huas grades e por ora se lhe vay fazendo hũa Capelinha, que não pode ter mais que vinte palmos em quadro por não aver aria para mais por estar muito dependorado o outeyro para elle ficar no mesmo citio com hũa pedra grande que o cobre por modo de hũ diamante, que he o como se achou». (Tomo XXIII, fl. 611).

804. Mattos (Alemtejo)

Minas de ferro

«Ha nos lemittes da ditta Freguezia na Erdade das Ferrarias que hoje he das Relegiozas de Santo Agostinho de Villa Viçosa hũas Minas donde antiguamente tiravão ferro e se conserva ainda hoje os vestigios, e porfundidade donde se tirava o ditto mineral». (Tomo XXIII, fl. 627).

805. Mazouco (Tras-os-Montes)

Castello de Minguianes

«Em o Lemite e destricto deste Lugar o pé do Rio Douro ha hum Castello velho muito antiguo, ja de tudo aruinado, o qual se chama o Castello de Minguianes[1], o qual está situado em hum aspero penhasco de hua fraga sobre o rio Douro». (Tomo XXIII, fl. 661).

[1] Domingue Annes.

Digitized by Google

306. Mentrestido (Entre-Douro-e-Minho)

Covas da Moura

«Tem esta freguezia no monte chamado dos Parrais o qual divide esta Freguezia da parte do Nascente da Freguezia de Sam Miguel de Çapardos tres covas estreytas e compridas, mas bem se lhes vê o fim, a que o vulgo chama *Covas da Moura* duas estão algũa couza entupidas prezumese serão alguas Minas de metais antigamente, hoje somente servem de criar nellas algumas vezes as Rapozas, e todos os annos crião nellas muita quantidade de andorinhas». (Tomo XXIII, fl. 798).

307. Mertola (Alemtejo)

Ruinas romanas

«..... hé fundada pellos de Tiro há 2076 annos na era vulgar; quando Alexandre Magno os violentou a se confederarem na Luzitania e lhe pozeram o nome de—Mirtire—alias—Tiro nova—: e Julio Cezar a fez municipio de Direito Lacio amplificando-a com privilegios dos Romanos grande e affectuozamente de forma que já lhe chamavam—Julia Mirtiles—hoje corrupto o vocabulo—Mertola—; mas seis Estatuas de Pedra marmore, que há noticia se acháram abrindose alicerses para a Caza da Mizericordia desta Villa; mas já a nam ha do seo fim; colunas, tumulos, frizos, e alicerces que ainda se acham, e de que há muitos sinaes, bem mostram sua opulencia e antiguidade mayor: occuparão-a os Mouros.....» (Tomo XXIII, fl. 808).

308. Mesão-Frio (Tras-os-Montes)

Sepulchros

«..... tem mais para demonstrar sua antiguidade (pois foy Cabeça da Comarca Eclesiastica) ao redor do Adro noue Cayxões de pedra leuantados do cham, que seruiram de sepulturas, mas não ha memoria de quem, mas nelles se ue forão de pessoas destinctas porque huns tem em sima da Capa (*sic*) que os cobre hua como venera de Malta graduada na mesma pedra; outros figurados em hũ lado dous caualos pendenciando hũ com outro; e entre si hũa flor de lis outro com varios labores e outros lizos, mas todos no talhe com que são formados dão a entenderem serem antiguissimos». (Tomo XXIII, fl. 862).

Pedro A. de Azevedo.

Digitized by Google

VOL. V 1899-1900 N.os 9 E 10

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1900

Digitized by Google

SUMMÁRIO

Do Areeiro á Mouraria: 257.
Torre de D. Chama: 279.
Carranca de bronze romana: 281.
Noticias prehistoricas: 281.
Antiguidades romanas de Lisboa: 282.
Amuletos: 287.
Archeologia trasmontana: 290.
Questionario Archeologico: 295.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 297.

Este fasciculo vae illustrado com 11 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V 1899-1900 N.os 9 E 10

Do Areeiro á Mouraria

(Vid. *Arch. Port.*, v, 212)

Fontes

Todo o valle e suas encostas eram abundantes de agua, como já fica notado, possuindo cada almoinha ou horta o seu poço, com o que provavelmente se não desprezava o uso contingente das aguas do rego.

As fontes publicas mais importantes existiam em Arroios e em Santa Barbara, confundindo-se a agua restante com a do mencionado rego.

O chafariz ou fonte de Arroios é mencionado pela primeira vez em 1184, e depois num documento de 1455 (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 59); e o de Santa Barbara em 1463 (Livro 7 da *Estremadura,* fl. 12) e 1466 (Livro 14 de *S. Domingos,* doc. 198).

No fim do sec. XVI (*Elementos,* II, 83) havia no sítio da Bemposta um poço pertencente a João de Goes, o qual poço foi adquirido pela Camara de Lisboa, sendo a sua agua encanada para o Rocio onde se levantou um chafariz para uso do público até que em 1786 foi elle demolido para ceder o logar a outro na Rua de S. Vicente, á Guia. Esta fonte é actualmente representada pelo chafariz do largo do Soccorro. A agua do poço de João de Goes era conduzida até a rua dos Anjos por um aqueducto; parecendo-me que foi esta construcção que deu á quinta atravessada o nome dos Castellinhos, presentemente, tambem, nome de um novo bairro. Consta-me tambem que esta quinta pertenceu á familia Castello, donde provirá o nome.

A tentativa de levar agua ao Rocio não é moderna. Em 1474 (Livro 4 da *Extremadura,* fl. 1 *v.*) havia um chafariz no Rocio (Largo de S. Domingos) alimentado com a agua do proprio local: as recentes obras do elevador de S. Sebastião da Pedreira mostraram claramente

Digitized by Google

a passagem aqui de uma corrente subterranea. Em 1671 descobriu-se «pouco distante da egreja dos Anjos desta cidade, entre as hortas e o campo da mesma freguesia[1]» uma fonte que se denominou *bica das Fontainhas.*

Agricultura

A abundancia de agua tornou o valle, tambem, muito fertil.

A muralha de D. Fernando, descendo do Castello e subindo pelo monte que se denomina de Santa Anna, atravessava no valle unicamente almoinhas e nas encostas olivaes. Toda a planicie, muros a dentro, até o limite meridional do Rocio, pela sua abundancia de agua, era completamente apropriada a horticultura. Edificios parece que só se levantava desde o seculo XIII o mosteiro de S. Domingos nas raizes do monte de Santa Anna, protegendo-o a muralha que corria pelo referido monte.

Todo o moderno Rocio e a Praça-da-Figueira estavam retalhados em almoinhas conforme indica um documento de 30 de Abril de 1386 (Liv. 11 da *Estremadura,* fl. 152 *v*): «a qual casa e allmuinha estava no rossyo da dita cidade donde venden a erua. E parte a dita almuynha com as almuynhas de maria esteuez da cotouia[2] e com casas de maria francisquez e com outros». Formavam estas hortas o reguengo das almoinhas (doc. de 14 de Dezembro de 1473, no Liv. 4 da *Extremadura,* fl. 17 *v*): «chaão que he no reguengo das almoynhas da par do ressyo que parte de hũa parte com quimtall de Tomas Luis e da outra com Manuel Piriz e da outra com rrua pruuica que vay da borratem pera o rresyo e da outra com quimtall, etc.».

Um documento de 1430 descreve-nos o sítio do largo de Santa Justa: «Campo e reguengo em que ora stam aruores e fruitas e hortaliças que nos auemos dentro na cidade de Lixboa na freguesia de Santa Justa acerca do Resio da feira, o qual campo parte per estas confrontações. s. como se começa na ponte de dentro das casas e eixidos que ora som do dito conde dom pedro que forom de Diego da Veiga imdo assy partindo contra o poente a rredor das paredes das casas e as ortas que per hi stam ataa o quanto do dito campo e desse canto assy partindo e himdo a rredor das hortas e paredes das casas que per hi uaão sempre per dentro e como parte per casas e alpenderes que de nos hi trazem foreiros aforadas e emprazadas indo assy sempre partindo per valados e casas que per hi ora stam assy como essa diuisã uay entestar no caminho pubrico em que sta hũa ponte per que atrauesam

[1] *Elementos,* VIII, 304.

[2] É o sítio onde hoje existe a Escola Polythechnica.

Digitized by Google

do Resio da feira de Santa Justa e dessa ponte como se esse campo parte sempre indo pera cima contra o leuante da parte do nosso castello assy como uay entestar em outro camto onde ora stam huũ poço dagoa que sta fora junto com o ualado das ditas hortas e campo o qual poço he nosso e das perteenças dessas hortas e campo E a outra deuisom he como torna indo assy per este ualado contra a parte do mar partindo ataa que uay juntar no eixido e casas do dito conde dom pedro himdosse a diuisom e as confrontações deste campo onde primeiro começarom»[1].

O sítio de *Borratem* é bastante antigo. A etymologia d'este nome é desconhecida, não representando a pronuncia moderna na maior parte das vezes a fórma anterior. Numa citação a cima apparece-nos do genero feminino. Um documento de 5 de Fevereiro de 1455 (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 95) diz: «o logar que chamam Baratem». Outras vezes apparece *Barrotem.*

Existe hoje entre a rua do Arco do Marquês de Alegrete e a dos Canos um beco insignificante, intitulado da Povoa[2]. Este nome indica talvez a existencia de uma pequena aldeia neste sítio. Uma carta de 16 de Junho de 1347 (n.º 1609 de *Santos*) diz: «lagares de vinho e de azejte os quaes eu ej na Cidade de Lixbõa a par da poboa ante as casas de Johã Affonso a par do spital dos Meninhos». O hospital dos meninos (expostos) corresponde á ermida de N. S. da Guia. Em 1420 fala-se na rua da *Poboa* «acerca da porta de sam Vicente» (n.º 662 de *Santos*). E no livro 84 de *S. Vicente,* fl. 378 *v* em 1424 está o seguinte: «Joham Roiz moedeiro, filho de Mateus Roiz, morador na dita cidade ao poço da poboa, freyguesia de Santa Justa».

O monte de Santa Anna (chamado assim da invocação do convento construido em 1561) supportava nos seus flancos descarnados pelas pedreiras, talvez começadas a aproveitar por D. Fernando, olivaes e vinhas. D. Manuel em 1500 (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 160), mandando cortar todos os olivaes existentes dentro da cidade e todas os de fóra dos muros até dois tiros de bésta, determinou ao mesmo tempo que esses terrenos ficassem em rocios. Segundo parece, parte do terreno intra-muros de Lisboa desde a porta de Santo Antão até á de S. Vicente pertencia a S. Domingos por concessão real ao tempo da fundação, posto que se não tenha encontrado ainda o documento original ou

---

[1] *Chancellaria* de D. João I, livro 4.º, fl. 126 *v.*

[2] No seculo XVI ou XVII tambem se dizia *Povoa dos Vinagreiros* (n.º 315 de *S. Domingos, Remessa dos Proprios Nacionaes*). Ao lado do beco da Povoa ha ainda hoje a rua dos Vinagres.

Digitized by Google

cópia. No tombo de S. Domingos, liv. 31, em cada emprazamento apparece a seguinte notícia (por ex.: fl. 18): «ho qual chão o dito mosteiro pesuy e lhe foy dado junctamente com o chão de junto do Esprital ate o muro que vay da porta de Santo Antão ate os Canos da Mouraria como tudo se declara nas escrituras e sentenças que delle tem que o dito Juiz vio».

O terreno onde se traçou a rua nova da Palma pertencia no entanto ao mosteiro de S. Vicente de Fóra. (Tombo 187 dos conventos, remessa dos Proprios Nacionaes).

Nos seguintes documentos encontra-se a applicação agricola do terreno entre as duas portas.

«hũa almoynha que o dito moesteiro ha dentro na cerca da dita cidade a qual he antre o muro e canos da porta de sam Bicente e o moesteiro de sam Domingos cõ suas cassas direitos e pertenças que parte com o dito muro e olyual do dito moesteiro de sam Domingos e cõ caminho que bae arredor da dita almoynha de sam Domingos pera a porta de sam Bicente». 1424. (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 378 *v*).

«huũa terra com sua pedreira Junto cõsigo a quall terra parte com ho muro da Cidade de longo des ho muro des contra huũ currall dos boys ataa os canos do muro des contra a porta de sam Vicente». 1466. (Livro 20 de *S. Domingos,* doc. 4).

«huũ grande chão com sua pedreira que tapa com ho muro do concelho e em fundo com ho adro do dito moesteiro e vay todo de llongo des o muro des contra Santo Antom ataa os canos da porta de Sam Vicente no quall chão com sua pedreira estauom dous oliuaees s. huũ que tras Afomso Vaaz ourivez emprazado que vay ao longo do dito muro e outro que soia trazer Martin Vaz Guitarreiro com suas cassas que parte com o dito adro da parte de fundo e emtesta com a dita pedreira e oliuaaes do dito moesteiro». (*Id.,* doc. 21).

«hũa grande terra cõ pedreira e cõ oliuaaes e casas acerca do dito moesteiro que parte cõ o muro do concelho e corre de longo ataa os canos per u correm as augas chouidiças e em fundo parte cõ adro do dito moesteiro e com casas que foram de Martin Vaasquez Guitarreiro». 1479. (*Id.,* 6).

«..... hũas casas logo hy acerca do moesteiro contra o uliual que partem de hũa parte cõ casas que foram do comde d'Abramches que ora som de seu filho dom Antam e doutra parte com casas do dito moesteiro que foram do guitarreiro e de tras entestam com barroca do dito uliual». (*Id.,* doc. 38).

«huũ oliuall que esta dentro dos muros da dita cidade ho quall holiuall trazia emprazado Fernam Pirez Requeredor ho quall holiuall

Digitized by Google

parte de hũa parte cõ ho dito muro da dita cidade e com ho holiuall de Santo Loyo e cõ outro holiuall do dito moesteiro de sam Domingos que ora tras Pere Aluez holeiro aforado e se chama holiuall da Pedreira». (*Id.*, doc. 8).

O terreno fóra dos muros de Lisboa era agricultado de fórma igual ao que ficava intra-muros, como adeante veremos.

A Muralha, e ruas da Palma e da Mouraria

A muralha de D. Fernando descia da montanha e penetrava no valle no sítio do Arco do Marquês de Alegrete, ainda hoje cheio de vestigios d'ella, em via agora mesmo de desapparecimento, mercê do auxilio prestado pela Camara aos proprietarios do novo bairro. Subia depois o monte de Santa Anna onde fazia uma saliencia para o effeito tactico de alcançar a altura mais desafrontada do referido monte, pelo qual descia a fim de atravessar o valle da Avenida, onde havia a porta chamada de Santo Antão. Não creio houvesse primitivamente entre as portas de S. Vicente e Santo Antão outras aberturas effectivas, só posteriormente a conveniencia pública fez descerrar o panno do muro. Uma d'essas aberturas sería «o postigo da rua nova da Palma que sai ao Jogo da Pella» assim denominado em 1625 (*Elementos,* III, 166). Este postigo foi aberto pouco antes de 1562 (*Elementos,* I, 567): «o postigo que se abrio ao jogo da pella», ao mesmo tempo que se traçou a Rua Nova da Palma, como diz o mesmo documento «e por se abrir a Rua nova da palma, da parte de dentro, e se abrir o dito postigo, creceo a pouoação de hũa parte e doutra».

A communicação primitiva da baixa de Lisboa com o arrabalde da mouraria fazia-se, ao que me parece, a princípio através da porta de S. Vicente (arco do Marquês de Alegrete) pela azinhaga que saía do Borratem e tambem talvez pela rua dos Canos, quando as chuvas o permittiam. Augmentando o transito, resolveu a camara abrir uma nova rua no valle rompendo-se, como já atrás fica notado, a muralha. A rua nova recebeu o nome de *Rua Nova da Palma,* não querendo dizer esta denominação que houvesse uma rua anterior chamada da Palma. Quanto ao termo *Palma* não consta houvesse precisamente por onde foi traçada a nova via de communicação ermida nenhuma assim chamada; a que havia ficava bastante distante para ter influido.

Até o meado d'este seculo a rua nova da Palma terminava junto do palacio do Marquês de Alegrete, depois ella foi prolongada até o largo do Intendente, passando através das hortas.

Da porta de S. Vicente saía uma rua em direcção a Arroios encostada ao monte do castello. O nome primitivo d'esta rua era *da porta*

Digitized by Google

de S. Vicente, só mais tarde se começou a denominar exclusivamente *rua direita da Mouraria,* e depois simplesmente *rua da mouraria.* A citação mais antiga da rua da porta de S. Vicente é de 1404.

1404. «Rua direita da porta de sam Vicente». (*Santos,* n.º 589).

1436. «no arraualde na rua direita que vay da porta de sam vicemte pera fora». (Livro 10 da *Extremadura,* 203).

1436. «rrua pubrica que vay pera a porta de sam vicemte». (*Id.,* fl. 213 *v.*)

1463. «estrada pruuica que vay da porta de sam uicente». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 212).

1474. «rua pruuica que uay da porta de sam uicemte pera fora da cidade». (*Id.,* fl. 134).

1489. «rua publica que uay pera a porta de sam Vicente». (*Santos,* n.º 592).

1494. «rua da porta de sam uicemte fregrissya da dita Igreja de Santa Justa». (Livro 2 da *Extremadura,* 242 *v*).

1497. «Rua que vay ha porta de sam uicente da mouraria freguisia de santa Justa». (Livro 1 da *Extremadura,* 246).

1497. «Rua pruuica que uay pera porta de sam uicente». (Livro 12 da *Extremadura,* fl. 40).

1499. «Rua direita da porta de sam vicemte». (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1503. «Rua direita que uay da porta de sam Vicente pera sam Jurdam». (*Santos,* n.º 603).

1516. «Rua que vay da porta de sam Vicemte da dita cidade pera sam Jurdam». (*Santos,* n.º 1779).

1545. «Rua direita da Mouraria». (*Santos,* n.º 669).

1582. «Rua dereita da mouraria que vai pera Santa Barbora acima de Macabeuu (?) da bamda das ortas». (*Santos,* n.º 1777).

1596. «Rua dereita que vay da Mouraria pera a Igreja de samta Barbora». (*Santos,* n.º 1774).

O hospital dos meninos ou ermida da Guia

Na rua da porta de S. Vicente havia um recolhimento para crianças abandonadas instituido pela Rainha D. Beatriz ou Brites, esposa de D. Affonso III, fallecida em 1300[1].

---

[1] J. B. de Castro, *Mappa de Portugal,* III, 437. Porem na lista das igrejas de Lisboa, feitas não posteriormente ao reinado de D. Affonso III, ao que parece, (*Memorias para a historia das Inquirições,* etc., pag. 15 dos documentos) se diz á o seguinte: «Ecclesia Innocentum Hospitalis puerorum».

Digitized by Google

1347. «spital dos Meninhos». (*Santos,* n.º 1609).

1394. «..... ao dito logo da porta de sam Vycente junto cõ o espitall dos mjnjnhos que partem cõ albergaria do dito espitall». (*Santos,* n.º 1613).

1440. «espritall dos meninos». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 81).

1497. «esprital dos menynos setuado na Rua que vay ha porta de sam uicente da mouraria freguesia de samta Justa». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 146).

Passou por várias phases este hospital, segundo conta J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal,* III, 437. A existencia d'este estabelecimento prova que a actual rua da Mouraria não fazia parte do arrabalde dos mouros, e effectivamente a estrada que saía de Lisboa por uma das suas portas principaes e com a invocação do padroeiro da cidade, não devia estar inquinada com a vizinhança mahometana. Ainda assim parece que havia um ou outro mouro residente, como tambem havia entre os almoinheiros christãos outros mouros.

S. Lazaro

Na encosta do monte de Santa Anna existia talvez já anterior ao reinado de D. Affonso III (1245) a *Ecclesia Sancti Lazari* mencionada pela primeira vez num documento sem data inserto nas *Memorias para a historia das Inquirições,* pag. 85.

1381. «caminho que uay pera Sam Lazero». (*Santos,* n.º 631).

1420. «caminho que bae pera sam lazaro». (*Santos,* n.º 662).

1440. «caminho pubrico que uay pera sam lazero». (*Santos,* n.º 638).

1440. «acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 81).

1489. «caminho que uay pera sam lazaro». (*Santos,* n.º 592).

1503. «caminho do concelho que vay teer a sam Lazaro». (Livro 9 da *Extremadura,* fl. 15 *v*).

1510. «Caminho que vay pera sam Lazaro». (*Santos,* n.º 671).

1514. «azinhagaa que uem do poço de sã Lazaro e vay ter aos canos de sam Domingos». (*Santos,* n.º 593).

1516. «travessa que saee da dita Rua direita que uaj para sam Lazaro». (*Santos,* 1779).

1542. «hortas de sã Lazaro». (*Santos,* n.º 617).

1445. «caminho publico que vae da rua direita da mouraria para sam Lazaro». (*Santos,* n.º 669).

1555. «Rua que vae pera Sam Lazaro». (*Santos,* n.º 626).

1581. «..... á mouraria a ponte de sã Lazaro. (*Santos,* n.º 1795).

Digitized by Google

1586. «acima da ponte de sam lazaro onde se chama o curralinho». (*Jesuitas,* maço 2, pacote 7).

Este caminho corresponde hoje á calçada de S. Lazaro e á Carreirinha do Soccorro (rua de Fernandes-da-Fonseca).

Beco da Barbadella

Este beco vem desembocar á Carreirinha do Soccorro. Tira o seu nome de Barba Leda, alcunha ou appellido de um individuo aquí residente no seculo XVI, e em cuja epoca se traçou o referido beco. Segundo um documento de 1542 (*Santos,* n.º 617) chamava-se este individuo João do Rego Barbaledo e sua mulher Isabel Fernandes Barbaleda. Um outro documento de 1516, por publica fórma de 1554 (*Santos,* n.º 1779) diz o seguinte:

«casas que sam na Rua que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera sam Jurdam[1] e partem do levante com a dita Rua e do poente com o sobredito chaom que vay de tras ellas e do norte e do sull com outras cassas do dito mosteiro que trazem outras pessoas. E o dito chaom vaj de tras ellas e parte do poente cõ o Reguo que vaj pera os canos e do norte com outro chão do dito mosteiro que traz Joam Diaz e do sull com hũa travessa que saee da dita Rua direita que vaj pera sam Lazaro e do leuante com hũ renque de casas do do dito mosteiro».

Diogo Luis[2], foreiro d'este chão pretendia abrir nelle uma rua que começava na *travessa que sae da Rua direita* e terminava no fim do terreno. A rua não continuou a avançar pelos terrenos seguintes, ficando atrophiada em becco como diz outro documento de 1581 (*Santos,* n.º 1795): «á mouraria a ponte de sã Lazaro dentro no bequo de Barbaleda e partem da banda do poente com casas e chãos de Joã Vaz e do norte partem com cazas que foram do dito Barbaleda e ora sã de Aluaro Dias curtidor e da banda das ortas partem com Reguo da cidade e por diante partem com o dito bequo.....»

S. Jordão e Santa Barbara

Jorge Cardoso, *Agiologio,* IV, 460, diz o seguinte: «Na Freguesia dos Anjos da Cidade de Lisboa havia huma Ermida antiga de Santa

---

[1] Rua do Bemformoso, mais antigamente do Boi Formoso. O documento mais antigo que menciona este sitio (escolla de boi fermoso na rua direita que vai pera S. Barbora) tem a data de 1620. (Alcobaça, *Sentenças,* 33, fl. 318).

[2] Uma filha d'este Diogo Luis e de Violante Rodriguez, de nome Breatis Luis, casou com o pintor Simão Affonso, conforme um documento de 1555 (*Santos,* n.º 1783).

Digitized by Google

Barbara, aonde estava huma Imagem de S. Jordão; ficava esta Ermida pouco distante do chafariz e della se vem ainda hoje vestigios; arruinada com o tempo a Ermida, forão levadas as Imagens de S. Jordão e Santa Barbara, para a parochia dos Anjos, onde se venerão, e tem suas Confrarias». A ermida de Santa Barbara começou por ser um estabelecimento identico aos de S. Lazaro e dos Meninos Innocentes. O valle que vinha de Arroios não era o unico escolhido para estas instituições piedosas. Em toda a Lisboa antiga se encontravam hospitaes. O pergaminho 361 do mosteiro de Chellas ao descrever uma almoinha diz o seguinte: «que he apar do ospital de ssanta Barbora». Tem a data de 1339. S. Jordão, santo archi-apocrypho era advogado dos casamentos e a elle recorriam as donzellas de Lisboa. Pelo tempo adeante as romarias ao santo foram prohibidas porque «ainda nos actos pios se introduzem abusos e desordens».

Por detrás da ermida ficava um valle chamado de S. Jordão, conforme o testemunho de Jorge Cardoso ou do seu continuador, valle por onde corria a agua de Arroios.

As noticias são as seguintes:

1503. «Rua Direita que uay da porta de sam Vicente pera Sam Jurdam»; «rego que uem de Sam Jurdam». (*Santos,* n.º 603).

1516. «Rua Direita que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera Sam Jurdam». (*Santos,* n.º 1779).

1551 (?). «Ermida de Santa Barbara e S. Jordão, citação de Christovão Rodrigues de Oliveira, apud Sr. Castilho, *Lisboa Antiga,* VII, 59.

1592. «Item a sam Jurdão pegado aos Anyos hum oliual que tras Dom Diogo de Lima que desfez em uinha e o meteu na sua quinta cerquada». (n.º 315 de *S. Domingos,* fl. 14, Proprios Nacionaes).

O campo de Santa Barbara abrangia superficie maior do que o moderno largo de Santa Barbara. Nas suas immediações havia a já mencionada ermida da Santa, festejada no seculo XIV: «El-rei (D. Pedro I)..... mandou, com pena de morte, que, quando ellas (*as christãs*) fossem pela porta de Santo André á romaria de Santa Barbara, etc.» [1].

Neste campo ou rocio exercitavam-se os moradores de Lisboa em jogar o arco (tirar ao alvo) e tambem na carreira dos cavallos, de que lhe ficou o nome em parte. Teve o nome de campo da forca por ser o local d'este supplicio em certa epoca.

1399. «hũa quimtãa que he em termo da dita cidade acerca do Resio de samta barbora..... e da parte do abrego com martim vaas-

[1] Apud Sr. Castilho, *Lisboa Antiga,* VII, 58.

Digitized by Google

quez que foy homem da nossa alcaidaria e com estrada pruuica que vay pera carnide. E da parte do soaão com Resio do concelho homde jogam o arco.....» (Livro 12 da *Extremadura,* fl. 126).

1436. «rrua pubrica que uay da porta de samto Amdre pera samta barbora». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 214).

1440. «Rego que uem de samta barbora». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 212).

1463. «chafariz de sancta barbora». (Livro 74 de *S. Domingos,* doc. 198).

1582. «Rua dereita da mouraria que vai pera santa Barbora acima de Macabeuu (?)». (*Santos,* n.º 1777).

1596. «Rua dereyta que vay da Mourarya pera a ygreja de Santa Barbora». (*Santos,* 1974).

Villa Quente

Na parte superior da Mouraria no caminho que vae da porta de Santo André para o postigo de S. Lourenço, caminho hoje chamado da *Costa do Castello,* estava situada a celebre *Villa Quente,* conforme o Tombo de 1573, existente na Camara de Lisboa, fl. 139 *v*: «Tem a cidade hũas casas na rua que vai da porta de Sancto André pera o postigo de Sam Lourenço, onde se chama Villa quente. E estão á mão esquerda, indo pera o dito postigo de Sam Lourenço. Da banda do sul partem com rua e caminho que vae para o postigo do Moniz».

Santo André

A Mouraria estava assente entre duas portas da muralha de D. Fernando. Já falei da de S. Vicente, falta tratar da de Santo André, hoje ainda representada pelo arco da mesma denominação. D'esta porta saía uma estrada para o valle, no final da qual se lhe juntava a calçada depois chamada dos Cavalleiros e a rua dos Lagares. Em rigor esta última rua é a continuação da que saía de Santo André, e, como esta, ficava fóra da influencia mourisca. A passagem para o largo de Santa Barbara era naturalmente pela rua dos Lagares e rua das Olarias e moderno largo do Intendente, onde se confundia com a estrada que arrancava da porta de S. Vicente. Todas estas ruas torneavam as bases e as encostas da Graça e de N. Senhora do Monte.

1436. «rua que vay pera a porta de sancto andre». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 203 *v*).

1436. «caminho pubrico que vay pera a porta de samto andre». (*Id.,* fl. 213 *v*).

Digitized by Google

1436. «rrua pubrica que vay da porta de samto amdre pera samta barbora»; «rrua gramde acerqua da porta da mouraria que vay pera samto amdre»; «rrua de samto Andre». (*Id.*, fl. 214).

1490. «azinhagaa que uay pera porta de sancto amdre». (Livro 3 da *Extremadura*, fl. 1).

1479. «Rua que vay pera santo Andre». (Livro 21 da *Extremadura*, fl. 209).

1498. «caminho pubriquo que vem da porta de sancto amdree e vaai pera o chafariz daRoios». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 39).

1498. «calçada que vaay do dita arrabalde pera a porta de Sancto Andre». (*Id.*, fl. 183 *v*).

1503. «Rua pubrica que vem da porta de samcto amdre pera ho chafariz damdalluz». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 13).

1517. «Rua que vay da porta de santamdre pera Alualade». (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 60).

Os Lagares

A calçada de Santo André recebia, e recebe, no seu curto trajecto outras vias de communicação. Num documento de 1502 (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 *v*) encontra-se a antiga rua dos Lagares «caminho que uem da calçada de Santo Andre pera os lagares dazeite».

Noutro documento de 1501 (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105) parece haver referencia á rua dos Caualeyros e á rua das Tendas «caminho que uem da calçada de samto amdre que uay peras tendas dos mouros». Em 1548 (*Santos*, n.º 1789) ha esta menção «hũas casas na dita cidade na mourarya na Rua dos Cavaleyros que partem com Rua pubrica e por de tras cõ Rua das Holaryas».

O Livro 13 da *Extremadura*, fl. 76 *v*, ao anno de 1513 diz: «Ruas que vem da porta da mouraria e vão pera ho caminho que vay da porta de sanctandre por de tras das casas pello pee da costa de samta maria da graça».

O sítio dos Lagares deu o nome a uma rua que, saindo da calçada de Santo André, vae encostada ao monte da Graça, na direcção de Arroios ou Santa Barbara. Estes lagares eram propriedade do Hospital de Todos-os-Santos e de Pero Lopes do Carvalhal:

1502. «huũ chaão que parte com o caminho que uem da calçada de Santo Andre pera os lagares dazeite que o dito espital grande de todolos santos de dereito señorio he em ho arraualde da dita cidade ao pee da costa de Santa Maria da Graça, freiguesia de Santa Justa». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 *v*).

1503. «lagar dazeite no almocouar». (*Id.*, fl. 180 *v*).

Digitized by Google

1503. «Rua pubrica que uay pera hos lagaares de Pero Lopez». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 13).

1510. «por de trás cõ azinhaga que uay amte elle (Mafomede Roballo) e ho logar (*aliás* lagar) de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 37 *v*).

Adeante de Arroios havia uns lagares que constituem hoje a quinta do Conde de Almada, como atrás fica notado: cfr. Carvalho da Costa, *Corographia,* III, 419.

Agricultura fóra das portas de S. Vicente

No terreno fóra dos muros, só do meado do presente seculo em deante, começou com maior intensidade a ser revestido de construcções. No valle, como intra-muros, predominavam as almoinhas, ao passo que as encostas estavam revestidas de olivaes e vinhedos. Da influencia arabe exercida nos processos agricolas dão-nos algumas mostras os documentos antigos, como um de 1381 (*Santos,* n.º 731): «arca e puços e nora e alfacara». Estes dois ultimos termos assim como as palavras «chafariz» e «almoinha» são de origem arabe.

Os trechos seguintes documentam o que a cima digo:

1429. «Almoynha com sua cassa que he acerca da porta de san Bicente da dita cidade ffora do muro que parte com bjnha de Basco Martijz e com o muro e com Azinhagaa per hu corre a agua». (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 424 *v*).

1437. «hũa quintaã que he no termo da dita cidade acerca do Resio de santa barbora». (Livro 11 da *Extremadura,* fl. 126).

1440. «horta emprazada e almoinha com suas casas que soya de trazer ho espritall dos meninos que he acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro de huũa parte E da outra com caminho e almoinha que soya trazer martim martijns. E com o oliual de sam Christouam». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 81).

1440. «hũa almoinha com sua casa que o dito moesteiro ha no dito arraualde que parte com almoinha da see e doutra parte com o Rego que uem da Santa Barbora e doutra parte com caminho pubrico que uay pera sam lazero». (*Santos,* n.º 638).

1442. Horta da Larangeira[1] «omde chamam bemfica a cabo da mouraria». (*Dourados,* de Alcobaça, I, fl. 70).

---

[1] Junto da horta da Larangeira foi construido no sec. XVI o convento do Desterro, hoje convertido em hospital.

Digitized by Google

1452. «oliual com hũa uinha que esta acima da fomte da Royos, acerqua da quintãa de Joã da Veiga, caminho de Sacavem». (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 99).

1455. Orta «abayxo do curral dos mouros e parte com orta do see que ora traz Johã Farinha e com ferrageall de sam lazaro e com orta de D. Aluaro de Castro». (*Santos,* n.º 645).

1463. «orta que esta Junto com a dita amtre ho chafariz de sancta baruora e a dita cidade». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 212).

1466. «dous olyuaaes do dito seu moesteiro .s. huũ que esta no chafariz de ssanta barbora que parte de hũa parte com o olyuall do doctor lopo gonçalluez e doutra parte com oliuall de Joham lopez caualeiro, morador a Santo Andre e da parte de cima emtesta com camjnho que vay pera Santa Maria da Graça e da parte do fundo emtesta com horta de Joham Correa que ora traz Fradim». (Livro 14 de *S. Domingos,* doc. 198).

1489. Orta que «parte de hũa parte cõ Rua publica que vay pera a porta de Sam Vicente e da outra cõ caminho que vay pera sam lazaro e doutra parte com o Rego que vem d'Arroios». (*Santos,* n.º 592).

1502. «partem de huũa parte com caminho do Concelho que vay teer a Sam Lazaro e da outra com caminho e orta da Igreja de sam Lourenço e por de tras com oliual de sam Christouam e per diante com a dita Rua de bemfica». (Livro 9 da *Extremadura,* fl. 15 *v*).

II

A Mouraria

A população mourisca que ficou em Lisboa depois da conquista de 1147 devia ser composta na sua maior parte de industriaes e de proprietarios. Pouco a pouco ou de golpe, mas em todo o caso systematicamente, os mouros que viviam espalhados na cidade foram afastados para a encosta do monte em que se levanta o castello, na parte que olha para Nossa Senhora do Monte (monte de S. Gens), formando ahi uma povoação, a que se deu o nome de *arraualde dos mouros,* a qual ainda hoje permanece pouco mais ou menos, confundida, porém, no desdobramento successivo da cidade, de baixo do nome de *mouraria.*

Na *Chronica da fundação do mosteiro de S. Vicente* (nos *Port. Mon. Hist.,* Scriptores, I, 408) diz-se que a certo número de cavalleiros mouros foi permittido ficar em Lisboa. Se dermos credito a esta noticia, havemos de julgar que estes cavalleiros residentes no arrabalde tinham bens nos arredores de Lisboa, que os não obrigavam a exercer os officios me-

Digitized by Google

chanicos de olleiros, ferreiros, esteireiros ou esparteiros, tão preferidos pelos orientaes.

Até a extincção da liberdade religiosa em 1496 tinha o bairro dos mouros a denominação de *arrabalde dos mouros* ou *da mouraria* e depois o de «villa noua que soya seer mouraria da dita cidade» (documento do anno de 1496, n.º 624 de *Santos*).

Os mouros constituiam agremiação isolada com as suas autoridades civis e religiosas e dependentes só do rei. O chefe civil era o alcaide dos mouros, e junto a elle havia escrivães ou tabelliães, no principio só mahometanos. Tinham cadeia (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 226, *v*). açougue, curral (em 1455, n.º 645 de *Santos*), «logea em que se rrecadam os direytos dos mouros da mourarya» (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 134), e tambem escola (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 177 *v*).

Tinham uma mesquita grande (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 220) convertida depois em templo christão, e outra menor. (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 106 *v*).

Em differentes pontos de Lisboa havia banhos, não sendo os mouros tambem desprovidos d'elles, se bem que no seculo XV já estes lhes tinham sido retirados, e o edificio passára a outros usos. Em 1436 «casas de bainhos» (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 212), «casas nossas que tras affonso Pirez oleyro que forom bainhos» (*Id.,* fl. 203 *v*), «banhos do dito senhor» (Livro 1 da *Chancellaria de D. Duarte,* fl. 235).

Limites da Mouraria

Ficava a Mouraria entre as portas de Santo André e de S. Vicente, sem as alcançar, pois que lhes interpunham terrenos em que posteriormente se foram construindo habitações de christãos.

Os montes do Castello, da Graça e o de S. Gens estavam sobranceiros ao arrabalde mourisco, situado principalmente na encosta do primeiro d'estes. Não sabemos porque fosse este sítio escolhido para residencia dos mouros forros; talvez que por estar afastado do rio, evitando assim uma combinação militar com os seus correligionarios de alem-Tejo ou mesmo do alem-mar. Quando D. Fernando lançou a Lisboa a sua cinta de pedra, deixou de fóra da capital o arrabalde. Ignoro a razão.

Os limites da Mouraria não se podem, por emquanto, determinar exactamente. Pelo sul ficava a meio da encosta do Castello, pelo poente era limitada pela rua direita da porta de S. Vicente, hoje chamada da Mouraria, e pelo nascente não passava alem da entrada da rua da Amendoeira. Da parte do norte ainda é maior a dúvida, porque era aqui onde se encontravam os almocavares dos judeus e dos mouros, os quaes terrenos foram depois cortados por diversas ruas, ao que parece.

Digitized by Google

O lado sul não tem offerecido á Mouraria alteração desde os tempos mais remotos; só agora tende a ser alterada profundamente com a creação de um bairro nos terrenos do Marquez de Ponte-de-Lima.

Rua de Bemfica

Do lado do poente o bairro dos mouros não passava alem das modernas ruas da Mouraria e da rua de Bemformoso. Entre as almoinhas do valle e o sítio das Olarias encontra-se muitas vezes citada a rua de Bemfica. Este nome encontra-se actualmente numa freguesia dos arredores de Lisboa, a qual, segundo um documento de 1322, se chamava *Benfica a noua a par de os Paaços del Rej*[1]. Na impossibilidade de determinar exactamente a rua que corresponde á rua de Bemfica, talvez a do Boi Formoso ou Bemformoso, aponto os seguintes documentos:

1377. Casa terrea «que era no dito arraualde hu vendem as ollas junto com as casas dAly Pequeno hu chamõ Bemfica». (*Santos,* n.º 623).

1390. Almoinha em Bemfica a par do arraualde dos mouros». (*Id.,* n.º 668).

1396. «hu chamã bem fyca na Rua Direita». (*Id.,* n.º 665).

1418. «Rua de Bemfica e dapar do arraualde dos mouros forros». (*Id.,* n.º 633).

1438. «quatro portaaes que som no dito arraualde da mouraria E partem cõ banhos do dito senhor e com casas dauãzano mouro e pella Rua Direita de bemfica per onde vendem a louça». (*Chancellaria de D. Duarte,* I, 235).

1440. «horta emprazada e almoynha com suas casas que soya de trazer ho espritall dos meninos que he acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que uay pera o dito sam lazaro de huũa parte. E da outra com caminho e almoinha que soya trazer martim martijnz. E com oliuall de sam christouã». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 81).

1442. Horta da Larangeira «omde chamam bemfica a cabo da mouraria». (Livro 1 dos *Dourados* de Alcobaça, fl. 70).

1471. «E partem de hũa parte com a filha da Cordeyra e da outrra com casas do Alcobacill e per fundo com a logea que he de Mafamede Lampeda e per diante com Rua dentro da mouraria e per detrás com Rua dereita da cristindade que se chama Rua da bemfica». (Livro 4 da *Extremadura,* fl. 13).

---

[1] *Archivo Nacional,* caixa 100 da *Collecção Especial.* Este pergaminho tem a seguinte nota que tira as dúvidas sobre a collocação da povoação: «Pertence ao cazal, ao pé de S. Domingos de Bemfica, do Marques da Fronteira».

Digitized by Google

1497. «Partem de huũa parte com outras casas do dito señor que tras o dito Lopo Roiz. E da outra parte com outras cazas do dito señor que tras Gonçalo Diaz, oleyro. E por detras com Rua que uay pera Santo Andre. E per diante com Rua pubriqua de bemfica». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 209).

1498. Casa que «parte de huũa parte cõ casas de Joham do Outeiro, morador em bemfica e da outra com beco que atrauessa ambalas Ruas dereitas e per detrás emtesta cõ becco qne nam tem sayda e por diante com Rua poblica». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 187 *v*).

1430. «Porta da Mouraria na rua que se diz de Bemfica». (*Santos,* n.º 587).

1555. «Rua de Bemfiqua, da uma banda «Reguo dagoa que uem do chafariz darroios, outra banda Rua que vae para Sam Lazaro». (*Santos,* n.º 626).

1573. «chão que esta na Mouraria indo da rua direita onde estão as hortas para a calçada de Santo André onde se chama Rua de Bemfica e Olarias». (*Tombo da cidade,* livro 2, fl. 242).

1585. «Casas na Rua de Bemfica». (*Jesuitas,* maço 42, n.º 42).

Olarias

Não soffre dúvida, como já mostrei, que a rua dos Lagares, que torneja o monte da Graça, ficava na christandade. Para baixo, porém, ficavam as Olarias, que parece terem sido terreno mixto. Christovão Rodrigues do Oliveira (em 1555) menciona duas ruas das olarias, uma de cima e outra de baixo. Hoje temos um largo (rua larga) das Olarias e uma rua tambem das Olarias. Nas citações que faço aqui não descriminei as propriedades pertencentes a mouros e a christãos, o que fica reservado para um outro trabalho ou para qualquer outro investigador.

1377. Casa terrea «que era no dito arraualde hu uendem as ollas junto com as casas de Aly Pequeno hu chamam Bemfica». (*Santos,* n.º 633).

1436. «duas tendas nossas conjuntas as quaaes son no arraualde dos mouros na rrua direita que vay da porta de sam vicente pera fora e partem com a dita rrua e de todallas partes com casas nossas que tras Affonso Pirez oleyro que foram banhos e com azinhagua que emtesta na rrua que vae pera a porta de samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 203 *v*).

1490. «partem de huũa parte com outras casas do dito Snñor que ora tras Maria Roiz e de outra parte com azinhagaa que uay pera a porta de samto andre e por detras com tenda que tras Costamça Do-

Digitized by Google

minguez que sam do dito Señor e per diante com rrua pruuica do arraualde da mouraria». (Livro 3 da *Extremadura*, fl. 7).

1498. «parte de hũa parte com tenda de R.º Annes oulleiro e de outra com tenda de Garçia lopez outrosi oulleiro E com hũ seu quintall e entesta de hũa parte com caminho pubriquo que uem da porta de samto amdree E uaai pera o chafariz daRoios». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 39).

1499. «temdas dos oleiros» perante os quaes passava a «Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera a Rua direita da porta de sam uicemte». (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 170 *v*).

1501. «arraualde nouo da mouraria da dita cidade homde estão os olleiros». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105).

1501. «caminho que uem da calçada de samto amdre que uay peras tendas dos mouros e emtesta o quymtal cõ tenda de Alle Azeyte (*Id.*, *ibid.*).

1510. «temda que está nas olarias que partem de hũa parte com temda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge. E da outra com tenda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que uay amte elle e ho logar (*sic*) de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 37 *v*).

1548. «casas na dita cidade na mouraria na Rua dos Caualeyros que partem com Rua pubriqua e por de tras cõ Rua das Olaryas». (*Santos*, n.º 1789).

Tambem se refere ao largo das Olarias, que vae da calçada de Santo André para a calçada do Monte, a seguinte citação:

1491. «Rua pruuica que uay da mouraria pera santa maria do monte». (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 15).

Tendas

Nos documentos relativos ás Olarias apparecem citações diversas de tendas de oleiros e de mouros, indicando umas vezes que ellas estavam nas referidas Olarias, e outras vezes que estavam na sua frente. Effectivamente existe ainda hoje em frente do largo das Olarias uma rua pequena, intitulada das Tendas.

Rua da Amendoeira

Conserva este nome desde eras remotas:

1394. «casas que sam no dito arraualde hu chamam a amendoeira». (Livro 11 da *Extremadura*, fl. 81 *v*).

1397. «casas no arraualde suso dito hu chamam a amendoaria (*sic*)».

Digitized by Google

Rua da Amoreira

Por agora basta só determinar que o termo *mouraria* apparece nalguns documentos *moureira,* como por exemplo em 1434: «Rua Direita da Moureira». (*Santos,* n.º 647). O beco hoje chamado da Guia chamava-se no seculo passado beco da Amoreira. Temos portanto duas derivações do termo amoreira ambas plausiveis: a de *mouraria* e a do nome da arvore.

Rua de João do Outeiro

Não sei qual era o nome primitivo d'esta rua. Num documento de 1498 (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 187 *v*) lê-se: Joham do Outeiro, morador em Bemfica.

Rua do Capellão

Não posso determinar a epocha em que se começou a usar esta denominação; na emtanto inclino-me a que provenha do sacerdote da mesquita intitulado *capellão.* O ultimo capellão mouro em Lisboa chamava-se Mafamede Laparo.

Rua dos Cavalleiros

Só no seculo XVI começou a haver esta designação:

1431. «casas que elle ha em lixboa no arraualde dos mouros que soyam de seer banhos e partem com casas de meestre mafamede fisico e com caminho pruuico que uay pera santarem e com azinhagua pubrica que saae pera o caminho que uay pera a porta (*sic*) de sam vicemte e com tendas do dito senhor». (*Chancellaria de D. João I,* livro 4, fl. 88).

1436. «com casas nossas que tras Affonso Pirez oleyro que forom banhos e com azinhagua que emtesta na rrua que vay pera a porta de samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 203).

1436. «casas que foram banhos as quaes estam em o arraualde dos mouros da dita cidade e partem ao leuamte com caminho pubrico que vay pera a porta de samto amdré». (*Id.,* fl. 213 *v*).

1499. «Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera Rua direita da porta de sam vicemte peramte as temdas dos oleiros». (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1501. «caminho que uem da calçada de samto amdré que uay pera tendas dos mouros». (Livro 6 da *Extremadura,* fl. 105).

1548. «hũas casas na dita cidade na mourarya na Rua dos Caualeyros que partem com Rua pubriqua e por de tras cõ Rua das Holaryas...» (*Santos,* n.º 1789).

Digitized by Google

Rua da Carneçaria

São duas as citações: «rua que vay das *carneçarias* dos ditos mouros pera çima», em 1430 (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 21 *v*); e simplesmente *Rua da Carneçaria,* em 1497 (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 48 *v*).

Curral dos Mouros

Devia ficar proximo da Rua da Carneçaria. Christovão Rodrigues de Oliveira menciona em 1551 o beco do curralinho.

1420. «curral onde os mouros matam seu gaado que partem com caminho que vae pera sam lazaro». (*Santos,* n.º 662).

1455. «Curral dos mouros». (*Id.;* n.º 645).

1586. «chãos..... acima da pomte de sam lazaro omde se chama o curralinho». (*Jesuitas,* maço 2, pacote 7).

Ruas não identificadas

Alem das ruas não identificadas, já a cima inscriptas, aponto ainda as seguintes:

1497. «Rua dalmamon (?)». (*Santos,* n.º 625).

1436. «em o arraualde dos mouros em fim da rrua gramde acerqua da porta da mouraria que uay pera samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 214).

1471. «Rua de demtro da mouraria». (Livro 4 da *Extremadura,* fl. 13).

As Portas da Mouraria

Tanto as mourarias como as judarias eram fechadas, tendo algumas portas para as communicações exteriores. Os documentos revelam-nos a existencia, quanto á mouraria de Lisboa, de talvez tres portas.

1436. «as quaaes eram dentro em o arraualde dos mouros em fim da rrua grande acerqua da porta da mouraria que uay pera samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 224).

1474. «alem do poço dos mouros contra a porta da dita mourarya». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 134).

1499. «Rua dereita que vay da porta daalem do poço pera cima». (*Santos,* n.º 624).

1513. «Ruas que uem da porta da mouraria e vão pera ho caminho que vay da porta de samtamdre por de tras das casas pello pee da costa de Sancta maria da graça». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 96 *v*).

1530. «Porta da mouraria na rua que se diz de Bemfica». (*Santos,* n.º 587).

Digitized by Google

Chãos

Junto do arrabalde dos mouros havia ainda depois da expulsão d'estes varios terrenos que partiam com os almocavares.

1498. «chão parte de huũa parte com calçada (*de Santo André*)». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 231 *v*).

1502. «chão que parte com o caminho que uem da calçada de Santo André para os lagares dazeite». (Livro 9 da Extremadura, fl. 162 *v*).

1503. «chão que parte do norte com almocovar que foi dos judeus». (*Id.*, fl. 31 *v*).

1503. «chão que esta no arabalde da mouraria perto do almocauar». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 97).

1513. «chão que esta no raball da mouraria». (*Id.*, fl. 96 *v*).

Almocavares

Significa o termo arabe *almocavar* «cemiterio». Segundo parece, o almocavar dos mouros na encosta de Nossa Senhora do Monte[1] já existia no tempo da conquista de 1147. Diz Osberno *in medio montis quo erat eorum* (dos mouros) *cimiterium*. Naturalmente teriam mais cemiterios os mouros, mas foi só o almocavar, junto do arrabalde, que perseverou. Logo depois da extincção da mouraria foi o cemiterio dos mouros, bem como o dos judeus, aforado em diversos talhões, e a pedraria dos jazigos foi dispersada na construcção do Hospital de Todos-os-Santos, de fórma tal que até hoje ainda não appareceu uma unica inscripção que se tenha salvo. Identica ruina soffreram os livros d'aquellas duas raças, aos descendentes das quaes foi prohibido escreverem nos seus respectivos idiomas.

Os limites dos dois almocavares não os sei indicar; no emtanto parece-me que os terrenos situados entre a Rua de Bemformoso, Largo das Olarias e Ruas de Bella Vista do Monte e do Terreirinho até o largo do Intendente ou travessa da Cruz, bem podiam ter servido de cemiterio aos mouros e judeus. Este terreno será grande relativamente á superficie da mouraria, mas é preciso notar que a maior parte d'elle pertenceria aos judeus e que os mouros dos arredores faziam-se enterrar talvez aqui.

Parte das ruas neste sítio dos almocavares mudaram as primitivas designações. A rua hoje chamada das Olarias denominava-se, no seculo

---

[1] Um documento de 27 de Outubro de 1284 (Caixa 86 da *Collecção Especial*) diz: «campo... in termino Ulixbon. ubi uocatur mons sancti Jenesij prope domos ffratrum heremitarum ordinis sancti Agustini».

Digitized by Google

passado, do Rosario ou de Nossa Senhora do Rosario, a da Bombarda rua do Muro-Novo e a calçada do Forno do Tijolo calçada do Almocavar[1]. No emtanto o nome Bombarda já apparece no seculo XVI.

1491. «as ditas casas estam no almocouar que foi dos mouros nas ollarias que partem da parte do norte com casas do dito senhor que tras garcia lopez e do sul com casas de fernandeanes e por diante com Rua pruuica que vay da mouraria pera santa maria do monte» (Livro 12 da *Extremadura,* fl. 15).

1499. Chão «assy como parte ao norte com casas da see que ora tras afomseanes oleiro. E com chaão do dito esprital grande. E ao sul com azinhagaa e seruentia. E ao leuante com ho almocauar dos mouros que foy. E ao poente com Rua pubrica que uem dereita da porta de santandre. E com outras confrontações». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 183 *v*).

1499. «o qual chaão estaa na Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera a Rua direita da porta de sam vicemte peramte as tomdas dos oleiros e parte com a dita Rua e da outra parte com tendas de Joham Roiz oleiro e da outra parte com casas que ora faz Antam Gonçalluez christaão nouo e da parte de cima com Resio que soya ser almocauar dos mouros». (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1503. «lagar dazeite no almocouar». (Livro 9 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1503. «Chão no arrabalde da par da mouraria o qual parte ao norte com almocovar que foi dos judeus. (*Id.,* fl. 31 *v*).

1503. «chão que esta no araballde da mouraria que parte de huua parte com casas que foram de Antam Gonçalluez e agora he de seu filho e com outro chaão que he aforado a Joham Fernandez que he do dito senhor e com rrua que vay da mouraria pera o almocouar e da outra parte com outra rua que vay da porta da dita mouraria e vay pera ho almocouar». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 97).

1510. «a dita temda que está nas olarias que partem de huũa parte com tenda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge E da outra com tenda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que vay amte elle e ho logar (*sic*) de Pero Lopez do Carualhal e per diamte cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 97).

---

[1] Pelo exame das plantas das freguesias de Lisboa, levantadas pelo sargento Mór Joseph Monteiro de Carvalho, depois do terremoto e que se conservam no Archivo Nacional.

Digitized by Google

1573. «Tem a cidade umas casas terreas e um quintal tudo mistico em um aforamento do almocauar dos Judeus que é ao pé S.ª do Monte, abaixo da casa da bombarda, e estão as ditas ca rua que sae do dito almocavar para a calçada de pé de Nossa S do Monte». (*Tombo de Lisboa* existente na Camara Municipal, l fl. 174).

III

As Freguesias

Á egreja de Santa Justa ficou pertencendo, desde 1496, a a tração dos catholicos que habitavam não só a Mouraria, mas todo até Arroios. Pelo tempo adeante os terrenos destinados a agri foram emprazados, e sobre elles construiram-se numerosas habi de fórma que no meado do seculo XVI já se sentia a necessid criação de nova freguesia como se vê pela carta transcripta a Do desdobramento de Santa Justa nasceram as duas fregue Soccorro e dos Anjos. A freguesia do Soccorro teve a sede pr mente na ermida de São Sebastião da Mouraria ou da Saude e só no seculo XVII, recebeu com a actual egreja o nomé que perm

Desde o seculo XIV que conhecemos a existencia da erm Santa Barbara, mas o sitio onde estava collocado fica envolto em O sr. Visconde de Castilho (*Lisboa Antiga,* VII, 56 sqq.) não con explicar completamente este facto. Segundo investigações, ain completas, parece-me poder affirmar que a primitiva ermida de Barbara estava assente se não onde a actual egreja dos Anjo menos muito proximo a ella. Durante muito tempo a rua direi Anjos teve o nome da rua direita de Santa Barbara. Ainda m seculo XVI e parte do XVII, quando se falla nas hortas do valle de dão, que chegava até a entrada da rua de Bemformoso (Escola Formoso), acrescenta-se—junto á egreja de Santa Barbara. E temente ha aqui confusão tal que só novos elementos poderão ac

O documento que se segue —simples minuta— não é datad

«Dom Joham per graça de Deus, Rey de portugal etc, com vernador e perpetuo administrador que sam da ordem e cauallar mestrado de noso senhor Jhuu Christo A quamtos esta minha virem faço saber que por virtude das bullas appostolicas das comendas da dicta ordem foy feita noua comenda da mesma o na ygreja de samcta Justa desta cidade de Lixboa da terça dos e Remdas da dicta ygreja que era do Priorado e Reitoria dela fic o Rector com seu certa stipendio na forma das dictas bullas. E ave

Digitized by Google

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google

eu ora Respecto como a dicta ygreja de sancta Justa he das Principaes ygrejas desta cidade E a gramdeza da freiguesia dela em que ha tres mil e seyscemtos foguos e ao tempo que asy em ela se fez a dicta nova comenda jaa era como he de muito grande freiguesia e vay cada vez em moor crescimento. E por sua tam gramde freiguesia tem gramde e euidente necesidade de se fazer na parrochia em Santo Amtam da Mouraria outra noua ygreja com ajuda da matriz e fazerem-se e acrecemtarem-se mais dous nouos beneficiados na dicta ygreja de samcta Justa que sejam oyto com os seys beneficiados que ao presente nela ha afora o Rector e para yso se suprimir a dicta noua comenda que em ela foy feita e dos beẽs e Remdas dela que sam da dicta ordem se ordenarem fundarem e dotarem os dictos dous nouos beneficios e apricar-se a toda a masa da ygreja no modo abaixo declarado E asy se tornar aa dicta ygreja domde sayo pola grande necesidade dela e polo auer por muito seruiço de Deus e bem da dicta ygreja o asemtey assy com o arcebispo de Lixbõa meu muito prezado primo e meu capelom moor com aprazimento tambem dos seys beneficiados e rector da dita ygreja de samcta Justa que a todo deram per seu compromisso sobre elo feito. Pelo que por esta presente suprimo e ey por suprimida em todo para sempre a dicta noua comenda da dicta ygreja de samcta Justa que mays a nam aja nela daqui em diamte. Etc.»[1].

Pedro A. de Azevedo.

Torre de D. Chama

Ruinas de S. Braz

Já n'*O Archeologo Português*, I, 232–237, o Sr. Castro Lopo, de Valpaços, nos dá muitas e curiosas informações archeologicas da Torre de D. Chama e do Cabeço que lhe fica proximo, sobranceiro e a nordeste, conhecido pelo nome de S. Bras, por nelle se erguer uma modesta capella em que se venera este santo. De encostas ingremes e cobertas de enormes rochedos de granito, em que nas rareiras vegeta a vinha e alguma arvore de fructo, apresenta na parte superior, em volta da ermida, as ruinas de um castro cujos restos de espessa muralha formada de pedra e cimento ainda se descobrem em partes.

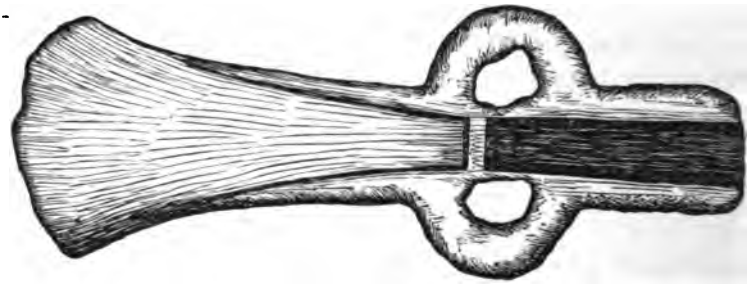
Aos vestigios que se encontram á superficie já se refere com proficiencia a noticia mencionada, e a que temos agora mais de accrescentar

---

[1] Archivo Nacional, *Collecção de S. Vicente*, tomo VIII, fl. 159.

Digitized by Google

que durante o nosso reconhecimento, que nelle fizemos, viemos a saber que tempos antes, um individuo, andando a cavar na encosta, descobriu um caixão de cobre muito pesado por estar cheio, como verificaram depois, de machados de cobre, uns em fórma de cunha e outros como indica o desenho, tirado do unico exemplar que resta e que possue o illustrado e reverendo parocho P.e José Videira; pois os outros, bem como o caixão, foram destruidos por um ferreiro na persuasão que eram de ouro. Na occasião em que este meu amigo m'o mostrou e prometteu para o Museu, apresentou-me tambem alguns fragmentos do caixão que indicavam ser de um fabrico muito rudimentar; e me deu algumas moedas romanas de prata e cobre encontradas neste sítio, sendo a mais antiga um *quinario,* cunhado pela familia Carisia e que dizem «alludem á derrota dos cantabros e dos osturianos por Publio Carisio que fundou a colonia de Emerita, depois capital da Lusitania[1]:



1/1 do tamanho natural

Anverso—AVGVST—cabeça nua de Octavio á direita. Reverso—P. CARISI LEG—Victoria coroando um tropheu.

Incontestavelmente S. Bras guarda neste local muitos «thesouros», pois julgamos esta estação archaica muito curiosa e digna de serio e demorado estudo, porque me parece que ha nella «signaes» que devem elucidar e esclarecer bastante a epocha a que pertence.

Quer-me parecer que este «castro», pela sua posição a cavalleiro de uma planicie fertilissima, onde se encontram restos de mais povoações extinctas, cuja defensa foi insignificante, e pela natureza e grande valor defensivo da sua fortificação, servia de *oppidum* de refugio a todos esses povoados nas occasiões de perigo commum.

Bragança, Abril 1900.

Albino Pereira Lopo.

---

[1] *Descripção historica das moedas romanas,* por A. C. Teixeira de Aragão, pag. 180, Lisboa 1870.

Digitized by Google

Carranca de bronze romana

O objecto que se figura aqui em tamanho natural pertence ao Sr. Teixeira de Aragão, e foi encontrado no Algarve.

Como este ha alguns no Museu Ethnologico, e tenho visto muitos em museus estrangeiros, o que prova que não temos aqui um producto de arte indigena, mas um objecto de importação.

Constitue a asa de uma *situla:* em virtude da acção do tempo, separou-se d'ella, e perdeu-se, até que veiu modernamente parar a uma collecção archeologica.

A fidelidade do desenho[1] dispensa maior descripção.

J. L. de V.

Noticias prehistoricas

1. Dolmens no concelho de Villa Pouca de Aguiar

Na freguesia de S. Martinho de Barraes, no termo da povoação da Lagoa, perto do sítio chamado Penedos Alvos, encontram-se alguns dolmens que ainda não vimos.

O mesmo nos dizem os nossos informadores acontecer no termo de Vallongas, a nascente da povoação.

---

[1] Foi feito pelo Sr. Gabriel Pereira.

Digitized by Google

Na freguesia das Tresminas, no termo da Filhagosa, tanto ao SOE., como a SE., ha grande numero de dolmens devassados na sua grande maioria, senão totalidade, com o fim de se aproveitarem os esteios, que são de granito, para a construcção de *cubos* de moinhos e para paredes das *bouças*.

Todos os dolmens encontrados estão nos montes e não nas pequenas ribeiras d'esta freguesia, em que ha muitos vestigios dos Romanos, sobresaindo os celebres *Lagos* de que se occupou Argote no volume II das *Memorias do Arcebispado de Braga,* pag. 478.

Nas informações que deram a este benemerito escriptor não lhe mencionaram dois grandes tuneis abertos na rocha para facilitar o transporte do minerio, cuja exploração deu em resultado o *lago de Covas*.

A seu tempo havemos de comparar o que diz Argote com o que se observa actualmente.

No termo de Alfarella de Jalles encontram-se alguns dolmens, segundo me informam pessoas dignas de credito.

2. Dolmens no concelho da Ribeira da Pena

Até o presente só podemos averiguar a existencia de dolmens no termo da povoação chamada Concelho, a nascente, no sítio denominado o Marco, e no termo da povoação de Santa Eulalia. Nos baldios de uma e de outra povoação ha muitos dolmens, segundo nos dizem.

3. Dolmens no concelho de Sabrosa

Na freguesia de S. Martinho de Anta existem alguns dolmens que não pudemos ainda examinar, o que faremos na primeira occasião.

Villa Real, 21 de Março de 1899.

Henrique Botelho.

Antiguidades romanas de Lisboa

Ultimos descobrimentos

Gozou Lisboa de muita importancia na antiguidade, o que sabemos não só pela historia propriamente dita, mas pelos monumentos, não obstante haver-se perdido grande parte d'estes, já em tempos modernos. É assim que do avultado número de inscripções romanas que se citam no *Corpus Inscriptionum Latinarum* restam poucas hoje.

Digitized by Google

Não admira, por conseguinte, que de vez em quando o seio da terra nos offereça algumas curiosidades archeologicas, por occasião de excavações casuaes que nelle se fazem. Aqui darei notícia dos ultimos descobrimentos da epocha lusitano-romana.

1. Largo de S. Domingos

Quando se procedeu aos trabalhos para o estabelecimento do ascensor de S. Sebastião da Pedreira, appareceram no largo de S. Domingos vestigios de construcções, ossadas humanas e ao mesmo tempo duas inscripções do tempo dos Romanos. Uma d'estas foi publicada n-*O Archeologo Português*, v, 173; a outra está incompleta (dimensões 0,33 × 0,26) e só nella se decifra com certeza: SOMI... IOI... II, em tres linhas, tendo cada lettra a altura de 0,65. Ambas são de calcareo, e estão agora no Museu Ethnologico, com as ossadas e varios tijolos rectangulares (em latim *lateres*), alguns d'estes marcados grosseiramente com uma especie de N. Tambem appareceram do mesmo logar grãos de trigo carbonizados.—Todos estes restos são de certo posteriores ao seculo II da era Christã.

Ao Srs. Presidente da Camara Municipal de Lisboa e da Companhia de Viação Funicular deve o Museu a acquisição (1898) d'estes monumentos da historia antiga da nossa capital.

2. Muralhas do Castello

Tendo-me o Sr. Mesquita Figueiredo dito que nas muralhas do Castello, em certo ponto, havia uma pedra com feitio especial, a qual denotava ser monumento romano, mandei arrancá-la, e verifiquei que nella se lia a seguinte inscripção funeraria romana:

..... IATIO
ASPRO AN XX
VIIII CALVEN
TIA IVLIANA
MARITO PIIS
SIMO · F · C ·

Isto é: ... *atio Aspro, an(norum) 29, Calventia Iuliana marito piisimo f(aciendum) c(uraui)t,* cuja traducção não offerece difficuldade. Na primeira linha falta o *praenomen* e parte do *nomen,* que acabava em *-atius* ou *tatius;* dos diversos *nomina gentilitia,* taes como *Atius, Barbatius, Curiatius, Egnatius, Horatius, Lutatius, Muratius, Optatius, Statius, Tenatius,* o que convem bem aqui é *Lutatius* ou, como pre-

Digitized by Google

firo, *Optatius,* por causa do espaço. *Optatius,* com *Optatinus,* deriva de *Optatus;* é curioso que em inscripções de Lisboa se encontrem estes dois ultimos nomes. O *cognomen* na nossa inscripção é *Asper,* em dativo *Aspro,* em vez de *Aspero;* a fórma *Aspro* encontra-se tambem numa inscripção de Hespanha: *Corp. Inscr. Lat.,* II, 5673; a propria litteratura latina nos offerece *aspro* (syncope). O nome *Calventia,* da esposa de Asper, apparece frequentemente em inscripções, embora não se leia de modo certo em nenhuma da Peninsula; mas lê-se numa d'ellas o derivado *Calventianus:* vid. *Corp. Inscr. Lat.,* II, 4335.—A pedra tem estas dimensões: $0^m,46 \times 0^m,275$; falta-lhe a parte superior, pelo que não se póde saber se representava uma árula ou um simples cippo. As lettras teem de altura $0^m,20$ e parece indicarem o seculo I da Era Christã.

3. Cêrca do Convento de Jesus

Ahi encontrou tambem o Sr. Figueiredo uma placa de pedra com inscripção romana, que fiz igualmente transportar para o Museu Ethnologico. Depois que alli chegou, verifiquei que já havia sido publicada no *Corp. Inscr. Lat.,* II, 253, mas com inexactidões. Aqui dou a cópia fiel:

D M S
TILIMACO
ANN LX
NEMESIVS
PATRI PIEN
... MO
F C

Na 2.ª linha: *Tilimaco* em vez de *Telemacho,* o que parece indicar certa peculiaridade da pronuncia popular do grego. Com effeito este nome é grego, como o seguinte que deriva de *Némesis.* Tanto Telemaco como Nemesio eram provavelmente escravos.—Na linha 6.ª ha-de subentender-se *tissi,* que completa as syllabas antecedentes e seguintes; a palavra completa é *pientissimo.*—É interessante notar que nas inscripções de Olisipo se encontram outros nomes gregos, taes como: *Euporius, Daphnus, Amaranthus, Eutichus, Chreste, Zozimo, Thymele.*—O campo da inscripção é quadrado: $0^m,28 \times 0^m,28$. As lettras teem de alto 0,03 a 0,035.—Esta inscripção não a julgo anterior ao seculo II da Era Christã.

4. Crasta da Sé

Em excavações que por conta do Ministerio das Obras Publicas se tem feito na crasta da Sé cathedral tem apparecido, nos entulhos, va-

Digitized by Google

rias antiguidades. Segundo determinação especial, emanada d'aquelle Ministerio, ficou pertencendo ao Museu Ethnologico Português o direito da posse de todos os objectos antigos encontrados lá. Não appareceu, porém, que eu saiba, cousa de grande valor.

O que recebi no Museu foi o seguinte: uma pedra apparelhada; varios fragmentos de amphoras e de tegulas; um cossoiro, ou *verticillus*, de barro negro; varios fragmentos de loiça pintada. Tambem lá se encontraram muitas conchas, o que costuma acontecer nas estações romanas, por vezes. Hesitei a principio se devia attribuir ou não á epocha romana a loiça pintada; todavia, de um lado a concomitancia do apparecimento dos demais objectos, do outro o facto de eu ter visto loiça igual em museus da Suiça, etc., dada como romana, levam-me agora a suppor possivel a romanicidade da nossa loiça da Sé.

Nada tem estranho o apparecimento de objectos romanos no local da Sé, porque é sabido que bem perto se encontraram antigamente muitos. No vizinho sítio das Pedras Negras se vêem ainda numa parede algumas inscripções; e mettidas nos proprios muros da Sé ha lapides provenientes de epochas antigas.

Com os objectos mencionados em primeiro logar, encontraram-se, tambem nos entulhos, varios seixos rolados, com vestigios de percussão; estes seixos foram sem dúvida utilizados como percutores, e eu tenho visto muitos iguaes em museus estrangeiros. Como taes instrumentos porém pouco tem especial, torna-se difficil marcar-lhes epocha certa, mas é provavel que sejam contemporaneos dos outros.

Todos estes objectos estavam enterrados a uns 6 metros de profundidade.

5. Moedas romanas de differentes sitios de Lisboa

Possuo duas moedas ibericas, achadas, ao que me disseram, no bairro de D. Estephania: um denario de Osca, com caracteres indigenas; um bronze mediano de Arze-Saguntum. Consta-me que com a primeira appareceram outras, mas não as vi. O denario appareceu em 1892; a outra moeda em 1893. A primeira pertence á classe que recebeu dos historiadores romanos o nome de *argentum Oscense*.

No bairro novo de Camões, a Santa Martha, appareceram, segundo o que me disseram, varias moedas romanas de cobre, que adquiri para o Museu na occasião (1900): são de Claudio II (sec. III), de Constantino I (sec. IV), etc. — Com estas moedas appareceu um pedacito de cobre informe.

No terreno pertencente ao Convento da Encarnação (ás escadas de S. Luiz da Pena) appareceram várias moedas que vi, mas que não

Digitized by Google

pude obter; um denario de Augusto (sec. I), um bronze mediano de Maxencio (sec. IV), etc.

O Sr. Pedro de Azevedo offereceu ao Museu duas moedas de cobre: uma de Constantino II (sec. IV), outra de Honorio (sec. IV–V), a primeira achada no Alto do Varejão, ambas em 1898; não se póde, porém, dizer se estas moedas determinam nos referidos locaes epocha romana, por isso que de envolta com ellas estavam moedas portuguesas.

Por intermedio do Sr. Dr. Sousa Viterbo, foi-me offerecido para o Museu pelo Sr. Carlos Reis um bronze mediano de cobre, cunhado em Emerita (sec. I), e encontrado no quintal da casa n.º 10 da R. de S. Joaquim, a Santa Isabel, onde actualmente habito. Este anno encontraram-se no mesmo quintal uns pequenissimos fragmentos metallicos, alguns como de bronzes minimos da epocha romana, mas em tão mau estado que nada póde dizer-se ao certo o que seriam.

O apparecimento em Lisboa de moedas ibericas cunhadas na Hespanha vem confirmar o que já por mais de uma vez tenho dito noutros escriptos: que as moedas cunhadas em certos pontos da Peninsula corriam noutros muitos distantes.

*

Do que fica exposto vê-se que se alargou um pouco o conhecimento da historia da nossa capital na epocha lusitano-romana, em que ella se chamava *Olisipo*. É d'este nome, na fórma *Olisipona,* que vem o moderno nome *Lisboa,* que passou pela fórma intermedia *Lisbõa,* que se usava antigamente, e ainda agora se ouve na boca dos saloios. A melhor orthographia do nome antigo é *Olisipo,* com um *p,* porque só um *p* intervocalico, e não dois, se podia na pronuncia abrandar em *b*. Como porém algumas vezes se encontra escripto em documentos romanos *Olisippo,* isto prova que o *i* da penultima syllaba era longo, e por tanto accentuado, segundo uma lei bem conhecida da prosodia latina: d'onde se conclue que se ha de pronunciar *Olisípo,* e não *Olisipo*. Pelo menos é isto o que me parece.

*

Ás pessoas que estiverem no caso de dar informações sobre antiguidades de qualquer ponto do país, principalmente das epochas romana e pre-romana, e ás que, possuindo objectos antigos, os puderem dispensar, tomo a liberdade de pedir que me enviem as noticias para serem publicadas em *O Archeologo Português,* e offereçam os objectos

Digitized by Google

ao Museu Ethnologico Português, onde ficam ao alcance de todos os estudiosos. Em qualquer dos casos a correspondencia deve ser-mê dirigida para a Bibliotheca Nacional de Lisboa. *O Archeologo Português* conta já cinco volumes, e tem sido collaborado por muitos archeologos nacionaes e estrangeiros. O Museu Ethnologico, com quanto esteja ainda em começo, desenvolve-se todos os dias, e maior incremento tomará em breve, mercê do auxilio que me foi promettido; todavia, para attingir o *desideratum,* precisa da cooperação de todos. A archeologia não constitue meramente uma curiosidade ou um luxo; ella illumina a historia do passado, faz que o comprehendamos melhor, e, fortificando-nos no conhecimento das nossas cousas, ajuda-nos a termos noção mais clara e completa da patria. Assim o entendem todos os paises cultos: por isso nelles abundam ricos museus archeologicos, que são ao mesmo tempo enlêvo dos olhos, e fonte perenne de instrucção historica, e de educação do sentimento nacional.

J. L. de V.

Amuletos

Ha muitos annos que me occupo dos nossos amuletos, já reunindo exemplares, que pela maior parte tenho guardados no Museu Ethnologico, já tomando notas na bibliographia nacional e estrangeira. Logo que outros trabalhos m'o permittam, publicarei sobre elles um livro especial, ou um capitulo que faça parte de obra de plano mais generico. Esse estudo constará pouco mais ou menos das seguintes secções:

Introducção:

I. Definição e theoria geral dos amuletos: cfr. o opusculo *Sur les amulettes portugaises,* pag. 3 sqq.; e as *Religiões da Lusitania,* I, 111 sqq.

II. Uso geral dos amuletos nos differentes povos. Bibliographia correspondente.

III. Classificação dos amuletos: cfr. o referido opusculo *Sur les amulettes,* pag. 6 sqq.

IV. Chronologia historica dos nossos amuletos: pre-romanos, romanos, medievaes, modernos; amuletos christãos (reliquias, agnus-Dei, veronicas, etc.).

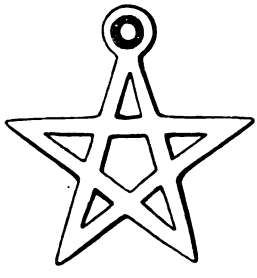
V. Fontes de estudo dos amuletos portugueses: 1) arte e litteratura em geral; 2) bibliographia especial; 3) tradição popular moderna.

Digitized by Google

A arte e a litteratura ministram alguns elementos, sobretudo em relação ao passado. A bibliographia especial é pequena: alguns folhetos e artigos meus, e um artigo de Antonio Pires, que condensam os factos principaes; notas avulsas publicadas em periodicos, como *Revista do Minho, Revista Lusitana, Revista Archeologica, Portugalia, Tradição*[1], ou em obras de caracter mais extenso (de Theophilo Braga, Adolfo Coelho, etc.). A principal fonte de que me sirvo é a tradição popular.

Descripção especial:

O artigo sobre cada amuleto constará da descripção d'este, e das necessarias ou possiveis indicações bibliographicas e historicas que vierem a proposito. Será tambem acompanhado de uma estampa, de que se dão aqui algumas amostras (tamanho natural):



1. *Sino-saimão* simplez (*Signum Salomonis*), que é um dos nossos amuletos mais vulgares (tambem ha o sino-saimão *dobrado*); o exemplar acima figurado é feito de osso.

2. *Sino-saimão* inscrito num circulo: o exemplar acima figurado em primeiro lugar é feito de chumbo (nas orlas ha uns pontos coloridos),

[1] Em algumas d'estas revistas dizem-se, porém, cousas que já estavam ditas antes, e nem todos os objectos ahi dados como amuletos o são.

Digitized by Google

e só o tenho por ora visto no Minho; o exemplar figurado em segundo lugar é feito de prata.

3. *Meia-lua:* os exemplares acima figurados em primeiro lugar são de prata; o figurado em terceiro lugar é de cobre (chapa de uma moeda).

4. *Amuletos pantheos:* chamo-lhes assim, por serem constituidos por diversos elementos que formam um todo: no primeiro aqui figurado entra a meia-lua e a figa; no segundo os mesmos elementos, e alem d'isso o sino-saimão e a chave: o aspecto geral, porém, de cada um é de meia-lua. Ambos estes são de prata.

Conclusão:

Em muitas localidades os amuletos tem mais vida que noutras. Muitas vezes os amuletos propriamente pagãos são substituidos por amuletos christãos (cruz, etc.), ou passam á classe de meros berloques (por ex.: nas cadeias de relogio, nos collares), ou de objectos de uso, já tambem sem significação magica (por ex.: certos ganchos de meia).

J. L. de V.

Digitized by Google

Archeologia trasmontana

Lamas de Orelhão.—A inscripção de Escovaes.—Serra de Santa Comba

Á notícia que de Lamas de Orelhão dá o *Archeologo Português* no vol. v, pag. 30, temos de accrescentar o que lemos a pags. 811–815 de um curioso e já quasi gasto manuscripto intitulado *Tombo de S. Sebastião do Cobro,* feito pela mão piedosa de um seu reverendo parocho, P.e Mathias Pires, e que me foi mostrado pelo actual encommendado de Lamas, o meu velho amigo P.e Antonio Claudino Duarte Monteiro, na occasião em que percorri aquelles sítios.

Vae com a mesma epigraphe, e respeitada a dicção, mas alterada a orthographia, porque esta, a calligraphia e as abreviaturas tornam bastante difficil a sua leitura. Eis o

Memorial do Sitio d'este concelho de Lamas de Orilhão.
Setembro 6 de 1688

«A villa de Lamas de Orilhão está assentada no fundo da serra, que chamam Rei de Orelhão, para o norte seis leguas da Torre de Moncorvo, e para sul sete leguas da villa de Chaves, entre a villa de Mirandella e Murça dè Panoias. Tem para a parte do sul junto da villa aonde pegam algumas casas está[1] um outeiro, que algum dia esteve cercado, de que ha ainda vestigios, e dentro da cerca moravam os moradores d'esta villa, e para a parte do norte bem se parece, que houve um fosso para defensa da praça, e mais para poente, e para o norte, ao pé da villa está uma capella de Santa Barbora com a era de 1620. Dizem pessoas antigas que ainda moraram dentro alguns moradores, que n'ella n'este tempo estiveram as casas da audiencia a prisão e loige (?) e que n'ella esteve o pelourinho. E tinha uma cisterna.

«E para esta villa veio um Gaspar Vaz Teixeira homem poderoso e natural de Oucidres, de Monforte, e que diz fizera as casas da audiencia, que mudára o pelourinho, para onde hoje está junto da igreja matriz que é de Santa Cruz.

«N'este tempo que seria pela era de 1630 veio para este concelho tambem um regulo por nome Gonçalo Teixeira de Miranda natural de

[1] [Ha de supprimir-se este *está,* ou o *tem* do principio do periodo, a não ser que falte algum trecho.—J. L. de V.].

Digitized by Google

Constantim de Villa Real e cirurgião (?) da casa do Marquez de Villa Real senhor d'esta villa e das mais do seu marquezado; e veio com sua mulher e com quatro filhos, e se aposentou no cimo da villa para a parte do sul em que fez casas porquanto lhe deu o dito marquez o oficio de juiz dos orfos, e n'ellas fez um poço.

«E depois pela era de 1640 fez de novo uma quinta junto do logar dos Paços a que poz o nome de *Bom regalo,* de que apanhou muitas fazendas, umas por dinheiro outras á força d'elle, e para esta quinta pedio ao concelho todas as amoreiras que pôde, cercando esta quinta toda de amoreiras que foram mais de 500—e posto secassem muitas ainda tem muitas, e n'esta quinta teve muitas arvores de varias castas de fructo, como n'ella se deixa ver.

«E por baixo d'esta quinta fez uma fonte de cantaria com seus pilares, e muitas curiosidades, e para ella dizem os moradores de Lamas que o dito Gonçalo Teixeira de Miranda mudou a cantaria do tanque d'esta villa.

«E onde estava o tanque poz uma pia em que descarrega o rego de agoa, para beber as crias d'esta villa, a qual pia está aonde chamam o Val do Asno indo para o Franco, junto da estrada aonde descarregava uma fonte que vinha do cimo da serra para a parte do norte, para n'ella beberem as bestas dos passageiros, e tudo o mais.

«Tudo isto fez este regulo, que provavelmente estava no inferno, porquanto elle depois de já ser velho, foi vêr um filho a Constantim, e de noite partio de uma janella rasgada abaixo e lá está sepultado que diz pela era de 1660 pouco mais ou menos.

«As casas do outro regulo são umas que pegão no adro da igreja para o sul. Os herdeiros do regulo Gonçalo Teixeira de Medeiros foi seu genro Gaspar Teixeira de Miranda que foi juiz dos orfos.

«E d'este procede Bento Teixeira de Miranda que tambem foi juiz dos orfos quatro vezes uma na era de 1710 (?)

«E d'este são filhos um Francisco Teixeira Bahia que mora em Bornes de Aguiar.

«E outro filho Luiz Bahia de Miranda de Macedo de Cavallo que já deu em seu pai—mas tambem o Bento Teixeira tinha dado em seu pai Gaspar Teixeira.

«Teve outra filha por nome Feleciana casada com José Maria de Mirandella cavalleiro da ordem de chisto professo.

«E dentro da cerca da villa se conta, que no tempo dos mouros se recolheram n'esta cerca os christãos, que foram uns falsos, que entregaram as chaves aos mouros e degolaram todos os que estavam dentro, que dizem chigara o sangue aonde hoje está o pelourinho.

Digitized by Google

«E d'esta villa eram naturaes S. Leonardo, e sua irmã Santa Comba, de gente lavradora e pobos que andavam no monte guardando o gado de seus pais; foi o rei mouro, que se chamava Orilhão, e quiz entender com a moça, elles foram fugindo até aonde está um penhasco alto, e a santa se metteu pela fraga e alli escapou, que milagrosamente se lhe abrio a passagem para dentro, e dizem lhe tiraram as tripas, coração, e as botaram a um poço que está logo por baixo do penhasco para o nascente o qual nunca secca bem (?) estar no alto da serra. E da parte de fóra do cabeço está outra capella da envocação de S. Leonardo que dizem foi aqui martirisado.

«Aqui acodem muitas procissões de varios povos a pedirem agoa aos Santos e tudo Deus lhe concede por sua intrevenção.

«A esta parte lhe chamam agora a Serra do Rei Orilhão e em um cabeço que está para sul da capella dos Santos está o refugio donde morava o rei mouro.

«Esta serra não tem senão monte e no alto aonde chamam Archo de traz da Serra por cima dos Paços está uma fonte que brota muita agoa, e de inverno fumega e de verão muito fria e com a agoa rega uma lameira que é do limite dos Paços aonde vão pastar os seus bois no verão. Em toda esta serra se criam muitos lobos, e corças, e rapozas.

«Esta villa colhe mediano pão, algum linho, e azeite e castanha ao pé da serra, e tem tres fontes. Tem um rego d'agoa que vem da serra, mas não rega senão uma parte da villa para o norte.

«Tem oitenta vizinhos com suas Quintas—Cascalhal, Ribeirinha, Carrapata e Fonte da Urze.

«Carrapata tem uma fonte, na sua ermida a fonte é muito pezada de agoa, tem quatro moradores—Cascalhal, quatro moradores e fonte e não tem ermida—Ribeirinha uma capella de Santo Antonio e uma fonte para o nascente e outra aonde chamam Picaboi mas sendo fria e muito pesada—Lamas tem tres ermidas—N. S. do Amparo, S. Braz e Santa Barbara.

«Teve capitão mór, sargento mór e quatro companhias de ordenanças com seus officiaes;—dois juizes ordinarios; tres moradores e procurador; dois almotaceis, escrivão da camara, tres escrivães do publico, e notas; um geral dos achados nos logares de legoa a fóra outro dos achados de legoa a dentro e mais da confidencia; um escrivão das sizas, um juiz dos orfos com seu escrivão, e um porteiro, e um alcaide pequeno. Tem este concelho os logares seguintes: Franco, Villa bôa, Pereira, Avidagos, Carvalhal, Rego da vide, Cobro, Escovais, Barcel, Val-verde, S. Silvestre, Marmelos, S. Pedro, Fonte da Urze

Digitized by Google

que tem tres capellas com a de S. Luzia, Bruneda, Gulfeiras, Eivados, Eixes, Sucçães e Paços.

«Entra n'esta villa por correição o ouvidor de Villa Real, e entra o provedor da Torre no que lhe toma a sua jurisdição.

«Fonte da Urze tem uma fonte, e a capella de Santa Luzia e outra de Santa Ursella, outra mil virgens, e outra de S. Apolinario, e o coadjutor de Lamas diz missa alli aos dias santos, que lhe pagam os moradores as offertas e mais benesses são do vigario de Lamas».

*

No *Memorial* menciona-se como pertencendo ao concelho de Lamas a povoação de Escovaes, que ficava effectivamente a 4 kilometros a sul, onde hoje se descobre só um pequeno agglomerado de casas em ruinas que enchem de tristeza a quem por ali passa.

A um canto, encobertos pelos muros das habitações, vêem-se os restos de uma pequena capella aonde se lê numa pedra de cantaria fina, mettida numa das paredes, a seguinte inscripção em lettras bem legiveis:

OP.ᴱAAS PRESNEL DARIRᴬ V
GRᵒ ÐSAIGRᴬNADOVREFORMARES
ACAPELAD·S.MᴬDAPRSĒAÇᴬᵒÐSA
QTᴬPORSVADVOÇĀOERAD.1681:

que transcrevemos por ser a unica memoria que resta, perdida e abandonada, d'esse logar aonde houve *deuses* e *lares*.

*

A *Serra de Santa Comba* é um enorme massiço de 1:001 metros de altitude e de fórma quasi circular, de onde se divisa vastissimo horizonte, limitado pelas principaes montanhas do systema transmontano, taes como as serras de Nogueira, Montezinho, Marão e Padrella, e pela Senabria, que pela grande extensão em que se avistava coberta de neve e pela sua projecção no ceu, parecia a via lactea correndo na direcção NE–NO. Tudo leva a crer, que em tempos não sabidos, allumiou com os seus clarões vulcanicos toda esta immensa amplidão, pois ainda se vêem espessas camadas de pedras calcinadas, quebradiças

Digitized by Google

e ennegrecidas que a cobrem quasi toda, impedindo bastante a vegetação, cuja existencia só se explica como sendo restos de um vulcão, cujo respiradouro principal, a cratera central, devia ser esse enorme e bem definido cone a que chamam Fojo, onde agora tomam origem dois pequenos regatos.

De onde em onde encontram-se grandes rochedos de schisto que apresentam algumas cavidades semelhantes a grutas, destinguindo-se uma de mais de 20 metros de comprimento, que parece artificial e obra talvez de quando se diz que houve nesta serra desenvolvida exploração de minas de antimonio. E como fortalezas naturaes prestaram guarida aos primitivos habitantes d'estes logares, pois nalguns recintos por elles limitados vêem-se restos de muros de pedra solta que serviram de vedação e de habitações. O *refugio* do Rei Orilhão é um castro nestas condições, bem como é o local em que está a capella de Santa Comba e outro que se encontra junto do caminho dos Paços, indo da fraga do Arasco.

E estes castros devem ser de origem muito primitiva, pois assim se induz da sua simplicidade, natureza e organização, mas tambem da lenda de Santa Comba referida no *Memorial,* em quasi tudo semelhante á de *Santa Comba dos Valles,* que se lê em a nota do vol. I, pag. 382, das *Religiões da Lusitania* do Sr. J. Leite de Vasconcellos. E o cavado pintado de vermelho da fraga junto da ermida, que dizem ser ora a lançada do mouro, ora o sítio em que foi degolado ou em que a rocha se abriu para esconder a santa, não é outra cousa senão um signal prehistorico como muitos que o mesmo autor menciona na mesma obra. O que é verdade e digno de attenção, é que a lenda indica ter havido uma revolução em defesa da virgindade offendida, confirmando este facto, que se encontra referido em tradições de outros logares d'estes sitios[1].

A pouco mais de um kilometro, a éste, da capella está a *fraga da conta,* chamada assim pelos pastores que a indicaram, que era porque tinha um lettreiro que os nascidos não eram capazes de ler nem entender. Felizmente, com grande espanto e admiração dos pobres e rudes cabreiros, e dos meus tres companheiros, eu pude ler em lettra já bem gasta—CAMINHO PARA OS PAÇOS E LAMAS!

E assim era, porque junto d'elle passava o caminho para estas duas povoações. Como depois soube, a minha decifração quebrou todo o en-

[1] As lendas de Nossa Senhora de Balsamão em Oliveira e do Castello de Robordãos.

Digitized by Google

canto que tinha esta fraga, á cêrca da qual se contavam as mais interessantes e curiosas historias nos povoados de volta da serra.

E não admira que se digam lendas de onde o silencio da montanha, o esplendoroso e indiscriptivel panorama que se descortina, e a mudez da historia nos levam á meditação e a formar um mundo verdadeiramente phantastico e imaginario!

E quem sabe se o castro, onde se ergue a ermida, não foi já um templo, cujo deus desconhecido se foi com os crentes que lhe prestaram culto?!

Bragança, Março de 1900.

Albino Pereira Lopo.

Questionario Archeologico

Por mais de uma vez se tem elaborado questionarios archeologicos com o fim de se recolherem elementos para o estudo das nossas antiguidades. Assim, por exemplo, na *Revista Archeologica*, I, 110 sqq., publicou um o fallecido escriptor Borges de Figueiredo; e dois outros se publicaram no *Archeologo Português*, I, 268 sqq., e II, 237, ambos com caracter official, o primeiro pertencente ao seculo XVIII, o segundo a este seculo.

O Sr. Albano Bellino, a quem a archeologia do Minho deve já bastantes serviços, publicou agora tambem um, que aqui reproduzo a seu pedido, e no interesse da sciencia nacional.

J. L. de V.

Questionario

I.º—Nomes dos montes e outeiros. Alem d'isso, alguns d'elles teem o nome de Cividade ou Cidade, de Castro ou Crasto, de Castéllo ou Castêllo, de Cristêllo, Cerca e Citania? Ha em alguns d'esses montes vestigios de fortificações? Tradições relativas a mouros? Objectos de ouro, bronze ou cobre? Pedras esculpidas?

II.º—Penedos ou lages com buraquinhos no alto, circulos nelles gravados, pègadas ou quaesquer signaes attribuidos aos mouros. Ha grupos de penedos que formem grutas?—Penedos balouçantes? Ha alguns com nomes exquisitos, como «penedo» ou «pedra da moura», «cadeira do diabo», «egreja do diabo», etc., etc.?

III.º—Rios, ribeiros. Os seus nomes, onde nascem, onde desaguam, que logares ou povoações atravessam.

IV.º—Pontes. Se ha alguma ponte com arco ou arcos antigos, se a ella se liga alguma superstição, como o ter sido construida pelo diabo; ser escolhida para d'ella se tirar agua á meia noite e batizar qualquer creança, etc.

Digitized by Google

V.º—Fontes. Nomes das fontes. Se teem nichos de algum santo que se venere na noite de S. João. Se ha fontes com nome e tradições de mouros.

VI.º—Pôças. Se ha pôças afamadas por serem frequentadas por mouras, por bruxas ou por coisas más.

VII.º—Minas. Se ha minas antigas e abandonadas em que se falle de thesouros encantados.

VIII.º—Antas, antellas, dolmens, fórnos de mouros; mamôas ou mamoinhas (pequenos montes de terra isolados que se levantam nos campos). Se ha bouças, campos ou quaesquer sitios com estes nomes.

IX.º—Sepulturas antigas abertas em penedos ou lages.

X.º—Se ha algum logar onde se encontrem fragmentos de vasilhas de barro ornamentadas ou lisas, contas de lousa, brêlhos, tijolos grossos e com rebôrdo; alicerces de pequenas casas redondas, ou qualquer outra antigualha.

XI.º—Se ha pedras ou penedos com lettras attribuidas aos mouros ou aos romanos.

XII.º—Copias fidelissimas de todos os lettreiros, linha por linha, em português ou latim, gravados nas pedras soltas, nas paredes ou na base dos cruzeiros.

XIII.º—Noticia de qualquer antiguidade cujo conhecimento possa interessar os archeologos, como estatuas ou esculpturas de pedra ou cobre; tumulos de varões illustres e suas inscripções; apparecimento de moedas romanas ou godas; machados ou cunhas de pedra polida (pedras de raio); machados e qualquer objecto de bronze, vasilhas desenterradas em qualquer sítio, e que contenham carvão ou dinheiro antigo; pequenas mós, etc.

XIV.º—Pelourinho, se existe. Se o cruzeiro da freguesia tem algum merecimento artistico ou historico.

XV.º—Nomes de todos os logares e a origem do nome da freguesia, se é conhecida, meios de communicação, distancia da séde do concelho, numero de almas e de fogos, nomes das freguesias confinantes, velhas costumeiras; descripção dos jogos tradicionaes populares e infantis.

XVI.º—Espadas antigas com ou sem legendas; brasões de casas ou de portaes de quintas.

XVII.º—Sinos antigos e modernos, as suas inscripções escrupulosamente copiadas, incluindo os nomes dos fundidores, as tradições e superstições que lhes andem ligadas; medição da altura e do diametro da bôca.

XVIII.º—Igrejas. Se a porta principal é de arco redondo ou ogival com esculpturas e columnas, se está voltada para o poente, se na fa-

Digitized by Google

chada tem uma janella redonda, se o friso exterior é sustentado por modilhões ou cachorros figurados ou lisos, se nas paredes lateraes ha janellas ou em seu logar pequenas frestas, se é de uma, duas ou tres naves, numero de altares, nome do orago.

XIX.º—Capellas, oratorios. Sua antiguidade e invocação; votos antigos (clamores religiosos); romarias.

XX.º—Alminhas. Copia exacta dos seus letreiros, sem alteração de uma letra, e indicação das figuras mais salientes pintadas no nicho, como pontifices, bispos e monarchas.

XXI.º—Se no archivo parochial se encontram pergaminhos ou titulos antigos; se na igreja ha quadros de valor, azulejos, tapessarias, alfaias de ouro ou prata, etc.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

309. Mindello (Entre-Douro-e-Minho)

Pedra de Guilhade

«Esta sita em terra vayxa em algumas partes alta, e de todo este sitio senão descobre mais que para a parte do Nacente o monte da Glorioza Santa Eufemea, e o sitio da mesma santa que dista huma Legoa para o Poente se descobre o mar com que avezinha e estando no fieiro se descobre des o sitio do Castello da Povoa the a barra do Porto couza de cinco Legoas, e deste se ve a grande pedra que tem por nome Guilhad[1] (*sic*) que só nos grandes impitos do Mar no tempo do inverno lhe passa por partes as ondas. Pedra que servia aos viscainhos de escondrio (*sic*) no tempo que guerreavão contra o Engles.....» (Tomo XXIII, fl. 955).

310. Mira (Beira)

Supposta cidade de Mirogaio. — Modo antigo de caçar

«Hâ Tradição que a dita lagoa de Mira nos tempos antigos fora hũa Cidade chamada *Mirogayo* e que esta se afundara e se conta que asestindo nella o gloriozo Apostolo São Thomé della se retirara e Christo Senhor Nosso lhe falara dizendolhe que sahise da dita Cidade e se puzesse a vista della aonde estaria athe o fim do mundo fazendo milagres e obrando prodigios. Esta notticia alem de ser commua a tradição referida o certificou tãobem hũ clerigo desta mesma Freguezia que nella hé cura há muitos annos chamado o Padre Manoel Rodrigues

---

[1] *Viliati* genetivo de *Viliatus*.

Digitized by Google

de Santo Antonio que hindo tomar Ordens sacras a Cidade de Lisboa, estando na camara Eccleziastica della hũ homem muyto velho que ahy se achava ouvindo falar e dizer que elle hera de Mira lhe certeficara e relatara a sobreditta notticia assim da lagoa ser cidade como o referido nome de *Mirogayo* como de nelle asestir Sam Thomé da maneyra sobredita. Dizendo o achara e lera em huma chronica muyto antiga.

E com effeito asim o tem mostrado a Experiencia em tantos prodigios como obra e tem obrado o gloreozo Apostolo São Thomé desde que apareçeo há tantos seculos no dito lugar atras declarado athe o prezente aonde ainda existe com a mesma frequencia de milagres, e do povo com tal fervor como se fosse no principio.

Cria esta lagoa muyto lodo e Ervas a que chamão murrassa ou molisso de que se utelizão os Lavradores tirando-o e apanhando-a engenhozamente para a cultura de suas terras e com elle semearem as suas novidades. E nella se tem achado alguns vestigios que testificão a tradição antiga de que fora Cidade, porque com a dita murrassa tem tirado alguns alguidares e Lousa antiga e dinheyro antigo de cobre e junto da mesma lagoa se tem achado vestigios de Cazas e hũ Almofaris munto antigo, e pello meyo da mesma lagoa hia huma terra firme ao modo que foy estrada ou muro a que os naturaes da terra chamão Ilha. Criava Erva aonde hia pastar o gado o qual já hoje se não vê pellas arejas terem alagado munta parte da lagoa e terem crescido as agoas. Terá a dita lagoa quazi hũ quarto de legoa de largo e quazi meya legoa de comprido e inda que o mar só dista della meya legoa comtudo não entra nella, e he toda de agoa doce. Pella parte do poente e Norte he toda cercada de arêas que a continuação dos ventos e cheas a vam alagando por lhe fallar os resguardos que antigamente tinha de matos e Arvores de que estava povoado tudo o que hoje são arêas desde a dita lagoa athe o mar. He tanto abundante de cassa de Adeus, Lavancos, Negras, Rabias e de outras diversidades no tempo de inverno a dita Lagoa que costumavão os naturaes da terra hirem a espera della na Entrada e sahida da mesma lagoa, e ahy com huns paus curtos grosos de huma parte e agusados da outra a que vulgarmente chamavão Porrytos (?) lhe atiravão ao ar e matavão munta quantidade de cassa, o que já hoje não fazem por uzarem de espingarda.» (Tomo XXIII, fl. 989).

811. Miranda (Entre-Douro-e-Minho)

Castello dos Mouros

«Hé terra aberta e nunca foi Praça de Armas e so tem huns Penedos altos huns em sima dos outros chamados Castelo de Miranda e há tra-

Digitized by Google

dição que para elles se Refugiaram os Mouros no tempo da sua expugnaçam». (Tomo XXIII, fl. 1025).

312. Moledo (Beira)

Ruinas de edificios. — Castello e obras dos Mouros. — Estrada coberta. — Castello da Maga

«Esta terra não he murada, nem nunqua o foi; mas para a parte do Nascente fica hum monte alto a que chamam o Oiteiro de S. Lourenço, e principia a elevarse logo deste Lugar de Moledo, e athe o mais alto deste monte he meia legoa, e no ponto mais alto he quazi de figura (*sic*) adonde se descobrem e acham hũas pedras que mostram serem ruinas de algum idificio, e ha tradiçam que fora ali Castelo de Mouros, e correndo o tempo esteve ali tambem huma capela de S. Lourenço (donde se supoem que o oiteiro tomou o nome)....; e para a parte do meio dia deste Lugar dos Cazais e entre este de Moledo está outro Oiteiro que fica quazi no meio da subida que vai deste lugar para o Oiteiro de S. Lourenço, e se chama o Oiteiro do Vieiro aonde se ve huma cova larga com dois braços e ha tradiçam que de hum destes braços que fica para a parte do Norte hia por debaixo da terra huma estrada sahir a hum Ribeirinho que corre ao pe do Oiteiro, e que tudo isto fora obra dos Mouros a estrada esta hoje tapada, e se dis a taparam os moradores porque lhe perigavam ali os gados; e para a parte do Norte deste Lugar de Moledo fica outro monte que chamam a Serra da Maga donde está outro outeiro que chamam o Castelo de Menha ou o Castelo de Maga adonde se descobrem huns pedaços de parede que em partes teram ainda hoje sete ou oito palmos de altura e parede forte, e estam estes tres oiteiros fronteiros hũs dos outros com distancia de meia legoa huns dos outros, e estam cheios, e cobertos de matos que a terra produs em abundancia[1]». (Tomo XXIII, fl. 1098).

313. Mombeja (Alemtejo)

Outeiro do circo

«No principio da Serra das Pedras distancia de hum quarto de Legoa desta Aldeia está hum Monte muito alto que o vulgo chama o Outeiro do Sirco este Monte está sercado de Muro antigo que não sobe da terra e dizem pessoas velhas que nelle quizerão edificar a Cidade de Beja, porem não descubro noticia certa porque dezistirão e a fizerão

[1] Este extracto já foi publicado por Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, IV, 136.

Digitized by Google

aonde hoje existe e bem se vê que só fizerão os licerses e não houve terra ou Cidade por não se achar dentro nem fora dos Muros signal algum de ruina e dizem que por esta rezão se intitula esta freguezia de Mombeja por se chamar o Monte de Beja antigamente que corrupto o vocabulo se chama agora Mombeja ou será tambem porque esta serra he a maior e mais levantada que tem Beja em seu termo». (Tomo XXIII, fl. 1118).

314. Monchique (Algarve)

Assento primitivo de Monchique. — Edificio antigo

«Monchique se chama este lugar o qual he muito antiguo teve seu principio em o Collado e pello discurso dos annos se mudou a povoação e juntamente o nome». (Tomo XXIII, fl. 1141).

«A Igreja Parochial deste Lugar esta dentro do mesmo e não tem mais lugar que lhe pertença que o dos Cazaes aonde ha a ruina de hum antigo edeficio em huma quinta que se chama de Santo Antonio...» (Tomo XXIII, fl. 1141).

315. Monforte (Beira)

Minas de ferro. — Lapa

«Há vestigios em varias partes de se fabricar em alguns tempos ferro porque se achão escumalhos do mesmo ferro». (Tomo XXIV, fl. 1226).

«Tem a Serra concavidades em varias partes como são a Caza chamada da Lapa debaxo do chão feita em hum penhasco, que só tem hũa boca por entrada. Outra chamada a Caza subterranea da mesma factura. Dous foços mais que se lhe não pode envestigar o fundo que lançandolhe para dentro hũa pedra vay bastante tempo fazendo grande roido». (Tomo XXIV, fl. 1227).

316. Monforte-do-Rio-Livre (Tras-os-Montes)

Inscripção portuguesa do castello

«O Castello foy mandado fazer pello Senhor Rey D. Dinis como se manifesta de huma inscrisam que na porta interior delle se acha que dis assim:

EU DOM DINIS ESTE CASTELLO FIS
QUEM DEPOIS DE MIM VIER
SE DINHEYRO TIVER
FARÁ O QUE QUIZER[1]

(Tomo XXIV, fl. 1224).

[1] Cfr. inscripção V do n.º 7 n·*O Arch. Port.*, II, 137.

Digitized by Google

817. Monsanto (Beira)

Lapas. — Balneo. — Torre do Pião. — Lenda. — Serra da Mouraria. Trova historica. — Freguesia do Salvador

«No Bispado da Guarda, comarca de Castello Branco, a cujo nascente distancia de sette legoas está a villa de Monsanto, assim chamado pellos Anacoretas que a elle se refugiarão e nelle viverão pella invazão do Mouro». (Tomo XXIV, fl. 1271).

«Nesta villa floreceu Santo Amador hermitão da Ermida de S. Pedro de Vir a Corça asim chamado porque huma vinha á sua Lapa (que existe com veneração junto a Ermida) dar Leyte a huma criança que o servo de Deos por inspiração Divina foi tirar ao Cimo de huma penha inravessivel». (Tomo XXIV, fl. 1276).

«Junto a S. Pedro de Vir e Corça say da penha grandiozo olho de agoa quente de que em tempos antigos se uzou em Caldas porquanto em alguma distancia se vê em penha viva hum capacissimo balneo com escada e repuxos». (Tomo XXIV, fl. 1278).

«No cimo do monte tem hum fortissimo Castello com quatro Torres. Huma defronte do Castello em penha viva chamada a Torre do Pião demolida pella face que olha para a Fortaleza. Ignorace quem a demolio. Ha porem tradição que pello tempo das alteraçoens de Euora no anno de 1637.

He esta Fortaleza obra dos Templarios que nella se fizerão fortes contra a potencia e orgulho dos Mouros, que a tiverão em citio sette annos (e não forão os Romanos, como alguns escreverão por menos veridicas informaçoens) a tão prolixo cerco não podião já rezestir os Christaons por falta de sustento athé que em dia da Invenção da Santa Cruz tres de Mayo pellos annos de 1230 lhe inspirou Deos que dessem de comer a huma bezerinha huma lemitada porção de trigo que só havia no Castello, e a lancassem delle a vista dos inimigos que achando-a rebentada e cheya de trigo julgarão que ainda havia tanto mantimento que sustentavão os animais com trigo; pello que desconfiados da Empreza levantarão logo o citio [1].

Ainda hoje em memoria deste feito no dia de Santa Cruz se ajunta a mocidade pellas Torres e penhas com grande regozijo lancando Cantaros, roscas, e varias couzas». (Tomo XXIV, fl. 1278).

---

[1] Cfr. *O Arch. Port.*, II, 64, nota; e III, 196, n.º 126.

Digitized by Google

«Tem mais á parte do Norte a Serra chamada da Mouraria, em distancia de hum quarto de Legoa, chamada asim por ser habitada de Mouros, que para vexarem e combaterem Monsanto principiarão fortalezas cujos vestigios existem». (Tomo XXIV, fl. 1280).

Freguesia de S. Miguel. — «..... estando em sittio que durou sette annos o Castello desta villa, posto pellos Mouros, vendo-se já os sitiados na maior consternação se rezolverão a tomar o Conselho de huma Matrona já velha, no qual lhe dizia que tomassem hũ Bezerro e fartando-o bem de trigo o lancassem dos Muros a baixo; pera que vendo os Mouros que tinham tanto trigo que até aos animaes o davão, se havião de rezolver a levantar o Cerco; o que com effeito asim sucedeo, dizendo a trova seguinte:

Monsanto, Monsanto;
Orelhas de Mulo,
Quem te vencer;
Vencerá todo o Mundo.

E ainda hoje a 3 de Mayo dia de Santa Cruz os Moços solteiros indo ao mesmo Castello, e a outros sitios altos com hũ Cantaro de barro coberto com hum pano fazem esta Cerimonia reprezentativa do referido sucesso, e as Raparigas vestindo huma figura em traje de Molher lhe tributão seus cultos de bailes, danças e cantigas em memoria tambem da sobredita Matrona». (Tomo XXIV, fl. 1291).

«Nam há mais couza alguma digna de memoria e só á que por tradiçam consta nesta Villa, que vivendo nella hum sapateiro chamado o Tratembalde em o anno da felis Aclamação pegando em huma escada se foi com ella até as portas do Castello; e arrimandoa á primeira, sobio ate chegar ás Armas reais que estão sobre ella; e fês a trova seguinte estando alimpando as mesmas Armas do muito musgo que tinhão criado:

As armas tem muito musgo;
As armas se hão de alimpar;
Portugal hade reinar;
Que não pode ser escuzo.

E com effeito he tradição que asim succedeo nos termos que asim se refere». (Tomo XXIV, fl. 1293).

«..... so hũa tradição de que quando se fundou esta Villa foi primeiro intento dos fundadores plantarem na nella para a parte do Nascente; e ainda hoje a este sitio lhe chamão Monsanto, e outros Maria Criada, tendo por nome toda a Circunferencia a Serra da Moraria ou Moreirinha *corrupto vocabulo*.....» (Tomo XXIV, fl. 1297).

Digitized by Google

318. Monsaraz (Alemtejo)

Inscripção latina

«..... em hũa forte e levantada Torre, e sobre a mesma porta está o votto que o Senhor Rey Dom João quarto fez de defender a pureza da Conçeyção da Senhora, e lhe ser tributario todos os annos escripto em hũa pedra marmore da maneira seguinte.

ETERNIT · SACR ·
IMMACULATISSIMAE
CONCEPTIONI MARIAE
IOAN · IV · PORTUGALL · REX ·
UNA COM GENERAL · COMITIIS
· SE, ET REGNA SUA
SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA
PUBLICE VOVIT
ATQUE DEIPARAM IN INPERII TUTELAREM ELECTAM
A LABE ORIGINALI PRAESERVATAM PERPETUO DEFENSORU
JURAMENTO FIRMAVIT
VIVERET UT PIETAS LUSITAN ·
HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE PERENNE
EXARARI JUSSIT
ANNO CHRISTI M · D · C · XL · VI ·
IMPERII SUI · VI ·

(Tomo xxiv, fl. 1323).

319. Montalegre (Tras-os-Montes)

Castello romano. — Lago artificial

«Tambem no termo do Lugar de Parafita, que he da freguezia de Santa Maria de Viade e lemite deste Concelho se devizão as ruinas de hum inexpugnavel e antiquissimo Castello chamado de Sam Romam e ainda que no sentir de alguns fosse o dito edificado com toda a formalidade de que ao prezente nelle se descobre pellos Mouros para delle se deffemderem no tempo que occuparão as Hespanhas; comtudo a dita openião he menos verdadeyra e por tal a reputa o Autor das memorias de Braga, afirmando ser o ditto Castello edeficado pellos Romanos..... etc. E não há muitos annos que huns moradores do Lugar de Veade com ambição de no dito acharem algum thezouro demolirão muytas couzas memoraveis delle e entre ellas o lugar onde estava pintado o novilho e parte de huma systerna que no alto do Castello estava fundada do que ainda existem vestigios indubitaveis em distancia de meya Legoa para o Poente ao pé da via Romana, de que assima se fas menção. Estão alguas ruinas da fortificação chamada do

Digitized by Google

Rodrigo e ao pé desta morão dois Lavradores e as cazas destes ainda os alicerses dellas e parte da parede hé do tempo da refferida fortificação que a darse credito a tradição mais verosimil e avista do que fica exposto hé sem duvida, foy tudo isto obra dos Romanos e o passarem estes pellos referidos sitios he induvitavel e assim o testeficão os padrois que na dita via e perto donde foi o Castello de Sam Romam e o de Rodrigo se encontrão. Em o lugar de Sapellos, que hé da freguezia de Sam Pedro de Sapiães há hum lago de altura consideravel no qual andão peixes, e junto do dito ha hũas concavidades subterraneas, e arteficiaes, e ainda que alguns queirão affirmar fora artefactura dos Mouros toda esta operação, contudo esta openião se deve reputar seguindo a que segue o já citado Autor das Memorias Bracharenses, que affirma ser o dito Lago e concavidade originado de nelle tirarem os Romanos grandes somas de ouro». (Tomo XXIV, fl. 1389 e seg.)

820. Mortargil (Extremadura)

Anexim local

«..... só se trás hum ditado muito antigo que os moradores desta villa dizem: Serra de Maltim quanto ouro e prata tens em ti: porem não consta a cauza porque se dis este ditado». (Tomo XXIV, fl. 1415).

821. Monte-Mor-o-Novo (Alemtejo)

Inscripção romana

«A villa de Monte mor o novo está cituada na provincia de Alemtejo, Comarca e Arcebispado de Evora em dés gráos e doze minutos de Longetude e 38 gráos e 34 minutos de Latitude. No tempo dos Romanos foi povoação insigne para o que he fundamento irrefragavel a pedra que se acha na extrior parede do ádro da Igreja Matris de nossa Senhora do Bispo, que ainda hoje existe dentro da Cerca da antiga Villa em que se fás memoria de huma Flaminia de toda a Luzitania difrente da Eborense como se vê da inscripção de que estando tão publica, nenhum dos nossos historiadores fes menção[1]:

Outras memorias se achão que mostrão a sua antiguidade respeitada dos idólatras e veneráda em todos os seculos por huma das memoraveis da nossa Luzitannia. Foi celebrada com o nome de Castra Maliana, pela abundancia nativa de seos frutos e pelo inexpugnavel Castello com que se fazia timivel. Nela estava pregando a fé São Mancio..... etc.» (Tomo XXIV, fl. 1429).

Pedro A. de Azevedo.

---

[1] *Corp. Insc. Lat.*, n.º 122.

Digitized by Google

VOL. V 1899-1900 N.os 11 E 12

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA

NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1900

Digitized by Google

SUMMARIO

A Judiaria Velha de Lisboa: 305.
Ruinas do convento do Alcance (Alemtejo): 327.
Antiguidades do Sul de Portugal: 330.
Epitaphios: 334.
Museu Municipal de Bragança: 336.
Notícias varias: 337.
Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes»: 343.

Este fasciculo vae illustrado com 4 estampas.

Digitized by Google

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V 1899-1900 N.os 11 E 12

A Judiaria Velha de Lisboa[1]

Estudo topographico sobre a antiga Lisboa

Muito se tem escrito sobre o antigo e principal bairro dos judeus em Lisboa, a que chamavam Judaria Velha ou Judaria Grande, mas geralmente ignora-se hoje a região em que existia, e os seus limites. Occupava uma pequena extensão do valle da Cidade Baixa, entre a Rua Nova e a egreja de S. Nicolau, e entre a egreja da Magdalena e a de S. Julião. Esta Judiaria, ou Judaria, como se encontra escrito nos documentos mais antigos, remonta pelo menos ao reinado de D. Affonso III[2], mas na nossa opinião, como em outro ponto se acha exposta[3], já este bairro antes da conquista de Lisboa em 1147 estava destinado para os judeus, comquanto alguns d'estes vivessem isoladamente entre os christãos, á semelhança do que acontecia com os musulmanos, que, tendo as suas Mourarias, moravam alguns d'elles nas ruas da cidade destinadas aos christãos. De um caso e de outro vimos referencias nos livros das *Chancellarias*. D. Affonso Henriques, tomando a cidade aos musulmanos, permittiu que os judeus continuassem vivendo nos bairros que lhes estavam assignados.

*

Além d'esta houve em Lisboa outras judiarias.

No Campo da Pedreira, no sítio approximadamente do Largo do Carmo e seus arredores, havia em tempo de D. Dinis uma Judiaria,

---

[1] Este artigo é extracto de um artigo intitulado «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*» em publicação na REVISTA DE ENGENHERIA MILITAR.

[2] *Direitos Reaes*, liv. II, fl. 86 *v*, era 1314 (anno 1276).

[3] «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*», capitulo sobre «Algumas considerações sobre o estuario do Tejo e a população na Baixa de Lisboa».

Digitized by Google

de que este rei desapossou os moradores, afim de fazer doação ao seu almirante Micer Manuel Peçanha *do meu* (do rei) *lugar da Pedreira, per onde foi deuisado para os Iudeus, com casas, e com terras* (1317)[1].

Um documento dois annos posterior, alludindo á doação, dá a entender que já os judeus haviam sido desalojados da sua Judiaria:..... *casas e terreo* (terreno) *da Pedreira onde moravam os Judeus em Lisboa* (1319)[2].

Comquanto houvesse varias Pedreiras em Lisboa, não resta dúvida de que esta, que foi dada ao almirante, ficava entre o convento da Trindade e o sítio onde foi construido o do Carmo, pois que D. Dinis resolveu sobre uma reclamação que o almirante lhe fez contra os frades da Trindade, *que lhe tomam o meu campo da pedreira que lhe eu* (o rei) *dei, soterrando ahi os homens para lh'o alhearem e fazerem perder o seu direito* (1320)[3].

Podemos, pois, assentar que foram os hebreus expulsos de uma Judiaria que tinham onde depois foi o Largo do Carmo, entre os annos de 1317 e 1319. É provavel que fossem então fundar a Judiaria Nova, que ficava approximadamente no sítio onde existe a actual igreja de S. Julião. O Dr. Fr. Francisco Brandão colloca a criação d'esta Judiaria no reinado de D. Affonso IV, baseando-se apenas em que no tempo d'este rei é que começam a apparecer as referencias a esta Judiaria Nova[4], mas, pelo que acabamos de ver, é natural que já existisse nos ultimos annos do reinado de D. Dinis.

*

De uma quarta Judiaria em Lisboa encontramos menção, e ficava ella no sítio de Alfama, perto da Torre de S. Pedro, d'onde resultou chamar-se-lhe Judiaria de Alfama: ..... *chão que elle* (o rei) *ha na Judaria de Alfama, que parte com o muro da parte do mar, e com o muro da villa, e com o muro da torre de S. Pedro, e com o chão da Sé* (1379)[5].

---

[1] *Chancellaria de D. Diniz*, liv. III, fl. 108, era 1355. Documento transcrito pelo Dr. Fr. Francisco Brandão na *Monarchia Lvsitana, sexta parte*, 1672, pag. 240.

[2] *Id.*, ibid., fl. 127 *v*, era 1357. Citado por Fr. F. Brandão, *Monarchia Lvsitana, sexta parte*, 1672, pag. 17.

[3] *Id.*, liv. IV, fl. 86, era 1358.

[4] *Monarchia Lvsitana*, quinta parte, 1650, fl. 22 *v*.

[5] *Chancellaria de D. Fernando*, liv. II, fl. 50, era 1417. Não sabemos o que era a *villa* a que allude o documento, porquanto na epocha de que está datado já Lisboa era sempre designada por *cidade*.

Digitized by Google

Fr. Francisco Brandão faz referencia a umas casas que João Vogado, escrivão da Fazenda de D. Affonso V, *fez da porta da barreira até a torre de S. Pedro, que he sobre a Iudiaria d'Alfama* (1459)[1].

Esta Judiaria tinha, como as outras, a sua synagoga: ..... *a esnoga* (synagoga) *que foi, que é na dita cidade, na judaria pequena que foi, á* (junto da) *torre de S. Pedro; parte ao norte com rua publica, ao poente com a travessa que vae ter ao muro* (1502)[2]. Esta Judiaria, como as outras, foi extincta em 1496, e d'ella resta como unico vestigio o nome de uma rua, Rua da Judiaria, que vae do Arco do Rosario, ao Terreiro do Trigo, ter ao largo de S. Rafael.

*

Fr. Francisco Brandão, generalizando a todos os tempos o que se dera em outros mais proximos do seu, disse *que aos Mouros lhe daũo viuenda nos arrabaldes fôra das Cidades e Villas, e aos Iudeus permitiũo viuer dentro das Cidades, ainda que fechados nas judiarias e com goardas*[3]. Depois d'elle muitos o teem repetido[4], sem notarem que é uma inexactidão flagrante; o bairro da Pedreira onde moravam os judeus fôra tanto arrabalde de Lisboa, como a Mouraria destinada para os musulmanos; a Judiaria Velha, comquanto no centro da povoação commercial christã, não estava comprehendida pelo recinto das muralhas, e só o foi no reinado de D. Fernando, depois da construcção da *cerca nova*. Fernão Lopes disse implicitamente que estavam a Judiaria Velha e a Nova em um arrabalde de Lisboa, porque assim considerava todo o bairro habitado do valle da Baixa: ..... *gramde e espaçoso arravallde que havia arredor da çidade, des a porta do ferro ataa porta de Samta Catellina, e des a torre Dalfama ataa porta da Cruz*[5]; quanto á Judiaria de Alfama temos alguns fundamentos para conjecturar que ficava tambem exteriormente ás muralhas da cidade.

*

Indicámos já approximadamente a zona que occupava a Judiaria Velha; vê-se quão distante ficava do sítio onde se construiu a igreja

---

[1] *Monarchia Lvsitana, sexta parte*, 1672, pag. 17. — Outra citação da Judiaria de Alfama está na *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxvi, fl. 144 *v*, anno 1459.

[2] *Extremadura*, liv. i, fl. 252 *v*.

[3] *Monarchia Lvsitana, sexta parte*, 1672, pag. 17.

[4] *O Panorama*, vol. i, 1837, pag. 20, etc.

[5] *Chronica do senhor Rei D. Fernando, nono rei de Portugal*, na *Collecção de livros ineditos de Historia Portuguesa*, etc., tom. iv, 1816, pag. 311.

Digitized by Google

e o recolhimento da Misericordia, onde é geralmente collocada, sem razão, a mesma Judiaria.

Ao findar o seculo XV soava tambem para as Judiarias e para as Mourarias em Portugal a sua hora final: ..... *ho qual foi declarado, e publicado, estando elRei ainda em Muja, no mez de dezembro de* MCCCCXCVJ (1496), *em hũa pregaçõo que se sobre isso fez, e nam somente se assentou no conselho que hos Iudeus se fossem do regno, com suas molheres, e filhos e bẽs, mas tambem hos mouros pelo mesmo modo*[1].

Em dois annos se retiraram do reino os judeus e os musulmanos que não quiseram converter-se á fé christã, e desde então passaram a chamar Villas Novas aos bairros em que elles haviam habitado. Especialmente pelo que respeita á Judiaria Velha de Lisboa ou Judiaria Grande, por muitos annos, desde o de 1498, os documentos se referem a ella por alguma das designações seguintes: *villa nova que foi judaria grande,* ou *villa nova a nova que foi judaria grande*[2].

E podemos affirmá-lo com segurança, porque de centenas de documentos que examinámos, nunca, antes da expulsão dos judeus, vimos qualquer referencia á Judiaria Grande chamando-lhe Villa Nova, e pelo contrario, depois da mesma epocha, e durante a primeira metade do seculo XVI, quasi todos os documentos que alludem a Villa Nova, accrescentam: *que foi judaria grande,* ou *que foi dos judeus,* ou qualquer outra locução indicando que havia pertencido á communa hebraica.

*

Villa era antigamente synonimo de *bairro,* quando applicada a uma zona de uma cidade. Houve em Lisboa muitas villas (Villa Franca, Villa Gallega, Villa Quente, Villa do Olival, etc.) e algumas Villas Novas (Villa Nova, Villa Nova de Andrade, Villa Nova que foi Judaria, etc.). Em tempo de D. João I foi imposto sobre o vinho o tributo chamado real d'agua, *para casear Villa nova*[3].

---

[1] *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manoel,* por Damiam de Goes, ed. de 1749, parte I, pag. 18.

[2] Não fazemos aqui citações especiaes, porque teremos de apresentar bastantes no decurso d'este artigo.

[3] *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa,* por Eduardo Freire de Oliveira, 1.ª parte, tom. I, pag. 178. Comquanto *a Judiaria Grande, bem como uma parte da cidade, tivesse ardido completamente, quando os castelhanos cercaram Lisboa no tempo d'el-rei D. Fernando,* não foi para reedificar o bairro judeu que se impoz a toda a população de Lisboa o tributo do *real d'agua.*

Digitized by Google

Teem alguns auctores supposto que esta Villa Nova era a Judiaria Grande, e que portanto a denominação remonta ao final da primeira dynastia; indicámos já que a origem do nome, applicado á Judiaria, é bastante mais moderna; resta-nos ver onde seria a Villa Nova que motivou o imposto.

Em primeiro lugar, esta Villa Nova é anterior a D. João I: já existia em tempo de D. Fernando, e nella moravam mulheres christãs, o que não podia succeder em bairros destinados exclusivamente para os judeus; D. Fernando fez *mercê a Aldonsa Domingues de umas casas que elle ha em villa nova, em que morasse graciosamente* (1373)[1].

Como muitas pessoas queriam aforar para sempre as casas que o concelho estava fazendo em Villa Nova, com o producto do imposto, e as que d'ahi em deante se construissem, o rei (D. João I) concedeu que o concelho fizesse os aforamentos que entendesse, sem dependencia de confirmação sua (1410)[2].

Um outro documento informa-nos que os moradores do logar de Villa Nova eram pobres, e fixava o rei os preços que o concelho podia levar *pelas casas da rua direita, e pelas das travessas do logo de villa nova, afim de que o dito logar se possa povoar muito melhor.* (1420)[3].

No reinado de D. Duarte receavam-se os moradores do novo bairro, das facilidades concedidas ao concelho para aforar as casas, e como medida de segurança pediram ao rei que lhes confirmasse os aforamentos feitos pelo concelho, o que elle lhes prometteu (1434)[4].

Esta Villa Nova ficava situada no lugar da Pedreira, mas não podemos fixar os limites, nem mesmo approximadamente: ..... *casas na rua da pedreira, a saber, na rua direita que vae para villa nova, que partem com a dita rua publica, e com rua publica que vae para a cordoaria velha* (1444)[5]. A Rua da Cordoaria Velha (anterior a 1755) ia desde o actual Largo da Bibliotheca Publica, ter ao meio, approximadamente, da rua Garrett. Parece que, pelo mesmo tempo, chamavam tambem Bairro do Almirante á Villa Nova acima citada: ..... *no logo que chamam pedreira, no bairro do dito Almirante* (1370)[6].

A denominação de Villa Nova não durou talvez muitos annos; no seculo XVI vemos apparecer um Bairro do Marquês (qual?), que foi

---

[1] *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 134, era 1411.
[2] *Chancellaria de D. João I*, liv. III, fl. 110, era 1448.
[3] *Id.*, liv. IV, fl. 13, era 1458.
[4] *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 81 *v.*
[5] *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 384.
[6] *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 68 *v*, era 1408.

Digitized by Google

porventura o successor da Villa Nova: ..... *casa junto do bairro do marquez, que parte de uma parte com rua que vae do dito bairro para a cordoaria velha, e da outra partem com beco a que chamam beco de Pedro Rodrigues* (1544)[1]. Outras casas do *bairro do marquez* ficavam situadas *ao Chiado, quando se entra já na rua direita da porta de S.ta Catharina* (1610)[2].

*

Alexandre Herculano escreveu uma vez: *Villa-nova de Gibraltar era a «Communa dos Judeus»*[3], e colloca esta communa á beira do Tejo, onde se construiu o edificio da Misericordia. Esta asserção, devido ao respeito que se tem pelos mestres, tem passado como um dogma para todos os escriptores. Nós, não contestando que Alexandre Herculano tivesse visto em algum documento chamar Villa Nova de Gibraltar á Judiaria Grande de Lisboa, só lamentavamos a nossa infelicidade, por os milhares de documentos que tivemos de examinar, e as pessoas a quem consultámos, não nos fornecerem uma só referencia a essa Villa Nova, quando a chave da interpretação nos foi dada pelo habil paleographo o Sr. General Brito Rebello. Provém apenas da leitura errada da palavra *Gibitaria,* nome de uma rua da communa hebraica, em algum documento de peor orthographia. As ruas do bairro judeu, depois da saída d'estes, eram tambem algumas vezes chamadas Villas Novas, como por exemplo Villa Nova do Chancudo[4], Villa Nova da Gibitaria, etc., locuções equivalentes a Rua do Chancudo em Villa Nova e Rua da Gibitaria em Villa Nova. Devemos pois acceitar que nunca a communa dos judeus em Lisboa teve a denominação de Villa Nova de Gibraltar[5].

*

Havia nas Judiarias varias portas, que se fechavam ao *sino de colher,* interceptando o tracto e a communicação com a gente christã; a

---

[1] *Mosteiro de Santos-o-Novo,* n.º 410. — O *Summario,* etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 12, colloca este beco, em 1551, na freguesia de S. Nicolau.

[2] *Chancellaria de D. Filippe II,* liv. XIX, fl. 269 *v.*

[3] *O Panorama,* vol. 2.º, serie 2.ª, 1843, pag. 403.

[4] *Extremadura,* liv. I, fl. 277 *v,* anno 1499.

[5] Encontrámos uma vez o termo Gibraltar em um documento: ..... *casas que chamam de Gibraltar* (1372), (*Mosteiro de Santos-o-Novo,* n.º 282, era 1410); mas pelas confrontações se reconhece que estas casas eram fóra da Judiaria, na freguesia de S. Julião, perto da Rua dos Fornos.

Digitized by Google

situação de algumas podemos fixá-la approximadamente, dando-nos um meio de marcar tambem pouco mais ou menos a linha divisoria entre as duas crenças. Não nos parece que existisse muro especial entre as habitações dos christãos e as dos hebreus; os proprios muros das propriedades eram sufficientes para manter a separação.

*

Ficava a esnoga ou synagoga grande da Judiaria Velha perto da igreja da Magdalena, e no sítio marcado na estampa que faz parte d'este artigo [1], onde está designada por igreja de N. S.ª da Conceição dos Freires. Appareceu uma inscripção em hebraico, em uma *excavação que se fez depois do terremoto de 1755, para o alicerce de uma casa,* a qual se referia a uma synagoga que foi acabada no anno 1307 de Christo [2]; não julgamos que se trate d'esta.

Depois de os mouros e judeus terem sido expulsos do reino (em 1496–98) fez D. Manoel *doação da egreja de N. S.ª da Conceição que se fez na casa grande da esnoga dos judeus ao mestrado de N. Senhor Jesus Christo* (1502) [3]. Para ahi vieram os freires de uma ermida que tinham no sítio do Restello, onde depois se construiu o mosteiro dos Jeronymos, e naquelle templo se conservaram até ao terremoto de 1755. Como em 1698 se levantou a igreja parochial de N. S.ª da Conceição, á antiga igreja dos Freires começaram a chamar Conceição Velha.

---

[1] Não podemos entrar aqui na exposição de como obtivemos a sobreposição das duas plantas que constam da estampa; póde ver-se no nosso trabalho sobre *As Muralhas da Ribeira de Lisboa,* no capitulo intitulado «Mappas, tombos, e documentos aproveitados neste estudo».

[2] *Revista Archeologica,* vol. III, 1889, pag. 115. — Ahi se diz que a excavação foi feita proximo da egreja da Conceição Velha, *onde antigamente houve uma synagoga.*

[3] *Chancellaria de D. Manoel,* liv. IV, fl. 24 *v.* — No preambulo do regimento dado á collegiada da convertida synagoga em 29 de Janeiro de 1504 constam os motivos porque foi erecta em tempo christão: ..... *deliberamos* (o rei) *da casa da esnoga dos judeus que estavam na judiaria grande desta cidade, asi como era a mays principal em que o nome de noso senhor era blasfemado, he as coussas de nosa santa fée catolica reprouadas e emmingoadas, fasermos huma solene igreja e casa da enuocação de nosa senhora da conceição, na qual com muy grande solenidade e deuação os officios deuinos fossem celebrados.* — *O Panorama,* vol. 2.º, serie 2.ª, 1843, pag. 404.

Digitized by Google

Diz Damião de Goes que D. Manoel *fez de nouo a Egreja de Nossa Senhora da Concepçam de Lisboa no lugar em que fora a sinagoga dos Iudeus*[1]; naturalmente esta *fundação* reduziu-se apenas á purificação do templo, e ás obras necessarias para adaptação ao culto christão.

Era a *Igreja muy vistosa, e alegre de hũa só nave com a porta principal para o Poente, e outra para o Sul*[2]; foi consumida pelo fogo no terremoto de 1755[3].

A sua situação na planta actual de Lisboa era no leito da Rua da Princesa (dos Fanqueiros), a meia distancia das ruas de S. Nicolau e da Conceição (dos Retrozeiros).

*

Além da esnoga grande havia outras synagogas na Judiaria Velha. Ha um documento que dá a entender que eram tres; ..... em 1445 se *passou sentença a favor d'esta egreja de S.ta M.a Magdalena, contra a communa dos judeus, que pagasse cada anno de cada synagoga 50 reaes brancos, que faziam 150 reaes brancos, que a judaria grande pagava por todas as outras em dia de Paschoa*[4].

Uma d'ellas era naturalmente uma *esnoga que foi das judias*, que pelas costas ficava mistica com um *hospital que foi da communa; ..... loja que parte de uma parte com casas da esnoga que foi das judias, e da outra com hospital que foi da communa, e entesta com casas de* F., *e por diante com rua que se chama da synagoga* (1499)[5].

Pela ignorancia em que nos achamos de qual a rua a que davam aquella denominação, não podemos calcular onde ficava situada a synagoga das judias. Havia um Beco ou Pateo da esnoga[6], para onde se entrava por um arco na Rua do Chancudo[7]; talvez fosse ahi a esnoga das judias.

---

[1] *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, ed. de 1749, parte IV, pag. 600.

[2] *Chorografia Portuguesa*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.— As medições da egreja estão no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 270 *v.*

[3] *Historia Universal dos Terremotos*, etc., por J. J. Moreira de Mendonça, 1758, pag. 128.

[4] *Collegiada da Magdalena*, n.º 14, documento sem data mas posterior a 1768.

[5] *Extremadura*, liv. II, fl. 203.

[6] *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440.— *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 167.

[7] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 166 *v.*

Digitized by Google

Esta, ou mais provavelmente uma outra synagoga, ficava situada *em villa nova que foi judaria grande, na freguezia e rua de S. Gião* (Julião) (1502)[1]; esta rua é a que depois se chamou rua dos Mercadores.

*

Ao norte da synagoga passava uma rua que em 1755 se chamava Rua ou Travessa dos Latoeiros[2], mas que no tempo de C. Rodrigues de Oliveira (1551) denominavam Rua das Ferrarias Velhas[3], ou da Ferraria Velha[4], e que no tempo dos hebreus era a Ferraria da Judiaria[5] ou a judiaria dos ferreiros[6]; ha muitas confrontações de tendas, situadas na *judaria velha, onde estão os ferreiros,* que partiam *ao avrego* (sul) *com a synagoga e a aguião* (norte) *com a rua publica* (da Ferraria)[7]; depois da saída dos judeus a synagoga é substituida, nas confrontações, pela nova egreja: ..... *casas na correaria, á porta de villa nova que foi judaria, na ferraria, junto com N. S.ª da Conceição; partem por detraz com a egreja de N. S.ª da Conceição, e por diante com a dita rua publica que vae de villa nova, que foi ferraria* (1507)[8].

No extremo oriental d'esta rua ficava uma porta da Judiaria. O documento antecedente cita-a, e grande numero de outras se referem a ella ..... *casas que são na rua que vae da Magdalena para S. Nicolau* (Rua da Correaria, de 1755), *á porta da judaria dos ferreiros* (1459)[9];— ..... *casas que são na sapataria* (Rua da Correaria, de 1755), *apar da porta da rua da ferraria da judaria velha; partem ao avrego* (sul) *com rua publica* (1423)[10].

---

[1] *Cancellaria de D. Manoel,* liv. VI, fl. 103 *v.*

[2] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova,* 1755, fl. 305 *v.*— *Corografia Portuguesa,* etc., pelo P.e A. C. da Costa, tomo III, 1712, pag. 450.

[3] *Summario,* etc., ed. de 1755, pag. 17.

[4] *Elementos,* etc., por E. F. de Oliveira, 1.ª parte, tom. I, pag. 551, nota.— *Chancellaria de D. João III,* liv. XXI, fl. 91 *v,* anno 1536.

[5] *Chancellaria de D. João I,* liv. IV, fl. 63 *v,* anno 1423.— *Chancellaria de D. Affonso V,* liv. XXIII, fl. 27, anno 1442.—*Extremadura,* liv. VI, fl. 223 *v,* anno 1495.

[6] *Extremadura,* liv. XI, fl. 296, anno 1459.

[7] *Chancellaria de D. Fernando,* liv. I, fl. 25 *v,* era 1406 (anno 1368).— *Id.,* liv. I, fl. 36, era 1407 (anno 1369).—*Id.,* liv. II, fl. 63 *v,* era 1418 (anno 1380).

[8] *Extremadura,* liv. XIII, fl. 11 *v.*

[9] *Id.,* liv. XI, fl. 296.

[10] *Chancellaria de D. João I,* liv. IV, fl. 63 *v.*

Digitized by Google

*

Do largo em que ficava situada a igreja da Conceição dos Freires saía, em direcção á igreja de S. Julião, uma rua que se chamava dos Mercadores[1]; algumas vezes tambem apparece designada por Rua da Conceição; ..... *casas na rua da Conceição, que fazem um canto para a rua do vidro* (1556)[2].

Em tempos mais remotos, uma parte d'esta rua, para nascente do ponto em que nella desembocava a Rua dos Carapuceiros, tinha pertencido á Judiaria, e chamava-se-lhe Rua do Picoto[3]: ..... *rua do picoto, que vem ter á rua que vem para S. Gião, que foi judaria grande, que ora se chama villa nova* (1499)[4];— ..... *casas n'esta cidade abaixo da Conceição; teem duas servidões, uma para um beco da rua dos mercadores, que se chama* (a rua) *do picoto, e teem outra serventia para a rua do chancudo* (1559)[5]. O beco a que neste ultimo documento se faz referencia é provavelmente o Beco do Coveiro[6]. Extincta a Judiaria, á rua direita chamou-se ao principio Rua de Villa Nova dos Mercadores[7].

A outra parte da Rua dos Mercadores, até á Rua Nova dos Ferros, era christã, e chamava-se-lhe Rua de S. Gião (Julião)[8].

O ponto de separação entre a communa hebraica e a freguesia de S. Julião era nesta rua marcado por uma porta, cuja situação presumimos que seria entre o Beco do Coveiro e a Rua dos Carapuceiros; vimos já um documento que a cita, e ha outros: ..... *casas que são*

---

[1] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 327 *v.*— *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 444 e 450.

[2] *Privilegios de D. João III*, liv. V, fl. 258 *v.*— *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 14.

[3] *Chancellaria de D. João I*, liv. IV, fl. 9, anno 1425.— *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 209, anno 1436.— *Extremadura*, liv. VIII, fl. 299, anno 1451.— *Idem*, liv. III, fl. 198, anno 1484.— *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei Nosso Senhor*, n.º de ordem 93, anno 1506, fl. 25.

[4] *Extremadura*, liv. II, fl. 206 *v.*

[5] *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 239.

[6] *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.— *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 355.

[7] *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.ª parte, tom. I, pag. 551, nota, documento da primeira metade do seculo XVI.— *Chancellaria de D. João III*, liv. VI, fl. 121, anno 1543, etc.

[8] *Dourados d'Alcobaça*, liv. I, fl. 116, anno 1476.

Digitized by Google

na rua do picoto, entrando por a porta da judaria que é na rua que vem de S. Gião, á mão direita (1453)[1].

*

Quasi parallela á Rua dos Mercadores ficava, da banda do norte, a Rua do Chancudo[2]; esta denominação, porventura alcunha de algum individuo, remonta pelo menos ao reinado de D. Dinis[3]; pertencia á Judiaria, e perto do seu extremo occidental havia uma porta da communa, a que chamavam a Porta do Chancudo[4].

*

Na nossa planta vemos sair d'esta rua, em direcção ao norte, uma pequena rua chamada Beco da Bofetada[5]. Ignoramos aonde os tombadores da cidade em 1755 foram buscar esta designação, pois que o seu nome era Rua ou Beco de D. Rolim ou do Rolim[6], e d'esta fórma o traz o P.e J. B. de Castro no *Mappa de Portugal,* que foi escrito pouco depois de 1755[7].

Esta rua pertencia á communa dos judeus: ..... *casas que estavam em villa nova que se chama judaria grande, na rua que se chama de D. Rolim* (1499)[8];—..... *casas em villa nova na rua de D. Rolim, e entestam na rua do chancudo, freguezia de S. Nicolau, e partem ao norte e levante com casas, ao sul com a dita rua do chancudo, e ao poente com a rua de D. Rolim* (1502)[9].

---

[1] *Extremadura,* liv. IV, fl. 287 *v.*

[2] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova,* 1755, fl. 316.

[3] *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas,* fl. 13 *v* e 16 *v,* documento do anno de 1299.

[4] *Chancellaria de D. Dinis,* liv. II, fl. 85 *v,* era 1332 (anno 1294). — *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas,* fl. 16 *v,* anno 1299. — *Chancellaria de D. Affonso V,* liv. XXXV, fl. 104, anno 1471., — Idem, liv. XXXII, fl. 33 *v,* anno 1480.

[5] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova,* 1755, fl. 116.

[6] *Summario,* etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 12. — *Corografia Portugueza,* etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440.

[7] Ed. de 1870, tomo III, pag. 231.

[8] *Extremadura,* liv. I, fl. 272. — *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei nosso senhor,* n.o de ordem 93, anno 1506.

[9] *Chancellaria de D. Manoel,* liv. IV, fl. 24 *v.*

Digitized by Google

Foi esta rua aberta por 1480, ou por Fernão de Moura e D. Rolim, ou em terreno de umas casas d'estes [1]; alguns annos mais tarde ainda D. Rolim tinha umas casas junto da Porta do Chancudo: ..... *tenda detraz da porta do chancudo, encostada ao muro das casas de D. Rolim* (1506) [2].

Junto aos extremos d'esta rua ficavam duas portas da Judiaria; a situada ao sul tinha uma denominação propria, Porta da Rua do Chancudo ou Porta do Chancudo; as que apparecem citadas nos seguintes extractos referem-se por isso naturalmente á que ficava do lado norte, bem que os documentos não permittam affirmá-lo com completa segurança: ..... *uma porta que vae da rua de S. Nicolau* (nesse sitio chamado Rua do Calçado Velho) *para a rua de D. Rolim, que está em villa nova que foi judaria;* junto d'ella havia umas casas que *partem com rua publica que vae de S. Gião para S. Nicolau* (Rua do Calçado Velho), *e por detraz com rua publica de D. Rolim que vae para a correaria* (1501) [3]. Ha um documento que diz: *á porta da judaria que se chama de D. Rolim* [4], e se o qualificativo *de D. Rolim,* se refere á *judaria,* aquella locução é equivalente a *porta da rua de D. Rolim na judaria.*

*

As duas ruas que da Travessa dos Latoeiros se dirigiam parallelamente para o norte, a Rua da Tinturaria [5] e o Beco dos Tintes [6] ficavam na Judiaria [7], e nellas estavam installadas as lojas de tintureiros [8], já desde o tempo dos judeus.

O Beco dos Tintes não se acha rasgado completamente até á Travessa dos Latoeiros, na *Planta da Cidade de Lx.ª* (1650) por João Nunes Tinoco, de onde parece dever inferir-se que foi aberto, como estava em 1755, nos cem annos que precederam o terremoto.

---

[1] *Chancellaria de D. Affonso V,* liv. xxxii, fl. 33 *v.*

[2] *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei nosso senhor,* n.º de ordem 93, anno 1506.

[3] *Extremadura,* liv. ii, fl. 131 *v*

[4] *Id.,* liv. i, fl. 216, anno 1498.

[5] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova,* 1755, fl. 309 *v.*

[6] *Id.,* fl. 318. — É o Beco *da tentoraria* do *Summario* de C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 18.

[7] *Extremadura,* liv. ii, fl. 120, anno 1501. — *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique,* liv. vi, fl. 109 *v,* anno 1560, etc.

[8] *Elementos,* etc., por E. Freire de Oliveira, 1.ª parte, tomo i, pag. 557, nota.

Digitized by Google

*

Da Rua do Calçado Velho saía para a Rua da Correaria uma outra rua que em 1755 se chamava Rua do Arco de Jesus[1]; parece ser a que nos meiados do seculo XVI chamavam Travessa dos Torneiros[2], mais tarde Largo dos Carmelitas[3]; pertenceu naturalmente á communa dos judeus, mas ignoramos como se chamava então.

Nesta rua ficava situado o convento dos Carmelitas Descalços dedicado ao Santissimo Sacramento, ou de Corpus Christi, edificado pela rainha D. Luisa, mulher de D. João IV, no local de umas casas que se derrubaram; a igreja ficava ao sul do convento, e ambas occupavam todo o lado occidental da Rua dos Torneiros[4]; começou-se em 1648, e completou-se em 1661, e nas copias da planta de Tinoco, de 1650, vê-se no seu local um ermida com a denominação, certamente corrupta de ermida do Marinho.

Estes edificios foram destruidos pelo terremoto[5]; na reconstrucção da cidade a nova igreja, que tambem chamavam dos Torneiros, occupou muito approximadamente o local da antiga, ficando com a porta para o nascente sobre a Rua da Princesa (R. dos Fanqueiros), e uma elevada cupula; o convento, com o risco das construcções pombalinas, ficava-lhe ao norte, occupando todo, ou quasi todo o quarteirão de casas até á Rua da Victoria. Hoje são tudo propriedades particulares, notando-se ainda a fachada da igreja (onde está um armazem de fazendas) e a cupula (cujo interior constitue uma vasta sala das sessões de uma associação particular).

Nos dois extremos da Rua do Arco de Jesus ficavam provavelmente duas portas da communa; da do lado occidental já tratámos, e talvez fosse o *arco do calçado velho,* a que se faz referencia em um documento[6]; a do lado oriental é possivel que fosse a *porta da ju-*

---

[1] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova,* 1755, fl. 163 *v.*

[2] *Summario,* etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17.

[3] *Largo da Igreja dos Carmelitas descalços,* na *Corografia Portuguesa,* etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.—*Largo dos Carmelitas* no *Mappa de Portugal,* etc, pelo P.e J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 150.

[4] Póde ver-se o motivo da fundação na *Corografia Portuguesa,* etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440 sqq., e as dimensões do edificio no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova,* 1755, fl. 185 *v.*

[5] *O terremoto, e incendio memoravel poz todo este sagrado edificio na ultima miseria.*—*Mappa de Portugal,* etc., pelo P.e J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 216, nota.

[6] *Chancellaria de D. Filippe II,* liv. XXVIII, fl. 290, anno 1614.

Digitized by Google

daria que vae para a correaria (1384)[1], ou aquella que ficava defronte de uma certa casa da Rua da Fancaria: ..... *na fancaria, apar da porta da judaria* (1405)[2], comquanto, pelas confrontações citadas, tanto se possa entender esta porta, como a que ficava no extremo da Travessa dos Latoeiros, que todavia costumava ser especificada pela designação da Rua da Ferraria, na qual era situada.

*

Desde a Rua do Arco de Jesus até ao adro da igreja de S. Nicolau eram, antes da extincção da communa, habitações de judeus. Possuia D. Dinis uma casa *apud atrium Sancti Nicholai contra judariam* (1299)[3].

Sobre este adro abria-se uma porta da Judiaria, que parece ser a mencionada no seguinte extracto: ..... *ad portam de judaria, in collatione Sancti Nicholai, contra judariam* (1299)[4], e que é com certeza a que se acha em varios documentos: *porta da judaria que vae para S. Nicolau* (1370)[5]; *porta da judaria d'apar S. Nicolau* (1395)[6].

Parece que o sitio d'esta porta era em um pequeno beco, que em direcção ao sul saía do adro de S. Nicolau, em *K;* ainda se nota na *Planta da Cidade de Lx.ª* (1650) por J. N. Tinoco, mas não existe na *Planta da Cidade de Lisboa Arruinada* (1755), que é a que consta, em fragmento, da nossa estampa, nem o *Tombo da Cidade de Lisboa* (1755) se refere a ella. Nesta ultima planta existe, porém, na mesma direcção, saíndo da Rua do Arco de Jesus, o Beco dos Carretões sem saída[7]. Talvez que estes dois becos fossem o resto da antiga rua da communa, em que existia a mencionada porta da Judiaria que communicava com o adro de S. Nicolau.

*

No sitio approximadamente onde se construiu no terceiro quartel do seculo XVII o Convento dos Carmelitas Descalços tinha D. Fer-

---

[1] *Chancellaria de D. João I,* liv. I, fl. 74, era 1422.

[2] *Extremadura,* liv. XI, fl. 89 *v,* era 1443.

[3] *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas,* fl. 13, era 1337.

[4] *Id.,* fl. 12, era 1337.

[5] *Chancellaria de D. Fernando,* liv. I, fl. 49 *v,* era 1408.

[6] *Chancellaria de D. João I,* liv. III, fl. 41, era 1433. — *Extremadura,* liv. XI, fl. 85, era 1433.

[7] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio,* 1755, fl. 165. — *Corografia Portuguesa,* etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440.

Digitized by Google

nando uma adega, na qual fez abrir uma rua para morada dos judeus: ..... *eu* (o rei) *mandei derribar a rua das taracenas, em que os judeus moravam, para accrescentar as casas das ditas taracenas, em que estão as minhas galés, em a qual rua dizem que moram muitos judeus e judias, e que ora não teem em que morem, porque essa judaria velha é tão pequena que não podem em ella caber, mando-vos que façaes fazer em a minha adega que é apar d'essa judaria velha uma rua pela metade* (meio) *d'ella, e mandae fazer casas e sobrados de uma parte e da outra, e fazei cerrar a porta da dita adega de contra o adro de S. Nicolau, e abrí uma porta em o outro* (lado) *da dita adega, de contra a dita judaria, para serventia d'essa rua* (1370).[1]

É provavelmente esta a origem do Beco da Adega: ..... *beco da adega em villa nova que foi judaria grande* (1545)[2], o qual ficava no seguimento da Rua da Tinturaria[3].

A *Planta da Cidade de Lx.ª* (1650), por J. N. Tinoco, bem como a que consta da nossa estampa, mostram apenas em frente da Rua da Tinturaria um pequeno beco, provavelmente o resto do Beco da Adega, que em 1755 se chamava Beco do Ourinol sem saída[4].

Correspondendo a elle, do lado do adro de S. Nicolau, mostra a primeira das citadas plantas, um pequeno beco, que não existe na que consta da nossa estampa, e que parece ser o que teve a denominação de Beco de Pero Ponce de Leão[5].

A Rua travessa de N. S.ª da Conceição dos Freires, tambem chamada *vulgarmente a Travessa da Conceição Velha,* ou simplesmente Travessa da Conceição[6] ia desde a Rua dos Ourives da Prata até á Rua dos Mercadores[7]; alargava a rua defronte da porta travessa da egreja, e do lado sul do mesmo largo houve no tempo dos judeus

---

[1] *Chancellaria de D. Fernando,* liv. I, fl. 63, era 1408.

[2] *Chancellaria de D. João III,* liv. XXV, fl. 50 *v.*

[3] *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique,* liv. VI, fl. 109 *v,* anno 1560. — *Chancellaria de D. Filippe I,* liv. XXII, fl. 350 *v,* anno 1592.

[4] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio,* 1755, fl. 165 *v.* — *Mappa de Portugal,* etc., pelo P.e J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 150.

[5] Confronte-se com o que diz o P.e A. C. da Costa na *Corografia Portuguesa,* etc., tom. III, 1712, pag. 441: ..... *mandou alugar tres moradas de casas, todas contiguas hũas com outras no sitio em que hoje está a Igreja* (dos Carmelitas Descalços), *fazendo entrada para ellas pela parte de S. Nicolao, aonde estava o beco de Pero Ponce de Leão, e na ultima morada, q̃ cahia para a Fancaria de cima, aonde hoje está a Capella do Coro deste Convento.....*

[6] *Summario,* etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17. — *Corografia Portuguesa,* etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.

[7] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova,* 1755, fl. 270.

Digitized by Google

umas *casas que foram estudo de palaçano*[1], *em villa nova, na praça de N. S.ª da Conceição, em frente da esnoga que foi dos judeus, que ora é casa de N. S.ª da Conceição*[2].

A parte oriental, que communicava o adro da egreja com a Rua dos Ourives da Prata, foi aberta já depois de serem expulsos os judeus: ..... *casa em villa nova a nova, na rua nova que ora novamente se abriu, que vae de N. S.ª da Conceição para a Ourivezaria* (1504)[3].

O Beco do Sardinha[4] já tinha esta denominação em 1685[5], que não sabemos de onde provenha.

Terminava na Rua da Gibitaria[6] ou da Jubetaria[7], que, como aquella, pertencia á communa[8]; ..... *na rua da gibitaria, em villa nova a nova, que foi judaria grande* (1502)[9]. Nesta rua havia uns banhos dos judeus[10], ou talvez antes das judias[11], que eram naturalmente alimentados pela agua das thermas romanas que naquelle sítio existiram.

*

Na Rua de S. Julião, a meio do lanço comprehendido entre as ruas Bella da Rainha (R. da Prata), e da Princesa (R. dos Fanqueiros),

---

[1] Palaçano ou Apelaçano é appellido de origem hebraica.—Veja-se *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. III, fl. 33, anno 1453.

[2] *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 24 *v*, anno 1502.—*Extremadura*, liv. IX, fl. 239 *v*, anno 1503.

[3] *Extremadura*, liv. VI, fl. 1.—Idem, liv. IX, fl. 164 *v*, anno 1503.

[4] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 272, 272 *v*, 298, 321 *v*, 322, etc.

[5] *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.ª parte, tom. I, pag. 557.

[6] *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450: *rua da Gibitaria Velha.*—*Mappa de Portugal*, etc., pelo P.e J. B. de Castro, ed. de 1870; tomo III, pag. 150.—*Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 321.—Assim tambem em muitos documentos das *Chancellarias*.

Gibiterio; *official que fazia gibanetes, giboens, e vestidos d'armas, sayas de malha, etc.*—*Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

Jubeteiro; *alfayate que fazia «Gibanetes». E mais propriamente o algibebe, que remenda ou compoem vestidos, ou roupas velhas, e rotas.*—*Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

Jubitaria; *vulgarmente Algibetaria. He a rua em que se vendem juboens, calçoens, etc.*—*Vocabulario*, de Bluteau.

[7] *Summario, etc.*, por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17.—*Mosteiro de S. Domingos*, liv. XXXI, fl. 52 *v*, anno 1561.

[8] *Extremadura*, liv. VIII, fls. 60 *v*. e 137, anno 1484.

[9] *Id.*, liv. IX, fl. 198.

[10] *Id.*, liv. I, fl. 252 *v*, anno 1500.

[11] *Mosteiro de S. Domingos*, liv. XXXII, fl. 55 *v*.

Digitized by Google

houve até ao terremoto um poço, provavelmente em communicação com as nascentes thermaes, com *15 palmos de largo, e 30 em redondo, que é de muito boa agua*[1]. D'elle se refere que *no dia do terremoto lançara de si toda a agua e alguns peixes*[2].

Chamava-se-lhe no reinado de D. Dinis, Poço da Fotreya[3], e depois Poço da Fotéa[4], nome de origem evidentemente hebraica.

Ficava situada no Largo do Poço da Fotéa[5], do qual saíam quatro ruas: a Rua ou Beco de S. João, o Beco dos Seguros, a Travessa do Poço da Fotéa, o Beco de Lava-Cabeças; a primeira pertencia á Judiaria; a segunda cremos que não; as ultimas eram christãs.

A Rua ou Beco de S. João[6] era anteriormente chamada Rua do Poço da Fotéa[7], e umas vezes era considerada Rua Direita[8], e outras simples beco: ..... *casas em villa nova, na rua dos mercadores, na freguezia de S Julião; partem ao levante (?) com a dita rua publica dos mercadores, e ao poente com o beco que se chama do poço de Fotéa* (Rua de S. João) (1502)[9].

No extremo sul d'esta rua ficava uma porta da Judiaria, que tambem se chamava Porta de Fotéa: ..... *no beco acima da porta de Fotéa por onde entram para a judaria* (1436)[10].— ..... *porta que está apar do poço de Fotéa* (1438)[11].

Entrando pois pela Porta da Fotéa, em direcção ao norte, encontrava-se do lado esquerdo um beco, naturalmente o Beco dos Agulheiros[12], onde os judeus tinham as suas carneçarias: ..... *in carne-*

---

[1] *Archivo Pittoresco*, vol. IV, 1861, pag. 407, documento de 1552.

[2] *Diccionario Geographico*, do ms. Archivo Nacional da Torre do Tombo, tom. XX, *Parochia da Conceição*, por Braz José Rebello Leite, pag. 743.

[3] *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fls. 13 *v*, e 16 *v*, era 1337 (anno 1299).

[4] *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. III, fl. 12, era 1365 (anno 1327).

[5] *Corografia Portugueza*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag 450. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 299, 303 *v*, etc.

[6] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 290 *v*. — *Corografia Portugueza*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.

[7] *Extremadura*, liv. I, fl. 252 *v*, anno 1500. — *Idem*, liv. VI, fl. 118, anno 1504. — *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 14.

[8] *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 193, anno 1436. — *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. XXXIV, fl. 166 *v*, anno 1450.

[9] *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 24 *v*.

[10] *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 193.

[11] *Mosteiro de Chellas*, lettra E, fl. 5.

[12] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 292 e 293.

Digitized by Google

çarias in judaria, apud puteum de fotreya (1299)[1]. No terceiro quartel do seculo XIV já lhes chamavam carneçarias velhas[2]; foram queimadas pelo exercito de D. Henrique II em 1373[3], e ficando reduzidas a pardieiros[4], tiveram por isso de transferir os talhos para outro logar.

As seguintes confrontações marcam claramente o local das carneçarias: ..... *pardieiros que elle* (o rei) *ha na judaria velha, junto com o poço de Fotéa, partem ao levante com judaria, ao poente e avrego* (sul) *com casas; a aguião* (norte) *o beco que foram carneçarias* (1374)[5]—..... *sotão e sobrado que são na judaria velha, onde em outro tempo soiam de ser as carneçarias velhas, que são junto com um beco que está apar da porta por que sahem da dita judaria ao poço de Fotéa, quando vão da dita porta á mão esquerda para a rua direita* (1436)[6].

Transferidas pois as carneçarias do beco perto do Poço de Fotéa foram installadas talvez no sitio a que se faz referencia no seguinte documento: ..... *dois sobrados e mais um retrete* (sic) *com um poço, que desce dos ditos sobrados para a rua da correaria, os quaes sobrados estão sobre uma loja de um judeu detraz da dita correaria de contra a judaria, assim como partem dè um cabo com a estalagem dos judeus, e do outro com a rua da carneçaria dos ditos judeus, e de leste com a casa de* F. (judeu), *e da parte da rua da correaria partem com* F. (christão), (1484)[7]. Esta Rua da Carneçaria, se não era a Rua do Arco de Jesus (de 1755), devia ser o Beco dos Tintes, ou alguma outra n'essas proximidades, que desappareceu, ou não se acha marcada na estampa.

Na mesma Rua do Poço da Fotéa havia, do lado esquerdo caminhando para o norte, um outro beco, porventura o Pateo de Campolide[8], em que estava situada a cadeia dos judeus, que julgamos ser o

---

[1] *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 160, era 1337.

[2] ..... *casa em Lisboa, na judaria dentro no beco d'apar das carneçarias velhas* (1369).— *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 41 *v*, era 1407.—..... *casas que são na judaria velha, que partem com outras casas nossas, que são dentro no beco d'apar d'onde soiam estar as carneçarias velhas dos judeus* (1369).— *Extremadura*, liv. XI, fl. 93 *v*, era 1434.

[3] *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 193, anno 1436.

[4] *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 128, era 1411 (anno 1373).

[5] *Id.*, ibid., fl. 150 *v*, era 1412.

[6] *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 193.—Veja-se tambem *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 107, era 1418 (anno 1380).

[7] *Mosteiro de Chellas*, n.º 802.

[8] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 294 *v*.

Digitized by Google

que alguns documentos chamam *alfavez*[1]: ..... *casas que são na judaria velha, na rua direita* (Rua de S. João, de 1755), *assim como vão para a porta do poço da Fotéa, á mão esquerda, apar do canto de um beco onde está o alfavez dos judeus* (1450)[2]. — ..... *casas que foram cadeia dos judeus, em villa nova que foi judaria grande, na freguezia de S. Gião, em um beco que sae á rua do poço de Fotéa* (1500)[3]. — ..... *rua que vae do poio para o poço da Fotéa, defronte de um beco onde soia de estar a cadeia dos judeus* (1513)[4].

*

Vejamos agora as outras ruas que saíam do pequeno largo em que estava o Poço da Fotéa. Ignoramos a origem da denominação do Beco dos Seguros[5], que parece ser posterior ao seculo XVII; anteriormente não sabemos qual tivesse; ..... *casas á beira do poço da Fotéa, na rua que vem sahir á rua nova, onde mora mestre Vasco* (1466)[6]. Esta rua não pertencia á Judiaria, cujas casas ficavam misticas pelo fundo, com as que nella existiam da parte do norte; ..... *casas á beira do poço da Fotéa, na rua que vem ter onde mora mestre Vasco, e entestam com casas da judaria* (1474)[7]. Em um documento de 1599, que trata de umas *casas no beco de mestre Vasco junto ao poço da Fotéa*, acha-se escrito á margem, em lettra mais moderna: *casas no beco dos seguros*[8].

Em direcção ao sul saía do largo a Travessa do Poço da Fotéa[9]; em um dos lados d'esta rua houve em remotas eras uns banhos, banhos de Fotéa, naturalmente alimentados, como os da proxima Rua da Gibitaria, pela agua das thermas romanas[10]: ..... *pardieiro que soia*

---

[1] Não encontramos esta palavra nos diccionarios portugueses, nem no *Vocabulario*, nem no *Elucidario*.

[2] *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. XXXIV, fl. 166 *v.*

[3] *Extremadura*, liv. I, fl. 252 *v.*

[4] *Id.*, liv. XIII, fl. 127. — Outra citação na *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 57 *v*, anno 1505.

[5] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 161 *v*, 162, 302 *v* a 304 *v*. — *Corografia Portugueza*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.

[6] *Mosteiro de Chellas*, lettra F, fl. 15.

[7] *Id.*, lettra G, fl. 4.

[8] *Id.*, liv. 3, fl. 52.

[9] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 299 *v*.

[10] *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 338, era 1383 (anno 1345). — Id., n.º 339, era 1424 (anno 1386).

Digitized by Google

de ser casas, na rua nova junto com o tavolado, que partem com casas que foram banho, e com a rua nova, e com rua que vae da dita rua nova para o poço da foteya (1396)[1]; talvez fossem no local onde se construiu a igreja parochial da Conceição Nova, pois que existiam dentro da igreja dois poços; um d'elles, que ficava em um sagnão junto á sacristia, *na occasião do terremoto* (1755) *se exhauriu e ficou chão com a terra pela elevação d'esta*[2].

Finalmente, a quarta rua, ou *rua de lava-cabeças que vae do poço da Fotéa para a rua de mata-porcos, onde estão as lameiras*[3] (1533)[4] pertencia á população christã. *Na freguesia de S. Julião, na rua onde lavam as cabeças* (dos porcos?), *e entestam com rua publica que vae do forno derribado para o poço de Fotéa* (1374)[5].

*

Vamos agora, para approximadamente marcar os limites da Judiaria Velha, no tempo em que ainda era habitada pelos hebreus, isto é, anteriormente a 1496–98, percorrê-la em volta com o auxilio da nossa estampa. Vemos que tinha vagamente a figura de um parallelogrammo obliquangulo, com a diagonal maior um pouco desviada da direcção norte–sul.

Começando pelo Largo de S. Nicolau ao sul da igreja[6], que ficava no sítio e a meio do comprimento da actual igreja de S. Nicolau, encontravamos primeiro nelle, em *F*, talvez no fundo de um beco, a porta da adega que D. Fernando mandou fechar.

Seguia a linha divisoria em direcção sud–este, ao lado da Rua dos Torneiros e da Rua da Correaria, ficando as casas d'estas ruas contiguas, pelo fundo, com as casas da communa[7]; havia nesta extensão,

---

[1] *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 335, era 1434.

[2] *Diccionario Geographico*, ms. do Archivo Nacional da Torre do Tombo, por Braz José Rebello Leite, tom. XX, *Parochia da Conceição*, pag. 743.

[3] Parece ser synonimo do sítio pantanoso ou *lamaçal*. — *Vocabulario* de Bluteau; — Lameira; *planta que vem nos lameiros, a que o vulgo supersticiosamente attribuia grandes e sobrenaturaes virtudes*. — *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa*, por uma sociedade de litteratos.

[4] *Chancellaria de D. João III*, liv. XIX, fl. 69.

[5] *Collecção Especial*, caixa n.º 94, 15 de junho de 1412.

[6] *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 142 *v.*

[7] Os documentos comprovativos acham-se citados no nosso trabalho sobre *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, no capitulo intitulado «Algumas Ruas da Freguezia da Magdalena».

Digitized by Google

naturalmente uma porta em *J*, e em *A* a Porta da Ferraria dos Judeus. Chegava pois a Judiaria até muito proximo da igreja da Magdalena, tendo talvez algumas casas sobre o sítio do actual largo da dita egreja.

Da Rua da Correaria e Largo da Magdalena seguia a linha de separação para o sul, descendo ao longo da Rua dos Ourives da Prata. Em *B* não devia haver porta, porque, como vimos, a pequena travessa que ligava o adro da Magdalena com o da egreja da Conceição dos Freires só foi rasgada depois de expulsos os judeus. Em *C*, no extremo oriental da Rua da Gibitaria, devia ter havido uma porta, mas não a encontrámos mencionada nos documentos que vimos.

Ao ponto *D*, isto é, quasi ao sítio em que se cruzam as ruas de El-Rei e da Princesa, devia chegar a Judiaria; ha um documento que o dá a entender: ..... *casas no começo da rua nova da parte da Ourivezaria; das costas entestam na judaria, e da outra* (parte) *com rua publica da rua nova* (1447)[1].

D'ahi seguia a linha divisoria para o poente, e depois para o noroeste, passando pela rectaguarda das habitações de christãos do Beco dos Seguros, do Beco de Lava-cabeças, do Pateo da Rosa[2], da Rua de Mata-porcos, e da Rua dos Carapuceiros[3]. Em *E* abria-se a Porta da Fotéa, em *L* a Porta da Rua do Picoto, e em *G* a Porta do Chancudo. Esta ultima ficava muito proxima da actual Rua dos Correeiros, no sítio em que ella é cortada pela Rua de S. Nicolau.

D'aqui, a linha de separação entre a communa hebraica e as freguesias christãs seguia em direcção ao norte, fechando no ponto de partida no Largo de S. Nicolau. Em *H* houve naturalmente uma porta e no adro de S. Nicolau, uma outra, em *K*, approximadamente.

*

Em 1366, numas disposições ordenadas por D. Pedro I sobre o trato e communicação de christãos com judeus e mouros, figura o seguinte: ..... *outrosim mando que cerrem logo os ditos judeus a porta*

---

[1] *Extremadura*, liv. VII, fl. 32 *v.*

[2] *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450. — Beco ou Pateo da Rosa, ou Largo de Lava-cabeças, no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 284 e 285.

[3] *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 444. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 338 *v.*

Digitized by Google

do poço de Fotéa, e a porta do chancudo, e a porta que está junto com as casas que foram de Palhavã[1]. Esta ultima porta não sabemos qual fosse.

O mesmo diremos de outras duas, que encontrámos citadas em documentos, mas cujas confrontações são com ruas cuja identidade com as que existiam em 1755 não nos foi possivel estabelecer.

Uma é a seguinte: ..... *sotão e sobrado á porta da judaria, as quaes partem com rua dos bainheiros, e com casas, e com a porta da dita judaria, e da outra com rua publica* (1399)[2].

A outra é: ..... *casa, sotão e sobrado, na rua das ervas* (sic) *apar da porta da judaria velha, que parte ao levante com rua publica, ao poente, e avrego* (sul) *e aguião* (norte) *com casas* (1368)[3].

No nosso estudo sobre *As Muralhas da Ribeira de Lisboa,* no capitulo que trata das portas das muralhas que se abriam no Terreiro do Paço, dizemos que á rua que da Rua Nova ia para a Ribeira, por baixo do Arco dos Barretes, deram algum tempo a denominação de Rua da Cerva[4]. Comquanto seja facil admittir uma grande semelhança na pronúncia, e d'ahi corrupção na orthographia, basta lançar os olhos para a nossa estampa, para ver quão inverosimil seria fazer-se a confrontação de uma casa junto ao Arco dos Barretes tomando para referencia qualquer porta da Judiaria, mesmo a do Poço da Fotéa, que era a que lhe ficava mais proxima. A Rua das Hervas, do tempo de D. Fernando, era pois uma das que ficavam proximas da linha de separação entre a communa e a christandade.

*

Descriptos assim os limites topographicos da Judiaria Velha de Lisboa, que já pelos auctores do seculo XVII eram ignorados, parece-nos ter fornecido os elementos sufficientes para desfazer a lenda de que ficava no local onde se construiu a igreja e o recolhimento da Misericordia, de que hoje resta apenas a igreja da Conceição Velha na Rua da Alfandega, e para demonstrar que nunca foi designada por Villa Nova de Gibraltar, como alguns auctores modernos teem imaginado, baseando-se na auctoridade de Alexandre Herculano.

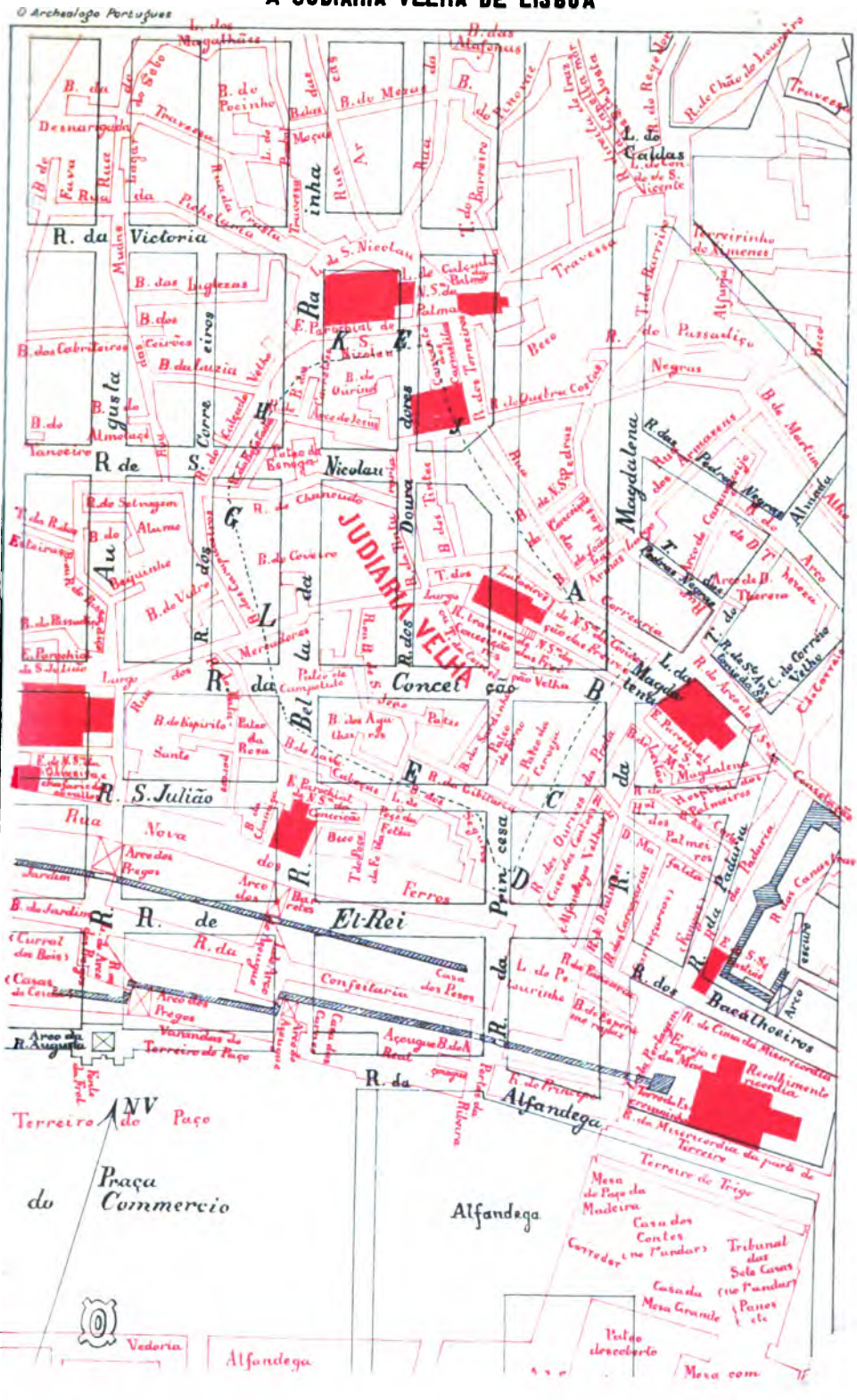
A. Vieira da Silva.

---

[1] *Chancellaria de D. Pedro I,* liv. I, fl. 124, era 1404.
[2] *Extremadura,* liv. XI, fl. 108 *v,* era 1437.
[3] *Chancellaria de D. Fernando,* liv. I, fl. 43 *v,* era 1407.
[4] *Extremadura,* liv. X, fl. 183 *v,* anno 1436. — Id., liv. VIII, fl. 174, anno 1451.

Digitized by Google

A JUDIARIA VELHA DE LISBOA



THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS

Digitized by Google

Ruinas do convento do Alcance (Alemtejo)

A poente da villa de Mourão, a 1:680 metros d'ella e á direita do lanço de estrada que fica entre o Guadiana e a povoação, estão, numa propriedade de Joaquim Caetano Guerreiro, as ruinas de um antigo convento, e áquem d'ellas, na distancia de 490 metros e parte mais alta da tapada da *Balôa,* encontra-se um calvario ou cruzeiro, resguardado por um pavilhão, cuja cobertura, de fórma pyramidal, descansa em quatro postes de schisto, como ella.

As ruinas do convento não tem cousa alguma notavel. O que nelle havia bom ou aproveitavel foi vendido ou empregado noutra parte. O corpo da igreja e as dependencias do antigo convento, que ainda estão de pé, servem de abrigo de gado ou arrecadação de alfaias agricolas.

O cruzeiro está mutilado, e, ainda de pé, o pavilhão e parte d'elle. Este cruzeiro compunha-se de uma columna *cannelada,* com capitel ornamentado de folhas de *couve lombarda;* sobre o *ábaco* estava a imagem de Nossa Senhora da Piedade, de mãos postas, assentada e encostada a uma cruz, com o Senhor Jesus morto, deitado de costas no regaço [1] Segundo pessoas antigas, a Senhora estava voltada para o sul, e o Christo tinha a cabeça para o nascente e os pés para o poente.

No capitel e sob os pés da Senhora estava um letreiro em português, em letra gothica, composto de cinco linhas, de que, apenas, se pôde decifrar:— *Esta cruz foi mandada fazer por Pedro Domingos* (?) *religioso desta.....* O cruzeiro é de marmore branco (material que não se encontra na localidade). As dimensões das partes não representadas no desenho são: *Capitel,* altura $0^{m},16$; comprimento $0^{m},20$; largura $0^{m},20$. A Senhora (parte entre o collo e os pés, a unica existente), altura $0^{m},22$. A cruz, a que a Senhora se encostava, tinha $0^{m},09$ de diametro.

O escabello (?) em que a Senhora está assentada tem $0^{m},10$ de alto e o envasamento, em que está, fica saliente ao abaco $0^{m},045$.

O capitel e a parte da imagem, que com elle faz corpo, foram recolhidos no Museu de Cenaculo (annexo á Bibliotheca de Evora).

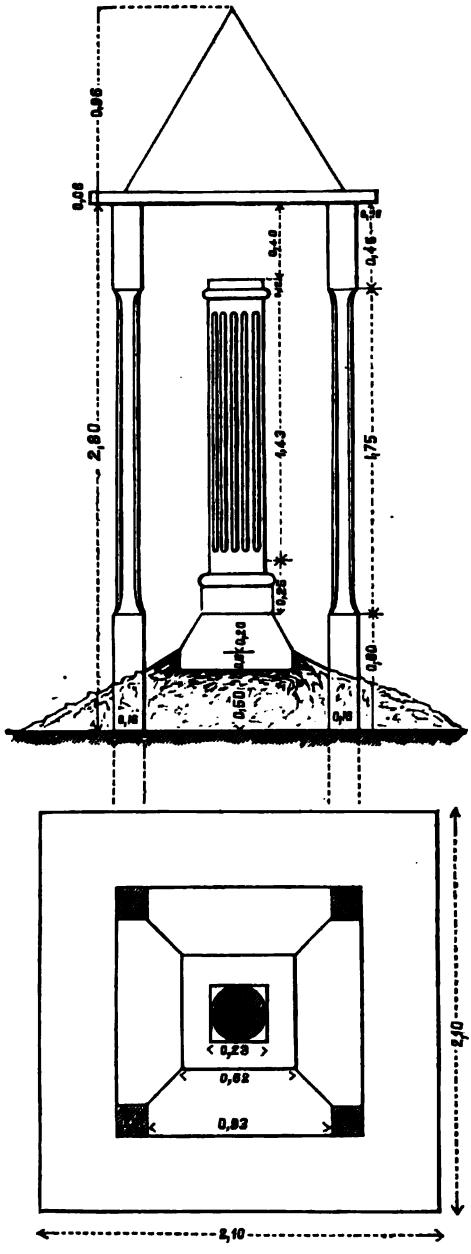
O pavilhão é todo de schisto, material abundante na localidade.

As letras da inscripção eram guarnecidas de bitume preto, que ainda se vê em algumas d'ellas.

---

[1] Era semelhante á imagem do Padrão que esteve em Arroyos (Lisboa) e á da Cruz de Portugal (Silves).

Digitized by Google



Segundo a lenda corrente na localidade, no lugar das ruinas foi mandada construir uma ermida pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, dedicada a *Sancta Maria de Evora Alcance,* em memoria da

Digitized by Google

victoria, naquella paragem, obtida sobre os Castelhanos, em perseguição dos quaes elle ia de Evora. Posteriormente a ermida foi transformada em convento da Ordem de S. Camillo de Lellis.

Esta lenda vem referida na *Vida de D. Nuno Alvares Pereira* por Fr. Domingos Teixeira[1].

No *Portugal antigo e moderno*[2], por Augusto Soares de Azevedo Barbosa Pinho Leal, lê-se o seguinte: «A 2:500 metros oeste da villa (*Mourão*) está a Capella de N. Senhora do Alcance, muito antiga e ampla. Segundo a tradição constante foi obra do Condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1400, em memoria de alcançar neste sítio um grande triumpho contra os Castelhanos, dando á padroeira o titulo de *Sancta Maria de Evora Alcance,* por ter saído de Evora em perseguição do inimigo e o ter alcançado neste logar. A batalha via-se pintada na parede do alpendre da Capella, ainda no fim do sec. XVII; porém uns mordomos *muito illustrados* mandaram cobrir a pintura com grossa camada de cal.

«Junto a esta capella, e a requerimento do povo de Mourão, fundaram os primitivos frades agostinhos descalços um mosteiro da sua ordem, em 1670, aonde se conservaram os religiosos até ao dia 23 de julho de 1676, sendo nesse dia obrigados a sair do mosteiro, por ordem do desembargo do paço, por não ser um dos comprehendidos no número de dez, que a Sancta Sé havia marcado pelo Breve da confirmação desta ordem.

«O mosteiro caiu em ruinas, e apenas aqui ficou um ermitão, para cuidar da capella; mas hoje, e ha muitos annos, que nem ermitão aqui ha»[3].

Assim, as ruinas do convento e o calvario (embora possa ser menos antigo do que elle) commemorarm mais uma victoria dos portugueses e um dos milagres militares do grande condestavel.

Entretanto, na *Evora Gloriosa*[4], lê-se o seguinte com referencia a uma acção entre portugueses e castelhanos nas margens do Digebe,

---

[1] Impressa em 1723. *Lisboa occidental,* pag. 464, n.os 81 e 82.

[2] No artigo *Mourão*. Esta obra é impressa em Lisboa, 1875.

[3] Entre as imagens que existiam no convento e que hoje (segundo o Rev.do P.e Antonio José Lopes da Silva, natural de Mourão) se encontram numa igreja que fica a 500 metros de Mourão, e é dedicada a S. Bento, nota-se a do Senhor Jesus da Boa Morte, a qual representa, em tamanho natural, Nosso Senhor crucificado, e é tão perfeita que os entendidos a consideram um primor d'arte.

[4] Escripta pelo P.e Francisco da Fonseca, e publicada em Roma, no anno 1728. Pag. 90, n.o 148.

Digitized by Google

proximidades de Evora, em seguida ao regresso da batalha de Touro: «Seguio-lhe o alcance D. Garcia de Meneses ferindo-os, e matando-os tam generosamente, que a retirada se converteo em fugida tam confusa e precipitada, que abandonada a forma, chegaram totalmente descompostos aos portos do Guadiana. O Alcayde mór de Mourão D. Diogo de Castro, e o fronteyro Rodrigo Casco de Vasconcellos, ambos Eborenses, conheceram desde o Castello que os Castelhanos iam batidos, e desbaratados, e saíndo a elles com cento e sincoenta lanças, fiseram um cruel estrago. Está hoje no sítio d'esta victoria uma Ermida de Nossa Senhora, com a invocação de *S. Maria do Odigebe alcance* (outros disem *Evora alcance*) que se erigio para memoria, e acção de graças».

D'estas noticias se conclue que no sítio do Alcance foram obtidas duas victorias sobre os Castelhanos: uma em 1400 e outra em 1476.

Em vista de o Condestavel ter a devoção de fazer construir igrejas para commemorar as suas victorias, parece-me, salvo melhor parecer, mais plausivel que a Ermida de Nossa Senhora do Alcance, em Evora, fosse mandada erigir por D. Nuno Alvares Pereira.

Em todo o caso são dignas de veneração as ruinas do Convento que substituiu a Ermida de 1400, e, como ellas não se poderão hoje conservar, bom seria que o Governo mandasse restaurar e resguardar o Calvario, e que a Camara de Mourão tomasse aos seus cuidados a conservação d'este, embora modesto, monumento da gloria nacional.

C. da Camara Manuel.

Antiguidades do Sul de Portugal

Mosaico lusitano-romano de Leiria. — Novo deus do pantheon lusitanico

Em sessão de 14 de Junho de 1899, por occasião da minha estada em Paris, fiz á Sociedade dos Antiquarios de França, por convite de alguns membros d'ella, as duas seguintes communicações archeologicas, que foram publicadas no respectivo Boletim, e que reproduzo aqui com pequenas alterações.

I

«La mosaïque romaine polychrome dont j'ai l'honneur de vous présenter une aquarelle provient des environs de Leiria, en Portugal.

La ville de Leiria correspond à l'ancienne Colippo; on a trouvé dans cette ville, à des époques diverses, beaucoup d'autres antiquités

Digitized by Google

romaines, surtout des inscriptions, qui ont été publiées dans le tome II du *Corpus*.

Cette mosaïque, très grande, occupe á peu près un espace de vingt mètres carrés. Avec elle on a trouvé des chapiteaux très simples, des moulins, des briques, des tuiles, des clous, une fibule en bronze. Tous ces objets sont de l'époque romaine. On m'a dit qu'il y avait aussi des monnaies romaines, mais je n'ai pu les obtenir. Comme il arrive souvent, cette mosaïque a été trouvée par hasard, au cours de travaux ruraux. M. Korrodi, professeur à l'école industrielle de Leiria, m'a immédiatement averti de la trouvaille, et j'ai pu l'acquérir pour le Musée ethnologique portugais, grâce à l'obligeance de M. Luis Gaspar Portella, propriétaire du terrain. Elle est encore inédite. Malheureusement, le monument est un peu détérioré, mais la restitution idéale du sujet est très facile. On y voit Orphée jouant de la lyre, entouré d'oiseaux et de quadrupèdes, par exemple le chien, le cerf, etc. Ce sujet est bien connu des archéologues. On a trouvé des mosaïques semblables en Italie, en France, en Afrique: ici même, au Louvre, il y en a une provenant d'Hadrumète. M. Héron de Villefosse en a dressé la liste dans le *Bulletin des Antiquaires* (1881, p. 320 et suiv.). Cependant, on ne connaissait encore en Lusitanie qu'une mosaïque représentant ce sujet (Voir *Archivo Pittoresco,* I, 125); c'est pourquoi il m'a paru utile d'offrir à votre Société ces quelques renseignements très sommaires».

II

«L'autre sujet sur lequel je désire arrêter votre attention pendant quelques minutes appartient aussi à l'archéologie romaine de mon pays, mais à une région éloignée de celle dont je viens de vous parler.

Il s'agit d'une inscription romaine inédite, trouvée près d'Evora:

SACTR
VNESO
CESIO
SACRV
GLIC . . .
QVINT
cINV . . .
BALS

Evora s'appelait dans l'antiquité *Ebora*. Les Romains lui ont donné le titre de *municipium Liberalitas Iulia*. De son ancienne splendeur

Digitized by Google

à l'époque romaine, il reste encore dans la ville d'importants vestiges: des inscriptions, des murailles, une porte et surtout un temple presque entièrement conservé dont j'ai l'honneur de faire circuler une vue; malheureusement, on ne sait pas à quelle divinité il était consacré. Le Musée archéologique d'Evora renferme quelques antiquités trouvées dans l'intérieur du temple, mais elles n'ont rien apporté pour la détermination de la divinité. Le temple occupe le point le plus élevé de la ville, près de la cathédrale. Evora est aussi célèbre par ses monnaies autonomes; on y a frappé deux sortes de monnaies à l'époque romaine, représentées toutes deux dans le Cabinet des médailles de la Bibliothèque nationale de Paris. Les environs d'Evora, comme tout le département, sont très riches en antiquités romaines. Il y a une petite bibliographie sur ces antiquités: on doit surtout citer au XVIe siècle les travaux d'André de Rèsende, le père de l'archéologie portugaise, et actuellement ceux de M. Gabriel Pereira, né à Evora et directeur de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne. On y rencontre même des antiquités d'autres époques. Dans l'*Arch. Port.*, IV, 121 sqq., j'ai publié dernièrement quelques notices d'antiquités préhistoriques de cette région. Cette même province (Alemtejo) a fourni aussi une belle épée de bronze que j'ai achetée pour le Musée ethnologique portugais et qui appartient à la fin de l'époque du bronze. On a trouvé en France des exemplaires qui rappellent ce type: ici même, au Louvre, il y en a quelques-uns; mais en Portugal c'est le seul exemplaire connu de cette longueur. Le même type existe en Espagne (Voir *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* de M. Cartailhac, pag. 233).

Ce n'est pas cependant de l'archéologie préromaine que je veux particulièrement vous entretenir, mais, comme je l'ai dit, d'une inscription romaine.

Je ne peux pas entrer dans beaucoup de détails sur la paléographie, et je résume l'étude que j'en ai faite.

Je lis l'inscription de la manière suivante:

Sancto Runeso Cesio sacrum. Gaius Licinius Quinctinus, Balsensis.

Balsensis veut dire natif de Balsa, qui était une ville romaine de l'Algarve.

De cette ville il reste encore de nombreuses antiquités romaines: des inscriptions, des lampes, des vases, des verres, des bronzes, etc.; beaucoup de ces objets sont réunis dans le Musée ethnologique portugais de Lisbonne.

Cette inscription est importante parce qu'elle nous fait connaître un nouveau dieu du Panthéon lusitanien, Panthéon qui n'en était pas pauvre.

Digitized by Google

J'ai l'honneur d'offrir sur ce sujet à la Société, pour sa bibliothèque, le premier volume d'un ouvrage auquel je travaille actuellement et un abrégé en français de tout ce travail.

Le nouveau dieu s'appelait *Runesus Cesius*. Il est difficile de dire si *Cesius* est une épithète ou s'il appartient proprement au nom, qui en ce cas serait composé, comme tant d'autres du Panthéon lusitanien, par exemple *Trebaruna*. Le nom *Runesus* me paraît celtique: formé du thème *Run-*, qui se retrouve aussi dans le nom de la déesse que je viens de citer, *Trebaruna*, et dans l'irlandais *run*, qui signifie «mystère»; le suffixe *-esus* se trouve par exemple en *Lobesus*, *Lovesus*, noms qu'on peut lire dans des inscriptions du sud du Portugal (Voir sur ce suffixe l'*Altceltischer Sprachschatz* de Holder). Selon cette explication, le nom du dieu signifierait quelque chose comme *le mystérieux*, dénomination qui convient parfaitement à un dieu et qui était aussi celle de la déesse que j'ai mentionnée plus haut. M. d'Arbois de Jubainville, l'illustre et aimable professeur au Collège de France, que j'ai consulté sur l'étymologie que je viens de proposer, ne la désapprouve pas. L'autre partie du nom, c'est-à-dire *Cesius*, est plus difficile d'expliquer; cependant, je ne serais pas éloigné de croire que dans ce texte, évidemment barbare, on a pu écrire *Cesius* au lieu de *Gaesius*, parce que les lettres *C* et *G* d'un côté et *ae* et *e* de l'autre sont fréquemment substituées l'une à l'autre dans l'épigraphie romaine. Dans cette hypothèse, *Gaesius*, serait un dérivé du mot celtique qui en latin a la forme *gaesum* et en grec la forme γαῖσος; comme ce mot signifie «dard,», l'adjectif *Gaesius* signifierait «armé du dard». *Runesus Cesius* serait donc un «dieu armé du dard».

Quoi qu'il en soit, le fait positif acquis à la science et surtout à l'ethnologie du Portugal, c'est que, à l'époque romaine, les peuples des environs d'Ebora adoraient un dieu appelé *Runesus Cesius*, qui portait probablement un nom celtique, ce qui est d'accord avec ce que nous savons de la domination des Celtes dans cette région du Portugal, soit par les auteurs comme Pline dans son *Histoire naturelle*, soit par l'onomastique. Le nom même d'Ebora a la physionomie d'un nom celtique apparenté au nom irlandais *ibhar*, qui signifie «if»: le nom latin correspondant est *taxus*, d'où provient la forme portugaise actuelle *teixo*, qui est abondamment représentée dans l'onomastique moderne du Portugal, particulièrement dans les dérivés, *Teixeira*, *Teixedo* et d'autres. Que le nom *Ebora* ait été, dans l'antiquité lusitanienne, un nom commun, cela est démontré par le fait qu'il y avait dans la Lusitanie d'autres localités du même nom. Un texte de Pline et une inscription que j'ai découverte, et qui est encore inédite, nous donnent *Eburobrit-*

Digitized by Google

tium et *Eburo-*; il y a encore aujourd'hui au nord du Tage, dans la région d'*Eburobrittium*, un village qui porte le nom d'*Evora*.

Ainsi, le petit texte dont j'ai l'honneur de vous parler soulève des questions de deux ordres: la religion indigène á l'époque romaine; l'influence celtique dans le sud de la Lusitanie portugaise; et il fournit sur ces deux sujets des indications qui contribuent à les éclairer».

(*Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1899, pag. 269-273).

J. L. de V.

Epitaphios

Observações sobre os que vem transcriptos em *O Archeologo Português*, II, 144, 262, 149 e 150:

1) O epitaphio do Dr. Gaspar Pinto Correia (pag. 262) é composto de distichos de hexametros e pentametros; deve pois escrever-se do seguinte modo:

Hic jacet, hic tacitus loquitur sine voce magister.
Multa loquendo dedit, plura tacendo docet.
Multa dedit calamo et lingua documenta per orbem;
Sed majora brevis dat documenta lapis.
Qui male vixit erit post mortem mortuus idem;
Post mortem vivus si bene vixit erit.
Ars bene vivendi et moriendi est una, viator,
..... in aeternum vivere, disce mori.

Na lacuna da ultima linha deviam estar duas syllabas, sendo a primeira longa e a segunda breve, e devendo esta acabar em consoante. Porventura o autor escreveu «*Vis et* [tambem] *in aeternum vivere?*», e teria na mente o verso de Vergilio — *Vultis et his mecum pariter considere regnis?* (*Eneida*, I, 572).

2) No epitaphio que vem a pag. 146, em *Petrus Durandi*, o genetivo *Durandi* deve traduzir-se não por «Durando» (ou «Durão»), como fizeram Jorge Cardoso e Cerqueira Pinto, mas sim pelo patronymico «Durães».

A pag. 148, linha 1.ª, está *tibi*, quando no fac-simile se lê *sibi*. O erro é typographico ou do ms. de Cerqueira Pinto. *sibi* por *ei* (assim como *secum* por *cum eo*) pertence ao latim medieval; encontra-se, por exemplo, no opusculo anonymo publicado por Heydenreich com o titulo:

Digitized by Google

De Constantino Magno ejusque matre Helena libellus, a pagg. 5, l. 25; 14, l. 6; 18, l. 8; 21, l. 32; 22, l. 6. Jorge Cardoso, pensando que *sibi* estava por *tibi,* traduziu inexactamente os dois ultimos versos.

3) O epitaphio de Fr. Estevão Vasques Pimentel (pag. 149 sgg.) foi aberto por individuo em extremo negligente, que chegou a pôr o numeral *septuaginta* em duas palavras, interpondo um ponto entre *septua* e *ginta.* É pois ás vezes difficil, senão impossivel, reconhecer o que estava no original que o abridor tinha diante de si.

O epitaphio é em distichos de hexametros e pentametros leoninos.

No verso 3 devia estar *nascy* segundo exige o sentido e a rima, (com *Valascy*).

No verso 8 foram saltadas duas syllabas entre *meliore* e *transiit,* sendo a primeira breve, e a segunda longa e final de palavra.

Duvido absolutamente da exactidão da palavra *terras* no verso 7. Deve encobrir o nominativo de um adjectivo.

Os versos 10 a 14 são obscurissimos. Velho de Barbosa diz que no verso 10, em lugar de *papa sedebat iby,* devia ser *talvez* (adverbio supprimido no artigo de que estou fallando) *papa accedebat ibi.* Não póde ser porque ficaria o verso errado, sendo que as seis ultimas syllabas devem ter a fórma ⏑ ⏑ – – ⏑ ⏑ ⏓ e a supposta emenda de Velho de Barbosa (que assim mostra haver desconhecido a natureza do verso) daria – – – – ⏑ ⏓. No verso 12 a segunda palavra era no original indubitavelmente *Rivus.* W não é o doble *v* germanico, senão as letras *vu* (em caracteres maisculos V V) enlaçadas.

Que o *i* anteposto ao *r* é devido a êrro do abridor da inscripção, prova-o a metrica, pois que assim a primeira syllaba do verso, que tem de ser longa, ficaria breve. No verso 14 é obvio que devia estar *numerando.*

No verso 16 *ubi plus placuit* foi traduzido por Velho de Barbosa «onde melhor lhe agradou», erradamente. A traducção verdadeira é «onde, de mais («alem d'isto») lhe aprouve», (sendo o sujeito a oração seguinte de *ut,* para a qual pertence o adverbio *ubi*).

No verso 18 *consociis* está bem; é dativo que pertence para *reliquit* e ha-de ler-se *cum sociis,* que V. de Barbosa traduz fantasticamente «com as suas pertenças». *hiis* é graphia do dativo do plural de *is,* = *iis;* concorda com *consociis.*

No verso 23 *s* é abreviatura de *sic.*

No verso 25 *tercentenit* por *ter centenis* é evidentemente êrro do abridor.

Epiphanio Dias.

Digitized by Google

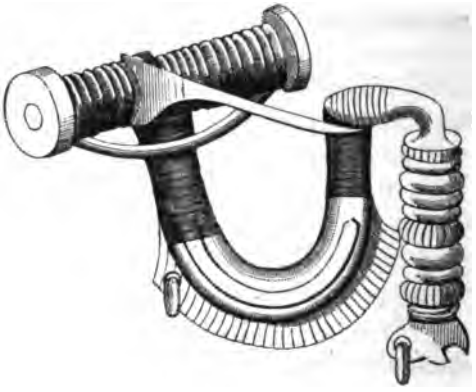
Museu Municipal de Bragança

Entre os objectos curiosos que tem entrado neste Museu venho aqui apresentar os desenhos de dois, que, com o que foi encontrado nos Estevaes de Mogadouro e já foi enviado, por cópia, para *O Archeologo Português* (vid. vol. v, pag. 250), constituem tres exemplares muito interessantes e representativos de uma epocha.

1)

O n.º 1 é de cobre não oxidado, está bem conservado e foi achado no Castro de Picote (Miranda do Douro) com algumas moedas romanas e outros objectos de cobre. A respeito d'esta povoação e do seu castro veja-se *O Arch. Port.* v, 143–145.

2)



O numero 2 foi encontrado no Castro de Argozello (Vimioso). É de cobre tambem, e está de tal modo oxidado que parece, assim como o dos

Digitized by Google

Estevaes, estar coberto de uma tinta esverdeada e luzidia. É, como se vê, trabalho mais perfeito e de mais luxo que o de Picote. D'elles parece que ainda pendiam appendices, pois que na parte interna das voltas se conhecem algumas saliencias como que feitas pelo roçar de qualquer argola ou gancho de uma substancia rija como o cobre ou ferro.

Foram «fibulas» usadas pelos povos que viveram nos castros onde foram encontradas.

Bragança, Junho de 1900.

Albino Pereira Lopo.

P. S.

São particularmente interessantes para a nossa archeologia as fibulas precedentes, cujo typo constitue um dos caracteres da segunda idade do ferro, denominada de *La Tène,* do nome de uma localidade suiça que se tornou célebre como estação archeologica. A segunda d'estas fibulas encontra se noutras localidades da Peninsula, e parece ser-lhe peculiar; no Museu Ethnologico tenho alguns exemplares d'este typo, encontrados por mim no nosso *oppidum* de Pragança (Extremadura); cfr. tambem o que diz E. Cartailhac nos seus *Ages prehistoriques de l'Espagne et du Portugal,* pag. 298–299, etc.; dos bellos typos hespanhoes por este archeologo reproduzidos *ibidem,* pag. 298, possue o Museu Ethnologico Português um exemplar que adquiri em Hespanha, com outras preciosidades archeologicas, em 1900. A civilização de La Tène, que se propagou em grande parte da Europa, é tambem chamada *gaulesa* ou *celtica.* No Museu Ethnologico archivei outro exemplar das fibulas caracteristicas de La Tène, que obtive na Suiça, e tem a mesma proveniencia que muitos que estão no Museu de Zürich.

J. L. de V.

Notícias várias

1. Moedas antigas

«Na caserna do corpo de bombeiros, na Esperança, quando se procedia ao levantamento de umas lages, numa dependencia do antigo convento encontraram-se algumas moedas sendo, 6 de ouro, 2 de cruzado, 2 de oito tostões, 2 de dez, e de prata, 1 de 40 réis e outra de tres vintens, em perfeito estado de conservação, e juntamente um coração de madreperola com a seguinte inscripção: V.ª C. MEV AMOR, tendo um arabesco por baixo, que parece gravado a agulha ou canivete.

Digitized by Google

Estes objectos vão ser remettidos pela inspecção dos incendios, onde se acham, ao Presidente da Camara Municipal de Lisboa, que lhe dará o destino conveniente».

(De um jornal, de cujo nome me esqueci de tomar nota).

2. Vandalismo

«Em Silves, uma das quatro vetustas cidades do reino arabe dos Algarves, existe uma velha cathedral, monumento archeologico precioso, digna de toda a veneração.

O tempo, como é natural, imprimiu-lhe o seu cunho de vetustez, o aspecto denegrido, do que é antigo.

A junta de parochia da terra, porém, embirrou com a velhice do monumento e resolveu remoçá-lo.

Mandou pintar de vermelho o templo, tanto exterior como interiormente, e como as juntas das pedras, mordidas pelos seculos, estavam gastas e carcomidas, mandou-lhes fazer uns rebôcos de gesso, salientes e em fórma de frisos, brancos, para dar mais realce e, porventura, mais encanto ao singularissimo remoçamento.

Ficou muito catita o velhissimo templo. De longe parece um *chalet* de praia».

(Notícia extrahida de um jornal).

3. O pelourinho de Santa Combadão

«Ha dias a Camara Municipal mandou mudar o pelourinho — um velho e grosseiro monolitho de granito — do largo do Engenheiro Urbano, para o do Tribunal, mas o encarregado da mudança, pela sua impericia, dirigiu por tal fórma a operação, que a columna partiu em quatro pedaços. E como não ha meio de obrigar o *mestre d'obras* a fazer outra, ali permanecem, e hão de permanecer, por largo tempo os destroços d'aquella *obra prima* dos nossos maiores».

(D'*A Folha do Povo*, de 2 de Maio de 1898).

4. Antiguidades de Santarem

«Numas excavações que estão fazendo em Pombalinho, para edificação de uns lagares e adegas, tem apparecido bastas ossadas humanas, algumas moedas antigas e imagens de santos.

Naquelle local, ou proximo, foi em tempo uma igreja sob a invocação de Santo Antonio».

(*O Seculo* n.º 5:894, de 11 de Julho de 1898).

Digitized by Google

5. Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra

«Reabriu no dia 1, ao público, o Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra.

Fundado em 1873, por iniciativa de um grupo de homens dedicados, este museu manteve-se durante annos com proporções modestas.

Depois, a morte de alguns dos principaes influentes, e o cansaço de outros, fizeram que elle caisse em completo estado de abandono.

Salvaram-o alguns enthusiastas e amadores, que, eleitos em 1895 para a direcção da secção de archeologia, tomaram a peito reorganizar o museu em proporções mais vastas, colligindo alli todos quantos objectos de valor archeologico ou artistico pudessem obter.

Assim o fizeram, e a 26 de Abril de 1896 realizava-se uma sessão solemne da secção de archeologia, para o effeito de inaugurar o Museu na sua nova installação.

Depois d'isso, a direcção, que é composta dos Srs. Drs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Joaquim Mendes dos Remedios, José Antonio de Sousa Nasareth e de Antonio Augusto Gonçalves, não se tem poupado a trabalhos para salvar da destruição os documentos historicos de maior ou menor valor, que ainda nos restam, e para os ir reunindo e colleccionando.

Em breve se reconheceu que as duas salas, denominadas «Ayres de Campos» e «Costa Simões», eram insufficientes para conterem objectos. A direcção da secção de archeologia pede nestas alturas e obtem do reitor da Universidade, o benemerito dr. Costa Simões, a concesssão de umas casas occupadas pela Universidade e contiguas ás salas do Museu; do Ministerio das Obras Publicas consegue que se realizem as obras necessarias de adaptação, e assim se arranjam em poucos meses amplas salas, onde novamente se distribuem e installam os objectos, em disposição ao mesmo tempo ordenada e artistica.

Acabamos de sair agora mesmo do Museu do Instituto, e devemos declarar que saimos muitissimo bem impressionados.

Quer attendamos ao valor do que alli se encontra, quer ao bom gosto na disposição e arranjo, não é facil depārarem-se-nos museus que nos satisfaçam tão completamente.

Vamos dar uma nota muito rapida do que é o Museu de antiguidades do Instituto.

Compõe-se de quatro grandes salas alem de pequenos annexos.

A primeira sala («Ayres de Campos») tem duas secções. Encontramos em primeiro logar a secção romana, onde se vêem numerosos

Digitized by Google

monumentos sepulcraes, amphoras, tijolos, fragmentos de estatuas, mosaicos e muitos utensilios de ferro e de barro do tempo dos romanos, todos encontrados em Portugal, e a maior parte d'elles nas ruinas de Conimbriga, perto de Condeixa-a-Velha, e de Aeminium, actual Coimbra.

Ha aqui monumentos de alto valor historico.

A outra secção da primeira sala é medieval, rica de monumentos das artes romanica e gothica.

Chamam aqui a attenção, em especial, uma bella collecção de imagens do seculo XIV, diversas esculpturas em meio relevo, numerosas inscripções gothicas, um bellissimo quadro «mudjar» de estuque, etc.

A segunda sala («Costa Simões») foi destinada exclusivamente a faiança.

Admira-se alli uma collecção de louças, valiosissimas pela abundancia e valor dos exemplares.

Quem quiser estudar a historia da faiança em Portugal não póde deixar de visitar esta sala, e de se demorar nella em minucioso exame. Os progressos da faiança coimbrã no seculo passado, antes da decantada influencia do Dr. Vandelli, são uma verdadeira revelação, devida ás peças documentaes aqui reunidas, a algumas das quaes não falta nem a assignatura do fabricante, nem a data do fabrico.

Na terceira sala, encontram-se objectos de mobiliario, pinturas, esculpturas de madeira, uma vasta collecção de manuscriptos em pergaminho, plantas e alçados de varios edificios e secções da cidade de Coimbra, desenhados no seculo passado, tapeçarias, vidros, bronzes, etc., etc.

Na quarta sala, acha-se reunido tudo quanto ha no Museu em estylo da Renascença, encontrando-se alli bellos exemplares de esculptura de pedra, e nove magnificas estatuas de barro, que representam Jesus Christo e os apostolos, de tamanho maior do que o natural, trabalho dos principios do seculo XVI.

Finalmente, numa pequena sala contigua a esta, encontram-se objectos que não tem cabimento em nenhuma das outras.

Os trabalhos de installação foram dirigidos pelos Srs. Antonio Augusto Gonçalves e Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, dois artistas distinctissimos e illustradissimos, aos quaes as artes devem mui relevantes serviços.

Ambos são colleccionadores muito notaveis, e as suas collecções avultam no Museu do Instituto, que acabamos de descrever, e onde quem quiser póde depositar qualquer objecto, desde que lá tenha cabimento.

Digitized by Google

A grande collecção de faianças que enche a segunda sala pertence quasi exclusivamente áquelles dois cavalheiros.

O Museu acha-se aberto em todos os domingos e dias santificados, desde as 11 horas da manhã até ás 3 da tarde».

(D'*O Seculo*, de 16 de Janeiro de 1899).

6. Reliquia apagada

«Na freguesia de Molellos, concelho de Tondella, existe um baldio que mede quatro kilometros em circumferencia, denominado o Tojal-Mau, em cujo centro se eleva uma eminencia de quatro metros, approximadamente, de cota, e setenta de circumferencia. Haverá quarenta annos que existia, em poder de uma mulher da freguesia, um roteiro a que ella não ligava importancia alguma, e que passou ás mãos de um homem que mais ou menos orientado sobre a qualidade de thesouros escondidos num subterraneo do referido local, lhe conferiu o devido valor pela luz que viria fazer sobre o caso.

De facto, o tal roteiro dizia que no Tojal-Mau existia um thesouro enterrado, e indicava o ponto em que se encontrava. Este individuo usou de discreção, communicando o facto apenas a alguns amigos intimos, e tratou de explorar o ponto que o roteiro recommendava.

Começaram as excavações, e, á profundidade de vinte palmos, encontraram pedra, removeram-na, e certificaram-se de que ella era como que a parte de entrada para uma galeria, cujo tecto era abobadado, onde entraram, e, avançando por ella dentro, encontraram-se no interior de um quarto tambem de abobada, e construido com pedras enormes, cuja superficie devia ser de 5 a 6 metros quadrados por 4 ou 5 de altura. D'este quarto saíam dois corredores, um para leste e outro para nordeste, com dimensões taes que por elles podia transitar um cavalleiro.

Estes corredores eram tambem construidos com pedras enormes e em abobada. Dizia o referido roteiro que um d'elles ia ter ao rio do Portudinho, e o outro ao riacho das Fráguas, uma distancia de 4 a 5 kilometros. Não se sabe se os individuos, que exploraram o subterraneo, encontraram o annunciado thesouro, ou se este consistia em objectos de que se apossaram, diversos utensilios, entre os quaes alguns de marmore. Posteriormente, algumas pessoas voltaram a explorar, com a mira no decantado thesouro que o roteiro annunciava, mas debalde.

Durante bastante tempo esteve aberta, á vista dos curiosos, esta reliquia; ninguem pôde, porém, ir ao fim dos corredores, pela falta de luz e ar que se fazia sentir gradualmente. Passados annos, um in-

Digitized by Google

dividuo, com prévia auctorização competente, procedeu á sua demolição, utilizando essa preciosa pedra na construcção de um predio.

Hoje, apenas existe a eminencia, em cujo centro se abre um fosso, e algumas pedras notaveis pelo seu tamanho; os corredores estão impenetraveis pela agglomeração do entulho produzido pela demolição.

É para lamentar que a auctoridade competente d'aquelle tempo consentisse na demolição d'aquella memoria tão digna de admiração. O que influiria para este fim? O magro dinheiro que pela sua apropriação reclamariam? Talvez».

(*O Seculo*, de 19 de Janeiro de 1899).

7. Achado archeologico

«Numa bouça[1] pertencente ao Sr. Dr. Rebello Barbosa, de Santo Thyrso, procedendo-se a excavações, foi encontrado um grande vaso de barro dentro do qual estava um outro da mesma materia cheio de moedas antigas, litteralmente cobertas de verdete e formando por assim dizer uma massa compacta, de fórma que impossivel se tornava separá-las umas das outras e tirá-las pela bocca da vasilha. Partiu-se esta, e as moedas, adherentes umas ás outras, apresentavam o feitio da vasilha destruida. Depois de alguns esforços, conseguiu-se fragmentar o bloco das moedas e destacar algumas, reconhecendo-se que eram romanas, de cobre.

As moedas são em grande quantidade, calculando-se em cêrca de 5:000.

Procedendo-se á limpeza de algumas moedas (umas 130), notou-se que são do tempo dos imperadores romanos Gallieno e Probo, sendo muitas de bilhão e achando-se em perfeito estado de conservação».

(*O Popular*, de 22 de Agosto de 1900).

*

Tendo o redactor d'*O Archeologo* escrito ao Sr. Dr. Rebello Barbosa a pedir-lhe informações do achado, recebeu d'elle as seguintes, que, por serem interessantes, aqui se publicam para explanação da notícia precedente:

«Paços de Ferreira, 30 de Agosto de 1900. — Espero reconstituir uma das vasilhas. A outra, que servia de envolucro á que continha as

[1] Chamada Lage, freguesia de Villarinho, concelho de Santo Thyrso.

Digitized by Google

moedas, não póde já ser reconstituida, porque os seus fragmentos acham-se actualmente na posse de muitas pessoas. Junto do local do achado não ha vestigios de construcções, nem sepulturas. Segundo os melhores calculos, as moedas foram enterradas ha mais de 1:600 annos, visto não haver moedas de Constantino Magno nem de outros imperadores posteriores a este. Quando as moedas foram escondidas, a freguesia de Villarinho era completamente deshabitada. Verifica-se á face de documentos e prazos antigos que a freguesia de Villarinho começou a ser habitada depois de 1300».

Pedro A. de Azevedo.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

322. Monte-Mor-o-Velho (Beira)

Ruinas

«O seu primeiro nome foi Acedobriga que teve duraçam de 1780 annos porque sendo seu Governador o Romano Manlio, 120 annos do salutifero nascimento lhe deu o nome de Cidade Manlianense, com que he conhecida dos Latinos [1]. Confirmasse o nome de Cidade por algumas antigas escrituras, pella constante tradiçam, largos e espaçozos vestigios de edifícios e sepulturas que mostram haver sido populoza, pois se estendia até o sitio de Ravel, que de prezente he olivedo, e terras de pam em grande circumferencia. Algumas pessoas se persuadem, a que teve o nome de Cidade de Arravel, mas nam se deve deixar o certo pello duvidozo». (Tomo XXIV, fl. 1465).

323. Monte-Negro (Tras-os-Montes)

Mina de estanho

«Nesta dita serra junto a S. Julião em hũ sitio que dizem *Valdoar* me dizem pessoas velhas que ouvirão dizer se tirava antiguamente estanho de hũa mina; e lá se vem ainda hoje alguns vestigios». (Tomo XXIV, fl. 1504).

324. Monte da Pedra (Alemtejo)

Povoação antiga. — Penedo Gordo e Lage de Santo Estevão

«Antigamente era esta Igreja a do logar do Sourinho e orago era Nossa Senhora com o titolo de Santa Maria, porem dezertarão os mo-

---

[1] *Nota marginal:* Manuscriptos dos Antiquarios Manuel de Barros de Escovar e Capitam Mór Antonio Correa da Fonceca.

Digitized by Google

radores aquelle lugar que dista desta terra para o Poente meya legoa ahonde ahinda hoje existem os fundamentos dos edificios que estão em terra da Sagrada Religião de Malta.

A razão, o motivo que se dis, tiverão os moradores para dezemparem aquelle logar e Povoaçam do Sourinho forão humas Fantasmas[1] que tãobem se diz ali apparecião e intimidados dellas os moradores forão obrigados a dezemparar aquelle lugar e constetuir a Freguezia em este Monte da Pedra, em huma Ermida de Santiago que aqui estava e por isso ahinda hoje os moradores conservão a Imagem de Santiago em o Altar Mor ao lado direito.

Neste lugar de Sourinho se diz moravão e assistião muitos Cavalleiros que se chamavão os Cavalleiros da Espora dourada, os quais por tradição se diz que se extinguirão e morrerão na seguida que fizerão a ElRey Dom Sebastiam para a guerra, porem como com os incendios se consumirão os livros e papeis antigos, não ha hoje outra certeza mais que tão somente a tradição e a pouca curiozidade fas muitas vezes ficar as coisas em esquecimento.

Chama-se a esta terra o Monte da Pedra pela notabelidade de duas pedras que estão no seu limite; huma chama-se o Penedo Gordo que está junto a esta terra na distancia de cento e cincoenta passos pouco mais ou menos, ahonde os moradores deste Povo ajuntão no verão todo o pão em palha e asi o fabricam e malhão com muito comodo porque podem no mesmo tempo andar seis lavradores tratando separadamente cada hum do seu pam.

A outra pedra chama-se a Lagem de Santo Estevão a qual fica distante deste Povo a seixta parte de huma Lagoa para a parte do Sul, esta está em huma Planice com alguns cabeços pequenos de redor inclinada para o sul, porem he tão plana que por qualquer parte se pode entrar e sair della, tem de comprimento cento e septenta passos pouco mais ou menos; e de largura tem noventa passos pouco mais ou menos.

Para os seus naturais exagerarem a grandeza e singularidade desta Pedra ou Lagem, dizem que se podem em hum mesmo tempo fazer em ella quatorze Malhas. Chama-se-lhe a Lagem de Santo Estevão porque está perto de hum cazarão que era antiguamente Ermida de Santo Estevão que se acha hoje colocada na Igreja desta Freguezia e he de quem se fas mensão no Interrogatorio treize, ut infra». (Tomo XXIV, fl. 1510).

---

[1] Cf. n.º 169 d'esta *Collecção*.

Digitized by Google

825. Monteiro (Beira)

Outeiro da Bandeira

«..... hum outeiro que chamão da Bandeira situado perto deste lugar a parte do nascente e o mais alto deste sitio: dizem as pessoas antigas que este nome lhe ficara por no tempo das guerras no levantamento se dar signal com hũa Bandeira por ser sitio alto. Bem pode ser esta a razão do nome, se ja o não tivesse nesse tempo nascido de algua acção supresticioza». (Tomo XXIV, fl. 1689).

826. Moura (Alemtejo)

Estatua romana. — Inscripção romana e outros portuguezes. — Lenda

Freguesia de Santo Agostinho. — «Marco Antéro Paulino, que por famigerado se lhe levantou estátua, cuja inscripção se achou em huma pedra de altura de hum homem, a qual estava enterrada em hũa quorela de terra dos religiosos do Carmo desta villa, junto ao porto de Ardilla, que vay para Mourão aonde se achão vestigios de grandes edificios». (Tomo XXV, fl. 1731).

Freguesia de S. João Baptista. — «No castello da villa se descobre hum padram em huma quina do Convento das Relligiozas de Nossa Senhora da Assumpção com esta inscripçam:

JULIAE AGRIPINAE NERONIS CAESARIS MATRI
NOVA CIUITAS ARUCITANA[1].

desta inscripçam se vê, que sobre o mesmo padram leuantaram os moradores statua a may de Nero para eternizarem agradecidos nos seculos futuros a memoria de algum grande benefficio que lhe deuecem. Quando os mouros conquistaram os Hespanhoes ficou Senhor de muytos povos de Alemtejo com titulo de alcayde hum Mouro potentado chamado Boaçem, o qual deu a senhoria desta grande pouoaçam a sua filha Saluquia com o titulo de Alcaydesa. Como a senhoria hera moura e a cidade com o tempo perdeo o splendor primeyro, trocou o titulo e o nome: pelas ruinas do tempo, ficou somente com o titulo da villa; por ser moura a senhoria, ficou com o nome de Moura. Dizem outros que lhe ficou o nome de Moura, porque Dom Alvaro e D. Pedro Rodrigues

[1] Completa em parte no n.º 963 do *Corp. Inse. Lat.*

Digitized by Google

caualheyros que servirão de tronco a familia illustre dos Mouras foram os que a resgataram do poder dos mouros». (Tomo xxv, fl. 1741).

«O tecto he de madeyra e dos trez corpos que forma a Igreja (*do Convento dos Carmelitas Calçados*), o do meyo he todo estradado, a dos lados e o mays corpo da Igreja estam lagiados com 120 campas magnificas de marmore com as armas de seos donos e varias inscripsoins, entre as quaes se lê em huma este Epitaphio cellebre:

AQUI JAZ JOÃO DE ABRIL
QUE MORREU
POR SE RIR».

(Tomo xxv, fl. 1748).

«O sino he o grande que se conserva hoje na torre do Convento; por meyo do qual obrá a Senhora (*da Luz*) continuamente muytos prodigios afugentando as tempestades, e fazendo bem succedidas nos seos partos todas aquellas mulheres, que tem aperto semilhante a invocam com devoção». (Tomo xxv, fl. 1750).

«A hum lado desta Capella (*do Conde de Val dos Reis*) ultima está erigido hum Mausoleo soberbo de marmore embutido na parede com esta inscripção formal:

AQUI JAZEM OS CAVALHEYROS QUE RESGATARAM
E GANÇARAM AOS MOUROS ESTA TERRA EM TEMPO DE
DOM ROLIM».

(Tomo xxv, fl. 1751).

827. Mourão (Tras-os-Montes)

Cabeça murada. — Anexim local

«Sertefico em como tudo o Referido asima he verdade e nam achey couza mais couza de sustancia nem notavel de que se faça memoria mais do que estar esta pouoacam defronte de hum cabesso que se chama Cabeça Morada sito no destricto de Val do Forno e distante huma Legoa desta pouoaçam. Ha outro destricto ou sitio a que chamam Lubazim e por intunumazia se dis deziam os Mouros coando foram espulçados destas Terras: Cabessa Murada e Val Lubazim munto ouro e prata fica em ti. Donde infiro que por se chamar Mouram esta pouoaçam e ficar em meio dos dous sitios já referidos seria abitaçam em algum tempo de Mouros e como de Mouram para Mourama só lhe

Digitized by Google

falta á, seria falta dos Escritores ou quererlhe calar os Moradores[1]». (Tomo xxv, fl. 1788).

328. S. Martinho-de-Mouros (Beira)

Origem do nome

«He esta terra chamada o Concelho de Sam Martinho de Mouro, denominação que me persuado lhe prouem asi de ser antigamente habitada de Mouros, ou de Barbaridade dos costumes de seos habitadores; porque de ordinario sam soberbos, e altivos ainda que pobres na mayor parte, qualidades que suponho participão de Jupiter por ficar maes chegado a este tenitroante (*sic*) prezidente dos ares». (Tomo xxv, fl. 1825).

329. Molta (Extremadura)

Inscripção portuguesa

«Outra Capella fora da villa proxima a ella com o titulo de S. Sebastião, que foi freguezia e sagrada he antigua, pello que consta da primeira pessoa velha sepultada por hum letreiro de letra gotica que se acha lavrado em huma pedra dentro da Igreja da parte do norte no meyo da parede; que dis o seguinte:

AQUI JAS CATHERINA MARTINS MOREIRA
FILHA DE MATHIAS VASQUES MOREIRA ESCU-
DEIRO CRIADO DE ELREY D. DUARTE SEU
VASSALO, E FINOU NA GUERRA PESTINHOZA,
NESTA ERMIDA EM IDADE DE VINTE ANNOS
MOÇA ESCOSSA (*sic*) A DOZE DE IULHO, ERA
DO SENHOR DE 1453. A PRIMEIRA AQUI SEPULTADA.
DEOS HAJA SUA ALMA A BEM.

(Tomo xxv, fl. 1846).

330. Mozellos (Beira)

Outeiro do Murado

«Junto a esta Igreja ha hum outejro a que chamam do Morado que fica munto alto em hum monte o qual serve de apacentar os gados

[1] As vinte povoações existentes em Portugal, desde Tras-os-Montes até o Alemtejo, com o nome de Mourão, tem todas a mesma etymologia, que é *Mauranï* ou *Mauran*, nome de homem.

Digitized by Google

cuya planicia no alto delle terá de comprido dozentos braços e de largura mais de cem tudo plano na suma altura mostra este nos antigos tempos ser cercado com ballo, cuyo monte ou outejro dizem os antigos que foi Praça dos Mouros, de cujo se descobre grande parte do Mar, a villa de Aueyro e todo o Rio que fica junto[1].....». (Tomo XXV, fl. 1883).

831. Mozellos (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas de um paço

«Ha memoria de huma Caza chamada do Passo[2], de que ha poucos annos havia vestigios de pedras, portaes, genellas, e outras que mostravam grandesa da ditta couza, mas hoje nada disto ha no tal sitio, este hera na chamada quinta do Passo, que ainda assim se chama, a mayor parte della esta inculta, cheya de Carvalhos que dam Lenha e a menor parte se lavra e cultiva; esta Casa he tradiçam que fora de huus Brandões e Barbozas, gente nobre».. (Tomo XXV, fl. 1888).

832. Muruja (Beira)

Tumulo. — Grandes lages

«Os privillegios e antiguidades desta freguezia he somente achar se na Parochia della hum Tomolo de pedra lavrada, mitido em hum largo Nicho da parede da mesma que he de hum acendente da caza de Mello.....». (Tomo XXV, fl. 1978).

«Nam ha couza mais notavel no dito Lugar de que estarem a mayor parte das cazas delle circuitando humas grandes Lagias, que ficam no meyo e lhe servem de heyras para malhar, estender e recolher os frutos e palhas, com tanta largueza, que podem muito bem andar seis ou cete malhas todas juntas, e ficando no meyo da mesma Lagia a capella do gloriozo Martir S. Sebastiam.....». (Tomo XXV, fl. 1979).

833. Nandufe (Beira)

Arcos de pedra. — Crasto

«Finalmente advirtase que a Igreyja deste Povo Nandufe tem nas costas ao lado, que lhe fica ao Norte trez Arcos de pedra miuda rentes

---

[1] Cfr. *O Arch. Port.*, III, 139.

[2] Os grandes proprietarios do norte, no periodo da reconquista christã, assistiam em Paços (*palatios*), Paços (*palatiolos*) e Sás (*salas*).

Digitized by Google

da terra, e já tapados ha muntos annos com o mesmo material, e nam ha quem dê intelligencia a elles. Somente dizerem muntos que já ouviram dizer aos mais Antigos, que devia ser mysquita de Mouros, e para mais veneraçam de Sam Joam Baptista intravam e sahiam por aquellas portas por lhe nam virarem as costas. E ha hum sitio perto desta Igreyja chamado o Crasto, que bem mostrava antigamente ser Cidade, ou Povoaçam de Mouros, porque nelle haviam alicerses de Cazas e della trouxeram pera fabricar cazas muntos do Povo pedras bem quadradas, e com varios feytios, cujo sitio está de monte, pinhais e oliveyras e outras mais Arvores». (Tomo XXV, fl. 41).

334. Nisa[1] (Alemtejo)

Inscripções Portuguesa e romana. — Anta. — Achados de mosaicos. — Lage artificial. — Pelorinho. — Gruta

Freguesia de Nossa Senhora da Graça. — «Floreçeo em virtudes Frey Adam Dinis, natural desta villa..... foy sepultado no Adro da Matris como se vê do Epitafio da Campa de sua sepultura:

AQUI JAS FREY ADÃO DINIS

delle fas menção o Padre Frey Agostinho de Santa Maria no tomo 3.º do Santuario Marianno, Livro 4.º paginas 392». (Tomo XXV, fl. 150).

Freguesia do Espirito Santo. — «No convento de S. Francisco da Cidade de Portalegre se acha em hum Livro, que trata das antiguidades das terras deste Bispado e diz assim: «A terceyra povoação em antiguidade (dado que já destruida) foy Nisa estão seus edificios junto da villa de Niza, que parece ser depois edificada em memoria da antiga..... etc.» (Tomo XXV, fl. 168)..

«Ahinda hoje em as dittas ruinas se acha trigo queimado, como carvão; porem, com figura que bem dá a conhecer o que era. Poucos annos há andando lavrando hum Laurador achou em huma pilheira subterranea huma Vazilha de azeyte e feyto exame, de que tinha dentro, se achou ser azeyte ahinda com sua propria forma; porem, sem gosto

[1] Num documento de 8 de Novembro de 1352, que inclue um outro de 8 de Maio de 1329, faz-se menção da quinta e ribeira da *Anisa*. Archivo Nacional, *Collecção Especial*, caixa 113.

Digitized by Google

algum, do que era. Neste mesmo citio estão ahinda hoje vestigios de muytos edificios: como são: O castello, que a ditta villa tinha, cujo está em hum outeyro muy alto, principalmente para as partes do Nascente, e Norte, de cujas era invencivel. No mesmo citio se tem achado muitos dinheyros do tempo dos Romanos; e alguns se conservão ahinda hoje nesta Villa». (Tomo XXV, fl. 168).

«Ao poente desta Villa em huma tapada se achou há annos hum tumulo com seu amparo de parede em roda sobre o qual estava huma pedra de cantaria fina, e nella o Epitaphio com as letras que abaixo vão; hoje, porem, se acha a ditta Campa posta por escarçam de huma janella em huma caza que o senhorio da ditta tapada mandou fazer junto do ditto tumulo, que fica distante dos muros desta villa para o Poente hum bom tiro de balla, e para porem a ditta pedra no lugar referido lhe abrirão hum buraco, com cuja abertura cortárão as lettras que se prezume dirião o Imperador, que então reynava[1].

Há tambem, junto da Ermida de São Gens, que em seu lugar vay huma legoa distante desta Villa ao Sudoeste a trinta passos ao poente da ditta Ermida, huma Anta de tal grandeza, que he admiração o ver, como se pôde por a lagem em sima das grandes pedras de que está formada, pois sendo da largura de huma caza ordinaria, tudo cobre a ditta Lagem e tem de grossura quatro palmos.

Ha no termo desta Villa, em distancia de huma grande Legoa ao sudueste no mesmo citio da Anta assima, huma lagoa a que chamão Posso da Lança. A Etimologia do seu nome ignorão os naturais. Esta tal lagoa ou posso foy algum dia mina de pedras preciozas de varias côres; porem hoje está occupada das agoas e tão copiozas, que há annos veyo hum sugeito de Lisboa por ordem do Senhor Rey D. João Quinto de feliz memoria a trabalhar nelle para descubrir a ditta mina, e com todas as bombas que trouce o não pôde esgottar, e só chegou a descobrir nelle forma de Cazas subterraneas ao lado do posso. Vendo o ditto sujeito a impossibilidade que havia para o esgottar, abrio outro junto delle vinte passos, e nelle encontrou hum grande pé de Sovereyro com cortiça de grossura de hum palmo, e aprofundando-o athe altura de settenta palmos, delle tirou muyta pedra de varias cores, como Amarellas que erão as mais finas, Vermelhas e brancas com rayos azuis, e tambem roxas e todas o ditto sugeyto mandou para Lisboa. Nesta terra tambem ficarão algumas que hoje se conservão postas em aneis. Huma branca e azulada que o dito sugeito mandou pôr no peito da

[1] N.º 171 do *Corp. Insc. Lat.*

Digitized by Google

Imagem do Senhor São Gens, que fica perto do ditto posso, e tinha a grandeza de huma amendoa de casca, furtarão-na ao ditto Santo; e só existem no seu resplandor algumas mais piquenas vermelhas e verdes. Foy cavando o ditto sugeito profundamente athe que sahio agoa em tanta quantidade, que lhe impedio o intento. Huma memoria se acha deste posso nesta Villa e he que no anno de 1561 pella falta de agoa que houve davão a beber em vazilhas aos gados da agoa do ditto posso, e pella muyta agoa que tirarão aparecerão duas escadas Lavradas na pissarra que descião para baixo, e hoje se vem ahinda quatro degraos de pedra de cantaria que descem para baixo. Tem hum bojo muyto largo e em certo tempo se conta hindo hum carreteiro com os seus boys prezos á carreta, por junto do ditto posso, principiarão a fugir de tal sorte que se desponharão para dentro delle, e quando chegou o dono já não vio, senão a bulha da agoa. Está o ditto em o cume de hum outeyro, sem passos, pouco mais, ou menos do Rio Sor, que lhe passa ao meyo dia; e segundo o parecer de muytos, se podia com empenho esgottar com huma cortadura.

No anno de 1718 que foy, quando inttentarão esgotar o ditto posso, tinha de fundo trinta braças, hoje, porem, tem só doze. Ahinda agora na circumferencia do ditto posso se achão muytas pedras transparentes mais ou menos humas que outras, de que se tem approueitado muytas pessoas, que os tem levado para Elvas, e Portalegre e outras terras para imbutidos de fontes, etc. Há tambem nas vezinhanças do mesmo posso huma fonte a occidente delle meyo quarto de legoa a que chamão Fonte Fadagoza, unicamente com aquelle ornatto de que a dotou a natureza etc.». (Tomo xxv, fl. 171 e segg).

«O Plourinho parece que era ahinda o de Niza a Velha por estar esculpida nelle a cruz da Ordem do Templo. No simo das portas principais desta villa estão dous letreyros em pedra marmore, dos quais consta em como o Senhor Rey D. João Quarto tomara por Padroeyra do Reyno a Nossa Senhora da Conceyção». (Tomo xxv, fl. 175).

«Na mesma serra (*de S. Miguel*) indo desta Villa para o porto de Villa Velha de Rodão, á mão esquerda e a terça parte de huma legoa, antes de chegar ao Tejo, para a parte do Poente está huma grande, profunda e dillatada grutta, que eu já prezenceey, com a boca para o sul: chamão os naturais a esta grutta Boca da Fayopa, e dizem, que varios sugeitos vindos por ali com livros de minerais e thezouros tem perguntado por esta mesma grutta com o nome de Fayopa. Muytos homens temerarios que ahinda hoje existem vivos nesta villa tem tomado a empreza de hirem examinar a distancia da referida grutta levados da ambição de que ali se conserva notavel thezouro; e tendo andado

Digitized by Google

por beneficio de linternas mais de meya distancia, que pella parte fasceal lhe corresponde todos confessão que vay muyto para diante e não passarem dali, he por cauza de huma lagoa que no ditto cittio occupa a grutta, e os impede e não ha duvida que paresse ser assim, porque na falda da propria Serra para a mesma parte do poente correspondente a meya distancia da ditta grutta, sahe quazi meya telha de agoa, sinal evidente de ser a mesma que pellos mattos da terra corre, sendo a sua arca aquella a que os temerarios chamão lagoa dentro da grutta. Ha tambem no fundo da mesma serra junto do lugar em que sahe a referida agoa mas já em campo razo, hum citio a que os naturais chamão *Conhal* dito assim, por haver nelle, quazi immensos montes de seyxos ou pedras a que elles chamão conhos e está quazi junto ao Tejo. He tradição constante ser este citio mineral de ouro no tempo que os Carthaginezes e Romãnos rezidião neste Paiz e se faz digna de credito esta tradição por se devizar ahinda hoje em distancia mais de huma legoa, huma custoza levada que principia na ribeyra de Niza e dali vay em direytura ao sobreditto Conhal, pella qual dizem se levava agoa pera as dittas minas: hoje porem não pode hir a agoa pella dita levada, por estar já muyto entulhada». (Tomo XXV, fl. 176 segs).

835. Nogueira (Beira)

Thesouros e vestigios dos mouros

Freguesia de S. Christovão. — «Não consta que na Serra desta freguezia se abrisem nunca minas só consta que junto a dita Serra há hum sitio que chamão Sam Payo e dizem que em algum tempo nelle habitarão Mouros e no mesmo sitio se vê algũs vestigios de quererem habitar nelle; a algumas pessoas se tem introduzido e o querem ter por certo que no mesmo sitio ha thezouros mas que huma Moura encantada o guarda, eu tenho isto por fabula e ahonde fundão alguns ignorantes o seu pensamento he que no mesmo sitio algumas pessoas acharão alguns trastes como foy dizem huma argola de ouro, mas já não ha memoria de quem os achasse». (Tomo XXV, fl. 193).

«Não consta que neste nosso Reyno tenha o dito Rio Douro ponte alguma; nesta dita freguezia nos regatos que já disse há duas pontes de pedra e huma de pau; e huma dellas que existe no sitio de Sam Payo, dizem que fora fabricada pellos Mouros quando no dito sitio fizerão alguma habitação mas esta se acha sem goardas e aruinada em algumas partes della». (Tomo XXV, fl. 197).

Pedro A. de Azevedo.

Digitized by Google

INDICE

ACQUISIÇÕES do Museu Ethnologico Português:

Dadiva feita ao Museu pelo Dr. Alves Pereira: 33.

ANTIGUIDADES LOCAES:

I. — Por ordem chronologica

A) Prehistoricas:

Loiça neolithica da Junqueira (Figueira da Foz): 123.
Goiva de pedra da Figueira: 205 (com figura).
Machado de metal: 280 (com figura).

B) Lusitano-romanas:

Limia e Brutobriga: 2.
Estudos sobre Troia de Setubal: 7 (com estampa).
Alcobaça archeologica: 79 (com figura).
Necropole luso-romana dos arredores de Lagos: 102 (com figura).
Obejectos romanos achados em Coruche: 104 (com figura).
Arco e muralha romana de Evora: 110 (com figura).
«Cidade» da Concordia (Baralha): 119.
Antiguidades várias do concelho da Figueira: 122.
Gimonde: 136 (ruinas e marco milliario).
Vestigios romanos em Vianna do Castello: 175.
Quinta da Ribeira (Tralhariz): 193 (com figura).
Carranca de bronze: 281 (com figura).
Antiguidades de Lisboa: 283.
Mosaico de Leiria: 330.
Deus Runesus: 331.

Digitized by Google

C) Portuguesas:

Sêllo do Padre-Mestre Origiis: 24 (com figura).
O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça: 65, 97, 129, 161 (com illustração).
O morgado de André de Resende: 87 (com figura).
Esculptura de pedra de Ferreira d'Aves: 116.
Castellos de Fraião e de Pena da Rainha: 134.
Castello de Noudar: 146.
Paço ducal de Barcellos: 151 (com figura).
Topographia historica de Lisboa: 212, 258, 305.
Amuletos: 287 (com figuras).
Convento do Alcance: 327 (com figura).

D) De diversas epochas e de epochas indeterminadas:

Banhos antigos de Leiria: 117.
Da Lusitania á Betica: 225.
Archeologia trasmontana: 290.
Antigualhas de Molellos: 341.
Vid. neste Indice: *Castros*, *Grutas*, *Dolmens*, *Fibulas*, *Epigraphia* e *Numismatica*.

II.—Por ordem geographica

A) Alemtejo:

Alcance: 327 (com figura).
Ayres (N. S.ª de): 117 (inscripção romana).
Beja: 225 (museu).
Casa Branca (herdade): 116 (inscripção romana).
Crimeia (herdade): 170 (inscripção romana).
Elvas: 31 (ponte de Olivenças).
Evora: 110 (arco e muralha romana), 171-172, 331 (inscripção).
Juromenha: 29 (vestigios).
Machede: 159 (vária).
Manisola (Evora): 87 (André de Resende)
Marmellar: 189 (ruinas de um palacio).
S. Mathias: 254 (castello de Giraldo).
Matos: 255 (ruina).
Mertola: 239 (vária), 256 (ruina).
Mombeja: 299 (outeiro do circo).
Monsaraz: 303 (inscripção latina portuguesa).
Montemór-o-Novo: 304 (inscripção romana).
Monte da Pedra: 343 (vária).
Moura: 345 (vária).
Nisa: 349 (vária).
Noudar: 146 (castello).
São-Jordão: 27 (cova).
Serpa: 231 (vária).
Torrejam: 115 (inscripção romana).

Digitized by Google

B) Algarve:

Baesuris: 17 (moeda).
Balsa: 174 (inscripção romana).
Castro-Marim: 246.
Faro: 43 (inscripção romana).
Lagos: 31 (ruina), 102 (necropole romana).
Monchique: 300 (vária).
Ossonoba: 43 (inscripção romana).
Salir: 40 (inscripção iberica e antiguidades várias).
Silves: 338 (vandalismo).
Tavira: 174 (inscripção romana).
Torre d'Ares: 143 (marca figulina).

C) Beira:

Bobadella: 171 (inscripção).
Brenha: 122 (estação lusitano-romana).
Cárquere: 206 (inscripção romana).
Castendo (Insoa): 138 (inscripção romana).
Chões: 123 (ceramica lusitano-romana).
Coimbra: 75 (versos leoninos), 81 (inscripção), 339 (museu).
Dornes: 13 (com estampa).
Ferreira d'Ares: 116 (esculptura e penedo).
Ferreira do Zezere: 85 (inscripção e castello).
Infias: 26 (inscripção romana).
Junqueira: 123 (louça neolithica).
Lagares: 30 (etymologia popular).
Lamas do Vouga: 50 (cidade).
Lamego: 50 (ruinas, inscripção).
Langroiva: 156 (mina).
Longa: 156 (fortaleza).
Loriga: 156 (penha esculpida).
Louredo: 157 (pégada de Nossa Senhora).
Lousã: 157 (castello dos Mouros).
Maiorca: 188 («castello» de mouros).
Mangualde: 188 («castello»).
Marialva: 189 («cidade de Aravos).
Marmelleiro: 190 (areias auriferas).
Mata de Lobos: 192 (sepultura).
Matança: 192 (letreiro).
Mato: 254 (gruta).
Mira: 297 (vária).
Moita (Cantanhede): 203 (dolmens).
Moledo: 299 (vária).
Molellos: 341 (ruinas).
Monforte: 300 (ruinas).
Monsanto: 301 (vária).
Monteiro: 345 (outeiro da Bandeira).
Montemór-o-Velho: 343 (ruinas).
Moruja: 348 (vária).

Digitized by Google

Mosellos: 347 (muros).
Nandufe: 348 (vária).
Nogueira: 352 (Mouras).
Oliveira (Alhadas): 206 (com figura).
Pedrulha: 122 (ruinas lusitano-romana), 253 (inscripção).
S. Jorge: 27 (caldas antigas).
S. Martinho de Mouros: 347 (lenda).
Santa Comba Dão: 338 (pelourinho).
Santa Leocadia: 92 (sepultura).
Tavarede: 203 (castro).

D) Entre-Douro-e-Minho:

Alto-Minho: 33.
Barcellos: 151 (paço ducal, com figura).
Barrosa: 14 (dolmen).
Braga: 81 (inscripção), 82 (inscripção), 86 (moedas romanas), 119 (inscripção romana), 192 (inscripção romana).
Dume: 85 (inscripção romana).
Fraião e Pena da Rainha: 134.
Junqueira: 28 (cividade).
Juvim: 29 (cidade).
Lamoso: 52 (Mouros).
Lanheses: 52 (mina de estanho).
Lavra: 91 (cidade).
Leça: 92 (inscripção).
Lemenhe: 91 (castello).
Lufrei: 157 (tumulo).
Magrellos: 187 (castro).
Manhuncellos: 188 (a pedra que falla).
Marco de Canaveses: 32 (sepultura romana).
Mentrestido: 256 (cova).
Mindello (pedra de Guilhade): 297.
Miranda: 298 («castello dos Mouros»).
Mosellos: 348 (ruinas).
Perosello: 115 (inscripção romana).
Porto: 83 (inscripção latina).
S. Frutuoso: 119 (moedas romanas).
S. João de Rei: 27 (castro).
S. Martinho de Sande: 119 (moedas romanas).
Santa-Martha: 190 (dolmen).
Santo Thyrso: 342 (moedas romanas).
Torre da Magueixa: 192 (inscripção romana).
Vianna do Castello: 5 (castro de Santa Luzia), 175 (restos romanos).

E) Extremadura:

Alcobaça: 66 (o calix de ouro do mosteiro), 97 (id.), 129, 161, 79 (antiguidades romanas, com figura).
Baralhas: 119 (ruinas).

Digitized by Google

Cintra: 82 (subterraneo).
Columbeira: 173 (inscripção romana).
Coruche: 104 (instrumentos romanos).
Debarbas (Leiria): 42 (inscripção romana).
Juncal: 28 (assento primitivo).
Lamas: 50 (ermida).
Lapas: 90 (subterraneo).
Leiria: 117 (banhos antigos), 330 (mosaico).
Lisboa: 153 (antiguidades várias), 173 (inscripção romana), 212 (topographia historica), 258, 283 (antiguidades romanas), 306 (topographia antiga), 337.
Lumiar: 158 (inscripção portuguesa).
Moita: 347 (inscripção).
Montargil: 304 (annexim).
Santarem: 24 (com figura), 83 (sepultura portuguesa), 338.
Santo Izidoro: 30 (inscripção).
Troia de Setubal: 7 (ceramica romana).
Valle d'Ovos: 107 (dolmen).

F) Tras-os-Montes:

Argozello: 336 (fibula, com figura).
Bragança: 79 (Mouros).
Carragosa: 184 (inscripção portuguesa).
Escovaes: 290 (inscripção portuguesa).
Estevaes do Mogadouro: 249 (várias antiguidades).
Fonte Arcada: 184 (inscripção portuguesa).
Friões: 84 (caixão de pedra).
Gimonde: 136 (ruinas e marco milliario).
Izeda: 30 (cidade).
Lamares: 49 (ruinas).
Lamas de Orelhão: 50 (muralhas), 290.
Lobrigas: 155 (ruinas).
Lombeiro de Maquieiros: 14 (com figura).
Luzellos: 159 (vária).
Macedo de Cavalleiros: 159 (chave de S. Pedro).
Marzagão: 191 (ruinas várias).
Mazouco: 255 («castello»).
Mesão-Frio: 256 (sepulcros).
Monforte do Rio Livre: 300.
Montalegre: 303 (vária).
Monte-Negro: 343 (minas).
Mourão: 346: (vária).
Picote: 143 (com figura), 336 (fibula, com figura).
S. Jusenda: 114 (castro).
S. Lourenço: 105 (cavernas).
Samil: 105 (castro).
Serra de Santa Comba: 290.
Soutello: 184 (inscripção portuguesa).
Torre de D. Chama: 279 (ruina).

Digitized by Google

Tralhariz: 193 (estação romana).
Villa Pouca de Aguiar: 281 (dolmens).

G) **Colonias:** 10 (moedas), 47 (moedas).

H) **Ilha do mar Persico:** 84 (ms. arabe).

AMULETOS:

Portugueses: 287 (com figuras).

BIBLIOGRAPHIA:

Revista de Guimarães: 13.
O dolmen da Barrosa: 14.
Revue Archéologique: 52.
Lapide romana da Geira: 87.

BIOGRAPHIAS:

P.e José Augusto Tavares: 17.
Cornelius Bocchus: 49.

CASTROS:

Do Lombeiro de Maquieiros: 14 (com estampa).
De Samil: 105.
S. Jusenda: 114.
Tavarede: 203.

CONGRESSOS:

De Historia das Religiões: 123.

CURSOS ESCOLARES:

Aula de archeologia do seminario de Bragança: 44.

DOLMENS (OU ANTAS):

Antas em geral: 86.
A Mesa dos Ladrões (Chão de Maçãs): 107.
Da Moita: 203.
De Villa Pouca de Aguiar: 281.

EPIGRAPHIA:

A) **Iberica:** 40 (Salir).

B) **Lusitano-romana:**

Debarbas—Leiria: 42.
Inscripção de Salir: 42.
De Ossonoba: 43.
Do Museu de Bragança: 79.
De Perosello: 115.
Da Torrejam: 115.

Digitized by Google

Da Casa Branca: 116.
De N. S.ra de Ayres: 117.
De Castendo: 138.
De Picote: 143 (com figura).
Marcas figulinas do Algarve: 143.
Inscripção da Crimeia (Alemtejo): 170.
De sitio incerto: 170.
De Bobadella: 171.
De Evora: 171–172, 331.
Da Columbeira: 173.
De Olisipo: 173, 283, 284.
De Balsa: 174.
Do Museu do Carmo: 174.
De Mertola: 175.
De Vianna do Castello: 176–177.
De Cárquere: 206 (com figura).
De Serpa: 237.
De Moura: 345.

C) **Inscripções em versos leoninos:**

Museu de Coimbra: 75.
Várias: 334.

D) **Portuguesas:** 184 (Fonte Arcada, Carregosa, Soutello), 293 (Escovaes), 346 (Moura).

E) **De diversas epochas ou de epochas indeterminadas:** 167 (Valpaços).

EXTRACTOS:

A) **Noticias archeologicas:**

Das «Memorias Parochiaes»: 26, 49, 90, 153, 187, 254, 297.

B) **Maximas e reflexões:**

Do Conde de S. Lourenço: 78.
De D. Fr. Amador Arrais: 166.

FIBULAS:

Trasmontanas da epocha de La Téne: (com estampa) 336.

GRUTAS:

De S. Lourenço: 105.

HISTORIA DA ARCHEOLOGIA EM PORTUGAL:

Vid. *Cursos Escolares, Sociedades, Museus, Biographias.*

LEITORES (AOS): 1.

Digitized by Google

MUSEUS:

Ethnologico: vid. *Acquisições.*
Da Figueira da Foz: 177, 202.
De Coimbra: 339.

NUMISMATICA:

A) Lusitana:

Monnaies de Baesuris: 17 (com figura).

B) Romanas:

Moedas de chumbo da Republica: 13 (com estampa).
Achado de moedas: 119 (Braga e Torres Novas), 167 (Leiria), 285 (Lisboa), 342 (Santo Thyrso).

C) Portuguesa:

Contos para contar: 52 (com estampas), 168 (id.)
Medalha commemorativa do Centenario do Brazil: 120 (com estampa).
Achados de moedas: 337.
Numismatica colonial portuguesa: 10, 47 (com estampa).

D) Factos diversos:

Congresso de Numismatica: 93.

Vid. *Cursos escolares.*

PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA:

15. Gabinete numismatico de Bruxellas: 74.
16. Ruinas de Italica: 75.
17. Museu numismatico de Athenas: 166.

QUESTIONARIO ARCHEOLOGICO:

De Albano Bellino: 295.

SIGILLOGRAPHIA:

Sêllo do Padre-Mestre Gonçalo Origiis: 24 (com figura).

SOCIEDADES:

Archeologica da Figueira: 203.

Digitized by Google

ERRATAS

A pag, 173, linha 25, leia-se XXXIX em vez de XXIX.

A pag. 199 disse eu que ao norte do Douro se conheciam só, que me lembrasse, dois mosaicos romanos; mas esqueci-me de accrescentar que existe outro em Braga, que eu de mais a mais tinha visto havia annos. Acêrca do mosaico de Vizella vid. *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses,* 1881, pag. 145; estão desenhos d'elle no Museu de Guimarães.

Pag. 225, linha 6.ª, em vez de *de lá, por Faro,* leia-se *de lá, por Tavira e Faro;* linha 10.ª, adeante de *Baesuris* accrescenta-se: *ao aro de Tavira corresponde Balsa.*

Pag. 227, linha 18.ª, em vez de *dedicou ao imperador Lucio Vero* leia-se *dedicou a Lucio Vero.*

Pag. 233, linha 8.ª, em vez de *ao ponto* leia-se *a pontos.*

Pag. 240, linha 30.ª, em vez de *provém* leia-se *provinha.*

Pag. 283, linha 15.ª, leia-se *no mesmo* em vez de *do mesmo.*

Pag. 286, linha 14.ª, leia-se *não póde* em vez de *nada póde.*

Pag. 286, linha 31.ª, leia-se *Ás pessoas* em vez de *As pessoas.*

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.°, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno.....	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa.*

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

NOV 11 1932

Digitized by Google

Digitized by Google